Lorenza Pavesi

A recepção e difusão das teorias Townscape na
Inglaterra, Itália, Estados Unidos e Brasil, nos anos de
1950 a 1980.

Tese de doutorado apresentada à Faculdade
de Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração:
História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

Orientador:
Prof. Dr. Paulo Valentino Bruna

São Paulo
2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL DA AUTORA: lore.pavesi@gmail.com

Legenda foto/capa: Stephen Shore. Amarillo, Texas. 1973.

P337r Pavesi, Lorenza
A recepção e difusão das teorias Townscape na Inglaterra, Itália, Estados Unidos e Brasil, nos anos de 1950 a 1980 / Lorenza Pavesi. --São Paulo, 2015.
218 p : il.

Tese (Doutorado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – FAUUSP.
Orientador: Paulo Valentino Bruna

1. Paisagem urbana - Grã-Bretanha ; Estados Unidos ; Itália ; Brasil
2. Desenho urbano - Grã-Bretanha ; Estados Unidos ; Itália ; Brasil
3. Expansão urbana - Grã-Bretanha ; Estados Unidos ; Itália ; Brasil
4. Subúrbios - Grã-Bretanha ; Estados Unidos ; Itália ; Brasil I. Título

CDU 711.4.01

Doutoranda:

Lorenza Pavesi

Orientador:

Prof. Dr. Paulo Bruna

Área de Concentração:

História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

Nível:

Doutorado

Título da tese:

A recepção e difusão das teorias Townscape na Inglaterra, Itália, Estados Unidos e Brasil, nos anos de 1950 a 1980.

Foto da capa: Stephen Shore. *Amarillo, Texas, August, 1973.*

Agradecimentos:

Prof. Dr. Paulo Bruna, foi um privilégio e uma honra ter tido seu apoio e a sua confiança. Terei sempre muita admiração pelo seu trabalho e por sua gentileza.

Prof. Dr. Del Rio pela oportunidade de conhecer a Calpoly e San Luis Obispo e pelo generoso apoio.

Rodrigo Sartori Jabur pelo material e consultoria sobre conservação de patrimônio histórico e pela amizade. Wellington Ramalhoso pela contribuição com referências sobre jornalismo no Brasil. Generosas e competentes funcionárias da biblioteca e da secretaria da FAU-Maranhão.

Minha mãe Annarita por ser o centro e a razão de tudo, minha irmã Alessandra pelo apoio e inúmeras sugestões e contribuições; meu irmão Andrea pelo afeto e confiança. Para meu pai *in memoriam*. Oretta Fusconi, minha família em São Paulo e Judi e Federico Marina pela hospitalidade e amizade.

Agradeço também todos os que contribuíram diretamente a essa pesquisa oferecendo opiniões, sugestões e, principalmente, aportando algumas das numerosas correções necessárias. Por fim, agradeço os velhos amigos e os que fiz ao longo desse caminho.

Agradecimentos à Fapesp pelo apoio financeiro e administrativo.

To Calpoly faculty, staff and students. I spent twelve beautiful and productive months at Calpoly and the climate of courtesy, generosity and mutual respect has definitely enriched my life and I hope, this thesis. Special thanks to Meg Henry, my friend and kindred spirit at Calpoly. I'll be forever indebted to all my friends in San Luis Obispo for their love, support and trust.

To Destry Allen Brown
For teaching me to do everything with love

Resumo

Essa tese explora a circulação de práticas e experiências relativas ao Desenho Urbano com especial referência aos princípios Townscape desenvolvidos, a partir do fim dos anos 1940, na Inglaterra no âmbito da revista londrina *Architectural Review*.

O ideário Townscape surgiu como uma crítica à degradação da paisagem urbana e rural causada principalmente pela expansão indiscriminada de construções privadas e loteamentos. O movimento Townscape consistiu, em parte, em uma reinterpretação do ideal estético do Pitoresco e tinha como intento produzir uma metodologia de Desenho Urbano, questionando ao mesmo tempo o planejamento modernista e a influência do modelo Cidade Jardim durante o pós-guerra na Grã-Bretanha.

Embora o movimento tenha sido geralmente considerado pela historiografia como um fenômeno estritamente britânico, essa tese visa demonstrar que esse ideário foi recebido, assimilado e incorporado, com maior ou menor sucesso, nas teorias e práticas de Desenho Urbano dos Estados Unidos, Itália e Brasil.

PAVESI, L. A recepção e difusão das teorias Townscape na Inglaterra, Itália, Estados Unidos e Brasil, nos anos de 1950 a 1980. Tese de doutorado. FAU-USP. 2015

Palavras chave: Townscape; Desenho Urbano; espraiamento; suburbanização; Grã-Bretanha; Estados Unidos; Itália; Brasil

Abstract

This thesis explores the circulation of Urban Design practices and experiences with a specific emphasis on the Townscape principles developed, from the 1940s, in the context of London based magazine *Architectural Review*. This set of theories arose as a critique on the disfigurement of landscapes and townscapes caused mainly by the indiscriminate sprawl of the suburb.

The Townscape movement consisted, in part, of a reinterpretation of the aesthetic ideal of the Picturesque and aimed at producing, during the post war reconstruction period, a methodology of Urban Design and challenge both modernist planning and the Garden City model. Although the movement was generally considered a strictly British phenomenon, this thesis seeks to demonstrate that these principles were received, assimilated and incorporated, more or less successfully, in Urban Design theories and practices in the United States, Italy and Brazil.

PAVESI, L. A recepção e difusão das teorias Townscape na Inglaterra, Itália, Estados Unidos e Brasil, nos anos de 1950 a 1980. Tese de doutorado. FAU-USP. 2015

Key words: Townscape; Urban Design; Great-Britain; United States; Italy; Brazil

Índice

Introdução: A circulação de ideias e experiências urbanísticas e o caso Townscape.	p.1
PARTE 1	
Capítulo 1: O país de origem: a <i>Architectural Review</i>, o ideário Townscape e os seus principais pensadores.	p.17
Capítulo 2: Os principais temas do ideário Townscape	p.27
2.1 Consulte o gênio do lugar: caráter do lugar, Subtopia e a expansão suburbana.	p.27
2.2 A cidade do automóvel e os espaços públicos.	
2.3 Conservation Areas: áreas protegidas e o conflito entre o velho e o novo.	p.36 p.61
PARTE 2	
Capítulo 1: Os dois lados do Atlântico: o discurso Townscape da Grã-Bretanha aos Estados Unidos.	p.69
1.1. Townscape viaja para os Estados Unidos	p.72
1.1.2 A colaboração entre a <i>Review</i> e a <i>Architectural Forum</i> : Jane JacobsIan Nairn.	
1.1.3 William H. Whyte, a revista <i>Fortune</i> e “Exploding Metropolis”(1957-1958)	
1.1.4 Ian Nairn <i>on the road</i> : “The American Landscape: a Critical View” (1965)	
1.1.5 Idas e voltas.	
1.2 Christopher Tunnard e “Man-made America: chaos or control?”	p.95
1.3 Victor Gruen: a anti-city, pontos de contato e divergências.	p.98
1.4 Uma nova paisagem: a revista <i>Life</i> e os New Topographics.	p.110
1.5 David Crane e o Counter-Attack Bureau americano.	p.118
1.6 A revista <i>Landscape - magazine of Human Geography</i> e J.B.Jackson.	p.119
1.7 Peter Blake e “God’s own Junkyard”(1964)	p.122
1.8 Robert Venturi e Denise Scott-Brown aprendem com Townscape.	p.127
1.9 Kevin Lynch e a abordagem cognitivista.	p.128
1.10 Grady Clay: a “falácia da dedensificação unilateral” e os “novos urbanistas”.	p.137
1.11 Reyner Banham ama Los Angeles.	p.142

Capítulo 2: O discurso Townscape e a paisagem italiana: o circuito de conhecimento na Itália.	p.147
2.1 O debate sobre a reconstrução dos centros históricos e morfologia urbana na Itália.	p.147
2.2 Bruno Zevi e Subtopia: uma “palavra mágica”.	p.151
2.3 A <i>Roadtown</i>: Encontro ítalo-americano sobre planejamento urbano e regional (1955).	p.152
2.4 Ernesto Nathan Rogers e as “preesistenze ambientali”.	p.159
2.5 Surrealismo Urbano na XI Trienal de Milão (1957)	p.160
2.6 VI Congresso do INU-Istituto Nazionale di Urbanistica (1957)	p.162
2.7 VII Encontro INU -Istituto Nazionale di Urbanistica (1959)	p.163
2.8 Seminário do Istituto Lombardo per gli Studi Economici e Sociali (ILSES) de Stresa (1962): Giancarlo de Carlo e Ian Nairn.	p.164
2.9 Townscape e a paisagem industrial (1961-1962)	p.169
2.10 Hastings e “The Italian Townscape” (1963)	p.170
Capítulo 3: A Experiência brasileira	
3.1 Introdução: Desenho Urbano no Brasil.	p.174
3.2 Os SEDURs: Seminários sobre Desenho Urbano no Brasil	p.182
3.4 A presença de David Gosling no Brasil	p.184
3.5 Christopher Alexander em São Carlos, SP.	p.192
Considerações finais	p.206
Referências bibliográficas	p.213

Introdução: A circulação de ideias e experiências urbanísticas e o caso Townscape.

Essencialmente, esta tese explora a circulação de ideias relativas ao Desenho Urbano com referência aos princípios Townscape desenvolvidos, a partir do fim dos anos 1940, na Inglaterra no âmbito da revista londrina *Architectural Review*¹.

O movimento Townscape consistiu, em parte, em uma reinterpretação do romantismo britânico e do ideal estético do Pitoresco e tinha como intento produzir uma metodologia de Desenho Urbano, questionando ao mesmo tempo o planejamento modernista definido pelos congressos CIAM e a influência do planejamento Cidade Jardim presente nas novas cidades construídas durante o pós-guerra na Grã-Bretanha.

Na dissertação de mestrado, “Ian Nairn, Subtopia e Townscape”², foram identificados alguns dos personagens mais importantes ligados ao Townscape e a forma com a qual eles contribuíram para o desenvolvimento e a promoção de seus princípios. Se na dissertação de mestrado o foco principal foi a trajetória profissional do jovem crítico inglês Ian Nairn na qual foram revelados aspectos menos explorados na historiografia do período da reconstrução do pós-guerra, nessa tese de doutorado será abordado o movimento Townscape de maneira mais abrangente procurando preencher algumas das lacunas identificadas durante o mestrado.

De fato, embora o movimento tenha sido geralmente considerado pela historiografia como um fenômeno estritamente britânico e conservador, Townscape está conectado à linhagem de Desenho Urbano de autores como Kevin Lynch, Christopher Alexander, Jane Jacobs, David Gosling e outros.

¹ Ao longo dessa tese, *Architectural Review* será abreviada em *Review*.

² PAVESI, L. Ian Nairn, Subtopia e Townscape. Dissertação de mestrado defendida pela EESC-USP. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Março 2011.

³ O simpósio internacional foi organizado pelo centro de pesquisa ATCH da Universidade de Queensland, Austrália e pela UCL Bartlett School of Architecture com a *Review* como “media partner” e foi, nas palavras dos organizadores, a primeira vez em que o legado desse movimento foi examinado em detalhes. No entanto, ao ler os artigos apresentados durante o seminário conclui-se que analisar a

² PAVESI, L. Ian Nairn, Subtopia e Townscape. Dissertação de mestrado defendida pela EESC-USP. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Março 2011.

Assim, existem evidências de que esse ideário foi recebido, assimilado e incorporado, com maior ou menor sucesso, nas teorias e práticas urbanísticas de outros países.

A tese identifica essas evidências buscando assim determinar por quais motivos esse ideário foi introduzido, ou tentou ser introduzido, nos Estados Unidos, na Itália e no Brasil; através de quais instrumentos e métodos ele foi recebido e assimilado nas teorias e práticas urbanísticas de outros países e com qual resultado ou impacto.

Como discutido sucintamente na dissertação de mestrado, os princípios Townscape despertam, por exemplo, o interesse dos italianos que estavam em busca de soluções para os problemas urbanísticos decorrentes do conflito entre o novo e o antigo na reconstrução dos centros históricos durante o segundo pós-guerra. Na Itália, esse interesse filtra, a partir de publicações especializadas, para algumas publicações de amplo alcance, introduzindo o debate sobre a reconstrução do pós-guerra para um público mais amplo.

Nos Estados Unidos, Townscape desempenhou um papel significativo na crítica ao zoneamento e à expansão suburbana. O discurso anti-subúrbio adotado pelos teóricos do Townscape na Grã-Bretanha provocou, entre outros efeitos, a aliança do comitê editorial da *Review* com vários autores americanos entre os quais a influente autora Jane Jacobs (1916-2006) e William H. Whyte Jr. (1917-1999), editor da revista *Fortune*.

Houve também a inserção de uma discussão sobre a forma urbana no Brasil principalmente através dos Seminários sobre Desenho Urbano (SEDUR I, II e III) realizados, durante os anos 1980, na Universidade de Brasília. Essa inserção, ou tentativa de inserção será abordada no capítulo 3 da segunda parte dessa tese. Antecipo que nesse contexto a presença no Brasil do arquiteto e urbanista David Gosling (1934-2002) contribuiu para a introdução da metodologia Townscape e para o debate sobre morfologia urbana em geral no país. Gosling foi um profundo conhecedor da metodologia Townscape e colaborou com Gordon Cullen (1914-1994), personagem central na elaboração e difusão das teorias Townscape, em muitas ocasiões. No Brasil

Gosling atuou durante os anos 1970, como Professor Visitante da Universidade de Brasília e além dessa atuação ele participou também de eventos e congressos durante os anos 1980 assim que é relevante examinar sua contribuição, o que será feito no subcapítulo 3.4 da segunda parte dessa tese.

Nesta tese, discute-se também a experiência no Brasil de Christopher Alexander outro arquiteto e teórico cujas teorias visavam fornecer ao cidadão leigo os instrumentos para projetar e construir sua própria habitação. Seus textos são considerados ainda hoje marcos importantes no âmbito do Desenho Urbano. Essa pouco conhecida experiência que data do início dos anos 1980 será introduzida nesta tese já que uma avaliação poderá contribuir para alguns dos questionamentos a respeito da penetração de práticas de Desenho Urbano, no Brasil, derivadas ou conectadas de alguma forma ao ideário Townscape.

Os modos de difusão das ideias que dão forma ao ambiente construído bem como as maneiras com as quais essas ideias são concretizadas, vêm ganhando destaque como temas de estudo e discussão entre historiadores e urbanistas os quais, recentemente e de maneira mais complexa, começaram a abordar as relações entre as partes interessadas em processos de difusão de práticas urbanísticas. Nesse âmbito destacamos as obras dos britânicos Stephen Ward da Oxford Brookes University, Patsy Healey da Universidade de Newcastle e o urbanista Robert Upton, secretário geral do Royal Town Planning Institute e Professor Visitante da Universidade de Sheffield.

Hoje é sabido, através principalmente da obra desses autores, que ideias ou modelos urbanísticos se movimentam em várias direções e chegam a voltar, em alguns casos, para a fonte de origem. Além disso, ideias e experiências urbanísticas, embora frequentemente desenvolvidas em resposta a problemas específicos dentro de contextos específicos, acabam, muitas vezes, sendo exportadas além das fronteiras nacionais ou continentais e esse fluxo de conhecimentos e técnicas foi, em muitos casos, ativamente promovido pelos próprios teóricos.

Como já mencionado, a tese discute as diferentes maneiras com as quais a metodologia Townscape foi, ou tentou ser, introduzida nesses três países: nos Estados

Unidos, na Itália e no Brasil e o que ocorreu quando essas ideias exógenas chegaram nesses três países diferentes não apenas do contexto de origem, a Grã-Bretanha, mas também diferentes entre si.

Healey (in HEALEY e UPTON eds, 2010, p. 5-7) demonstra que o processo de difusão é sempre seletivo e que ideias e experiências urbanísticas circulam em conjuntos ou agrupamentos. Esses são compostos por imagens sobre a forma urbana e sobre a qualidade do lugar, por abordagens analíticas e técnicas específicas, por acordos administrativos e jurídicos e outros. Frequentemente apenas algumas partes desses agrupamentos são transportadas, através da literatura acadêmica, de manuais e de pessoas, de um lugar para outro. Esses veículos são, por sua vez, também seletivos em agrupar os aspectos de uma ideia ou de uma prática a ser transportada para outros contextos e esses aspectos refletem não apenas seus interesses, mas também, muitas vezes inconscientemente, a cultura do lugar de origem.

Naturalmente, interações não são iniciadas apenas por países, regiões ou cidades que consideram ter algum tipo de conhecimento a oferecer, mas partem também de lugares que estão, naquele momento, em busca de “desenvolvimento” ou “modernização”. Embora muitas vezes o “adaptador” dessas ideias e experiências demonstre habilidade ao implementar esses aspectos em novos contextos, muitos problemas ocorrem porque “transportadores” e “adaptadores” não são suficientemente conscientes das suposições implícitas que formam essas ideias.

Assim, processos de difusão aparentemente lineares envolvem na verdade complexos processos de tradução, interpretação e adaptação (HEALEY in HEALEY e UPTON eds, 2010, p.5-7).

Especialistas individuais muitas vezes fazem parte de uma rede, de uma comunidade ou de um “circuito de conhecimento” (ROY in HEALEY e UPTON eds, 2010, p.10) no âmbito dos quais as ideias são desenvolvidas. Este é, sem dúvida, também o caso do Townscape, considerado por muitos historiadores como um verdadeiro e próprio movimento, assim que especial atenção será dada ao papel desempenhado por atores e agências na difusão e adaptação de certos princípios e

experiências relativos a esse ideário. Assim, ao longo da tese, será identificado o “circuito de conhecimento” explorando as principais publicações e autores (norte-americanos, britânicos e de outras origens) que contribuíram, através de suas práticas, influência, popularidade ou versatilidade, para dar visibilidade aos princípios e ao discurso Townscape nos Estados Unidos tanto no âmbito da mídia não especializada quanto no âmbito acadêmico no contexto do desenvolvimento das pesquisas em Desenho Urbano.

Em alguns casos, o vínculo desses autores com o comitê editorial da *Review* é direto e facilmente identificável mas em outros casos esse vínculo é indireto ou mesmo vago. No entanto, mesmo quando não foi possível encontrar provas de que tenha havido algum tipo de correspondência ou contato pessoal entre autores serão ressaltados pontos de contato, afinidades ideológicas ou mesmo afinidades na maneira com a qual certos princípios eram expressos ou divulgados.

No âmbito da circulação de ideias e experiências, é importante identificar as interações que produzem experiências de aprendizado criativas e que contribuem e realçam a relevância daquilo que está sendo permutado daquelas que apenas impõem ou imitam uma ideia ou prática promovendo-a como “solução universal”, deixando frequentemente um legado de insucesso e cinismo. E a história do urbanismo mostra o quão frequentes são essas últimas. Além disso, autores usam uma variedade de termos para descrever ideias de planejamento em movimento de um lugar para outro como, por exemplo: transferência, cópia, reinterpretação, imitação, mas existem também termos menos mencionados, embora frequentes na prática, como “resistência” e “rejeição” (FRIEDMAN in HEALEY e UPTON eds, 2010, p. 326).

Os exemplos de circulação de práticas urbanísticas são numerosos: muitas cidades europeias tentaram replicar os grandes boulevares Hausmanianos e tanto as práticas de *Stadterweiterung* (alargamento de cidades) associadas aos urbanistas Reinhard Baumeister (1833 -1917) e Joseph Stübben (1845-1936), na Alemanha, como a noção de uma abordagem mais orgânica de planejamento urbano (Camillo Sitte na Áustria e Charles Buls na Bélgica) atraíram interesse na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Os

alemães que também haviam adotado muitas das inovações em saúde pública dos britânicos também admiravam sua arquitetura residencial. Os Estados Unidos, de sua parte, adotaram o zoneamento alemão, a Cidade Jardim britânica e a abordagem francesa do “grand design”. Nesse processo de transferência de ideias, mediado por múltiplas interpretações e seleções, estabeleceram-se quatro tradições de planejamento: a tradição alemã (Städtebau), a britânica (town planning), a francesa (urbanisme) e a norte-americana (city planning) e naturalmente essas ideias estavam sujeitas a interpretações, traduções e seleções por parte de numerosos e diversos intermediários (WARD, 2000, p.41-45).

Hoje existem várias abordagens em relação à difusão de ideias e práticas urbanísticas. Muitas obras exploraram modelos e práticas específicos buscando identificar como esses circularam em outros países. Entre esses modelos e práticas estão sem dúvida o modelo Cidade Jardim de Ebenezer Howard e o Movimento Moderno promovido através dos CIAMs.

No entanto a circulação do ideário Townscape fora de seu país de origem ainda não foi objeto de uma análise embora recentemente tenham sido publicados artigos e tenha sido organizado até um seminário dedicado exclusivamente ao Movimento Townscape e no qual participaram pesquisadores de vários países³. A aproximação entre os ambientes tanto acadêmicos quanto jornalísticos norte-americanos e italianos foi abordada em um número muito limitado de artigos científicos nos últimos anos e mesmo que essa limitada aproximação nem sempre tenha considerado as complexidades do processo de difusão de ideias urbanísticas, ela será naturalmente reconhecida nessa tese.

³ O simpósio internacional foi organizado pelo centro de pesquisa ATCH da Universidade de Queensland, Austrália e pela UCL Bartlett School of Architecture com a *Review* como “media partner” e foi, nas palavras dos organizadores, a primeira vez em que o legado desse movimento foi examinado em detalhes. No entanto, ao ler os artigos apresentados durante o seminário conclui-se que analisar a circulação de Townscape não era o objetivo do seminário. A circulação para outros países, na verdade, é abordada em apenas três dos trabalhos apresentados.

Por fim, acredita-se que a introdução das teorias Townscape em nível tanto acadêmico como jornalístico no Brasil ainda não recebeu a atenção e a reflexão que mereceria.

Além de identificar publicações, autores e eventos, será abordada outra maneira com a qual a crítica sobre a nova paisagem emergente circulou: um tema recorrente ao logo dessa tese é a fotografia principalmente a amadora e a jornalística. Como visto na dissertação de mestrado, a “mensagem visual” era muito importante para a *Review* a qual, para persuadir o público, visava apresentar uma maneira de olhar para a paisagem urbana que fosse capaz de superar a popularidade do modelo Cidade Jardim e a do Movimento Moderno.

Como Ian Nairn afirma (1955, p.366), a preocupação da *Review* era principalmente visual e a revista, de fato, se destacava pela experiência visual proporcionada pelas suas páginas. Essa qualidade visual lhe permitia atingir um público não apenas de arquitetos e exercer assim o papel de agente cultural pretendido por Hastings⁴.

No livro “Townscape” (1961)⁵ Cullen também afirmava: “We turn to the faculty of sight, for it is almost entirely through vision that the environment is apprehended”⁶.

As circunstâncias da primeira Guerra Mundial introduziram uma grande variedade de material visual, como mapas, planos, diagramas, gráficos e fotografias a uma audiência mais diversa e a introdução de novas e mais versáteis câmeras encorajou maior experimentação. Nesse período o público inglês se mostrou céptico em relação ao Modernismo vindo do continente e o foi também em relação a essas novas tendências em fotografia. Os fotógrafos profissionais da *Review*, através de efeitos teatrais e da exploração de sombras e novos materiais refletivos, foram importantes

⁴ Em entrevista a Priscilla Hastings, filha do fundador e editor da *Review* Hubert de Cronin Hastings, pelo pesquisador Erdem Erten. ERTEN, E. “Shaping ‘The Second Half Century’: the *Architectural Review*, 1947-1971”. Cambridge, 2004. Doutorado em História e Teoria da Arquitetura no Departamento de Arquitetura do Massachusetts Institute of Technology (MIT) p.280.

⁵ Publicado em língua portuguesa pela primeira vez pela Editora 70, em 1983, com o título “Paisagem Urbana”.

⁶ Tradução da autora: “Nos voltamos para a capacidade de ver, visto que é quase completamente através da visão que o ambiente é apreendido”.

para a popularização da arquitetura moderna na Grã-Bretanha. A obra desses fotógrafos enfatizava a estética industrial da nova arquitetura, fazendo uso de filtros coloridos e contrastando o branco imaculado dos edifícios a céus carregados para dar um tom “heroico” a edifícios às vezes modestos e contribuindo assim para construir uma imagem facilmente compreensível de modernidade.

Imagem ao lado: igreja de St Edward e torres de esfriamento da Ferrybridge B Power Station no Yorkshire. Autor: Eric de Maré.

Fonte:<<http://www.theguardian.com/artanddesign/2010/nov/16/eric-de-mare-architecturalphotography>> Acessado: 15.12.2014

Um dos fotógrafos profissionais mais importantes para as campanhas da *Review* foi o arquiteto-fotógrafo Eric de Maré (1910-2002), responsável por documentar edifícios e estruturas industriais para a revista. Suas imagens foram cruciais para o desenvolvimento das teorias sobre a tradição funcional britânica resultando no livro “The Functional Tradition in Early Industrial Buildings” (1958) de autoria de um personagem chave da revista, o crítico e historiador, James Maude Richards (1907-1992)⁷. Esse discurso servia obviamente para demonstrar que o funcionalismo não era

⁷ RICHARDS, J.M.; MARÉ, E. **The Functional Tradition in Early Industrial Buildings**. Londres: The Architectural Press, 1958. Com esse livro os autores pretendiam demonstrar como estruturas

uma invenção vinda do continente europeu mas que já estava presente na Grã-Bretanha⁸.

Na *Review* essas imagens de fotógrafos conhecidos e cuidadosamente preparadas, eram seguidas por numerosas fotografias informais capturadas por amadores, colaboradores e membros da equipe da revista entre eles Ian Nairn. Essas fotografias informais tornaram-se também instrumentos importantes do jornalismo arquitetônico, especialmente após a segunda Guerra Mundial. Elas eram, como o eram também as fotografias mais elaboradas dos profissionais, bastante polêmicas já que muitas vezes colocavam determinadas paisagens em uma luz favorável ou desfavorável de acordo com o interesse. Entre os críticos dessas táticas estava John Burchard, arquiteto, engenheiro e na época reitor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos. Burchard expressava a preocupação de que imagens como as da *Review* na verdade fossem usadas de maneira manipulativa e desproporcional e que, portanto, “não contavam toda a verdade” (BURCHARD, 1966, preface vii).

Hoje tornou-se mais fácil reconhecer essas táticas e manipulações de imagens e entre os críticos contemporâneos podemos citar John R. Gold e Margaret M. Gold (in BOAL et al. eds., 1989, p.169). Gold e Gold examinam, por exemplo, a “curiosa e estilizada” composição das fotografias de Ian Nairn. Segundo os autores o fotógrafo escolhia dias de condições meteorológicas desfavoráveis para suas fotos as quais eram capturadas, possivelmente, de uma posição agachada para que nessas predominassem céus homogêneos e superfícies asfaltadas monótonas enquanto edifícios e detalhes humanos passavam em segundo plano.

anônimas e vernáculas, com suas formas simples e sem adornos, poderiam providenciar precedentes para a reconstrução do pós-guerra na Grã-Bretanha. Um artigo de J.M. Richards sobre a tradição funcional já havia aparecido nas páginas da *Review* em 1949.

⁸ CHARLTON, S., HARWOOD, E., POWERS, A. eds. “British Modern – Architecture and Design in the 1930s” in **The Journal of the Twentieth Century Society**, n.8, 2007, p.56.

Imagem ao lado: um tipo de fotografia não raro na edição especial da *Review*, “*Outrage*” (1955, p. 383) e é provavelmente a esse tipo de foto que Gold e Gold e John Burchard mencionam.
Autor: Ian Nairn.

O próprio editor da *Review*, Hastings, era também um fotógrafo e esse seu interesse o levou à criação da série “*Manplan*” publicada pela *Review* entre setembro de 1969 e setembro de 1979 em oito edições especiais. “*Manplan*” de certa forma é representativa desta aliança de Townscape com a fotografia. Outro caso representativo é a edição especial “*Civilia: the End of Suburban Man*” (1971) a qual visava aplicar os princípios Townscape a uma cidade imaginária através de fotomontagens de grande poder evocativo. Assim, entre as diversas estratégias usadas para promover o ideário Townscape, a fotografia sem dúvida desempenhava um papel importante. No entanto o uso de imagens fotográficas para fins de propaganda não era uma prerrogativa do movimento Townscape: tanto os Modernistas quanto os defensores da Cidade Jardim empregaram diversas táticas fotográficas para promover seus modelos e visões de cidade.

Imagem acima: Townscape aplicado a uma cidade imaginária na edição especial “Civilia: the end of suburban man” in **Architectural Review**, 1971.

Voltando à difusão de ideias e práticas, a análise dessa circulação será orientada pelas tipologias de difusão identificadas por Stephen Ward em seu texto “Re-examining the International Diffusion of Planning” (FREESTONE, R. ed 2000, p. 40-55). Assim que as duas questões mais importantes para os efeitos dessa análise são os mecanismos de difusão (atores chave e ambiente profissional, ações intergovernamentais) e a fundamental causa de sua difusão, por exemplo, o quanto essa difusão reflete os mais amplos contextos culturais, políticos ou econômicos das relações internacionais.

Em síntese, as tipologias de difusão propostas por Ward, configuram dois grupos distintos: empréstimo (quando o país importador desempenha maior controle sobre o processo de difusão) e imposição (quando o país exportador representa a força determinante). Essa distinção refletiria portanto o contexto, mais especificamente a relação de poder ou o nível de domínio (medido em termos governamentais, econômicos ou culturais) entre os países que originaram e os que receberam o modelo ou a prática urbanística sempre lembrando que essa gradação de poder (ou mesmo deferência) é obviamente muito complexa e instável.

Em muitos casos, os países recebedores conseguiram negociar ou contestar o processo de imposição externa moderando, dessa maneira sua natureza. Em casos mais extremos (por exemplo, entre uma colônia e o império dominante), o domínio foi tão completo a ponto de eliminar qualquer possibilidade de intervenção indígena. Durante o século XX no entanto, e entre potências ocidentais, rivais ou não, a relação de poder torna-se mais equilibrada.

Antes de passar diretamente à difusão dos princípios Townscape nos países selecionados, faremos, de forma mais rarefeita em relação à dissertação de mestrado, uma síntese da origem do ideário Townscape bem como dos principais temas abordados pelo comitê editorial da *Review* no âmbito da qual as teorias Townscape foram concebidas.

Essa precaução tem o objetivo de auxiliar o leitor a compreender, ao longo da tese, quais foram os temas que chamaram a atenção de difusores e adaptadores em um país e quais esbarram em ceticismo e não conseguem obter o apoio necessário.

Assim a genealogia dos princípios Townscape e a identificação de seus temas principais comporá o conteúdo da primeira parte desta tese, na qual a ênfase recairá, naturalmente, no contexto do país onde essas ideias se originaram.

Um levantamento da *Review* feito do período de 1930 a 1980, resultou em aproximadamente 1.400 artigos conexos ao ideário Townscape escritos por aproximadamente 200 autores (MACARTHUR, 2007, p.198). Muitos desses autores foram subestimados pela historiografia sobre o período e pode-se dizer que até hoje, Townscape e seu ensinamento nas universidades é principalmente associado à obra de Gordon Cullen e suas aplicações na Grã-Bretanha. Essa tese visa corrigir ou aprofundar essa visão e demonstrar que esses princípios tiveram repercussão também fora de seu contexto de origem.

Nessa tese Townscape é considerado não apenas um episódio na história da reconstrução do segundo pós-guerra europeu mas também como um conjunto de obras e uma série de conceitos, preocupações, demandas e questões. Portanto a tese não se restringe a autores e publicações diretamente vinculadas ao movimento Townscape ou

com as linhas editoriais da *Review* no âmbito da qual o movimento teve origem. São consideradas por exemplo, especialmente relevantes as aplicações dos estudos no campo do Desenho Urbano de pesquisadores da forma urbana como Kevin Lynch e Christopher Alexander, autores portanto não explicitamente conectados ao movimento Townscape. Na medida do possível serão identificadas algumas aproximações entre as teorias Townscape e as pesquisas desses outros autores.

Quanto ao recorte temporal, foi considerado, como previsto, as décadas de 1950 a 1980. No entanto, esse período é visto as vezes de maneira mais flexível, por exemplo, os “anos do debate sobre a reconstrução do pós-guerra na Europa” ou os “anos 1960” entendidos como aquele que, visto em retrospecto, foi um período vivaz e festivo, uma reação à austeridade dos anos 1950 ou seja um estado de espírito aberto a interpretações e não necessariamente um conceito cronológico.

Entre os países contemplados nesta tese, para os quais circulou o ideário Townscape a partir da Grã Bretanha, os Estados Unidos foram aquele que manteve uma interlocução mais intensa com o movimento de origem. Isto já havia sido sinalizado pelos resultados da dissertação de mestrado intitulada “Ian Nairn, Subtopia e Townscape”, na qual foi traçada a trajetória desse personagem central no movimento Townscape.

É principalmente por esta razão – a qual justifica também a importância do espaço dedicado nesta tese à interlocução entre Grã-Bretanha e Estados Unidos – que foi decidido optar por um estágio nos Estados Unidos. Como pesquisadora visitante na Califórnia Polytechnic University, tive a possibilidade de explorar os arquivos de instituições como a University of California (campi de Berkeley e Los Angeles) e outros acervos. Além disto, foi importante conhecer de perto os efeitos da expansão suburbana que caracteriza os condados de Los Angeles e Orange, justamente na Califórnia. Ler a respeito desse fenômeno não prepara para a experiência de se deslocar através dessas gigantescas conturbações e vivenciar seu cotidiano. Talvez por ser italiana e, portanto, mais acostumada a cidades compactas e a centros históricos cuidadosamente preservados, o meu olhar foi surpreendido pela paisagem inédita que se

me apresentou, e desta experiência resultou, como era de se esperar, um grande aprendizado.

A supervisão do professor Vicente del Rio, docente na CalPoly no departamento de City and Regional Planning também revelou-se uma decisão acertada. De fato, por sua familiaridade com as teorias Townscape e sua experiência profissional no âmbito do Desenho Urbano, ele esclareceu muitas dúvidas, além de ter permitido o acesso a um vasto acervo pessoal de publicações, bem como de apostilas e outros documentos não catalogados. Esse repertório de materiais foi ulteriormente enriquecido por aqueles garimpados ainda em ocasião de uma viagem para a Inglaterra e a Itália, em 2008, que foram analisados de maneira mais profunda neste doutorado.

Quanto à inserção das teorias Townscape no Brasil, era previsto que não seria tão fácil demonstrar essa circulação, tão mais tênue, mas talvez tenha sido justamente a necessidade de compreender obstáculos e resistências a esse movimento que nos intrigou e motivou a direcionar a pesquisa para esse objeto.

PARTE 1

Capítulo 1: O país de origem: a *Architectural Review*, o ideário Townscape e os seus principais pensadores.

Capítulo 2: Os principais temas do ideário Townscape

- 2.1** Consulte o gênio do lugar: carácter do lugar, Subtopia e a expansão suburbana.
- 2.2** A cidade do automóvel e os espaços públicos.
- 2.3** Conservation Areas: áreas protegidas e o conflito entre o velho e o novo.

Capítulo 1. O país de origem: a *Architectural Review*, o ideário Townscape e os seus principais pensadores.

Na Grã-Bretanha, o debate sobre a reconstrução do pós-guerra teve lugar principalmente no âmbito do grupo MARS (Modern Architecture Research Group)⁹ o qual providenciava uma estrutura de apoio para arquitetos, engenheiros e teóricos que acreditavam nos ideais do Movimento Moderno Europeu. Muitos debates também aconteciam nas escolas de arquitetura e em vários periódicos. Entre estes últimos, a revista londrina *Architectural Review* desempenhou um papel particularmente importante nesse período por cultivar um ponto de vista editorial bastante definido e por estimular debates que ultrapassavam os estritos interesses da profissão.

O apoio inicial da *Review* ao Modernismo era contrabalançado por outros interesses e, como mencionado na introdução, durante a guerra, a revista publicava importantes ensaios sobre história da arquitetura, gosto popular e a tradição da construção utilitária do século XIX. A revista também cobria o desenvolvimento arquitetônico e urbanístico de países não afetados diretamente pela guerra, como o Brasil e o Canadá e mantinha, ao mesmo tempo um olhar atento para as tendências nos Estados Unidos e na Suécia (BULLOCK, 2002, p.29-30).

Pode-se afirmar que, em sua busca por novas soluções, a *Review* encorajava urbanistas e arquitetos a conciliar o Modernismo com tradições locais, um compromisso portanto, e um dos objetivos do comitê editorial dessa revista era o de conscientizar arquitetos sobre a importância de questões que transcendiam a arquitetura de edifícios individuais e, desta forma, chamar a atenção também para a diversidade, a variedade e a complexidade do ambiente construído. Para isso os editores iniciaram a

⁹ O Modern Architectural Research Group, ou MARS Group, foi um grupo de pesquisa fundado em 1933 por vários arquitetos e críticos de arquitetura envolvidos no movimento modernista britânico. O grupo formou-se quando Sigfried Giedion do Congrès International d'Architecture Moderne (CIAM) pediu a Morton Shand para organizar um grupo que representasse a Grã-Bretanha em seus eventos. Shand, junto com Wells Coates, escolheu Maxwell Fry e FRS Yorke como membros fundadores. Eles também se uniram a alguns membros da Tecton, um outro grupo de arquitetura, por Ove Arup e por John Betjeman, um poeta e colaborador da *Review*. O grupo MARS propôs um plano radical para a reconstrução do pós-guerra de Londres, cujos detalhes foram publicados na *Review* em 1942.

cunhar termos como *roofscape*¹⁰, *wallscape*, *floorscape* e outros que, agregados, resultaram no desenvolvimento do ideário Townscape¹¹.

Do ponto de vista etimológico, o termo *townscape* equivale a *landscape*, ou melhor, a *urban landscape* (paisagem urbana), que é de fato a expressão equivalente usada nos anos precedentes à segunda Guerra Mundial¹². Quanto à definição, uma tentativa pode ser feita partindo da palavra *landscape*: “a forma ou aparência daquela porção de Terra que o olho pode ver de uma vez só; o aspecto de uma região; uma pintura representando o aspecto de uma região”¹³. Se substituirmos *town* (cidade) por *land* (terra, território) temos a definição de *townscape*: a forma ou aparência daquela parte da cidade que o olho pode capturar de uma só vez¹⁴.

Como já esclarecido na dissertação de mestrado, autores e historiadores referem-se ao estudo da paisagem urbana desenvolvido no âmbito da *Review* com termos distintos: metodologia, pedagogia, campanha, movimento ou filosofia. Não sentimos necessidade de nos aprofundar nessas definições ou mesmo de selecionar apenas uma delas assim que continuaremos nos referindo a Townscape (com T maiúsculo), como a um ideário ou a um conjunto de teorias ou princípios. Nas citações naturalmente será mantida a definição usada por cada autor.

Entender o processo de apropriação¹⁵, por parte dos editores da *Review*, dos princípios do ideal estético do Pitoresco é crucial. No artigo “Exterior Furnishing or

¹⁰ O termo *scape* em inglês significa cena, vista ou paisagem e é normalmente usado em combinação como por exemplo *landscape* ou *seascape*.

¹¹ LASDUN, S. "H. de C. reviewed – importance of architect Hubert de Cronin Hastings to the Architectural Review" in **Architectural Review**, setembro 1996. Disponível em: <http://findticles.com/p/ticles/mi_m3575/is_n1195_v200/ai_19007181/>. Acesso em: 17.05.2009.

¹² O termo *townscape*, na verdade, aparece desde 1880 (WHISTLER e REED apud PENDLEBURY, 2008, p.32) e o urbanista Thomas Wilfred Sharp (1901-1978) é considerado o primeiro urbanista de sua geração a usar o termo em seu plano para a cidade de Oxford. O plano foi publicado em: SHARP, T. **Oxford replanned**. Londres: Architectural Press, 1948, 223p.

¹³ CHAMBERS, W. Chambers' Etymological Dictionary of the English Language. Londres: Elibron Classics, 2005.

¹⁴ DE LUIGI, L. “Townscape e la tradizione pittoresca nella cultura urbanistica inglese” in **Urbanistica** n.32, dezembro 1960 p. 7-11.

¹⁵ Esse processo de apropriação é descrito em detalhes em: MACARTHUR, J. **The Picturesque: Architecture, Disgust and other irregularities**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2007.

Sharawaggi: The Art of Making Urban Landscape”¹⁶, considerado como um dos artigos que anteciparam o lançamento das teorias Townscape, o Pitoresco é definido como a capacidade de reconciliar visualmente elementos aparentemente incompatíveis, resolvendo conflitos, criando novas relações mas sem com isso reduzir o caráter de determinada paisagem. Relançar o Pitoresco, segundo o qual o caráter era mais importante que a beleza, em chave moderna, era importante para os editores da revista principalmente pela preocupação desse ideal estético com sensações e reações humanas bem como por sua sensibilidade em relação a processos naturais (POWER, 2007, p.11) e à topografia existente.

Mas não só: para os editores, a oportunidade de aplicação dos princípios de composição Pitorescos na reconstrução de centros urbanos levava naturalmente a um renascimento, em chave moderna, de uma tradição inglesa e, logo de uma identidade inglesa em arquitetura e planejamento urbano. Era essencial, portanto corrigir a percepção de que o interesse pelo Pitoresco era ligado a um passado nostálgico e vinculá-lo ao funcionalismo modernista e a uma “englishness”, uma identidade nacional.

Esse processo de retificação é feita, em parte, com o ensaio “The English Planning Tradition in The City”¹⁷. Nesse ensaio, o Pitoresco é descrito não como um inimigo mas como um “parente próximo” e nele os autores defendem também que uma estratégia de reconstrução segundo os princípios *Beaux Arts* como a de Paris seria inapropriada para Londres a qual deveria reconhecer em sua reconstrução, métodos que enfatizassem diversidade, diferenças e contrastes: ao preservar seu caráter pitoresco, Londres, segundo os editores, preservaria seu caráter inglês.

Townscape torna-se um neologismo em uso corrente nas páginas da *Review* principalmente durante o segundo pós-guerra. O fundador e editor da revista Hubert de Cronin Hastings, amparado pela pesquisa do historiador alemão Nikolaus Pevsner, aplicava portanto uma abordagem pitoresca à noção de paisagem urbana, ou seja,

¹⁶ Hastings, H. “Exterior furnishing, or Sharawaggi: the art of making urban landscape” in **Architectural Review**, 95, Janeiro 1944. pp. 2–8.

¹⁷ EDITORS “The English Planning Tradition in The City” in **Architectural Review**, junho de 1945, vol.97, p.165-176.

desenvolvia noções de paisagem urbana baseadas na ideia de que a pintura capturava de alguma forma as qualidades intrínsecas de paisagens que apesar de sua diversidade possuíam qualidades locais. Ao desenvolver essa filosofia, Hastings considerava essencial a ideia de que paisagens urbanas (*townscapes*) seriam também espaços com molduras invisíveis que podiam ser colocadas em volta de uma área ou uma “cena” que passaria então a ser considerada como um “lugar”.

Embora não seja necessário discutir em detalhes, nessa tese, a origem do Pitoresco, como ele passou a representar o *genius* inglês e o processo de apropriação do Pitoresco pelo movimento Townscape, talvez auxilie essa compreensão lembrar que no século XVIII a pintura de paisagens inglesa estava se transformando de descritiva, ou seja, de cópia fiel da paisagem, para interpretativa, enfim, para uma “paisagem da mente”¹⁸ assim a paisagem passa a ser vista como capaz de incorporar ideias, significados e memórias.

Em dezembro de 1949 a *Review* de fato publica o artigo “Townscape: a Plea for an English Visual Philosophy founded on the true rock of Sir Uvedale Price”¹⁹.

No texto que acompanha a foto inserida na imagem a seguir, o autor convida o urbanista e o leitor leigo a observar os materiais e as texturas de elementos aparentemente triviais mas que, segundo eles, determinavam o caráter da paisagem urbana e a reconectavam assim à percepção visual.

¹⁸ PAULSON, R. **Literary Landscape: Turner and Constable**. New Haven e Londres: Yale University Press, 1982.

¹⁹ DE WOLFE, I. “Townscape: a Plea for an English Visual Philosophy founded on the true rock of Sir Uvedale Price” in **Architectural Review**, Dezembro 1949, v.106, pp.355-362.

Imagem acima: primeiras duas páginas de DE WOLFE, I. "Townscape: a Plea for an English Visual Philosophy founded on the true rock of Sir Uvedale Price" in **Architectural Review**, Dezembro 1949, v.106, pp.355-362.

Um conjunto de estudos de caso (o *Townscape Casebook*) editado por Gordon Cullen acompanha o artigo. Este *casebook* consiste em uma reinterpretação dos princípios do Pitoresco aplicados à paisagem urbana. Cullen esclarece que a atividade de olhar para o ambiente podia ser objetiva ou associativa²⁰. Esta última seria a atividade prevalente no ambiente urbano consistindo na impressão criada pelo todo e não necessariamente pelas suas partes isoladas.

E a propósito dessa última consideração, é importante ressaltar outros princípios nos quais Townscape se apoiava, além da reinterpretação dos princípios de composição do Pitoresco. No fim dos anos 1930 e início dos anos 1940 as teorias Gestalt já eram

²⁰ Na verdade, Gordon Cullen já demonstrava interesse em psicologia como uma fonte para o projeto antes mesmo de estabelecer seu vínculo profissional com a *Review*. Nos anos 1930 ele já afirmava que, de seu ponto de vista, a função de um edifício deveria levar em consideração tanto os aspectos utilitários quanto os aspectos psicológicos. Outros textos publicados por ele durante os anos 1940 discutiam emoções e maneiras com as quais estímulos eram ativados através de imagens e referências. Ver: ORILLARD, C. (2012): "Gordon Cullen beyond The Architectural Review: some new perspectives from his personal archives" in **The Journal of Architecture**. 2012. p.719-731

bastante conhecidas, especialmente após a publicação de “A Sourcebook of Gestalt Psychology” (1938) na Inglaterra. Esses estudos desenvolvidos por psicólogos alemães nos anos 1920 descreviam como a mente tende a organizar elementos visuais em grupos ou unidades de acordo com certos princípios ou “leis” como similaridade, continuação, “*closure*”, proximidade e outros. Através do princípio básico “o todo é maior que as partes”, os psicólogos da Gestalt tentavam explicar como nossas percepções eram o resultado de uma complexa interação de estímulos.

Imagem ao lado: capa da *Review* (dezembro 1949) mostrando a habilidade da visão de providenciar mais de um resultado.

O comitê editorial da *Review* encorajava assim uma “reeducação visual”²¹ e visava, através de uma série de ensaios, capturar elementos e explorar diferentes dimensões visuais de uma tradição vernacular inglesa que havia informado a forma da paisagem urbana e rural inglesa por mais de um século (BULLOCK, 2002 p.43).

O ideário Townscape é considerado hoje como uma das brechas no Modernismo mas foi frequentemente acusado de propor uma visão historicista. De fato, em seu livro “The CIAM Discourse, 1928-1960” (2000), Lewis Mumford, ao analisar o discurso do já mencionado J.M. Richards, não cita as claras referências feitas por Richards ao ideário Townscape. Para Ertem²², Richards teria evitado usar os termos “Townscape”, “Sharawaggi” e “Pitoresco” para não indispor ou alarmar a comunidade de arquitetos britânicos divididos pela campanha da *Review*.

Com a chegada de Gordon Cullen na *Review*, em 1946, contratado como Assistente Diretor Artístico da revista, a pesquisa teórica de Hubert de Cronin Hastings e Nikolaus Pevsner passou a ser traduzida em projetos urbanos destinados a atrair e convencer os leitores da revista. Cullen ensinava que para apreciar ou desenvolver a paisagem urbana era necessário aceitar as prerrogativas da urbanidade a qual dependia de uma relação estreita e compacta entre os elementos urbanos. Para ele “um edifício é arquitetura, mas dois edifícios são paisagem urbana porque a relação entre dois edifícios próximos é suficiente para libertar a arte da paisagem urbana” (1971, p. 135).

Após a segunda Guerra Mundial, Gordon Cullen contribuiu regularmente, de 1951 a 1959, para a *Review* com artigos que foram reunidos, em 1961, no livro “Townscape” republicado, em 1971 como “The Concise Townscape”. Nesses artigos e no livro Cullen buscava enfatizar a importância de reconhecer individualidade na estética arquitetônica evitando a uniformidade e a falta de idiossincrasias tão comuns nas Novas Cidades que estavam sendo construídas naqueles anos na Inglaterra para acolher a população excedente das grandes conurbações.

²¹ EDITORS in **Architectural Review**, janeiro 1947.

²² ERTEN, E. “Shaping “The Second Half Century”: the Architectural Review, 1947-1971”. Cambridge, 2004. Doutorado em História e Teoria da Arquitetura no Departamento de Arquitetura do Massachusetts Institute of Technology (MIT). pp. 59 a 62.

Até 1959 ele foi, portanto o principal autor da coluna “Townscape” onde, entre outras questões, era analisada a qualidade dos espaços urbanos do ponto de vista do pedestre. Cullen foi também responsável por introduzir o conceito de “Serial Vision” (visão serial) a qual demonstra que a recepção de informações por parte de um indivíduo consiste em um contínuo jogo entre a vista existente e a vista que vai emergindo com o movimento do indivíduo no espaço urbano. Esse conceito também visava ilustrar uma experiência da cidade mais fluida e dinâmica que se diastanciava portanto da experiência estática de composições de edifícios e outros elementos. Assim tratava-se de uma experiência que na verdade ia além da visão mas que considerava as reações sensoriais às diferentes composições espaciais “uma viagem através de compressões e vazios” (1971, p.10).

Ele identificou uma série de mecanismos que levam o indivíduo a interagir emocionalmente ou ativamente com o ambiente urbano e também desenvolveu, em 1966, o chamado “scanner” o qual consistia em uma lista de requisitos necessários para criar um ambiente urbano capaz de satisfazer uma gama de necessidades desde a segurança física até a satisfação espiritual do usuário.

Além de desenvolver a maioria dos métodos de análise visual usados na campanha Townscape da *Review*, as ilustrações e croquis de Gordon Cullen sem dúvida contribuíram imensamente para a popularização dos princípios Townscape e até hoje a metodologia Townscape é geralmente associada ao seu nome.

Em 1954 a *Review* contratou o crítico Ian Nairn o qual passou a trabalhar com Cullen em vários ensaios e que permaneceu no comitê editorial da revista até 1969²³.

Gordon Cullen e Ian Nairn trabalharam juntos naquilo que muitos estudiosos de Townscape consideram o ápice do movimento Townscape: a celebrada edição especial “Outrage”, publicada em 1955. Essa edição especial nasce das observações feitas durante a viagem dos dois autores do sul da Inglaterra até a fronteira com a Escócia.

Durante a viagem, eles cunham o termo Subtopia. Com esse termo eles visavam identificar e catalogar a nova paisagem emergente, segundo eles uma paisagem sem

²³ Para detalhes sobre a trajetória profissional de Ian Nairn ver: PAVESI, L. “Ian Nairn, Subtopia e Townscape”. Dissertação de Mestrado defendida pela EESC-USP em 2011.

caráter, nem campo, nem cidade. Esse termo, amplamente divulgado por várias publicações, foi utilizado para descrever a preocupante diluição entre os tipos de paisagem, uma diluição que gerava aquilo que essas publicações viam como um território híbrido que desprezava a individualidade e o *genius loci* de cada lugar.

Em “Outrage” é dada muita ênfase à crítica em relação aos elementos “impostos pelo homem moderno” (NAIRN, 1955, p.366) os quais, segundo Nairn, estavam deturpando mesmo as paisagens mais sublimes, criando não só a infame Subtopia mas também os Subtopianos:

[...] buildings affect people, and Subtopia produces Subtopians - the REVIEW also believes that, unless we are shocked into awareness, the consequences of our visual laissez-faire may make us incapable of distinguishing good from bad, and we may be mutated into sub-humans without our ever knowing it has happened. (NAIRN, 1955, p.372)²⁴.

Desde as primeiras páginas de “Outrage” é clara a crítica à influência do modelo Cidade Jardim nas New Towns com suas baixas densidades e paisagens monótonas. Essa crítica é explorada com mais profundidade em 1957 quando a *Review*, após o grande sucesso de “Outrage”, publica sua continuação: “Counter-Attack against Subtopia” na qual são destacadas a falta de urbanidade e a baixa densidade dessas novas cidades. Contudo essa não era a primeira vez que a influência do modelo Cidade Jardim e a persistência de seus lobistas nas Novas Cidades era denunciada²⁵: já em 1953, a revista havia publicado o artigo “The failure of the New Towns”²⁶ assinado por J.M. Richards.

²⁴ Tradução da autora: “[...] edifícios afetam as pessoas, e Subtopia gera Subtopianos – a Review também acredita que, ao menos que nos forcemos a um choque perceptivo, esse nosso laissez-faire visual pode nos tornar incapazes de distinguir o bom do mau, levando-nos a uma condição de sub-humanos sem sequer nos darmos conta”.

²⁵ Paralelamente, Alison e Peter Smithson, importantes atores da vanguarda britânica, em um artigo publicado na *Architectural Design* em junho de 1956, contestavam a influência que a Cidade Jardim estava exercendo sobre quatro décadas de legislação no planejamento urbano inglês.

²⁶ RICHARDS, J.M. “The failure of the New Towns” in **Architectural Review** Vol.114, 1953.

O efeito do texto de Richards era maximizado pelo artigo de Gordon Cullen “Prairie planning in the New Towns” publicado no mesmo número da revista²⁷. O conceito de “prairie planning” (planejamento de pradaria, referindo-se à baixa densidade) entra posteriormente no livro “Townscape” (1961) onde Gordon Cullen expõe o “culto do isolacionismo” físico e psicológico. Para Cullen esse “culto do isolacionismo” era típico dessas Novas Cidades, assim como o uso inadequado de território e os problemas de escala que obrigavam as pessoas a percorrerem longas distâncias para alcançar os serviços.

Nairn deixou a *Review* em 1969, mas continuou contribuindo com textos e ensaios para diversas publicações, jornais locais e nacionais britânicos e até programas para o canal de televisão BBC entretanto a coluna Townscape continuou sendo escrita por Kenneth Browne e outros.

²⁷ CULLEN, G. “Prairie Planning in the New Towns” in **Architectural Review** Vol.114, 1953

Capítulo 2. Os principais temas de Townscape.

Neste capítulo identificamos os três temas principais de Townscape, o contexto cultural no qual foram desenvolvidas as teorias e as principais campanhas realizadas para sua divulgação em seu país de origem. Com essa identificação pretende-se evidenciar algumas das questões do período que contribuíram para configurar e consolidar a disciplina do Desenho Urbano, a qual recebeu aportes significativos do Townscape. Essas três questões principais como a valorização pelo caráter do lugar e a ênfase nos valores locais, a relação entre a cidade e o carro e a preservação do patrimônio histórico, fazem parte de uma série de questionamentos que surgiram durante o segundo pós-guerra em consequência à perda de qualidade do ambiente construído que começava a ser percebida nesse período.

Como explicado na Introdução dessa tese, essa identificação tem o objetivo de auxiliar o leitor a compreender quais foram os temas que chamaram a atenção de difusores e adaptadores em um país e quais esbarram em ceticismo e não conseguem obter o apoio necessário em outros contextos. Esses temas, muitas vezes iconectados entre si, são retomados ao longo de toda a tese.

2.1 Consulte o gênio do lugar: caráter do lugar, Subtopia e a expansão suburbana.

Consult the genius of the place in all
That tells the waters to rise or fall
Or helps the ambitious hills the heavens to scale
Or scoops in circling theatres the vale...
(Alexander Pope, 1731)²⁸

Os primeiros a usar, no século XVIII, o termo *genius loci* ou “sense of place”²⁹, sua tradução mais comum em inglês, o faziam referindo-se a uma nova apreciação

²⁸ Tradução da autora: “Consulte o gênio do lugar em tudo / Que diz às águas para subir ou cair/ ou ajuda as ambiciosas colinas a alcançar o Céu / Ou envolve o vale em circulares teatros”. Alexander Pope, Epistle IV to Richard Boyle, Earl of Burlington (1731) in Alexander Pope, Epistles to several persons, ed. F. W. Bateson, Londres-New-Haven, 1961, p. 142

estética de paisagens rurais ou de jardins. No entanto, como notado por J.B. Jackson (1994, p.157), ao longo dos anos esse conceito começou a ser aplicado também a paisagens urbanas levando, em alguns casos a um uso indiscriminado por parte de arquitetos e urbanistas (ou mesmo agentes imobiliários) e passou a descrever, de maneira geral, a atmosfera do lugar ou a qualidade visual de seu ambiente. É importante também lembrar a afirmação de John Pendlebury (2008, p.31-33) segundo o qual a noção de caráter, explorada por vários urbanistas em seus planos desde os anos 1940, era entendida principalmente em termos sensoriais e não apenas visuais e, portanto, permanecia bastante vaga, fato que convinha aos urbanistas, os quais podiam manipulá-la de acordo com seus interesses.

O ideal estético do Pitoresco e o conceito de *genius loci* foram debatidos ao longo dos anos por muitos estudiosos da forma urbana e foram particularmente significativos para a administração do ambiente histórico, especialmente quando esta passou a considerar, além de objetos arquitetônicos, conjuntos de edifícios. O conceito de *genius loci* é portanto complexo e autores possuem visões frequentemente conflitantes a respeito de seu significado.

Um dos livros mais relevantes a esse respeito é considerado “Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture” (1980) de Christian Norbert-Schulz³⁰. Neste livro, assim como em outras publicações desse arquiteto norueguês, o objetivo é investigar as implicações psíquicas da arquitetura, ao invés de seus aspectos práticos, enfatizando que o ambiente influencia seres humanos e que o propósito da arquitetura transcenderia assim a definição dada pelo primeiro funcionalismo. Nele o *genius loci* representaria a aceção que as pessoas têm de um lugar, entendido como a soma de todos os valores tanto físicos quanto simbólicos na natureza e no ambiente construído.

Embora ao longo da segunda metade do século XX interpretações genéricas ou mesmo equivocadas do conceito de *genius loci* tenham sido usadas em uma ampla gama de documentos e projetos, permanece uma importante questão: o caráter essencial

²⁹ GUNILA, J; LARKHAM, P.J. Sense of Place, Authenticity and Character: A Commentary in **Journal of Urban Design**, Vol. 8, n.1, 67-81, 2003.

³⁰ O livro foi publicado pela primeira vez, em 1979, em italiano com o título: “Genius Loci- Paesaggio. Ambiente, Architettura”.

conferido a certos lugares como resultado de séculos de evolução não deveria ser sujeito a rupturas brutais. Essa importante consideração em relação a valores locais representa um momento crucial para o Desenho Urbano considerando a hegemonia do Movimento Moderno e do chamado International Style nos planos de reconstrução do pós-guerra não apenas no Reino Unido.

Dentro de um quadro teórico geral, a necessidade de enfatizar e realçar, através do Desenho Urbano, a unicidade do lugar, o *genius loci* e as diferenças específicas entre uma área e outra foi um dos principais temas do Townscape. Como induzir, através do Desenho Urbano, à dramaticidade e à emoção e provocar “choques perceptivos” eram, sem dúvida, constantes preocupações dos teóricos do Townscape.

Para Cullen, considerado responsável por tornar o ideário Townscape em um instrumento analítico e ilustrar seus princípios, era importante tomar todos os elementos que contribuem para criar o ambiente – edifícios, árvores, natureza, água, trânsito, publicidade etc. – e tecê-los de maneira a “liberar drama”³¹ porque a cidade era, para ele, um “evento dramático no ambiente” (CULLEN, 1961, p.9).

Paralelamente ao tema do caráter do lugar, está a denúncia contra a expansão dos subúrbios. Na verdade estas duas questões estão associadas. Também é oportuno antecipar que a atitude de muitos defensores das teorias Townscape pode ser as vezes entendida como em relação à Suburbia³², ou seja não apenas ao espaço geográfico e arquitetônico, mas também ao espaço social.

Desde a Idade Média, quando o termo iniciou a ser usado, subúrbio referia-se à parte da cidade localizada além de seus muros e, portanto fora de seu controle e consistia geralmente em regiões povoadas por indigentes e consideradas lugares de comportamentos licenciosos, uma percepção que persistiu ao longo dos anos. A expansão do subúrbio no entanto aumentou durante o século XIX devido à pressão de

³¹ No original em inglês: “[...] to weave them in such a way that drama is released”.

³² *Suburbia* é o termo que ingleses e americanos usam para denominar não apenas o subúrbio (*suburb*), mas as pessoas que o habitam, vistos de maneira coletiva. A terminação “ia” refere-se a nomes coletivos como academia ou militia. O gentílico, nesse caso, é *suburbanite*.

reformistas sociais³³ dedicados a combater o congestionamento dos cortiços vitorianos e à expansão das redes ferroviárias que transformou o subúrbio naquilo que era percebido como uma alternativa aos males da cidade industrial para uma classe média emergente em busca de ascensão social e de uma vida saudável.

No fim do século XIX, a solução do governo para os problemas de habitação para população de baixa renda na Inglaterra era geralmente considerada a introdução, por decreto, de passagens de trem baratas. O sistema de transporte de Londres usou várias estratégias para enfatizar o subúrbio como alternativa à cidade promovendo-o como um híbrido, uma perfeita combinação de tradição rural com progresso e conveniências modernas contribuindo assim à sua expansão. Essa linguagem, parte de uma estratégia de marketing que refletia as aspirações de uma sociedade que idealizava seu passado rural, foi usada também pela companhia ferroviária Metropolitan Railway a qual expandia sua rede desenvolvendo ao mesmo tempo loteamentos que eram vendidos posteriormente mediante campanhas publicitárias que evocavam paisagens idílicas e, claro, um certo estilo de vida.

O protótipo do subúrbio do século XX, consistia em loteamentos de baixa densidade composto por casas isoladas sobre áreas verdes (inspiradas nas propriedades da aristocracia inglesa) e era vendido por especuladores para as classes mais abastadas desde 1800³⁴.

Os detratores de *suburbia*, no entanto, desprezavam aquilo que consideravam como mediocridade e observavam preocupados o crescimento dos *ribbon developments*, assentamentos em faixa, nem cidade nem campo, ao longo das estradas de ferro³⁵. Esses

³³ Representativo dessa tendência é o trabalho publicado por Charles Booth em 1901 que enfatizava as virtudes de um “sistema de transporte melhor como primeiro passo para a cura das dificuldades no âmbito da habitação em Londres” (HALL, 2002, p. 50).

³⁴ PAVESI, L. “The Campaign against ‘Subtopia’ and Suburban Sprawl in Post-War England” in Anais do Simpósio The Cultures of the Suburbs International Research Network: Second Symposium. Out of Control Suburbs? Comparing Representations of Order, Disorder and Sprawl Hofstra University. Estados Unidos. 27-28 junho, 2013.

³⁵ *Ribbon development* em inglês, refere-se à urbanização ao longo de estradas. Esse tipo de urbanização gerou grande preocupação no Reino Unido (e nos Estados Unidos) durante os anos 1920 e 1930. A prática era vista como um uso ineficiente dos recursos e um precursor do *sprawl* ou espraiamento. Um dos objetivos do planejamento do pós-guerra no Reino Unido foi de fato deter esse tipo de urbanização o que levou à introdução do uso do “cinturão verde”.

protestos contra esse tipo de assentamentos em faixa levam, já em 1935, ao decreto ‘Restriction of Ribbon Development Act’ (25 & 26 Geo V, HMSO) o qual deu poder às autoridades locais para limitar assentamentos ao longo de estradas principais. É evidente, ainda, a conotação negativa atribuída, por alguns autores, ao *bungalow*, ou bangalô, o tipo de habitação geralmente associada ao subúrbio. Em 1927, um proeminente membro da comunidade Anglicana cunhou o termo “bungaloid growth”³⁶ e esse tipo de habitação tornou-se, para a classe média e alta, um termo carregado de significado social (KING, 1984, p.183).

Ian Nairn dá claramente continuidade a essa crítica afirmando que Subtopia representava uma força destruidora que iria reduzir a Grã-Bretanha a “oásis isoladas de monumentos preservados em meio a um deserto de fios elétricos, estradas de concreto, canteirinhos e bangalôs” (NAIRN, 1955, p.365). A difusão do bangalô portanto era vista como uma das causas das paisagens monótonas e sem vida. Assim, pode se concluir que os relatos que despontavam com a difusão do subúrbio eram, de maneira geral, desdenhosos.

Segundo Sharp (1940, p.41-42), a tentativa de conectar a mediocridade do subúrbio com a mediocridade de seus habitantes parecia fazer parte de uma longa tradição. O escritor e crítico inglês Cyril Connolly (1903-1974) afirmava que cortiços podiam ser terreno fértil para o crime, mas que os subúrbios da classe média eram “incubadores de apatia e delírio” e os poemas do poeta e escritor John Betjeman (1906-1984)³⁷ ridicularizavam os moradores do subúrbio e a cultura suburbana em geral associando-os ao consumo de enlatados e produtos produzidos em massa.

Desde o período entre guerras, os subúrbios foram geralmente representados como lugares opressivos, especialmente para mulheres que, de acordo com alguns

³⁶ Literalmente: crescimento bangalóide. O termo evoca “fungoid growth”, ou seja, crescimento rápido característico de fungos.

³⁷ Poeta, escritor e crítico inglês conhecido por vários programas na BBC. Publicou vários guias e livros sobre arquitetura e, em 1958, foi um dos fundadores da Victorian Society, associação dedicada ao estudo e à proteção do patrimônio arquitetônico Eduardiano e Vitoriano. Trabalhou de 1930 a 1935 como Assistente Editor na *Review* onde desenvolveu um interesse por Modernismo tornando-se membro do grupo MARS (Modern Architectural Research Group), grupo de pesquisa fundado em 1933 por vários arquitetos e críticos de arquitetura envolvidos no movimento modernista britânico.

relatos³⁸, estavam cada vez mais limitadas à esfera doméstica³⁹. De acordo com Lewis Mumford, de fato, os subúrbios “ofereciam poucas conveniências para reuniões, debates e ação comunitária favorecendo uma conformação silenciosa” (MUMFORD, 1961).

John R. Gold e Margaret M. Gold afirmam que arquitetos e críticos de arquitetura contribuíram, conscientemente ou não, à construção de uma imagem negativa do subúrbio e, embora reconhecendo a importância dos comentários e das polêmicas de Nairn, eles descrevem “Outrage” como uma obra “estridentemente anti-suburbana” e até manipuladora que contribuiu, através de curtos textos reforçados por um amplo repertório de ilustrações e fotografias, à já extensa literatura anti-subúrbio daqueles anos (GOLD e GOLD in BOAL et al eds.; 1989, p.164-170).

De fato, Nairn ao se referir ao “ethos suburbano” nos parece bastante condescendente em algumas ocasiões, mesmo quando ele parece defendê-lo. Um dos textos de Nairn onde ele quer impedir que esse “ethos suburbano” pareça como um “marshmallow rosa gasoso sobre o ambiente social, a mente do homem, a superfície da terra, a filosofia, ideais e objetivos da raça humana” (NAIRN, 1955, p.366) chega a provocar a consternação e a incredulidade de Joseph Rykwert o qual denuncia a atitude “teimosa e trivial” da *Review* em relação à *suburbia*⁴⁰.

Assim, é evidente que para muitos defensores das teorias Townscape, a aversão ao subúrbio não era apenas motivada pela necessidade de se economizar território ou de diversificar a produção arquitetônica, mas também revelava certos aspectos de classe, apelando para um “outro” pertencente à classe trabalhadora para que esse rejeitasse a “nova classe média populista” (BALLANTYNE ed., 2004, p.223).

³⁹ Uma das pesquisas mais representativas sobre essa questão é provavelmente “The Suburban Neurosis” do Dr. Stephen Taylor a qual contribuiu a representar a domesticidade suburbana como degradante e a mulher suburbana (que Dr. Taylor chama Mrs Everyman) como socialmente frustrada e pouco propensa a atividades intelectuais. O romance “Coming up for air” (1939) de George Orwell (1903 -1950) também é representativo dessa tendência, especialmente nas descrições da personagem George Bowling, para o qual o subúrbio representa uma prisão e cuja esposa, a conformista Hilda, sufoca suas aspirações de liberdade representando, ao mesmo tempo, tudo o que ele despreza da modernidade suburbana.

⁴⁰ RYKWERT, J. “Review of a Review” in **Zodiac**, vol.1, 1959, p.13-15.

Aspectos da personalidade e das táticas usadas por Nairn e outros já foram explorados na dissertação de mestrado onde foi mostrado como alguns seguidores da metodologia Townscape eram considerados propensos a um “romantismo industrial”, ou seja, eles tendiam a certa indulgência sentimental perante a Inglaterra industrial⁴¹. No entanto, para Hastings, o Pitoresco, no qual, como já acenado, as teorias Townscape eram baseadas, teria ultrapassado as barreiras de classe ao garantir uma “estética da inconsistência” onde nenhum código estético dominaria outro e onde o Georgiano podia conviver lado a lado com o neogótico, o moderno ou o neoclássico:

Em 1944 Hastings escrevia:

[the Picturesque] can give satisfaction to all tastes. It is a democratic art. It is catholic and generous. It is accessible on any scale, open to a never-ending variety of expression; it encourages the amateur in his back-garden and the technician in his regional plans⁴²

Andrew Law (in BALLANTYNE ed., 2004, p.202-203) afirma que também o movimento para a preservação arquitetônica, e esse é um dos temas centrais no ideário Townscape, esteve envolvido na construção de um discurso regional sobre a “Englishness” e que teve um papel importante na construção de uma linguagem da paisagem urbana. Law chama a atenção para o trabalho da geógrafa inglesa Catherine Brace que descreve a maneira com a qual o movimento de preservação arquitetônica perpetuou noções de “individualidade da paisagem” e “cidadania”.

Law também aponta para a construção, não só de um discurso sobre identidade nacional, mas também para um discurso de classe e afirma que, nesse sentido, Townscape é transformado em um capital simbólico e cultural com o objetivo de construir a identidade de uma nova elite.

O termo *suburbia*, portanto é geralmente associado à mediocridade, repetição e

⁴¹ THOMAS, H. “Back to Subtopia” (resenha de British Townscapes) in **The Guardian**, 10 setembro 1965, p.9.

⁴² Tradução da autora: “[o Pitoresco] pode satisfazer todos os gostos. É uma arte democrática. É católica e generosa. É acessível em todas as escalas, aberta a uma infinita variedade de expressões; encoraja o amador em seu jardim e o técnico em seus planos regionais”. Hastings, H. “Exterior furnishing, or Sharawaggi: the art of making urban landscape” in **Architectural Review**, n.95, Janeiro 1944. pp. 2–8.

monotonia, ou seja, à falta de diversidade e de caráter que foi, como mencionado, um dos principais argumentos de Townscape em sua reivindicação por uma cidade mais compacta. No entanto, apesar dessa percepção, esse movimento em direção às áreas suburbanas continuou crescendo e, com o crescimento do número de automóveis, tornou-se, no fim da segunda Guerra Mundial, o estilo de vida predominante da classe média.

É importante ressaltar que esse discurso anti-subúrbio estava presente também na Carta de Atenas, documento elaborado no IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) de 1933 e que classificava o subúrbio como um “erro urbanístico”, um “paraíso ilusório” e “símbolo ao mesmo tempo de fracasso e de tentativa e que comprometia seriamente o destino da cidade e suas possibilidades de crescer conforme uma regra”⁴³. A era do maquinismo era, segundo a Carta, caracterizada pelo subúrbio, “área sem traçado definido onde são jogados todos os resíduos”⁴⁴.

Contudo, na percepção de Le Corbusier o subúrbio era um “caldo de cultura de revolta”⁴⁵ e não a “incubadora de apatias” de Cyrill Connolly ou os lugares de “conformação silenciosa” de Lewis Mumford. Segundo a Carta, quando a administração intervinha para corrigir a situação, chocava-se com obstáculos insuperáveis e com os “pobres diabos” que oscilavam nos “turbilhões de uma vida sem disciplina” e haviam se tornado uma “carga sufocante para a coletividade”⁴⁶.

Nesse documento Le Corbusier argumentava também que um ponto de equilíbrio devia ser encontrado entre o coletivo e o individual e que deveria ser decidido se expandir ou compactar a cidade e afirmava que, enquanto o padrão das cidades jardins satisfazia o indivíduo, ele perdia as vantagens de uma organização coletiva (MUMFORD, 2002, p.79).

⁴³ CURY, I. org. **Cartas Patroniais**. Brasília: Instituto do patrimônio histórico e artístico do Brasil (IPHAN). 3ª edição, 2004 p. 34-35.

⁴⁴ CURY, I. org. **Cartas Patroniais**. Brasília: Instituto do patrimônio histórico e artístico do Brasil (IPHAN). 3ª edição, 2004 p. 34-35.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Ibid.

O tema do 8º CIAM (1951 em Hoddesdon, Inglaterra) “The Heart of the City” (o coração da cidade), também refletia uma maior conscientização sobre os efeitos da suburbanização. O arquiteto catalão Josep Lluís Sert (1902-1983), um dos fundadores do CIAM, afirmou nessa ocasião que para lidar com os problemas da cidade (e da suburbanização) era preciso falar em termos cívicos e urbanos e, portanto o CIAM deveria se ocupar do centro ou do “coração” da cidade, que seria o ambiente físico consagrado a expressar o senso de comunidade (MUMFORD, 2000, p. 203-206).

Para Ian Nairn (1956, p.366) subúrbios e New Towns haviam se tornado o “principal ponto de apoio das políticas de planejamento”, um dogma associado à imagem da Cidade Jardim com áreas residenciais apropriadas para famílias e crianças. Ebenezer Howard, no entanto, havia sido sempre hostil à ideia de subúrbio e, para ele, a importância estava justamente em combinar áreas de trabalho (comerciais ou industriais) com áreas de residência a curta distância entre si, providenciando centros autossuficientes. O historiador americano Lewis Mumford em seu ensaio introdutório “The Garden City Idea and Modern Planning” (edição de 1965 de “Garden Cities of To-morrow”) lembra que Howard definia a Cidade Jardim como uma “antítese do subúrbio: não um mero refúgio rural mas uma mais integrada fundamenta para uma efetiva vida urbana (HOWARD, 1965, p.35). Assim, o movimento Cidade Jardim transformou-se em uma campanha para novas cidades cuja concretização acaba indo além do conceito original.

O êxodo para o subúrbio continuou durante o século XX causando a decadência dos centros urbanos, acentuado ainda mais pela política descentralizadora do Decreto das Novas Cidades (New Towns Act) de 1946. As principais críticas a essas cidades por parte dos teóricos de Townscape portanto não se limitavam ao baixo aproveitamento de espaço e aos baixos índices de densidade, mas dirigiam se também àquilo que era percebido como “torpor provinciano” ou falta de urbanidade.

Nos anos após a segunda Guerra Mundial, psicólogos, sociólogos, escritores e críticos continuaram pesquisando os sintomas de isolamento social dos subúrbios. Na

Inglaterra, uma das primeiras pesquisas é “Family and Kinship in East London”⁴⁷, dos sociólogos Michael Young e Peter Wilmott. Apresentada em 1957; a pesquisa descrevia como os cockneys⁴⁸ ao serem realocados para conjuntos habitacionais distantes dos centros urbanos perdiam a capacidade de viver em comunidade e investigava os efeitos das políticas habitacionais do governo trabalhista de Clement Attlee, que realocou grande parte dos habitantes do East End, a área a leste da City of London, para os novos conjuntos habitacionais do condado de Essex.

Os subúrbios pareciam se tornar cada vez mais populares também em comparação aos *tower blocks*, os edifícios de apartamentos que estavam iniciando a aparecer com a supressão das restrições à altura das construções dos anos 1950. Alan Powers (2007, p.128) descreve os anos 1960 como uma história de “ascensão e queda” e afirma que a verticalização foi, no âmbito da habitação desse país, um dos aspectos mais característicos dos anos 1960. Hoje, na Grã-Bretanha, esses edifícios são considerados, em vários aspectos, como insucessos sociais e estéticos por maioria dos historiadores do período da reconstrução⁴⁹.

2.2 A cidade do automóvel e os espaços públicos.

A ascendência do Desenho Urbano como campo acadêmico pode ser vista também como uma reação ao impacto do aumento do número de automóveis do século XX e a metodologia Townscape também reivindicava espaços públicos para pedestres que levassem a uma diminuição de automóveis na cidade. De fato, os editores da *Review*, através de vários artigos, expressavam frequentemente a preocupação de que a perda de espaços públicos, em várias escalas, iria levar à dissolução de “assembleias

⁴⁷ YOUNG, M.; WILLMOTT, P. **Family and Kinship in East London**. Harmondsworth: Penguin Books, 1957

⁴⁸ Geograficamente e culturalmente o termo ‘cockney’ refere-se à classe trabalhadora de Londres, mais especificamente do East End.

⁴⁹ A queda parcial do edifício Ronan Point, no leste de Londres, em 1968 (apenas três meses após o fim de sua construção) é um dos exemplos da baixa qualidade em construção usada em vários *tower blocks* e cuja tragédia levou a um ceticismo ainda maior da população em relação a esse tipo de habitação.

sociais informais”⁵⁰. O artigo “The Mindless Master”⁵¹ talvez seja nesse sentido uma das denúncias mais representativas. Nele Nairn discute uma das questões da segunda parte do século XX que ele considera mais crucial: a do homem *versus* suas criações. O artigo aborda principalmente a questão da proliferação do automóvel e Nairn declara: “é possível ter um número ilimitado de carros e é possível ter comunidades urbanas, mas é impossível ter ambos”. Os novos padrões de mobilidade, segundo Nairn, são ilusões que destroem aquilo que buscam desfrutar, ecoando as já mencionadas críticas ao subúrbio. O autor menciona alguns dados (comparados com os de cidades americanas) fornecidos pelo *The Architects’ Journal* sobre o número de carros, o índice de crescimento desse número, a área ocupada por estacionamento, o custo desses estacionamentos bem como o das obras de alargamento das ruas. A esses dados, Nairn acrescenta uma observação, segundo ele aceita pela maioria: nas conurbações e em volta delas, o tráfego irá obedecer a uma espécie de Lei de Parkinson e preencher todo o espaço disponível. Engarrafamentos, continuava Nairn, não são um problema que pode ser resolvido criando mais estradas. Ele também criticava as tentativas feitas pela British Road Federation de providenciar espaços para o aumento dos veículos nas cidades e que, segundo ele, iriam levar à criação de “mini Los Angeles com cada unidade do tamanho da região East Anglia”. Após analisar alguns dados, o autor continua relatando em detalhes casos de alargamentos desnecessários de ruas efetuados em Londres e outras cidades mencionando o desconforto aos pedestres causado por ruas demasiadamente largas.

Nairn sugeria que o dinheiro gasto em alargamento de ruas fosse direcionado para pesquisar tipos de veículos⁵², mecanismos de circulação de trânsito alternativos e outros dispositivos (parquímetros, etc.). Segundo ele uma abordagem *laissez-faire* seria contraproducente: a opinião pública iria, mais cedo ou mais tarde, se manifestar levando

⁵⁰ ERTEN, E. “Shaping ‘The Second Half Century’: the Architectural Review, 1947-1971”. Cambridge, 2004. Doutorado em História e Teoria da Arquitetura no Departamento de Arquitetura do Massachusetts Institute of Technology (MIT) p.100

⁵¹ NAIRN, I. “The Mindless Master” in **Architectural Review**. Abril 1960, p.229-231.

⁵² A esse respeito a imaginação de Nairn parece preceder a visão do grupo Archigram, fundado em 1961, entrando definitivamente no espírito dos anos 1960, com sugestões para ornitópteros melhorados, carros desdobráveis, carros-bolha do tamanho de um homem e outros.

inevitavelmente a grandes programas de obras inúteis, portanto ele considerava necessário direcionar a opinião pública para programas alternativos de menor escala.

Sempre no contexto britânico, em 1960 Ernest Marples, Ministro do Transporte do governo Macmillan, havia prometido melhorar o sistema viário e aliviar a congestão nas cidades encarregando o urbanista Colin Buchanan (1907-2001) para a elaboração de um relatório que se tornou conhecido como “Traffic in Towns”. Publicado em 1963⁵³ “Traffic in Towns” providenciava um conjunto de normas para lidar com os efeitos do aumento do trânsito nos centros urbanos e que causaram numerosas mudanças na paisagem das cidades britânicas. Embora o relatório lançasse sérias advertências em relação ao cada vez maior número de automóveis, também reconhecia que, em uma democracia, impor restrições à população poderia ser difícil e arriscado. Como observa Simon Sadler (2005, p.80), a premissa de que a mobilidade estava relacionada com qualidade de vida e democracia era compartilhada na época por engenheiros de tráfego, pelo próprio Buchanan e por grupos como o Archigram o qual tentava integrar mobilidade à arquitetura. Segundo Sadler, nenhuma tentativa estava sendo feita para diminuir o “consumo de movimento” mas o contrário. O imperativo “democrático” do consumo representava uma espécie de compensação para os racionamentos do imediato pós-guerra, quando o povo britânico era aconselhado a evitar “viagens desnecessárias”.

Naturalmente alguns padrões de segurança, poluição (incluindo a acústica e a visual) deviam ser alcançados, entretanto uma cidade financeiramente viável, segundo Buchanan, devia ser reconstruída tendo em mente o trânsito moderno.

“Traffic in Towns” recomendava também o uso seletivo de anéis pequenos ou médios para aliviar a congestão nos centros, mas rejeitava o excessivo uso de *ringroads* ou estradas de circunvalação em volta de grandes cidades. Essa rejeição era compartilhada por Ian Nairn que, em “Britain’s Changing Towns”, observava:

⁵³ O relatório técnico foi tão procurado pelo público em geral que a editora Penguin lançou, em 1963 e 1964, uma versão adaptada.

Ring Roads are powerful instruments for good or ill, and what they can do in architectural and social terms is, I am sure, quite unappreciated by those who draw them so blithely on a map purely as a means for relieving traffic congestion. (NAIRN, 1967, p.10)⁵⁴

Apesar de ter gerado numerosas polêmicas, o relatório foi aceito pelo Comitê Parlamentar para o Transporte e acabou se tornando uma espécie de manual que introduzia uma série de propostas e inovações que se tornaram comuns nas paisagens urbanas britânicas. Essas propostas incluíam os *pedestrian precincts*, a transformação de algumas áreas de maneira a criar ruas ou pequenos centros comerciais exclusivos para pedestres com áreas de estacionamento próximas, bem como restrições ao trânsito através de ruas de mão única ou construção de viadutos e segregação de carros e pedestres através de barreiras e obstáculos claramente definidos.

A *Review*, a qual via no livro “Traffic in Towns” afinidades com o ideário Townscape e uma clara prioridade para as necessidades do pedestre, também aplaudiu o relatório com o ensaio “The Environmental Street”⁵⁵, reivindicando ao mesmo tempo políticas de transporte que valorizassem, além do carro e das ferrovias, também os canais e o transporte aéreo. Parece que, no entanto, esse aspecto do relatório Buchanan não era um consenso entre os membros do comitê editorial da *Review*. Nairn, por exemplo, em “Britain’s Changing Towns” (1967) demonstra não acreditar em uma segregação forçada dos pedestres, mas na valorização de escolha e espontaneidade.

“Outrage” fecha com um resumo e um manifesto destinado ao leigo: Nairn organiza uma lista que envolve questões como: 1) se a cidade havia se rendido ao transporte veicular com um trânsito mais pesado e mais rápido; 2) se o centro da cidade havia se tornado um estacionamento; 3) se o habitante poderia ou não ir ao trabalho a pé em caso de greve dos transportes públicos; 4) se edifícios históricos haviam sido

⁵⁴ Tradução da autora: “Anéis viários são instrumentos poderosos para o bem ou para o mal e o que eles podem fazer em termos arquitetônicos e sociais é, estou certo, pouco apreciado por aqueles que os desenham tão alegremente em um mapa apenas como um meio de aliviar a congestão do trânsito”.

⁵⁵ THE EDITORS, “The Environmental Street” in **Architectural Review**, abril 1964, vol. 135, pp.319-320.

preservados adequadamente; 5) se as árvores estavam sendo respeitadas e cuidadas e 6) se o sistema de fiação estava tomando um lugar importante ou não na paisagem.

Embora a questão da participação não tenha sido um dos aspectos mais centrais do ideário Townscape, o discurso de Ian Nairn nas duas edições especiais da *Review* enfatizava claramente a noção de cidadania, incitando o cidadão inglês a tomar iniciativas para a salvaguarda da paisagem inglesa, e esta é a essência do movimento Townscape. Nairn estimula o cidadão leigo a agir contra a expansão da subtopia encorajando-o a opor-se às imposições do “tirânico urbanista” e valorizando a relação dos indivíduos a “lugares” através de um estratégico plano político para o cidadão comum.

Após a publicação da edição especial, “Outrage” em 1955, a *Review* implantou um “Counter-Attack Bureau” o qual consistia em uma espécie de força-tarefa ou, usando as palavras dos editores da revista londrina, um “serviço de vigilância e orientação do bom caráter visual da Inglaterra”, e lidava com as dúvidas de arquitetos, urbanistas e cidadãos comuns. A implementação desse “Counter-Attack Bureau” significou, na opinião da autora, um claro apoio à participação e ao envolvimento da comunidade em questões de Desenho Urbano o que se tornou prática padrão em muitos países a partir dos anos 1970.

De acordo com Ali Madanipour (2003, p.1-2) ao monitorar a maior parte dos assentamentos pode-se observar como eles são geralmente estruturados por uma separação de espaços públicos e privados sendo uma das características definidoras destes assentamentos a maneira como uma sociedade divide seus espaços em esferas públicas e privadas e como essa divisão controla o movimento das pessoas de um lugar para outro e seu acesso a lugares e atividades.

Em toda a história das cidades a distinção entre público e privado tem sido um princípio organizador chave, dando forma ao espaço físico das cidades e à vida social de seus habitantes e sugerindo que existe um vínculo direto entre essa distinção e a maneira com a qual os seres humanos se relacionam um com o outro em ambientes de sociabilidade. Esta divisão portanto, continua Madanipour, afetaria o estado mental das

peças, regulando seu comportamento e impondo uma duradoura estrutura nas sociedades humanas e nos espaços que estas habitam.

Na teoria e história do urbanismo pode-se apontar para um paradigma da *enclosure*⁵⁶ o qual explica como espaços urbanos parcialmente inclusos e resultantes da justaposição de edifícios, ao gerar a sensação e a percepção de proteção, conforto e abrigo estariam também desempenhando um ambiente propício à sociabilidade.

Ao explorar as reações emocionais provocadas por espaços urbanos delimitados e a sensação de identificação que poderia ser obtida através de uma harmoniosa composição dos elementos urbanos, Gordon Cullen apontava, em contraste com a doutrina vigente, para a necessidade de uma clara demarcação do espaço público e privado.

Já em “A Construção da Cidade segundo seus Princípios Artísticos” (publicado pela primeira vez em 1889⁵⁷), o austríaco Camillo Sitte denunciava a vastidão desorientadora dos novos espaços gerados em Viena com a construção da nova Ringstrasse e a tendência dos edifícios de “flutuar” nos amplos espaços bem como a prioridade do movimento rápido. Para Sitte, a “enclosure” era a condição essencial da urbanidade (SITTE, 1992, p.47). Ele rejeitava o conceito de edifícios como objetos esculturais e independentes e defendia que o principal valor estético de um edifício era a maneira com a qual sua fachada definia o espaço e como a fachada era vista de dentro deste espaço:

A rua ideal deve formar um todo fechado! Nela, quanto mais limitadas forem as impressões, mais o quadro será perfeito. Sentimo-nos à vontade em um espaço onde o olhar não pode perder-se ao infinito. (SITTE, 1992, p.186).

Os projetos que o barão Hausmann operou em Paris nos anos 1850 e 1860 e as mudanças na fisionomia urbana que acompanham as operações edilícias deste período consagram a tendência dos “objetos arquitetônicos independentes”, mas ao mesmo tempo geram fortes reações. Baseando-se em um grande número de exemplos de praças

⁵⁶ Em inglês, o substantivo “enclosure” (do latim *claustrum*) pode ser traduzido como delimitação, recinto ou fechamento e o verbo “to enclose” como abranger, encerrar, incluir, envolver ou cercar.

⁵⁷ A primeira tradução do livro de Sitte para o inglês data de 1945, com a edição norteamericana logo apenas alguns anos antes do início do debate Townscape.

de cidades europeias, Sitte demonstrava que as praças mais usadas eram em parte cercadas, mas também abertas umas para as outras concluindo que um dos principais requisitos para o sucesso de praças públicas era justamente seu caráter incluso, o qual oferecia vistas fechadas de qualquer ponto dentro delas. Para Sitte o centro destes espaços deveria ser deixado livre e deveria existir uma forte relação entre o espaço público e os edifícios em sua volta. Sitte afirmava que os verdadeiros “princípios artísticos” do Desenho Urbano eram encontrados nas vielas estreitas e especialmente nas numerosas pequenas praças da velha cidade. Esses espaços irregulares, mas cuidadosamente formados, segundo o autor austríaco, humanizavam a cidade e providenciavam um ambiente mais adequado para o desenrolar das atividades humanas que os espaços abertos e em constante movimento da *ringstrasse* não permitiam. A rua e as praças ideais deviam formar, para ele, uma unidade completamente cercada⁵⁸ (SITTE, 1992, p.96). A obra de Sitte em geral, e especificamente sua reflexão sobre a *enclosure* encontrou ressonâncias, mais tarde, na obra de Raymond Unwin (1863 –1940), um dos integrantes e defensores do movimento Cidade Jardim britânico. Em “Town Planning in Practice”, publicado pela primeira vez em 1909, de fato, Unwin faz diversas observações sobre essa questão e afirma:

A place, then, in the sense in which we wish to use the word, should be an enclosed space. The sense of enclosure is essential to the idea; not the complete enclosure of a continuous ring of buildings, like a quadrangle, for example; but a general sense of enclosure resulting from a fairly continuous frame of buildings [...].⁵⁹ (UNWIN, 1994, p.197).

Após projetar, junto a Barry Parker, Letchworth, a primeira Cidade Jardim britânica, Unwin foi contratado para projetar o subúrbio de Hampstead para o qual ele buscou providenciar, em contraste com os subúrbios convencionais da época, um

⁵⁸ O terceiro capítulo de “A Construção das Cidades” de fato, é dedicado à questão das praças públicas e nele Sitte reivindica que edifícios públicos não sejam tratados como monumentos independentes e isolados e que as praças sejam entidades fechadas.

⁵⁹ Tradução da autora: “Um lugar, então, no sentido em que queremos usar essa palavra, deveria ser um espaço incluso. O senso de fechamento é essencial à ideia; não a completa clausura de um anel contínuo de edifícios, como um quadrado, por exemplo; mas um senso geral de clausura resultante de uma moldura de edifícios razoavelmente contínua [...]”.

centro, limites bem definidos e densidade suficiente alta para manter um senso de fechamento. Hampstead passa assim a representar o subúrbio ideal projetado dentro do paradigma do fechamento.

Se para muitos historiadores de arquitetura, Sitte é apresentado como um interlúdio, uma anomalia ou, segundo Giedion, um “fato transitório”⁶⁰, este julgamento parece ser desmentido pela revalorização dos princípios sittianos que ocorreu quase meio século depois. Nesse âmbito, a tradução de “Der Städtebau nach seinen Künstlerische Grundsätzen” para o inglês, na década de 1960, assume um papel fundamental transformando esse estudo urbanístico em um símbolo de “retorno à cidade” e, ao mesmo tempo, sustentando uma nova corrente da arquitetura e urbanismo contemporâneos⁶¹.

O novo espaço urbano concebido pelo Modernismo deveria fluir livremente em volta de edifícios em vez de ser incluso e contido por eles e Le Corbusier, de fato, afirmava que “nossos corações haviam sido sempre oprimidos pela constrição de muros fechados” (apud BROADBENT, 1990, p.129). Seu projeto para a cidade francesa de St. Dié⁶², cujo centro cívico consistia em uma plataforma aberta com edifícios isolados, levou Sigfried Gideon a elogiar o projeto como “uma mais dinâmica concepção de espaço do que o tradicional espaço urbano incluso” (GIEDION apud MUMFORD, 2002, p.152).

⁶⁰ Giedion, S.(1984) **Spazio, Tempo ed Architettura, lo sviluppo di una nuova tradizione. Milao:** Hoepli, 2^{nda} edição pág.18-19. Giedion separa “fatos “constituintes” de “fatos transitórios”: Giedion define os primeiros como “tendência esporádica que aparece com todo o brilho e éclat de um fogo de artifício mas que não tem grande durabilidade” como por exemplo o advento da produção em massa da indústria do século XIX, entre os “fatos constituintes” estão a arte oficial da mesma época. Giedion escrevia em 1941 quando Sitte era, de fato, considerado bastante “fora de moda”.

⁶¹ Collins, Christiane Crasemann entrevistada por Adalberto da Silva Retto Júnior. Disponível em:< <http://www.vitruvius.com.br/entrevista/collins/collins.asp>>. Acessado: 03 outubro 2012.

⁶² O projeto, nunca realizado, foi exibido pela primeira vez no Rockefeller Center em Nova Iorque em 1945.

Imagem acima: Projeto para a cidade francesa de St. Dié (Le Corbusier)

Fonte: Fondation Le Corbusier. URL: <<http://www.fondationlecorbusier.fr>>

O Modernismo portanto havia introduzido um novo conceito de espaço. Ao mesmo tempo o automóvel tomou conta do espaço urbano mudando a relação entre seres humanos e edifícios, entre edifícios e espaços abertos e entre massa e vazio, suprimindo espaços públicos inclusos como ruas e praças. Isso deu lugar a vastos espaços abertos e à flexibilidade de localização para edifícios altos, subordinando o vazio à massa e enfraquecendo os espaços de sociabilidade. As descobertas científicas, o desenvolvimento tecnológico, a urbanização e globalização transformaram a velocidade e a escala dos eventos e consequentemente a natureza das cidades e as relações entre público e privado. A cidade moderna passa então por um processo de dispersão espacial e temporal, criando redes não convergentes em completo contraste com o papel nodal coesivo desempenhado pelos espaços públicos do passado. As cidades, crescendo de tamanho, espalharam-se e fragmentaram-se ao longo de linhas sociais e funcionais. Esta perda da distinção entre público e privado ocorreu paralelamente ao surgimento das ideologias radicais que na época preconizavam a abolição da propriedade privada. Neste “novo mundo”, as velhas distinções não faziam mais

sentido e o novo espaço que estava sendo criado foi tomado pelo automóvel e pela monumentalidade dos edifícios (MADANIPOUR, 2003, p.237-238).

De acordo com o arquiteto e urbanista francês Bernard Huet (HUET, 1986-87, p.83), o modelo de cidade de Le Corbusier preconizado na Carta de Atenas seria: “homogêneo, isótropo e fragmentado, desprovido de direção; isento de qualquer valor cultural simbólico ou histórico” e “lugar ideal para a aplicação da repetição industrial de elementos isolados iguais uns aos outros, como também lugar de fracionamento indiferenciado, da separação funcional e da segregação, ilustrada pela técnica do zoneamento”.

Bernard Huet havia tecido várias críticas ao modelo proposto pela Carta de Atenas onde, a seu ver, os elementos urbanos tradicionais (ruas, praças, quadras, etc.) eram suprimidos destruindo assim qualquer possibilidade de identificação e reconhecimento por parte de seus habitantes.

Huet esteve presente no Seminário Internacional Centro XXI⁶³, realizado na cidade de São Paulo em outubro de 1995 durante o qual, de acordo com Sérgio Luís Abrahão (2008, p.43), o termo “espaço público” para designar a rua, a praça e o parque, ganhou uso comum. Neste seminário, Huet chamava a atenção para o fato de que a cidade democrática, civilizadora, o lugar de trocas e de sociabilidade, de tolerância e solidariedade estava ameaçada pelo desfazimento de sua forma (ABRAHÃO, 2008, p.52).

Dentro da mesma sessão, participa o arquiteto David Gosling, colaborador de Gordon Cullen, teórico do movimento Townscape, e que nos anos 1970 havia ajudado a disseminar suas teorias na Universidade de Brasília e cuja atuação será explorada no capítulo referente ao Brasil. Gosling, neste seminário, define o espaço público como o espaço do engajamento cívico, o lugar onde se trocam ideias e se abrem debates e demonstra-se preocupado com a extinção desse tipo de espaço e com a natureza

⁶³ HUET, B. “Espaços públicos, espaços residuais” in **Os centros das metrópoles: reflexão e propostas para a cidade democrática do século XXI**. São Paulo: Associação Viva o Centro, 2001, pp.147-151.

exclusiva e segregadora dos espaços de uso coletivo fechados e privados (ABRAHÃO, 2008, p.52-59).

Os resultados do X Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) de Dubrovnik, em 1956, no entanto, apontavam para uma transformação importante: ao contrário do que os arquitetos modernos acreditavam, a rua precisava receber mais atenção.

As teorias de Peter e Alison Smithson, a nova geração do CIAM, para reconstituir o tecido da cidade, já continha uma crítica às ideias da velha geração cujos valores ainda dominavam os debates de tais congressos. Em seu projeto para a unidade de habitação Golden Lane (1953), em Londres, os Smithsons olhavam de fato para além do projeto de um edifício isolado e para a cidade como um todo (BULLOCK, 2002, p.120). Assim, a noção de espaço entre os edifícios era importante para os Smithsons. O edifício do periódico *Economist* em Londres projetado pelos Smithsons em 1959, e construído em 1964 também valorizava os espaços criados pela composição de edifícios. O edifício de fato consistia em um agrupamento (*cluster*) de construções formando um espaço (público) e não surpreende que tenha sido considerado uma “notável obra de Townscape” por Gordon Cullen o qual admirava a interação entre o agrupamento e sua *enclosure*, seus vislumbres (*glimpses*) pitorescos e sua relação com os edifícios já existentes no entorno (LARKHAM; ERTEN, 2014, p. 211).

Imagem ao lado: visão parcial do espaço público criado pelos Smithsons para o Economist Building (1964). Fonte: <http://www.building.co.uk/century-in-a-nutshell/3085681.article>

Foi necessário, nas palavras de Huet, uma “volta ao realismo para que reaparecesse uma legítima preocupação pela forma da cidade”, para a salvaguarda, a restauração e a reagregação dos tecidos urbanos” (HUET, 1986-87, p.85).

As fotografias de crianças brincando na rua do fotógrafo Nigel Henderson que acompanhavam a apresentação de Golden Lane no IX CIAM de Aix-en-Provence, França de 1953, declaravam que as ruas eram um elemento chave e uma plataforma de coesão social.

Imagem ao lado: Nigel Henderson.
<http://www.mixite.es/alison-smithson-un-acostament-particular-a-la-realitat-urbana/>

O segundo pós-guerra portanto trouxe um retorno das noções históricas do espaço público e a criação de espaços inclusos tornou-se requisito no Desenho Urbano. Espaços públicos tornaram-se um meio para facilitar a navegação da cidade e o desenvolvimento do indivíduo, como afirmava Kevin Lynch em “A Imagem da Cidade” (1960) e Jane Jacobs, em “Death and Life of Great American Cities”⁶⁴ (1961), defendia a necessidade de criar espaços públicos animados. Em contraste com as práticas urbanísticas prevalentes durante o segundo pós-guerra, Jacobs mantinha que uma clara demarcação entre o que era público e o que era privado se fazia necessária: “[...] public and private space cannot ooze into each other as they do typically in suburban settings or in projects”⁶⁵ (JACOBS, 1961, p.35). Em seu livro a autora sugeria

⁶⁴ Publicado no Brasil em 2000 com o título: “Morte e Vida de Grandes Cidades” pela editora Martin Fontes.

⁶⁵ Tradução da autora: “[...] espaços públicos e privados não podem infiltrar um no outro como acontece em ambientes típicos suburbanos ou em projetos”.

também uma nova maneira de olhar para a relação entre o ambiente físico e o crime e apontava para as práticas urbanísticas dos anos 1950, como por exemplo as grandes “urban renewals”. É conhecida sua forte oposição às intervenções urbanas do urbanista Robert Moses as quais introduziram vias expressas e viadutos que devastaram vizinhanças tradicionais da cidade e Nova Iorque. Jacobs afirmava que antigas estruturas como, por exemplo, janelas à altura da estrada, alpendres ou escadas externas (stoops), providenciavam mecanismos de segurança que poderiam ser úteis para a comunidade e cuja remoção iria enfraquecer a interação social e o senso de segurança percebido pelos habitantes. O desejo de tornar a cidade legível e aliviar o medo levou portanto a uma tentativa de restaurar a função social e simbólica da rua e outros espaços públicos.

Em “Community and privacy: toward a new architecture of humanism” (1963), Serge Chermayeff e Christopher Alexander também lamentavam o declínio do espaço público e afirmavam:

The time may come soon when planners, designers, developers, and others will recognize and act on the simple notion that the spaces between buildings are as important to the life of urban man as the buildings themselves”⁶⁶ (CHERMAYEFF; ALEXANDER, 1963, p.66).

Alexander e Chermayeff sugerem um modelo no qual as esferas privadas e públicas são unidades independentes que funcionam separadamente e que precisam ser conectadas às suas contrapartes através de esferas semipúblicas e semiprivadas. Neste modelo as esferas públicas e privadas são isoladas com uma barreira e a passagem entre duas esferas subsequentes é possível através de pontos de passagem. Esse modelo que podia ser usado em várias escalas, de residências a cidades, resultava em uma anatomia de cidade construída de numerosas hierarquias de esferas claramente articuladas que permitiam responder a vários níveis de vida social. Definir o *status* do espaço, a clareza de caráter de privado ou semiprivado, semipúblico e público ajudaria, de

⁶⁶ Tradução da autora: “A hora pode chegar logo em que planejadores, designers, construtores e outros irão reconhecer e agir segundo a simples noção de que espaços entre edifícios são tão importantes para a vida do homem na cidade quanto os próprios edifícios”.

acordo com os autores, a estabelecer a normas de usabilidade e a ajudar pessoas a reconhecer para quem o espaço foi concebido, quem é responsável por ele e quem o controla.

Mesmo gerações após a obra de Jane Jacobs (1961) e a de Chermayeff e Alexander (1963), a crescente onda de medo e privatização continua inspirando os esforços de profissionais de Desenho Urbano que tentam atenuar sentimentos de medo através do *design*.

A esse respeito, o arquiteto Oscar Newman, nos anos 1970, desenvolveu a teoria dos espaços defensíveis (defensible space theory) a qual, embora tenha sido também alvo de numerosas críticas e sujeita a muitas alterações, tornou-se muito popular durante os anos 1980. Como definida em seu “Defensible Space: Crime Prevention Through Urban Design” (1972) a teoria do espaço defensível descreve um ambiente residencial (mas a teoria pode ser aplicada a outros tipos de áreas) cujas características físicas permitem que os próprios habitantes se tornem agentes chave na manutenção de sua segurança. Sua teoria afirma que uma área se torna segura quando seus habitantes desenvolvem um senso de pertencimento e responsabilidade pela comunidade onde vivem. Se um intruso percebe uma comunidade vigilante e coesa, segundo essa teoria, ele se sente menos confiante ao cometer o crime. Segundo a teoria de Newman, residências deveriam ser agrupadas de maneira a garantir aos membros benefícios mútuos. Para deter o crime, espaços externos deveriam ser justapostos a residências e espaços internos deveriam providenciar a possibilidade de vigiar, visualmente, as áreas externas. Esta “vigilância natural” consiste em aumentar a percepção de que pessoas podem ser vistas e isso pode ser alcançado projetando a implantação de elementos físicos (como janelas voltadas para as calçadas, iluminação etc.) e atividades de maneira a aumentar a visibilidade e ao mesmo tempo encorajar a interação social. Isso incluiria também encorajar o trânsito de pedestres e bicicletas.

Imagem acima: Os *stoops* comuns na costa leste dos Estados Unidos são uma característica importada pelos imigrantes holandeses que as usavam para se defender das inundações. *Stoops* e varandas criam o tipo de espaço descrito por Jane Jacobs, a partir do qual os moradores podem ter acesso visual ao resto do quarteirão, cumprimentar o vizinho e vigiar as crianças.

Oscar Newman refere-se a esse tipo de recurso como uma "fronteira simbólica" que ressaltava a privacidade da residência mas ao mesmo tempo mantinha uma forte ligação visual e funcional para a rua. A visibilidade proporcionada por esse espaço de transição entre público e privado criaria uma vigilância natural tanto da rua como da entrada do edifício. Fonte: <http://collections.mcny.org>

Durante os anos 1970, o geógrafo inglês Jay Appleton em seu livro “The Experience of Landscape” (1975) afirmava que as nossas reações estéticas à percepção da paisagem eram em parte inatas e poderiam ser explicadas sob duas perspectivas: em primeiro lugar ele desenvolve a “teoria do habitat” a qual discute a relação possível das sensações de prazer derivadas da experiência da paisagem com as condições ambientais que são favoráveis à sobrevivência biológica; em segundo lugar a teoria “prospect-refuge” a qual sugeria que gosto em arte seria uma preferência adquirida por métodos específicos para satisfazer desejos inatos. Esses dois desejos seriam “prospect” (oportunidade) e “refuge” (segurança, abrigo). Esse tipo de ambiente, ao prover a capacidade de “ver sem ser visto” providenciaria, de acordo com Appleton, uma sensação de bem-estar e controle:

Habitat theory postulates that aesthetic pleasure in landscape derives from the observer experiencing an environment favourable to the satisfaction of his biological needs. Prospect-refuge theory postulates that because the ability to see without being seen is an intermediate step in the satisfaction of many of those needs, the capacity of an environment to ensure the achievement of this becomes a more immediate source of aesthetic pleasure⁶⁷

⁶⁷ Tradução da autora: “A teoria do *habitat* postula que o prazer estético na paisagem provem do observador quando esse engaja-se em um ambiente favorável à satisfação das necessidades biológicas.

Nesse livro Appleton, ao transferir suas teorias para o âmbito da arquitetura e do Desenho Urbano, citava Cullen e suas noção de enclave em referência à necessidade psicológica de segurança que segundo Appleton poderia ser alcançada equipando o ambiente construído com oportunidades para ver sem ser visto.

No âmbito da circulação de princípios de Desenho Urbano, em 1978, três anos após a publicação do livro de Appleton, o crítico de arte e literatura Ronald Paulson organizou um simpósio na universidade de Yale ao qual participaram aproximadamente quarenta historiadores, críticos literários e filósofos de todos os Estados Unidos especialmente para discutir essa teoria. Esse fato contribuiu para promover essa teoria em várias disciplinas e de torná-la conhecida nos Estados Unidos.

Appleton afirma que, em uma paisagem específica, podem ser identificadas preferências por determinadas áreas que se encontram na interface entre áreas predominantemente de vista e áreas predominantemente de refúgio. Estas áreas combinariam a possibilidade de esconderijo e/ou retiro para um lugar seguro. Portanto, segundo essa teoria, uma paisagem não arborizada seria visualmente menos atrativa de um *habitat* com árvores isoladas que poderiam providenciar oportunidade para esconderijo e fuga de potenciais predadores. Paisagens que permitem uma visão clara e que ao mesmo tempo oferecem possibilidades de refúgio são as consideradas desejáveis.

Em outras palavras, a paisagem representaria um território de sobrevivência, espaço de segurança e abrigo, resquício de uma condição humana ainda muito biológica⁶⁸. Appleton desenvolve a partir disso uma linguagem simbólica na qual a presença de perspectivas distantes e lugares de refúgio em uma paisagem indicaria uma sensação de bem estar e controle do ambiente. O princípio dessa teoria é que nossa necessidade psicológica de segurança, em seu sentido mais básico, pode ser expressa pela habilidade de ver sem ser visto, e que esse instinto primordial foi sublimado a uma resposta estética (WHISTLER; REED, 1994).

A teoria *prospect-refuge* postula que devido a habilidade de ver sem ser visto e um passo intermediário na satisfação de muitas dessas necessidades, a capacidade de um ambiente de providenciar isso torna-se uma fonte imediata de prazer estético”.

⁶⁸ ANDRESEN, T. **Para a crítica da paisagem**. Universidade Aveiro, Tese de doutoramento. 1992.

A noção de espaços delimitados foi retomada, durante o segundo pós-guerra, também pelo movimento Townscape segundo o qual a paisagem urbana ideal consistia em uma série de espaços cercados, densos e intrincados.

Em reação aos “objetos arquitetônicos” do Modernismo, os teóricos do Townscape, enfatizavam a relação entre edifícios e seu entorno encorajando arquitetos a erigir edifícios em volta de espaços públicos em vez de inseri-los em seu centro. Em espaços urbanos tradicionais, de fato, o tecido urbano é relativamente denso e edifícios são normalmente construídos um ao lado do outro e alinhados à rua. São as fachadas portanto que providenciam os “muros” do espaço aberto enquanto os edifícios independentes característicos do Modernismo tornam-se “objetos no espaço”.

O problema fundamental desta visão era a multiplicação de “objetos” e a negligência em relação a “tecidos” e, como consequência da proliferação de objetos, o espaço público transformou-se de tipos espaciais definidos (ruas e praças) em um tipo de espaço mais amorfo, normalmente de caráter residual e acidental (MEISS apud CARMONA, 2010, p.85).

Não coincidentemente a expressão “Space Left Over After Planning” (SLOAP), ou seja, espaço que sobra após o planejamento, aparece nessa época na *Review* para definir este tipo de espaço residual e o termo é ainda hoje usado por arquitetos⁶⁹.

Em 1955, Ian Nairn afirmava em “Outrage” (1955):

If what is called development is allowed to multiply at the present rate, then by the end of the century Great Britain will consist of isolated oases of preserved monuments in a desert of wire, concrete roads, cosy plots and bungalows⁷⁰ (NAIRN, 1955, p. 365).

⁶⁹ SLOAP (Space Left Over After Planning) – Useless bits of ground left between streets and rigidly rectilinear buildings of International Modernism (which rarely followed traditional street or urban patterns). Oxford Dictionary of Architecture and Landscape Architecture. Oxford University Press, 2006, p. 720.

⁷⁰ Tradução da autora: “se permitirmos que aquilo que chamamos de progresso se multiplique na presente escala então, até o fim do século, a Grã-Bretanha irá consistir em oásis isolados de monumentos preservados em um deserto de fiação, ruas de concreto, pracinhas e bangalôs”.

A afirmação de Nairn, além de apontar claramente para o espraiamento suburbano e a diluição do caráter de cada paisagem é principalmente, na opinião da autora, uma crítica a essa negligência em relação ao traçado urbano.

Em “Town Planning”, já em 1940, Thomas Sharp comentava que edifícios deveriam ser julgados não apenas em sua relação um com o outro, mas em relação ao espaço entre eles, porque, da mesma maneira que existe uma interação pictórica entre os sólidos e os espaços vazios dos muros e das janelas nos próprios edifícios, existe uma interação entre os sólidos dos edifícios e os espaços vazios entre eles, um comentário que certamente remete às teorias Gestalt, como já mencionado, bastante conhecidas naqueles anos.

Outro defensor do Townscape, o arquiteto britânico Hugh Casson, apontava para essa questão em um discurso feito na BBC e também publicado na *New York Times Magazine* em 1958:

[...] it takes more than buildings to make a beautiful city. No building is an island, and in a city the spaces between buildings and the relationship of one building to another are just as important as the quality of each individual building⁷¹.

Em fevereiro e março de 1952 Gordon Cullen, como visto um dos principais teóricos do movimento Townscape publicava, na *Review*, dois estudos Townscape chamados respectivamente de “Cross as Focal Point” e “Common Ground” lamentando a perda de espaços públicos como resultado de um planejamento de trânsito insensível. Os editores estavam de fato preocupados que uma perda de espaços públicos levasse à dissolução das funções sociais informais de assembleia⁷².

Alguns anos depois, em 1957, a mesma revista publicava o artigo “Urbs in Rure: Urban Nuclei in the countryside”⁷³ de Selem, correspondente italiana da *Review*, o qual

⁷¹ CASSON, H. “Critique of our expanding Subtopia” in **AIA Journal**, fevereiro 1958. Tradução da autora: “São necessários mais do que edifícios para fazer uma linda cidade. Nenhum edifício é uma ilha e na cidade os espaços entre os edifícios e a relação de um edifício com outro é tão importante quanto os edifícios individuais”.

⁷² ERTEN, E. “Shaping ‘The Second Half Century’: the Architectural Review, 1947-1971”. Cambridge, 2004. Doutorado em História e Teoria da Arquitetura no Departamento de Arquitetura do Massachusetts Institute of Technology (MIT) p.

⁷³ SELEM, H. “Urbs in Rure” in **Architectural Review**, agosto 1957, vol.122, n. 727, p.91-97

investigava os resultados do concurso dos projetos INA-CASA na Itália. Hilda Selem enfatizava que esses programas de construção facilitavam uma maior percepção de integração na vida local ao envolver os habitantes e permitindo participação. De acordo com a introdução do editorial, os exemplos italianos permitiam aos habitantes superar sua desconfiança em relação ao planejamento preservando importantes elementos culturais e sociais de seus tradicionais estilos de vida. Os projetos providenciavam “semi-enclosed public spaces with a strong sense of place and character, to act as natural fora for the life of the inhabitants”, (espaços públicos semi-inclusos com um forte senso de lugar e caráter e que atuavam como fóruns naturais para a vida dos habitantes⁷⁴).

É evidente que, para Cullen, a clara demarcação dos espaços públicos e privados e a “clareza de propósito” resultantes da “arte do relacionamento” eram condições necessárias para que o ser humano pudesse se apropriar desse espaço para todas suas atividades:

O exterior não pode ser apenas um salão para expor peças individuais como se fossem quadros numa galeria. Terá de ser um meio destinado ao ser humano na sua totalidade, que o poderá reclamar para si, ocupando-o quer estaticamente, quer pelo movimento. (CULLEN, 1971, p.30)

No livro “Townscape”, publicado por Cullen em 1961⁷⁵, o enclave, ou espaço interior aberto para o exterior, permitindo acesso livre e direto entre ambos, apresenta-se como um recinto ou compartilhamento que pode ser alcançado com facilidade, embora se encontre desviado do movimento principal. O enclave representa para Cullen um local calmo e apartado da rua onde desfrutar o exterior de maneira segura (CULLEN, 1971, p.27).

O arquiteto inglês faz uma distinção importante entre *enclosure* e *closure*. Segundo ele a *enclosure* providenciava um completo “mundo privado”, voltado para o interior,

⁷⁴ ERTEN, E. “Shaping ‘The Second Half Century’: the Architectural Review, 1947-1971”. Cambridge, 2004. Doutorado em História e Teoria da Arquitetura no Departamento de Arquitetura do Massachusetts Institute of Technology (MIT) p.257-258.

⁷⁵ O livro de Cullen reunia artigos publicados na *Review* ao longo dos anos 1950 assim que as teorias Townscape já eram conhecidas, por exemplo, por Jane Jacobs. Jacobs declarou-se grande admiradora das teorias Townscape. Esse vínculo será explorado em mais detalhes ao longo dessa tese.

estático e autossuficiente. A *closure*, no entanto, envolvia uma divisão do ambiente urbano em uma série de episódios visualmente reconhecíveis e coerentes ao mesmo tempo mantendo um senso de progressão. Conclui-se a partir disto que um equilíbrio precisaria ser alcançado e que, para que isso acontecesse, era necessário considerar questões como conectividade e permeabilidade.

A noção de cidade como um local de reunião, de contato social, de ponto de encontro, foi assumida como incontroversa através da história da nossa civilização até o século XX. No entanto, escrevia Cullen, prever unicamente espaços livres de modo a que atividades possam ocorrer não é em si suficiente, mas é necessário providenciar percursos visualmente compreensíveis, produzir efeitos claros e indiscutíveis, realçando assim o fato de certas áreas serem de propriedade de todos.

Gordon Cullen então procede a uma demonstração, através de exemplos simbólicos escolhidos em Londres, de adaptações possíveis de praças para que estas pudessem assim contribuir à vida social das cidades inglesas do segundo pós-guerra. Uma praça de caráter semiprivado, como por exemplo uma praça predominantemente residencial, pode ser transformada em praça semiprivada de caráter mais aberto, retirando as grades e protegendo-a apenas por uma cuidadosa implantação de faixas vegetais ou desníveis no pavimento. A omissão de sistemas de proteção encorajaria, segundo o autor, uma “experiência a nível de desenho urbano, na procura de soluções menos acadêmicas” e evitaria causar uma “deprimente sensação de impedimento, a ideia de que “se inibiam pessoas pelos motivos errados”

O autor defende assim uma forma de urbanização que poderia levar a uma distribuição mais equitativa de privilégios, o que, em termos urbanísticos, se traduziria em praças arborizadas e destinadas apenas ao trânsito local (CULLEN, 1971, pp.100-104).

Em “The Italian Townscape”, publicado em 1963, Hugh de Cronin Hastings⁷⁶, apresenta dezenas de cidades italianas acompanhadas por estudos analíticos e retoma o tema do “uso misto”, defendido pelos teóricos do Townscape, e da “enclosure”.

⁷⁶ Hastings publicou “The Italian Townscape” sob o pseudônimo de “Ivor de Wolfe”.

Ao lado: Piazza delle Erbe,
Verona. Itália em
DE WOLFE, I. **Italian
Townscape**. Londres:
Architectural Press, 1963, p.346

O exemplo mais representativo desses dois princípios, segundo Hastings, seria Piazza delle Erbe, na cidade de Verona, que ele declara ser: “Open space used as it should be to heighten the urban congestion and so multiply social contacts”⁷⁷ (DE WOLFE, 1963, p.342).

Relevante é também o caso do *redevelopment* da comunidade de Byker (Newcastle-upon-Tyne, Inglaterra) ocorrido no fim dos anos 1960 e que representou na época uma ruptura com os conjuntos habitacionais brutalistas. A questão fundamental para este projeto era o forte desejo de preservar o caráter social desta área bem como uma clara vontade dos residentes em participar do processo de planejamento e preservar o espírito de comunidade. Em 1968 Ralph Erskine (1914 - 2005) foi nomeado arquiteto e planejador para Byker e sua visão era de que seria possível transformar o tecido físico do lugar e manter simultaneamente as tradições e as relações da comunidade com o

⁷⁷ Tradução da autora: “espaço aberto usado como deveria para avivar a congestão urbana e multiplicar contatos sociais”.

ambiente. Uma das soluções encontradas por Erskine para criar uma barreira protetora contra os barulhos do trânsito e dos fortes ventos gelados provenientes do mar do norte, foi a construção do famoso “Byker Wall” o qual também serviria para enviar uma forte mensagem de que, atrás do muro, existia um lugar a parte (PENDLEBURY et al, 2005, p.1-7). O traçado das ruas atrás desse muro estaria voltado para os espaços comuns os quais seriam equipados para facilitar o contato social dos residentes promovendo assim a “vigilância natural” sobre o conjunto habitacional e instilar um senso de pertencimento.

A propósito de Ralph Erskine, ele havia sido colega de estudos de Gordon Cullen durante os anos 1930 no Regent Street Polytechnic e este havia influenciado sua visão (COLLYMORE, ERSKINE, 1994, p.2) e talvez não seja completamente errado afirmar que o muro de Byker, ao “abraçar” (sem o fechar completamente) o conjunto habitacional providenciava também a *enclosure* necessária para a vida social da comunidade como preconizado por Townscape e que essa solução tenha sido inspirada pelos ensinamentos de Gordon Cullen.

Imagem acima: Conjunto habitacional de Byker (Ralph Erskine). Residências voltadas para áreas comuns. Fonte: <http://newcastlephotos.blogspot.com.br/2009/11/byker-wall.html>

Imagem acima: O muro idealizado por Ralph Erskine “abraça” a comunidade de Byker.
Fonte: <http://openbuildings.com/buildings/byker-wall-profile-2687>

Foi mencionado como o medo gerado pela “ilegibilidade” dos empreendimentos urbanos do segundo pós-guerra encorajava um esforço para criar paisagens “legíveis”. Uma das estratégias do Desenho Urbano do segundo pós-guerra foi portanto a de retomar o tema dos espaços urbanos inclusos ao contrário da tendência modernista de implantar edifícios isolados em espaços públicos.

Muitos profissionais do Desenho Urbano tentaram recriar as relações entre público e privado que existiam em paisagens urbanas pré-industriais se concentrando em produzir ambientes que encorajavam naturalmente as pessoas a usá-lo (ELLIN, 1999, p.172). Adrian Forty⁷⁸ aponta para certo tipo de espaço arquitetônico representativo do *welfare state*, estado de bem-estar social britânico. A característica deste tipo de espaço consistia na ausência de uma autoridade ou de um “interesse supervisor” que controlava o espaço. Este espaço, ao permitir que todos pudessem ver

⁷⁸ FORTY, A. “Being or Nothingness: Private Experience and Public Architecture in Post-War Britain” in **Architectural History**, vol. 38, p. 25-35, 1995.

e ser vistos, permitia também que todos os usuários se sentissem iguais enquanto o ocupavam.

Forty lembra que, no entanto, já existia mesmo antes da criação do Estado de Bem-estar Social, uma tradição em olhar para certos tipos de espaços arquitetônicos como conducentes a uma forma específica de experiência social. De acordo com o autor, por exemplo, o princípio segundo o qual certos espaços ou ambientes podiam permitir que todos os usuários se sentissem iguais já estava presente nas ilustrações do Subúrbio Jardim de Hampstead de Unwin em “Town Planning in Practice”.

Embora a historiografia britânica tenha dado pouca atenção a esse tema por várias razões, incluindo a dificuldade de se chegar a certezas empíricas, segundo Forty, quando esta o fez, foi exclusivamente em termos de uma “expressão de relações de poder” iniciando pela contribuição de Jeremy Bentham e a idealização do panóptico e passando por Foucault e o já mencionado “espaço defensível” de Oscar Newman o qual estava, de acordo com Forty, convencido de que controle de espaço equivalia a controle de poder. Forty defende não ser esse o único discurso relevante sobre espaço e aponta para aquele que pode ser entendido através da maneira com a qual as pessoas adquirem consciência de seus corpos como seres sociais.

A respeito da participação, na Grã-Bretanha, a medida legislativa mais duradoura em relação a participação foi o “Town and Country Planning Act” de 1968, um decreto que estabelecia o direito do cidadão de ser representado nas propostas de planejamento das autoridades locais e que obrigava essas autoridades a levar em conta essa representação. O processo foi descrito no “Report of the Committee on Public Participation in Planning”, relatório publicado com o título “People and Planning” (Pessoas e Planejamento) em 1969 e conhecido como “Skeffington Report”. Tal relatório declarava que haveria participação efetiva apenas quando o público fosse capaz de ter uma parte ativa ao longo de todo o processo de planejamento (PARRY, MOYSER, DAY, 1992, p. 29).

Como já mencionado, no conjunto habitacional de Bykers em Newcastle na Inglaterra, a questão fundamental era preservar o caráter social da área, mas também

envolver os residentes no processo de planejamento, justamente com o objetivo de preservar o espírito de comunidade.

2.3 Conservation Areas: áreas protegidas e o conflito entre o velho e o novo.

Como visto anteriormente, o Pitoresco é definido como a capacidade de reconciliar visualmente elementos aparentemente incompatíveis, resolvendo conflitos, criando novas relações mas sem com isso reduzir o caráter de determinada paisagem. Assim, um outro tema importante do ideário Townscape é o gradual alargamento do significado de conservação de edifícios de interesse histórico ou arquitetônico para abranger o conceito de conservação de grupos de edifícios.

Na Carta de Atenas a incorporação de uma visão abrangente de preservação era extremamente limitada, algo que tentou ser corrigido, principalmente pelos italianos, ao longo dos anos e que a partir da década de 1970 esse conceito mais amplo começou a ganhar apoio popular e político.

Cada país europeu buscou sua própria interpretação em relação ao tema da conservação e ao melhoramento de cidades e áreas históricas. No entanto uma iniciativa específica vinda da França pode ser considerada a catalizadora dessa tendência. Em 1959, com o objetivo de ressaltar o prestígio nacional, o então Presidente Charles de Gaulle (1959-1969) nomeou André Malraux como Ministro das Questões Culturais o qual tinha entre suas ocupações tornar as artes e o patrimônio acessíveis a um vasto público. Malraux tornou-se o responsável, em 1962, pela criação do primeiro programa sistemático de reabilitação de áreas urbanas históricas, designadas como *secteurs sauvegardés*, conhecida hoje como a Lei Malraux e que de acordo com Françoise Choay (2001, p.194) foi crucial para evitar a predominância do chamado Tabula Rasa exemplificado pelo Plan Voisin de Le Corbusier (1925) para Paris.

Na Inglaterra o conceito de conservação de áreas equivalente aos *secteurs sauvegardés* franceses, foi introduzido através do decreto “Civic Amenities” em julho de

1967⁷⁹, uma das primeiras legislações a reconhecer o valor de grupos de edifícios e a importância de conservar o caráter de inteiras áreas⁸⁰. A implementação das chamadas *Conservation Areas* implicava uma maior compreensão da experiência física de um ambiente do que o sistema anterior de tombamento de edifícios individuais.

Esse decreto previa a “proteção e o melhoramento de edifícios de interesse arquitetônico ou histórico e do caráter de áreas desse tipo de interesse”. Cada autoridade de planejamento local devia assim assumir a responsabilidade de determinar quais partes de sua área, ou no caso da Escócia distrito, seria desejável preservar ou enaltecer e essas áreas passariam a ser chamadas, em inglês, de *Conservation Areas*.

Um dos episódios importantes que levaram à adoção das *Conservation Areas* foi, entre outros, a fundação da organização Civic Trust. Estabelecida em 1957, essa organização tinha a missão de melhorar a qualidade de novos espaços, edifícios históricos e espaços públicos organizando campanhas educativas e conferências. A organização apoiava uma ampla rede de sociedades civis locais e nacionais e, em 1957, estabeleceu um sistema anual de premiação, o prestigioso Civic Trust Awards, o qual reconhecia obras de excelência em Arquitetura, Desenho Urbano e Paisagismo.

A Civic Trust foi também importante por promover a ideia de que a arquitetura moderna e a preservação histórica não eram necessariamente antagônicas e dessa maneira estimulou uma prática modernista mais sensível, uma busca por um compromisso que era, como visto, uma característica de Townscape.

Segundo o historiador britânico Gavin Stamp (in POWERS; HARWOOD, eds, 2004, p.24) Duncan Sandy, Ministro da Habitação de 1954 a 1957, ao apoiar a criação do Civic Trust e a implementação de uma legislação, havia sido inspirado pela

⁷⁹ Civic Amenities Act. Capítulo 69. Part 1. Preservation of areas and buildings of architectural or historic interest.

1.- (1) Every local planning authority shall from time to time determine which parts of their area, or in Scotland district, are of special architectural or historic interest the character or appearance of which it is desirable to preserve or enhance, and shall designate such areas (hereafter referred to as “Conservation Areas”) for the purpose of this section. 27 julho 1967.

⁸⁰ O decreto anterior, conhecido como “Town and Country Planning Act” (1947), não levava em grande consideração as qualidades do ambiente construído exceto em relação à preservação de alguns monumentos e edifícios antigos. Assim o decreto “Civic Amenities” de 1967 veio a preencher essa lacuna.

campanha contra Subtopia e portanto na campanha Townscape em geral. Christopher Hurst (1997, p.217) sugere que Sandys, que era afiliado ao partido Conservador (e genro de Winston Churchill), tenha se aproveitado do fato de que maioria dos “ultrajes” expostos pela *Review* haviam sido produzidos por municipalidades comandadas pelo Partido Trabalhista.

O Civic Trust cessou operações em abril de 2009⁸¹. Parece muito relevante a afirmação, em ocasião do anúncio do fim do Civic Trust, de um porta voz:

The Trust captured the mood of the nation [when it was founded in 1957] when quality of life, improving and caring for places where people live and work won political and popular support⁸².

O trabalho do especialista em preservação histórica, Roy Worksett foi crucial na elaboração do Civic Amenities Act. Como principal consultor desse decreto, Worksett citava uma das publicações mais influentes da época no âmbito do Desenho Urbano, o livro “Townscape” de Gordon Cullen publicado seis anos antes. Nesse trabalho Worksett também aplicou frequentemente as técnicas analíticas desenvolvidas por Cullen e em 1969 ele publicou o livro “The Character of Towns”, o qual, apesar de muitas críticas e inconsistências, muitas das quais foram retificadas posteriormente, contribuiu para a formação de uma nova geração de profissionais da área de planejamento urbano e preservação histórica.⁸³

A busca por um equilíbrio entre velho e novo foi um dos pontos de contato entre o movimento Townscape e os jovens críticos da vanguarda britânica como Alison

⁸¹ Na verdade a “umbrella organization” (organização-cúpula) se desfez devido a uma crise de crédito mas o sistema de premiações permanece como esquema independente que opera como organização sem fins lucrativos sob a denominação de “community interest company”.

⁸² Tradução da autora: “[quando foi criado em 1957] o Trust capturou a atmosfera da nação quando qualidade de vida, melhorar e cuidar dos lugares onde pessoas moram e trabalham ganhava apoio político e popular”. WALTE, R. “Shock as Civic Trust folds” in **The Architects’ Journal**, 20 abril 2009. Acesso: <<http://www.architectsjournal.co.uk/shock-as-civic-trust-folds/5200612.article>>. Acessado: 19.10.2009.

⁸³ Smith, C. “Conservation areas: early history and urban design versus significance” in **Conservation Bulletin: a bulletin of the historic environment**. Edição 62, 2009. Acesso:< https://www.english-heritage.org.uk/publications/conservation-bulletin-62/Con_Bull_62_pp1-12.pdf >. Acessado: 12.10.2014.

e Peter Smithson os quais defendiam o princípio de “associação humana”⁸⁴ que eles representavam mapeando as camadas interligadas da experiência urbana: da casa à rua ao distrito à cidade, tratava-se na verdade de uma crítica ao zoneamento o qual, segundo os dois arquitetos causava o surgimento de cidades desprovidas de senso comunitário. Essa aliança entre defensores da preservação e a vanguarda se desenvolveu principalmente em 1962 durante o caso da demolição do Euston Arch⁸⁵, símbolo das ferrovias da era vitoriana e a intensa campanha que essa demolição desencadeou. A aliança se consolidou de maneira mais evidente em 1968 em ocasião do lançamento do livro “Euston Arch” dos Smithsons com uma introdução de Nikolaus Pevsner o qual celebrava essa “gratificante mudança”⁸⁶. Para os fins dessa tese serão omitidos muitos dos numerosos arquitetos, historiadores, associações e personagens políticos envolvidos nessa campanha no entanto é relevante considerar o caso da demolição do Euston Arch como o catalizador das mudanças que levaram alguns anos mais tarde ao decreto Civic Amenities.

Para o historiador Alan Powers (2004), a história do movimento para a preservação histórica é normalmente considerada como fruto do progresso paralelo de associações voluntárias, iniciativas legislativas e administrativas e pressão da imprensa⁸⁷ e a propósito desse último são relevantes alguns vínculos entre as publicações citadas acima. O livro de Worksett “Character of Towns” foi publicado pela editora Architectural Press, justamente a companhia que fundou a *Architectural Review* (mensal). A Architectural Press foi estabelecida em 1894 em Londres e o primeiro lançamento do grupo foi o *The Builders’ Journal* em 1895, um hebdomadário que, após várias mudanças de nome, passou a se chamar *The Architects’ Journal*. O *Architects’ Journal*, se encarregou de descrever, expandir e contextualizar o conteúdo do “Civic Amenities Act” (o qual

⁸⁴ A explicação desse princípio orientador está no trabalho dos Smithsons “Urban re-identification” apresentado durante o 9º Congresso CIAM de 1953 em Aix-en-Provence na França e publicado em: SMITHSON, A.; SMITHSON, P. The Built World: Urban Re-identification. **Architectural Design**, n.6, Junho 1955, p.185-188.

⁸⁵ O Euston Arch, construído em 1837 era na verdade um propileu de 21 metros de altura e a entrada original da estação ferroviária de Euston.

⁸⁶ Op cit p. 10.

⁸⁷ POWERS, A. “Conservation: the heroic period” in HARDWOOD e POWERS eds **The Heroic Period of Conservation**. Londres: Twentieth Century Society. 2004. p. 9.

consistia originalmente em uma circular) através de uma edição especial. Assim é clara a rede de divulgação conectada aos teóricos de 'Townscape, que não apenas inspiraram e apoiaram a criação do Civic Trust mas também se organizaram e trabalharam no sentido de influenciar a elaboração da legislação para a conservação de áreas.

Além da campanha contra a demolição do Euston Arch, outra campanha importante no âmbito do movimento preservacionista foi aquela contra a regeneração da área ao redor do mercado de Covent Garden em Londres em 1965. Esse episódio marca o uso da preservação do patrimônio não tanto por motivos estéticos ou históricos quanto por motivos políticos já que, além da demolição de edifícios históricos tratava-se também de impedir a remoção de comerciantes e residentes locais para dar lugar a blocos de escritórios e rodovias urbanas com o consequente impacto de um grande volume de trânsito veicular.

Imagens acima: imagens da campanha da Covent Garden Community Association 1."Londres nos pertence"; 2."mantenha o elefantes fora do jardim". Fonte: www.coventgardenmemories.org.uk

E necessário abrir uma parêntese aqui para esclarecer alguns termos que fazem parte de uma variada terminologia no âmbito das atividades destinadas a transformar cidades. A terminologia usada por profissionais e acadêmicos durante os anos após a segunda Guerra Mundial é muito variada e inclui, entre outros, termos como: *rebuilding*, *reconstruction*, *recovery*, *redevelopment*, *regeneration*, *rehabilitation*, *renaissance*, *renewal*, *repairing*, *replanning*, *restoration* e *revival*. No entanto os dois mais usados durante as duas décadas após a segunda Guerra Mundial foram “reconstruction” e “renewal”, reconstrução e renovação. O primeiro era associado aos esforços de recuperação após a guerra e incluía, além da recuperação física das cidades, também esforços econômicos e sociais. Este se diferenciava do termo ‘urban renewal’. O termo “urban renewal” havia sido emprestado dos urbanistas norte americanos os quais iniciaram a usa-lo popularmente em 1954 com o “Housing Act” que previa ajuda Federal para as cidades para que essas pudessem recuperar áreas abandonadas e dar lugar a novos empreendimentos. Assim, embora tentasse ser direcionado para a “reabilitação de pessoas e estruturas” tratou-se de um programa destinado mais a empreendedores e organizações comerciais do que a

habitações o que levou o termo *urban renewal* a ser associado, a partir dos anos 1960, aos impactos sociais causados por essa prática.

Assim o caso de Covent Garden simbolizou a transição da questão da preservação da esfera profissional para a esfera pública e a partir do final dos anos 1960 participação tornou-se efetivamente uma prática comum acompanhada por um grande crescimento de associações locais. Esse fato satisfazia sem dúvida os anseios dos membros do movimento Townscape que além de ter, como mencionado, participado ativamente na concretização do Civic Amenities Act de 1967 para a salvaguarda de inteiras áreas urbanas também já haviam, anos antes da participação pública ter se tornado algo comum, defendido o direito e o dever do cidadão de se envolver ativamente em questões de planejamento.

PARTE 2

Capítulo 1: Os dois lados do Atlântico: o ambiente visual e o discurso Townscape da Grã-Bretanha aos Estados Unidos.

1.1. Townscape viaja para os Estados Unidos

1.1.2 A colaboração entre a *Review* e a *Architectural Forum*: Jane Jacobs e Ian Nairn.

1.1.3 William H. Whyte, a revista *Fortune* e Exploding Metropolis. (1957-1958)

1.1.4 Ian Nairn *on the road*: “The American Landscape: a critical View” (1965)

1.1.5 Jane Jacobs viaja a Europa.

1.2 Christopher Tunnard e “Man-made America: chaos or control?”

1.3 Victor Gruen: a anti-city, pontos de contato e divergências

1.4 Uma nova paisagem: a revista *Life* e os New Topographics.

1.5 David Crane e o Counter-Attack Bureau americano.

1.6 A revista *Landscape-a magazine of Human Geography* e J.B.Jackson.

1.7 Peter Blake e “God’s own Junkyard”(1964)

1.8 Robert Venturi e Denise Scott-Brown aprendem com Townscape.

1.9 Kevin Lynch e psicologia da percepção.

1.10 Grady Clay: a “falácia da dedensificação unilateral” e os “novos urbanistas”.

1.11 Reyner Banham ama Los Angeles.

Capítulo 1. Os dois lados do Atlântico: o ambiente visual e o discurso Townscape, da Grã-Bretanha aos Estados Unidos.

Nesse capítulo apresento o “circuito de conhecimento” que contribuiu para a visibilidade e a circulação dos princípios e do discurso Townscape nos Estados Unidos. São considerados periódicos⁸⁸ e publicações não especializadas que contribuíram para divulgar, com maior ou menor grau de crítica, a imagem do novo ambiente visual que estava emergindo e se alastrando rapidamente após a segunda Guerra Mundial em muitos países do ocidente em geral mas de maneira muito intensa nos Estados Unidos.

São explorados também alguns dos momentos mais relevantes no desenvolvimento das pesquisas em Desenho Urbano em instituições norte-americanas bem como publicações acadêmicas e periódicos não especializados mas que lidavam, entre outros assuntos mais corriqueiros, com questões urbanísticas e arquitetônicas.

Como já ressaltado, em alguns casos, o vínculo desses autores com o comitê editorial da *Review* e o ideário Townscape é facilmente identificável e ao selecionar o *corpus* foi dada particular atenção para esses. No entanto também selecionei material onde esse vínculo é indireto ou mesmo elusivo mas ainda assim levanta alguns questionamentos ou, espera-se, conduz a reflexões. No caso de vínculos diretos, onde não ha evidência de que tenha havido contato de um autor com determinada obra ou prática, são investigadas aproximações, pontos de contato e afinidades ideológicas das instituições, publicações e autores selecionados.

Selecionar e organizar o *corpus* de análise desse capítulo em especial revelou-se uma tarefa complexa considerando não apenas seu caráter interdisciplinar. O Desenho Urbano de fato, entendido como o trabalho de configurar os espaços tridimensionais dos assentamentos humanos a fim de melhorar não apenas a beleza de um lugar mas também de permitir uma melhor interação entre as pessoas e entre elas e seu ambiente, envolve várias disciplinas que vão além do processo de projeto físico. Estas abrangem o equilíbrio entre fatores políticos, econômicos e culturais que exercem impacto em um determinado lugar. A tradução de alguns textos da esfera acadêmica ou especializada

⁸⁸ Ao nos referir a periódicos entendemos uma vasta gama de publicações incluindo anais e relatórios de organizações ou associações.

para o âmbito jornalístico bem como a versatilidade de alguns dos difusores dessas práticas e cuja obra era de qualquer maneira sujeita a múltiplas interpretações também apresentou dificuldades.

Assim o *corpus* selecionado nesse capítulo foi dividido aproximadamente explorando não só a trajetória profissional e a obra de um determinado autor ou pesquisador mas também sua atuação didática, práticas projetuais e consultivas, seus contatos com outras obras e autores e, na medida do possível, a natureza dessa interlocução. Outros subcapítulos abordam a produção de algumas publicações mais representativas dentro do nosso recorte temporal, destacando principalmente seu alcance e sua circulação mas também seu posicionamento ideológico ou cultural.

Quanto ao desenvolvimento do campo acadêmico do Desenho Urbano nos Estados Unidos, o termo “Urban Design” foi usado pela primeira vez em 1956 quando a Universidade de Harvard promoveu a primeira Conferência sobre Desenho Urbano organizada por José Luis Sert com a participação de proeminentes arquitetos, urbanistas, historiadores e críticos entre os quais Louis Mumford, Jane Jacobs e Víctor Gruen. Durante essa conferência, Sert anunciou o Desenho Urbano como um novo campo acadêmico preocupado com a forma física da cidade e acrescentava que o profissional do Desenho Urbano deveria acima de tudo acreditar em cidades e em sua importância e valor para o progresso humano e a cultura. O principal objetivo estabelecido pela conferência era:

[...] ser exploratória e não didática, e tentar encontrar uma base comum para o trabalho conjunto entre o arquiteto, o arquiteto paisagista e o planejador urbano”⁸⁹

Os resultados da conferência de Harvard foram publicados na revista *Progressive Architecture* em 1956 e a revista *Harvard Design Magazine* dedicou duas edições (24 e 25) às origens, evolução e estado atual do Desenho Urbano⁹⁰. Essas conferências providenciaram uma plataforma para o lançamento do “Harvard's Urban Design

⁸⁹ **Progressive Architecture**. Volume 37, n. 8, agosto 1956, p.9.

⁹⁰ Os ensaios e discussões contidos nessas duas edições estão também reunidos no livro “Urban Design” editado por Alex Krieger e William S. Saunders, publicado em 2009.

Program” em 1959-60, um programa posteriormente adotado por outras universidades anglo-saxãs.

No entanto, para os fins dessa tese, um momento ainda mais importante pode ser considerado a conferência Penn-Rockefeller sobre crítica em Desenho Urbano (Penn-Rockefeller Conference on Urban Design Criticism) de 1958. Entre 1955 e 1965, de fato, a Fundação Rockefeller reagiu às crises de habitação do pre e pós-guerra patrocinando projetos de pesquisa relacionados ao Desenho Urbano. A divisão de humanidades de fato não tinha intenção de se envolver com planejamento urbano mas via, no recém definido Desenho Urbano, um campo no qual as artes teriam um impacto direto sobre a qualidade da vida das pessoas. A Fundação via, visto o relativo descaso pelos aspectos estéticos em planejamento urbano, a necessidade de se restaurar um equilíbrio assim esse objetivo se encaixaria perfeitamente no programa de artes da Fundação⁹¹.

Deste modo, um ramo do programa apoiava pesquisas em habitação no Columbia’s Institute for Urban Land Use and Housing Studies, enquanto o outro, patrocinado pela Divisão de Humanidades financiava pesquisadores e autores que investigavam a mais ampla dimensão cultural, estética e socioeconômica do Desenho Urbano. Isso colocava assim a Fundação entre as instituições de vanguarda, no âmbito da teoria da arquitetura e do urbanismo, que reconheciam que questões estéticas eram tão importantes quanto questões técnicas.

A conferência de 1958 foi crucial em apoiar e incentivar uma rede de programas de pos-graduação em história da arquitetura, crítica e teoria que emergiram ao longo dos anos 1960. Ainda mais importante foi o fato das contribuições dos participantes terem sido amplamente divulgadas em periódicos populares como a *Fortune*, *Holiday*, *The New Yorker* e no *The Saturday Evening Post*.

O primeiro programa de pesquisa financiado pela Fundação entre 1954 e 1959, teve lugar no Massachusetts Institute of Technology (MIT) e era chamado de “The

⁹¹ LAURENCE, P.L. “The Death and Life of Urban Design: Jane Jacobs, The Rockefeller Foundation and the New Research in Urbanism 1955–1965” in **Journal of Urban Design**, Vol. 11. No. 2, 145–171, Junho 2006.

perceptual form of the city”. Coordenado por Kevin Lynch (1918-1984) e Gyorgy Kepes, o programa tinha como objetivo alimentar o novo Centro para Estudos Urbanos e Regionais do MIT e dar uma abordagem mais científica à questão da estética urbana e serão discutidos a seguir alguns vínculos importantes e pouco conhecidos entre a obra de Lynch e a produção da *Review*.

Entre os outros pesquisadores financiados pela Fundação estavam o arquiteto paisagista canadense Christopher Tunnard da Universidade de Yale. Esse financiamento possibilitou a conferência “Civilizing the American Roadscape” (1958) e o premiado livro “Man-Made America: Chaos or Control” (1963); “The American Landscape: a critical view” de Ian Nairn (1965); “The Death and Life of Great American Cities” (1961) de Jane Jacobs, Christopher Alexander e outros⁹².

1.1. Townscape viaja para os Estados Unidos

1.1.2 A colaboração entre a *Review* e a *Architectural Forum*: Jane Jacobs e Ian Nairn.

Desde a primeira década de 1950, as teorias Townscape despertam o interesse de outro país onde o debate sobre os danos estéticos, econômicos e ambientais causados pela expansão suburbana e pelas autoestradas eram particularmente intensos: os Estados Unidos. Como já demonstrado na dissertação de mestrado, Nairn representa um interlocutor chave e um dos mais importantes difusores dos princípios Townscape nos Estados Unidos. A dissertação mostrou que foi principalmente o discurso anti-subúrbio a motivar a aliança, dos editores da *Review* com a norte americana Jane Jacobs e embora essa interlocução ou aliança seja sem dúvida muito relevante, nessa tese serão explorados outros aspectos dessa difusão com o objetivo de compreender como ela ocorreu e qual foi resultado ou legado dessa troca.

Havia certamente uma forte empatia entre a equipe da *Review* e Jane Jacobs além de numerosos pontos em comum. Um desses pontos em comum era o reconhecimento de que, na origem das Cidades Novas e do movimento Cidade Jardim, havia uma

⁹² Laurence, op. cit. p. 145-172

aversão à cidade, uma aversão encontrada, por exemplo, nos escritos de William Morris e naturalmente de Ebenezer Howard o qual, de acordo com Jacobs (2003, p.499) havia desencadeado ideias anti-urbanas, concentrando-se na provisão de habitações salubres em termos somente de suas qualidades físicas suburbanas e “qualidades sociais de cidade pequena”. Essa troca inicia no fim dos anos 1950 através de uma interessante colaboração entre a *Review* e a revista norte americana *Architectural Forum*⁹³, onde Jane Jacobs trabalhava, e a revista de negócios *Fortune*, editada pelo sociólogo William H. Whyte⁹⁴.

As campanhas da *Review* chamaram a atenção do editor Douglas Haskell e da autora Jane Jacobs que estavam lidando com o desenvolvimento caótico daquela que eles chamavam de “roadtown”, um termo quase equivalente a subtopia. Em 1955, o ano da publicação de “Outrage”, Haskell agradecia, nas páginas da *Architectural Forum*, a “artilharia pesada proveniente da *Review* desde 1949”⁹⁵.

⁹³ Hoje não existe mais.

⁹⁴ Ambas as revistas eram publicadas pelo grupo Time inc A Time Inc., publicava as revistas: *Time*, *Life*, *Sports Illustrated*, *Fortune*, *House & Home* e a *Architectural Forum*.

⁹⁵ Editorial in **Architectural Forum** 103, dezembro, 1955, p. 166.

Imagem ao lado: Página de *Outrage* (1955) representando uma paisagem subtopiana. Subtopia era praticamente o equivalente da chamada *roadtown* norte-americana, um termo, segundo Haskell menos limitante e estático do que urbanização em faixa, ou *ribbon development*.

Os pontos de aproximação e as divergências entre a visão da *roadtown* de Haskell e a visão dos defensores de *Townscape* daquilo que eles haviam denominado Subtopia são discutidos no capítulo dessa tese referente à Itália já que Haskell havia introduzido a questão da *roadtown* aos italianos em 1955 por ocasião de um encontro ítalo-americano de urbanistas em Ischia, na Itália. Apesar de algumas diferenças que serão apontadas permanece o fato de que Haskell certamente aprovava a visão (e os métodos) da *Review* em relação à nova paisagem que estava surgindo à beira das estradas inglesas e norte-americanas.

Jane Jacobs havia iniciado a trabalhar para a *Architectural Forum* em 1952 escrevendo sobre hospitais, escolas, centros de cidades e habitações e em 1956 ela já era considerada uma especialista em “urban renewals”. A *Architectural Forum* estava publicando desde 1955 uma série de relatórios sobre temas como a reconstrução de centros urbanos, como fazer funcionar projetos de “urban renewals” e colaboração entre profissionais de diversas disciplinas e Jane Jacobs era responsável pelos relatórios. Em abril de 1956 ela foi convidada a participar da já mencionada Conferência da

Universidade de Harvard sobre Desenho Urbano e sua contribuição é publicada na *Architectural Forum* em junho do mesmo ano⁹⁶. Nesse discurso ela defende as “virtudes peculiares” dos centros da cidade notando como os novos empreendimentos urbanos, com suas inadequadas imitações onde todos os elementos vitais da cidade acabavam se perdendo, não ajudavam as cidades.

1.1.3 William H. Whyte, a revista *Fortune* e “Exploding Metropolis” (1957-1958)

Em ocasião da publicação de “Outrage” (1955) e “Counter-Attack against Subtopia” (1957), a redação da *Review* recebeu inúmeras cartas também de indivíduos e associações americanas que comentavam e se identificavam com as questões levantadas pela revista e entre os entusiastas estavam William H. Whyte (1917-1999), editor da revista de negócios norte americana *Fortune* e autor de muitos artigos sobre planejamento urbano bem como análises sociológicas.

Whyte entra em contato com Ian Nairn e Gordon Cullen fazendo uma proposta: eles fariam uma viagem de quinze dias por algumas das principais cidades americanas, Louisville, Kentucky, Chicago, San Francisco e San Antonio) e no final enviariam suas impressões sobre os aspectos visuais dessas cidades para a *Fortune*. Essa série de artigos publicados pela *Fortune* resultaram no polêmico “The Exploding Metropolis”⁹⁷. Em Nova Iorque Ian Nairn encontra pela primeira vez Jane Jacobs que também estava colaborando para a mesma série da *Fortune*.

Whyte foi um crítico e consultor muito influente que publicou vários estudos, entre os quais a obra de análise social “The Organization Man” (1956), “Securing open space for Urban America: Conservation Easements” (publicado pelo Urban Land Institute - ULI em 1959), “Cluster Development” (1964), “The Last Landscape” (1968), “The Social Life of Small Urban Spaces” (1980) e “City” (1989). Ele era um ativo observador da vida nas ruas bem como da forma urbana e, enquanto trabalhava na

⁹⁶ *Architectural Forum*, 104, junho, 1956, pp. 132–3

⁹⁷ “Exploding Metropolis” apareceu pela primeira vez como uma série na revista *Fortune* (Setembro 1957-Abril 1958).

Comissão de Planejamento da cidade de Nova Iorque, em 1969, ele iniciou a usar métodos de observação direta através de filmagens e fotografias para descrever a essência da vida pública de uma maneira, segundo ele, objetiva e comensurável. Em seus estudos, Whyte afirmava que o que as pessoas queriam na cidade eram outras pessoas e que a melhor maneira da cidade permanecer segura não era a de trazer mais policiamento, mas tornar a área em questão mais atrativa possível para outras pessoas. Whyte foi também importante por contribuir a inserção desse discurso anti-suburbano na revista *Life*, de fato, um artigo de sua autoria na *Life* de 1959 como mencionado introduziu o termo (e o fenômeno) *sprawl* a uma ampla audiência.

Durante e após essa colaboração, Nairn, por sua vez, mantinha os leitores britânicos informados sobre o desenvolvimento do projeto afirmando que os artigos da *Fortune* estavam à frente da opinião de arquitetos e urbanistas americanos (NAIRN, 1958, p. 279). Também em um artigo na *Encounter*⁹⁸ de fevereiro de 1959 Ian Nairn comenta as denúncias de Whyte notando a repercussão e o choque de arquitetos e urbanistas norte americanos ao notar que “um leigo estava sacudindo o barco” e se surpreendendo de como um grupo de não arquitetos havia chegado à raiz do problema.

Quanto à *Fortune*, segundo Augsburger (2004, p.1-18) a revista combinava, de maneira aparentemente incôgrua, um forte foco em negócios, ideais sociais liberais, uma crítica aguçada e uma avançada visão artística. Ela se dirigia aos interesses não apenas de ricos empreendedores mas a uma crescente comunidade de “dirigentes iluminados” e dessa forma, apesar de seu preço, a revista conseguia atingir um grande número de vendas tornando-se assim um documento e uma força importante nos Estados Unidos do segundo pós-guerra. Durante esse período a revista colocava suas esperanças em uma vigorosa economia e uma volta à liberdade e ao espírito competitivo do período antes dos excessos das regulações do New Deal (AUGSPURGER, 2004, p. 199). Sua linha editorial também valorizava a participação pública, especialmente no âmbito do planejamento urbano. Como também na Europa,

⁹⁸ Nairn, I. “The Antiseptic City” in **Encounter**, fevereiro 1959, p.54-55. A *Encounter* foi uma revista literária britânica que reunia contribuições intelectuais e culturas de autores britânicos e norte-americanos. Era associada com a esquerda anti-stalinista e era supostamente financiada pela CIA.

a participação pública estava ganhando importância não apenas em questões de planejamento urbano mas também em muitas atividades governamentais e sociais. Para a *Fortune*, a futura cidade americana consistiria em uma combinação de consultoria de especialistas, liderança, “energia capitalista” e participação pública. Assim, embora a revista valorizasse o conhecimento de especialistas, ela enfatizava constantemente a importância da participação dos cidadãos em questões de planejamento citando como exemplo o planejamento holandês cuja natureza, ao contrário do planejamento Haussmaniano na França e das *squares* de Londres, ele considerava verdadeiramente pública (AUGSPURGER, 2004, p.205).

Mas a *Fortune* estava na verdade bastante adiantada chegando a estabelecer uma parceria com a cidade de Syracuse, NY já em dezembro de 1942. A *Fortune* havia se unido a outra publicação da Time inc., a *Architectural Forum* com o objetivo de explorar questões relativas a planejamento urbano através do novo “Fortune-Forum Experimental Department” o qual lança o chamado “Syracuse Project”. Liderado por urbanistas, arquitetos e consultores foi criado um plano para reabilitar a cidade de Syracuse. Enquanto a *Architectural Forum* se dedicava à sua demonstração física, a *Fortune* enfrentava suas bases sociológicas assim o que os arquitetos encontravam na *Architectural Forum*, os empreendedores encontravam na *Fortune* (SHANKEN, 2009, p. 32-33).

No livro “The Last Landscape” (a última paisagem), Whyte apresenta argumentos em favor do aumento das densidades e cidades mais compactas e contra a descentralização e o subúrbio (no capítulo 20 com o título “A case for crowding”). Whyte cita o exemplo das cidades europeias alegando que a razão pela qual a paisagem era de melhor qualidade nessas cidades estava na diferença em densidades que tornava a cidade não apenas mais rica culturalmente (e visualmente) mas também mais eficiente do ponto de vista da distribuição dos serviços e oportunidades. Nesse livro, Whyte cita o trabalho de outros pesquisadores que também defendiam os mesmos argumentos tais como Gordon Cullen, Christopher Tunnard, Jane Jacobs, Kevin Lynch, Theo Crosby e outros. A respeito de Theo Crosby (1925-1994), esse arquiteto e *designer* sul-africano

radicado na Inglaterra fez parte, de 1953 a 1962, da equipe editorial da revista *Architectural Design* e havia trabalhado na exposição colaborativa “This is Tomorrow” ocorrida em agosto de 1956 em Londres considerada o evento precursor do movimento “pop art” britânico bem como um desafio ao *establishment* do CIAM. Fizeram parte desse evento também os já citados arquitetos Alison e Peter Smithson, Edoardo Paolozzi e Nigel Henderson. Entre outras atividades, Crosby foi o autor do livro “Architecture: City Sense” (1965) onde, de maneira muito similar a Whyte, defendia as vantagens da cidade de poder providenciar uma “rede de envolvimento” da qual faziam parte comerciantes e vizinhos, cumprimentos, acenos e trocas ocasionais enquanto a privacidade básica era mantida. A vida pública estendia-se ulteriormente no trabalho e atividades recreativas de maneira que o indivíduo fazia sempre parte de uma rede de contatos infinitamente variada e que produzia reações e envolvimento. O envolvimento criaria por sua vez responsabilidade e educação social. Ao menos que cada cidadão tenha a habilidade de participar completamente nesse mundo complexo e de se sentir parte dele e responsável por ele, afirmava Crosby, sua vida torna-se solitária e ele torna-se indiferenciado porque todos querem ser alguém e precisam de uma identidade. Identidade é um fenômeno complexo, explicava Crosby, mas era adquirido através da ação, aparência e, acima de tudo, envolvimento. Para Crosby (1965), a cidade era o “grande palco e os cidadãos os atores, todos com um papel a desempenhar no grande drama da vida cotidiana”.

Em relação à questão da participação pública e da conservação do patrimônio histórico, como sugerido, temas com os quais os membros de Townscape estavam ativamente envolvidos, é relevante o caso da Pennsylvania Station em Nova Iorque onde encontramos muitos paralelos com eventos ocorridos em Londres e que levaram à criação do Civic Amenities Act de 1967. No fim dos anos 1950, com o aumento das rodovias, algumas estações ferroviárias de grandes cidades americanas começaram a ser consideradas obsoletas. Durante os anos 1960, um grupo de arquitetos, urbanistas e críticos afirmavam que a paisagem urbana que estava sendo criada pelo Movimento Moderno era de qualidade muito inferior à das antigas vizinhanças. Em 1963, foi

decretada a destruição da estrutura original da famosa Pennsylvania Station de Nova Iorque, um dos edifícios mais inovadores na época de sua construção (1910) e muito amada pelos nova-iorquinos. Essa decisão, e os protestos que acompanham essa remoção, são considerados como os catalisadores que contribuíram à popularização do movimento preservacionista nos Estados Unidos e que levaram à criação de uma legislação para a preservação de áreas e edifícios históricos. Este era, como sugerido, um dos principais temas de Townscape na Grã-Bretanha assim a campanha para a preservação de áreas e bairros de interesse histórico ou arquitetônico parece ter se desenvolvido quase simultaneamente nos dois países causada em grande parte pela rápida expansão de estradas e do crescimento do número de automóveis e através de uma forte mobilização pública.

Imagem acima: Jane Jacobs (de óculos) nos protestos contra a demolição da Penn Station em 1963.
Fonte: <http://www.theguardian.com/books/2009/sep/12/jane-jacobs-new-york-history>

As normas implementadas pelo decreto da Preservação Histórica Nacional (National Historic Preservation Act) de 1966 foram fundamentais para a restauração de diversas vilas históricas e áreas urbanas e esse novo interesse por edifícios históricos nos Estados Unidos encorajou também outras tendências em planejamento e Desenho

Urbano. Enquanto antes a questão do contexto era pouco considerada, agora era importante que edifícios estivessem em harmonia com o ambiente no qual estavam inseridos (GILLHAM, 2002, p. 55-56), assim, não nos surpreende o fato de que um grupo de arquitetos, urbanistas e críticos americanos tenham encontrado na equipe editorial da *Review* entusiastas interlocutores.

Voltando ao projeto “Exploding Metropolis” da *Fortune*, o livro reflete os mesmos anseios e preocupações expressados pelos editores da *Review* tanto na coluna Townscape como em “Outrage” (1955) e “Counter-Attack against Subtopia” (1957). Em nossa opinião, não existem correspondências diretas apenas nos temas abordados, o formato também é muito semelhante: textos jornalísticos escritos por urbanistas e críticos de arquitetura, de leitura acessível e claramente direcionados a um público leigo.

O livro “The Exploding Metropolis” é descrito pelos editores como “um estudo do assalto ao urbanismo e como as cidades podem resistir”. Segundo o livro, cidadãos, cidade e campo estavam prestes a serem asfixiados e podiam ser salvos apenas pela mais drástica e imediata reavaliação dos programas de desenvolvimento. As cidades americanas, continuavam os editores, haviam crescido tão rapidamente e em tamanha desordem que com seu transbordamento haviam engolido o campo ao redor, destruindo as vantagens naturais dos subúrbios e ameaçando os poucos espaços abertos que sobravam.

Contudo, de acordo com os autores, não eram apenas os subúrbios a sofrer: o mesmo excesso indisciplinado havia prejudicado a cidade ao permitir habitações impessoais e projetos comerciais cuja uniformidade impedia que os moradores pudessem se expressar individualmente e não oferecia nada que agradasse o olhar. Mesmo em sua confusão, continuavam, as ruas da cidade expressavam a vida e os interesses de seus moradores acolhendo desde advogados ou consultórios médicos, a bares locais e quitandas.

David Gosling (2003, p.46) nota que apesar das críticas de arquitetos e urbanistas em relação à abordagem demasiadamente jornalística de “Exploding Metropolis”, era na verdade apropriado que um periódico nacional sobre negócios como a *Fortune*, lido

pelas pessoas mais influentes da sociedade americana, tratasse os problemas urbanos de maneira “viril e agressiva”.

Na introdução, o próprio William H. Whyte Jr. afirma que o livro havia sido escrito para leigos. Segundo ele os periódicos que deveriam ser os primeiros em expressar o ponto de vista do leigo eram geralmente pouco críticos em relação ao “*design* institucional”. Quando se tratava de lidar com o financiamento e as políticas do *redevelopment* os periódicos, segundo Whyte, se envolviam frequentemente em verdadeiras cruzadas mas quando se tratava de criticar o projeto em si eles se demonstravam estranhamente taciturnos. Entre as exceções, Whyte cita as contribuições de Lewis Mumford com sua coluna “Skyline” no *New Yorker* e as de Grady Clay, o editor mobiliário (real-estate editor) do *Louisville Courier-Journal* cuja contribuição é também encontrada em “Exploding Metropolis” e que examinaremos posteriormente nessa tese.

Notam-se também muitas semelhanças na linguagem adotada pelos editores de ambos os periódicos: o senso de urgência, a intensidade do discurso e até o uso de imagens. Assim Ian Nairn e Gordon Cullen contribuem para esta publicação com o ensaio “The Scale of the City” (a escala da cidade) o qual consiste em desenhos de Cullen acompanhados por legendas escritas por Ian Nairn. Um breve texto introduz assim esse ensaio de Nairn e Cullen:

Few men have so perceptive an eye for the details that make this scale as Gordon Cullen and Ian Nairn of the British Architectural Review. Together they produced two critiques on the English landscape and townscape, Outrage and Counter-Attack that have provoked so much attention - and second thoughts - from architects, planners, and citizens that a counter-attack Bureau has been set up to handle the flood of enquiries. The editors asked Mr. Nairn and Mr. Cullen to look at the townscape of our own cities, to sketch not the horrors known so well but the strengths, so easily overlooked. Mr. Cullen who likes to draw cities the way people actually see them, from eye level, has done the drawings; Mr. Nairn, who did the walking, has written the captions. (EDITORS, 1958, p.140)⁹⁹.

⁹⁹ Tradução da autora: “Poucos homens têm um olhar tão atento aos detalhes que compõem essa escala quanto Gordon Cullen e Ian Nairn da britânica *Architectural Review*. Juntos eles produziram duas críticas a paisagem inglesa e a paisagem urbana, “Outrage” e “Counter-Attack” que provocaram tanta atenção – e mudanças de opiniões – da parte de arquitetos, planejadores e cidadãos ao ponto de ser

O livro fecha com o artigo assinado por Jane Jacobs chamado “Downtown is for people”, texto que antecipava o lançamento de seu livro “The Death and Life of Great American Cities” (1961). No artigo “Downtown is for people” é fácil notar uma abordagem muito semelhante à dos artigos sobre paisagem urbana que apareciam na *Review* durante os anos 1950. A linguagem de Jane Jacobs, sempre bastante simples e espirituosa, ecoa, em nossa opinião, aquela tão característica dos textos de Hastings e Nairn e podemos reconhecer na voz de Jane Jacobs a valorização de detalhes, das surpresas, da diversidade e das situações fortuitas tão característica da metodologia Townscape. Em nenhum momento Jacobs faz referência direta à metodologia desenvolvida pela *Review*. Também não há referência direta ao termo subtopia, embora existam, ao longo do livro, muitas descrições de paisagens que Nairn e Cullen teriam com certeza classificado como subtopianas. William H. White chega a enviar um *memorandum* para Haskell declarando que o artigo de “sua garota” havia causado reações entusiasmadas de leitores, acadêmicos, profissionais de urbanismo e ainda quatro prefeitos¹⁰⁰.

Em uma carta datada de 7 maio 1957, Douglas Haskell, editor da *Architectural Forum* entra em contato com Nairn oferecendo dar continuidade à colaboração e também indicando o interesse de Jacobs de ampliar a interlocução. No entanto, nesse período Jane Jacobs, devido aos seus posicionamentos radicais contra as “urban renewals” estava enfrentando dificuldades com os dirigentes da Time-Life inc. e mesmo no âmbito da *Architectural Forum*. Assim, em outubro de 1958 Chadbourne Gilpatric, diretor de “community planning” da Fundação Rockefeller, oferece à autora um financiamento para a pesquisa que resultaria no livro “The Death and Life of Great

criada uma força-tarefa para lidar com o dilúvio de perguntas. Os editores pediram ao senhor Nairn e ao senhor Cullen para que olhassem para a paisagem urbana das nossas cidades, para esboçar não os horrores que conhecemos bem mas seus pontos fortes que são tão facilmente ignorados. O senhor Cullen que gosta de desenhar cidades da maneira como as pessoas realmente as veem, da altura do olhar, fez os desenhos; o senhor Nairn que as caminhou, escreveu as legendas.”

¹⁰⁰ LAURENCE, P.L. “The Death and Life of Urban Design: Jane Jacobs, The Rockefeller Foundation and the New Research in Urbanism 1955–1965” in **Journal of Urban Design**, Vol. 11. No. 2, 145–171, Junho 2006.

American Cities” considerado hoje como “um dos primeiros, mais articulados e mais influentes tratados anti-modernistas” (HARVEY, 1993, p.73). Considerado essencialmente uma crítica, o livro de Jacobs continha, em sua versão original enviada a Gilpatric, referências à obra de Kevin Lynch que foram em parte eliminadas. Outra importante influência de Jacobs foi o ensaio ‘Science and Complexity’ de Warren Weaver sobre a complexidade da cidade que ela aplicou para demonstrar que a cidade era, como outros seres vivos, um sistema de “complexidade organizada” de variáveis interdependentes assim tornando-se uma das primeiras, segundo Laurence, a aplicar essas teorias em dinâmicas urbanas, teorias que ela continuaria a usar e a desenvolver em publicações posteriores. Jacobs observava a interconexão dos elementos da vida na cidade e as complexas interações entre as pessoas e que faziam a comunidade funcionar. Ela temia que os novos empreendimentos urbanos que estavam surgindo na época, tanto auto estradas quanto complexos de habitações sociais, poderiam impedir a oportunidade para o desenvolvimento dessas relações¹⁰¹. Na Grã-Bretanha a pesquisa dos sociólogos Michael Young e Peter Wilmott que resultou no livro “Family and Kinship in East London” de 1957¹⁰² havia chegado a conclusões muito semelhantes.

Powers¹⁰³ nota que as teorias aplicadas por Jane Jacobs já estavam presentes no primeiro artigo da campanha Townscape (1949) de Hubert de Cronin Hastings o qual emprestava das ciências biológicas e teorias de “higher organization” e “differentiation”. Não sabemos até que ponto ela conhecia esse aspecto da obra de Hastings ou até que ponto as interpretações dos dois autores a esse respeito convergiam mas permanece claro para nos que Jane Jacobs conhecia bem o discurso Townscape em geral e que admirava o trabalho desenvolvido pela *Review*.

Na introdução da edição de 1993 de “The Death and Life of Great American Cities” ela lembra que já em meados da década de 1950 editores e autores da *Review* em

¹⁰¹ Essas teorias são desenvolvidas por Jacobs no ultimo capítulo do livro “The Death and Life of Great American Cities”, “The Kind of problem a city is”

¹⁰² YOUNG, M.; WILLMOTT, P. **Family and Kinship in East London**. Harmondsworth: Penguin Books, 1957.

¹⁰³ POWERS, A. (2012) “Townscape as a model of organised complexity” in **The Journal of Architecture**. 2012, pp. 691-702.

Londres já estavam lidando com os mesmos problemas se referindo principalmente à influência do modelo Cidade Jardim e do planejamento modernista.

Por sua vez, o editor e coproprietário da *Review*, Hugh de Cronin Hastings (sob o pseudônimo de Ivor De Wolfe) escreve uma resenha do livro declarando:

Now comes a warm but high wind across the Atlantic and (one hopes and believes) a hot handshake for the Ian Nairns, Gordon Cullens and Kenneth Brownes of this continent in the shape of a book which is a must for all who believe the urban consequences of those odd bedfellows, Ebenezer Howard and Le Corbusier, to be the spawn of the devil working through his chosen vessels.¹⁰⁴

Jacobs chega a se declarar, em uma carta enviada a Hastings (na verdade a Ivor de Wolfe!) em março de 1964, uma “ávida seguidora de Townscape”¹⁰⁵ e, após a publicação de “The Italian Townscape” (1963), em março de 1964 ela convida Hastings a proferir palestras nos Estados Unidos.

1.1.4. Ian Nairn *on the road*: a Fundação Rockefeller e a publicação de “The American Landscape: a critical View” (1965).

Em março de 1959 Chadbourne Gilpatric encontra Nairn em Londres e alguns meses depois, após troca de correspondência, Nairn envia a Gilpatric uma proposta para um projeto a ser desenvolvido nos Estados Unidos com o título provisório de “Townscape USA”. Em dezembro de 1959, após receber diversas sugestões de Jane Jacobs e acompanhado pelo livro “On the Road” de Kerouac, Nairn inicia sua viagem da costa leste à costa oeste dos Estados Unidos dirigindo pelas famosas interestaduais.

¹⁰⁴ Tradução da autora: “Agora chega um vento quente, porém forte através do Atlântico e (esperamos e acreditamos) um caloroso aperto de mão para os Ian Nairns, Gordon Cullens e Kenneth Brownes desse continente em forma de um livro obrigatório para todos os que acreditam que as consequências urbanas desses estranhos associados, Ebenezer Howard e Le Corbusier, sejam a criação do diabo trabalhando através de seus instrumentos escolhidos“. DE WOLFE, I. “The Death and Life of American Citizens” (resenha do livro “The Death and Life of Great American Cities” de Jane Jacobs in **Architectural Review**, fevereiro 1963, n.792, vol.133, p. 91-93

¹⁰⁵ Jacobs faz essa declaração em uma carta enviada a Hastings em março de 1964 e que se encontra no arquivo de Priscilla Hastings. Ver ERTEN, E. Shaping "The Second Half Century": the Architectural Review, 1947-1971. Cambridge, 2004 Doutorado em História e Teoria da Arquitetura no Departamento de Arquitetura do Massachusetts Institute of Technology (MIT), p.102.

A viagem resultou em “The American Landscape: a critical view” publicada, após alguns problemas administrativos só em 1965.

Para Nairn o livro era uma tentativa de mostrar o que acontece quando objetos são colocados juntos em um ambiente, a maneira com a qual eles são percebidos pelas pessoas que os usam e o seu potencial para “grandiosidade ou mistério”.

Nairn define “The American Landscape” como um livro sobre a arte de dar identidade a lugares e, conseqüentemente, às pessoas que vivem neles; uma nova arte com um novo nome: Townscape. (NAIRN, 1965, p.3). Nairn explica como nos Estados Unidos o “chaos of non-relation”, caos de não-relação, era provavelmente um dos mais graves.

Em “The American Landscape”, Townscape é definido como “a arte de relacionar objetos de maneira orgânica e sensível” e lembra:

In England I called this mindless mixing up of all man-made objects without any pattern or purpose or relationship by an invented word, subtopia: in America it seems simpler and more effective, more American, just to call it goop. Its archetype is man treating the landscape as a set of ruled square and then filling them with low-intensity muck (NAIRN, 1965, p.7)¹⁰⁶.

Nairn, defendendo continuidade, repete com suas próprias palavras a famosa metáfora de Gordon Cullen sobre a coerência visual dos elementos:

[...] when I write a sentence, I hope that the words in it will bear some relation to each other: and it is the same with the parts of a town. They must make sense of some kind [...] ¹⁰⁷ (NAIRN, 1965, P. 12).

¹⁰⁶ Tradução da autora: “Na Inglaterra eu denominei este estúpido misturar de todos os objetos feitos pelo homem, sem qualquer padrão ou finalidade ou relação, com uma palavra inventada, subtopia: na América parece mais simples e mais eficaz, mais americano, chamá-lo de gosma. Seu arquétipo é o homem tratar a paisagem como um conjunto de quadrados e, em seguida, preenchendo-os com lixo de baixa intensidade.”

¹⁰⁷ Tradução da autora: “Quando eu escrevo uma frase, espero que as palavras tenham alguma relação uma com a outra: e é o mesmo com as partes de uma cidade. Elas devem fazer sentido de alguma maneira.”

Imagem ao lado: Página 41 de “The American Landscape: a critical View” (1965) mostrando o *pier* da cidade californiana de San Clemente, segundo Nairn, “uma lição ao ar livre de psicologia ambiental”.

O tema da expansão suburbana é inevitavelmente abordado no livro, embora não sempre explicitamente. Nairn comenta, por exemplo, a falta de identidade das Levittowns¹⁰⁸ comparando-as com outras cidades, mas ele parece mais interessado em definir, através de inúmeros exemplos de cidades ou partes de cidades norte-americanas, os conceitos de caráter e identidade e sugerir as maneiras com as quais o “townscaper”, ou paisagista urbano, poderia alcançar essas qualidades.

Relação, explicava Nairn, consiste em encaixar as partes de um determinado ambiente de maneira que o conjunto desses elementos expresse coerência e significado.

¹⁰⁸ As grandes comunidades suburbanas produzidas em massa e o protótipo dos subúrbios construídos em todo o país após a segunda Guerra Mundial.

Identidade consiste no reconhecimento e na valorização de necessidades e qualidades específicas que tornam um lugar diferente do outro.

Em março de 1965 o influente e popular periódico norte americano *New York Times* publica uma resenha¹⁰⁹ do livro de Ian Nairn e nessa resenha os princípios Townscape são introduzidos portanto a um público mais amplo de leitores um fato que, considerando a enorme circulação do jornal, com certeza contribuiu para certa popularização dos princípios Townscape nos Estados Unidos.

Outro interessante artigo (e será mostrado em mais detalhes porque) produzido durante a viagem de Nairn pelos Estados Unidos é “Be Thyself”¹¹⁰ no qual ele observa as imensas diferenças locais da paisagem americana que, em sua opinião, infelizmente não eram expressas em termos visuais. Nairn relembra o artigo “Townscape” de Ivor de Wolfe (pseudônimo de Hastings) publicado na *Review* em dezembro de 1949 onde são sugeridos dois princípios de Liberdade: o princípio racional, “onde cada um tem a liberdade de chegar a uma conclusão comum”; e o princípio radical, “onde cada pessoa individual é livre de ser ela mesma e a verdade consiste em uma harmonia de acordos, portanto diferentes de lugar a lugar”.

Em “Discretion in Planning versus Zoning” (CULLINGWORTH ed. 1999, p.31), Philip Booth explica a diferença entre o chamado plano diretor, nos quais presentes e futuros usos de solo são identificados em planos de zoneamento (aos quais são conferidas normas mais ou menos detalhadas para novos desenvolvimentos) e o sistema discricionário, no modelo britânico. Planos reguladores e sistemas de zoneamento desse tipo têm como objetivo fornecer uma base para futuros desenvolvimentos que deixa o mínimo ao acaso e não deixa espaço para decisões arbitrárias¹¹¹. O sistema britânico pode ser descrito como discricionário e

¹⁰⁹ ANDREWS, W. “Townscape: a New Name for a New Art” in **The New York Times**. 7 de março 1965.

¹¹⁰ NAIRN, I. “Be Thyself” in **Architectural Review**, dezembro 1960, Vol. 128 n. 766. Observação: o termo ‘Be Thyself’ é a forma arcaica de ‘be yourself’: seja você mesmo, uma referência a J.J. Rousseau.

¹¹¹ Na verdade existe discricção também no sistema de zoneamento, mas esse é caracterizado principalmente pela ausência de discricção e não pela sua presença (CULLINGWORTH ed., 1999, p.34).

estranhamente, parece introduzir deliberadamente uma indistinção na relação entre políticas e implementação enquanto o objetivo principal do planejamento deveria ser o de evitar incertezas na forma e na localização de desenvolvimentos. Para os educados no sistema discricionário, o sistema de zoneamento acaba esbarrando em discrepâncias entre o futuro previsto e a realidade do momento e as maneiras encontradas para contornar esses problemas podem tornar-se um risco para a legitimidade do sistema. O sistema de planejamento adotado na Grã-Bretanha tem raízes no sistema legal britânico, que, ao contrário do sistema legal de outros países europeus, não se baseia na tradição civil que deriva do direito romano. Desde a idade média, esclarece Booth, os tribunais ingleses não lidavam apenas com casos criminais, mas intervinham também em disputas entre cidadãos e, conforme essas disputas aumentavam, os juízes buscam definir um conjunto de princípios que servisse como ponto de referência, mas que não os vinculasse. Os casos eram então resolvidos em base a precedentes e às circunstâncias específicas de cada um deles. Apesar do Direito Comum ter se demonstrado, com a crescente complexidade da sociedade mercantil e industrial, cada vez menos adequado, a referência ao Direito Comum e aos precedentes ainda permanece uma característica do sistema legal britânico. Essa tradição foi, com o tempo, transferida para questões administrativas e para o primeiro sistema de planejamento britânico em 1909 que previa zoneamento por usos de solo e estabelecia um padrão de novas ruas, sem, no entanto estabelecer um mecanismo separado para implementar esses esquemas de planejamento.

Em “Be Thyself”, Nairn explicava que o princípio racional era associado à França com suas constituições escritas e códigos penais enquanto o princípio radical era associado à Inglaterra com seu “natural man” e Direito Comum. Traduzido em termos de ambiente, concluía Nairn, *be-thyself* aplicado a lugares: o *genius loci* ou Townscape. Nairn observa que para a liberdade racional é essencial que todos tenham os mesmos gostos e opiniões e que todos cheguem à mesma conclusão ou ela deixaria de ser liberdade. Isso pressupõe uma sociedade pequena e homogênea ou “o tipo de tolerância cínica dada pelo francês ao seu Direito Civil hoje”.

Os eventos de 1776¹¹² e 1789¹¹³, segundo Nairn, garantiram que os Estados Unidos tivessem liberdade racional, a mais eloquente constituição escrita, o mais complicado sistema de franquia democrática e, do ponto de vista urbanístico, o mais regular e racional de todos os planos, a grelha, bem como sistemas geométricos de ordenamento da área rural. Tudo isso foi concebido por fundadores com gostos e opiniões semelhantes, mas, ao longo dos anos, foi aplicado àquela que havia se tornado uma nação muito diversa. Politicamente isso significou, continua Nairn, que a nação mais preocupada com liberdade se tornasse, em alguns casos, a menos livre de todas devido à existência de apenas uma concepção de liberdade à qual se estaria de fato livre para aderir.

Nairn convida a observar as consequências para o planejamento urbano da aplicação do princípio racional: lá onde lei e governo se tornam Código Penal e Constituição, planejamento urbano se torna Tradição Estabelecida, o equivalente a lei. Isso explicaria, segundo Nairn, a popularização de planos geométricos, antes por imitação e depois, durante o século XIX, por uma questão de simples conveniência comercial. Essa é, segundo Nairn, a falha principal do princípio racional: uma vez no papel, não se pode mudar seus objetivos e nem fazer distinção entre motivos (“a lei é a lei”). Já o princípio *Be-Thyself*, mediante o exercício do senso comum, pode discriminar, a lei não é inflexível. Todos os subsequentes problemas urbanísticos dos Estados Unidos, segundo ele, podem ser expressos nesses termos: a maneira de pensar racional pode somente lidar com a produção de massa na estrutura existente - tratando um grupo de dez mil pessoas como se fossem dez mil indivíduos que possuem, por direito, dez mil liberdades individuais o que naturalmente não acontece.

Por analogia, cada elemento da produção em massa disseminado na paisagem é tratado na mente das pessoas como se fosse um ato separado individual. E o que vale para dez mil pessoas vale para dez mil coisas: dez mil coisas têm uma vida econômica própria, representam um investimento que não é equivalente à soma de unidades individuais e, portanto não se pode lidar com ele em termos individuais. Nairn encerra

¹¹² Guerra de Independência dos Estados Unidos.

¹¹³ Ano em que a Constituição Americana entrou em efeito.

suplicando aos americanos que sejam “eles mesmos” em toda sua “gloriosa potencial variedade, individualidade e multiformidade” e que dessem forma ao caráter que as cidades americanas já possuíam e que lhe dessem assim “riqueza, raízes e continuidade”¹¹⁴.

É relevante inserir um resumo desse artigo que embora redundante e talvez prolixo elucida um aspecto crucial da campanha Townscape frequentemente evitado nas narrativas contemporâneas sobre Townscape que, como mencionado, tendem a focar na obra de Cullen. Esta versão de Nairn é definitivamente mais compreensível e acessível da versão de Hastings de 1949. Não surpreende que o comitê da *Review* tenha sentido a necessidade de revisitar esses conceitos justamente durante o ápice da popularidade da campanha Townscape tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos e, além disso, pouco antes da publicação do livro de Cullen “Townscape”.

1.1.5 Idas e voltas.

A autora norte americana Jane Jacobs faz sua primeira visita à Europa apenas em 1967, e no dia 12 de fevereiro deste mesmo ano, o jornal britânico *The Observer* publica um artigo assinado por Ian Nairn com o título: “Cities ‘strangled by the planners’ ”¹¹⁵ no qual ele descreve seu reencontro com a autora americana. Nairn apresenta Jacobs, na época com 51 anos (Nairn tinha 37), como uma senhora “grey-haired, with a happy-go-lucky expression and an air of having just left a shopping bag in the bus”¹¹⁶ e descreve o passeio pela cidade com ela como uma “exuberante montanha-russa de diferentes níveis de percepções”: ele narra a desconsideração de Jacobs pelo bairro londrino de Chelsea, de como a passagem subterrânea de Hyde Park Corner lhe causava tamanha repulsa a ponto dela se recusar a usá-la e simplesmente a atravessou marchando ao nível da rua, seu deleite infantil pela Torre de Londres, o desdém pelos pequenos centros ao seu redor, o acabamento dos primeiros centros habitacionais do LCC com seus

¹¹⁴ Não temos notícias de que esse artigo tenha sido publicado em periódicos norte-americanos assim presumimos que Nairn estivesse fazendo esse apelo aos americanos através das páginas da *Review*.

¹¹⁵ NAIRN, I. “Cities ‘strangled by the planners’” in **The Observer**, 12 de fevereiro 1967, p.12

¹¹⁶ Tradução da autora: “uma senhora de cabelos grisalhos, com uma expressão despreocupada e um ar de quem acabou de esquecer uma sacola de compras no ônibus”.

“ridículos canteiros de grama, cercados e gradualmente sendo preenchidos por lixo” e sua apreensão imediata por todas as diferentes maneiras de se aproximar da catedral de St. Paul bem como seu exato entendimento de como a City se adentra no East End em Aldgate. Nairn apresenta um pouco da carreira de Jacobs a seus leitores britânicos, seu começo, em 1952, na *Architectural Forum*, na opinião de Nairn, a melhor revista profissional americana e, em 1961, a publicação de seu mais noto livro.

Nairn continua em seu artigo para o *Observer*, citando a escritora americana segundo a qual, para os urbanistas dos últimos cinquenta anos (especialmente os mais proeminentes), os princípios teriam vindo primeiro e o mundo real teria sido compelido a se conformar com esses princípios. Nairn chama Jane Jacobs de “profetisa” e lamenta o aparente desinteresse de arquitetos e urbanistas às advertências da autora americana por ocasião de seu discurso em Londres, resumidas por Nairn como: “a little soul-searching, a good deal of verbal sparring and a deep determination to go on as before”¹¹⁷. Nairn descreve, nesse mesmo artigo, como, após ver frustradas as aspirações sociais de projetos de cidades e centros habitacionais, ela havia iniciado a alimentar dúvidas sobre as teorias que os regiam publicando, em 1961, o já mencionado “Death and Life of Great American Cities”.

Nairn também volta aos Estados Unidos em 1967 como Correspondente de Arquitetura para o jornal *The Observer*. Um dos artigos “Flying into an architectural zoo” (Voando em um zoológico arquitetônico) descreve o aeroporto de New York, John F. Kennedy, que ele chama de “zoológico arquitetônico”: cada companhia aérea construiu seu terminal e escolheu um estilo. Nairn descreve o sistema de transporte e as alternativas para pedestres como um “microcosmo da experiência americana”. Alguns edifícios ainda estão incompletos, relata Nairn, e irão ser revestidos com a “anônima cortina de vidro que está se tornando o vernacular do século XX”. Um dos primeiros edifícios, a torre de controle (arquitetos: Skidmore Owings e Merrill), já está, após 10 anos, mostrando sinais de “desatualização” e perda de energia. Segundo Nairn, todos os edifícios demonstram essa “exaustão de formas” e “falta de vivacidade que, em sua

¹¹⁷ Tradução da autora: “um pouco de reflexão, bastante *sparring* verbal e uma profunda determinação em continuar como antes”.

opinião, é uma das mais evidentes características da arquitetura moderna americana. Descreve a “Tri-Faith Chapels Plaza” como uma parodia: três caixas com vista para o lago, a católica é oval, a Protestante tem um pé-direito alto e a hebraica é quadrada. Nenhuma delas evoca nem um mínimo sentimento religioso e conclui “insegurança múltipla não poderia ter uma expressão mais adequada”. (a *Tri-Faith Plaza* foi completada no ano anterior e demolida em 1988-89. Atualmente os lugares de culto estão na parte interna do terminal e um novo, o muçulmano foi adicionado). A exceção, observa Nairn, é o edifício da companhia aérea TWA (arquiteto: Saarinen), uma “Ópera de Sydney em miniatura” (lembra que dos jurados do concurso, foi Saarinen de fato o que mais apoiou o projeto de Jørn Utzon). Mesmo tendo sido amplamente divulgado através dos “*sketches* violentos” de Saarinen e de fotos, a pequena e graciosa escultura de concreto do edifício da TWA ainda é uma surpresa, relata o autor, “até o relógio descende do teto como uma estalactite”. Nairn descreve o estranho contraste dos “gestos heroicos” com a pequena escala como se o edifício “tivesse tomado uma das poções redutoras de Alice”, quase uma sensação de distorção e alucinação, o “equivalente arquitetônico de uma ressaca” mas que “como todas as ressacas pode ser estranhamente pacificadora”. Sem dúvida, o terminal da TWA “pertence aos anos 1960 e não aos 1950” conclui Nairn e pergunta: “seria o não repetível sucesso de um homem que morreu quando seu cérebro estava pululante de ideias ou o “moderno barroco” mencionado por Tom Wolfe em seu *Kandy-Kolored Tangerine Flake Streamline Baby* (publicado em 1965)? De qualquer maneira trata-se de uma experiência extraordinária segundo o autor, ao contrário da “arquitetura da insegurança” dos outros edifícios do aeroporto. Outro artigo, “High-speed development”¹¹⁸ (Empreendimento em alta velocidade) inicia com o elogio: quando os americanos experimentam uma nova ideia em arquitetura e urbanismo, normalmente acertam na primeira tentativa citando o caso da Lever House em Nova Iorque, segundo ele, o melhor entre blocos de escritório com cortina de vidro. O artigo descreve o caso do centro de Reston, nova cidade a quinze quilômetros da cidade de Washington e que, segundo ele, havia resultado exatamente de

¹¹⁸ NAIRN, I. “High-speed development” in **The Observer**, 2 de julho 1967, p.24

acordo com o projeto enquanto após vinte anos, muitas novas cidades na Grã-Bretanha ainda não apresentavam unidades de vizinhança satisfatórias. O projeto (iniciativa privada de Robert Simon, segundo Nairn, um capitalista excepcionalmente iluminado) é situado em uma área suburbana (para padrões americanos, nota) de densos bosques e está sendo planejado como uma comunidade completa. Nairn relata como várias indústrias e centros de pesquisa do governo foram mudados para Reston que terá no futuro aproximadamente 75.000 habitantes. Conta entusiasmado sobre o centro de vizinhança Lake Anne, “impressionante exemplo de urbanidade instantânea”. Nairn define Lake Anne (arquitetos: Whittlesey, Conklin e Rossant) como uma pequena versão da Praça São Marcos. Seu centro está encaixado em uma das extremidades do lago em forma de L e a arquitetura em concreto e tijolos em espinha-de-peixe, segundo Nairn de tipo holandês, providencia um equilíbrio entre sério e informal e nunca é “enfia a goela abaixo”. O mesmo acontece para a paisagem que faz com que o visitante se sinta parte de uma estrutura ordenada e não um “fragmento desorientado jogado no meio de um caos terrível”. O exemplo de Reston é simples na teoria mas difícil na prática, adverte Nairn. A lição mais importante é: se você tem uma ideia, melhor executá-la de ímpeto antes que o entusiasmo se perca. Os arquitetos tiveram sorte em ter o apoio de Robert Simon mas, observa Nairn, no meio de todas as corporações da Grã-Bretanha, há de haver alguém com o mesmo dinamismo, capaz de vencer o monolítico governo local britânico. Na verdade, ressalta Nairn, parecia uma ideia extravagante construir o centro do *village* primeiro mas isso acabou se revelando uma boa decisão porque assim todos podiam ver que o centro estava operativo de verdade e não era somente um sonho otimista. Nairn afirma que o equivalente desse tipo de “ambiente instantâneo” seria, na Grã-Bretanha, o *Grovesnor Centre* de Chester. A técnica de Reston vale a pena ser investigada, sugere Nairn: construtores individuais construindo comunidades de uma vez só, no lugar de um acúmulo de *new-towns-by-committee*. Em “Lessons of Harvard Square”¹¹⁹ (Lições de Harvard Square) Nairn conta, como centenas de arquitetos haviam trabalhado para formar o enorme conjunto de

¹¹⁹ NAIRN, I. “Lessons of Harvard Square” in **The Observer**, 9 de julho 1967, p.28

edifícios da Universidade de Harvard. No entanto, para ele, o verdadeiro triunfo era a banca de jornais e a entrada do metrô apenas fora da entrada principal da universidade. Esse espaço pequeno e ordinário criou acidentalmente um traçado que dificilmente poderia ter sido planejado especialmente em uma nação onde desperdiça-se terra “como se fosse papel higiênico”. Parece estranho, afirmava Nairn, mas em toda sua “ordinariedade” esse é provavelmente o espaço mais importante de Harvard. Harvard Square, como é chamado este local, é triangular, em um dos lados existem lojas, no outro uma fileira de bares e cafés e no terceiro um edifício neo-colonial de onde o usuário passa para Harvard Yard, o coração da universidade. No meio, continua Nairn, existe a entrada para o metrô com um serviço direto para o centro de Boston, a aproximadamente cinco quilômetros. Ainda tem um ponto de ônibus e uma banca de revistas e jornais, continua Nairn segundo o qual tudo parece prosaico. Entretanto pessoas parecem ser atraídas por esse espaço e mesmo existindo trânsito nos três lados, não funciona como uma ilha. Uma ilha aliena mas essa praça une, “arpoando” o caráter do lugar assim que todos reconhecem a banca de jornais como se fosse a Coluna de Nelson (em Trafalgar Square, Londres). Nairn descreve em detalhes o trânsito que flui lento e espontaneamente, sem causar dificuldades aos pedestres. Nairn também menciona o *Holyoke Center* do arquiteto catalão Josep Lluís Sert (1902—1983), segundo ele, “decente arquitetura” mas não adequado para Harvard Square. Harvard Square, segundo Nairn, não precisa de mais “arquitetura” (entre aspas no original): os usuários são os elementos unificadores. Ela está bem longe da *plaza* americana e do *precinct* britânico e não pode ser chamada de anacrônica já que funciona muito bem em 1967, segundo Nairn. Ele também lembra que na Grã-Bretanha existem muitos espaços triangulares que dão o foco que uma normal praça ou rua não dão e menciona Shaftesbury Avenue e outros espaços desse tipo que possuem caráter mas não foco.

Usá-los, afirma Nairn, transformaria uma vizinhança moribunda em uma vizinhança vibrante. Conclui: “Um último pensamento inquietante: se o espaço é o certo e os serviços providenciados são adequados para o espaço, como o são em Harvard Square, importa realmente sua aparência? Arquitetura é realmente necessária?”.

Estes três artigos são representativos não apenas da circulação dos princípios Townscape para além do ambiente acadêmico (e para isso o estilo de Nairn, como pode ser notado, era perfeitamente adequado) mas também demonstram um claro interesse em comparar não apenas métodos mas abordagens e atitudes diferentes nos dois países.

1.2 Christopher Tunnard e “Man-Made America: Chaos or control?”

Um financiamento da Fundação Rockefeller ao canadense Christopher Tunnard, na época diretor do departamento de City Planning da Universidade de Yale possibilitou a conferência “Civilising the American Roadscape” ocorrida em maio de 1958 na Universidade de Yale e mais tarde na publicação de seu premiado livro “Man made America: Chaos or Control?” publicado em 1963 (autores Christopher Tunnard e Boris Pushkarev). Estes projetos tinham como foco os problemas estéticos nos limites entre área urbana e rural e se propunham desenvolver novos padrões visuais para o espraiamento e para a urbanização “em faixa”¹²⁰ em áreas previamente rurais. Considero relevante lembrar aqui a trajetória profissional de Christopher Tunnard visto que ele havia trabalhado com membros do MARS na Inglaterra durante os anos 1930 e já mantinha contato com Gordon Cullen e membros do comitê editorial da *Review*. Já em 1937 Tunnard havia publicado uma série de artigos na *Review* que foram posteriormente reunidos no livro “Gardens in the Modern Landscape” (1938) e havia contribuído, em dezembro de 1950, na edição especial da *Review* com o título “Man-Made America” com o artigo “Scene”. Este artigo (ou nas palavras de Tunnard, essa “vistoria visual”) havia sido preparado com a ajuda de estudantes do programa de pós-graduação em Planejamento Urbano (City Planning) da Universidade de Yale, e representa o precursor de “Man-Made America: Chaos or Control?”. Logo após a

¹²⁰ *Ribbon development* em inglês, refere-se à urbanização ao longo de estradas. Esse tipo de urbanização gerou grande preocupação no Reino Unido (e nos Estados Unidos) durante os anos 1920 e 1930. A prática era vista como um uso ineficiente dos recursos e um precursor do *sprawl* ou espraiamento. Um dos objetivos do planejamento do pós-guerra no Reino Unido foi de fato deter esse tipo de urbanização o que levou à introdução do uso do cinturão verde.

segunda Guerra Mundial Tunnard foi, durante um breve período, também editor da *Architectural Forum*.

Durante seu trabalho na Universidade de Yale ele foi professor visitante de outras instituições de renome nos Estados Unidos e na Itália. Ele recebeu numerosos prêmios e foi membro de inúmeras associações e institutos, suas publicações atingiram tanto periódicos especializados como revistas dedicadas a um público mais amplo. Sua obra teve muita repercussão também em relação à preservação histórica onde ele atuava como membro de diversas associações e comissões.

Ao submeter seu projeto para a Fundação Rockefeller ele afirma claramente ter sido encorajado pelo sucesso das campanhas elaboradas pela *Review* com o objetivo de melhorar a qualidade estética da paisagem. Cinco anos após essa colaboração, Ian Nairn, na edição especial da *Review*, Outrage, escrevia:

In 1950 the *Review* traced this rake's progress, both planned and unplanned, in some of its manifestations in the U.S., a piece of research which drew from some of its American readers subdued applause but raised the blood pressure alarmingly in others. Unnecessarily, since the fact that we are all in this thing together, first as the victims and then, in varying degrees, as the offenders, is the first thing we have to know about it. Here the *Review* (as it promised then) turns the searchlight upon this country (NAIRN, 1955, p.368)¹²¹.

A edição especial “Outrage”, bem como os artigos e a coluna especial “Outrage” publicados na *Review*, compõem uma importante pesquisa sobre os problemas de planejamento e sobre os danos causados tanto à paisagem urbana quanto à paisagem rural britânica no período do segundo pós-guerra e essas edições enfatizavam que a

¹²¹ Tradução da autora: “Em 1950 a *Review* traçou essa trajetória de corrupção moral, descrevendo tanto o planejado como o não planejado, em algumas de suas manifestações nos Estados Unidos, um trabalho de pesquisa que arrancou aplausos de alguns de seus leitores americanos, mas aumentou de maneira alarmante a pressão sanguínea em outros. Sem necessidade, dado o fato de estarmos todos juntos nisso, primeiro como vítimas e depois, em vários graus, como transgressores, é a primeira coisa que temos de reconhecer. Aqui a *Review* (como prometido na época) direciona sua lanterna sobre esse país”. Observação: Nairn utiliza a expressão “rake's progress” – “trajetória de um libertino” -, como metáfora para o processo de dissolução, ou deterioração progressiva, das práticas de planejamento. Para o público britânico esta expressão se vincula a uma série de gravuras e pinturas do artista inglês do século XVIII, William Hogarth, as quais representavam vívidas narrativas visuais de forte conteúdo moral.

Europa também era vulnerável aos ataques à paisagem relatados por Christopher Tunnard¹²².

O livro de Tunnard “The Modern American City” (1968) é relevante para os fins dessa tese já que a primeira edição brasileira foi lançada logo em seguida, em 1971, precocemente em relação a outros livros da década de 1960¹²³. O livro é dividido em duas partes: a primeira consiste em um estudo propriamente dito da “moderna cidade americana”, surgida segundo o autor a partir da guerra civil americana. A segunda parte apresenta uma antologia de textos de vários autores e alguns documentos aos quais Tunnard se refere na primeira parte. Uma dessas leituras¹²⁴ é sobre a cidade de Los Angeles. O autor (não identificado) do artigo responde as “pilhérias” de certas revistas que se referem a Los Angeles como a “ovo desmexido” ou “sete auto-estrads em busca de uma cidade” descrevendo como a cidade iniciava a adquirir contornos reconhecíveis com um novo e “colossal” centro que dava à ela um senso de forma e estrutura, assim como de “substância cultural”.

Dentro do recorte temporal dessa tese, a parte relevante do livro é a crítica de Tunnard à descentralização iniciada, segundo ele, a partir de 1935, devido a diversos fatores, entre os quais a orientação do New Deal¹²⁵ de “voltar ao campo” mas acima de tudo o “subsídio indireto da sociedade à indústria automobilística”. Tunnard cita os problemas das faixas comerciais ao longo de estradas rurais e de autoestradas e a atração dos *shopping centers* em detrimento dos centros das cidades. A mensagem central do livro é a de que a cidade devia ser encarada como o mais importante fenômeno cultural da humanidade: segundo Tunnard mesmo a favela deveria ser tratada com respeito por sua rede frágil e cuidadosamente formada de inter-relações humanas,

¹²² PAVESI, L. “Ian Nairn e o manifesto subtopia” in **Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo** [Online], 2007, p.139-145. Disponível em:

http://arquitetura.eesc.usp.br/revista_risco/Risco5-pdf/ref_4_risco5.pdf. Acessado: 20.02.2013.

¹²³ TUNNARD, C. **A Moderna Cidade Americana**. Rio de Janeiro: Bloch Editores. 1971.

¹²⁴ “O T Metropolitano”, leitura n. 33, p. 205. O texto é reproduzido da *Los Angeles Magazine*, 11 janeiro 1966, p. 29-30.

¹²⁵ Série de medidas em resposta ao perigo da Grande Depressão e que eram destinadas a recuperar a economia, reformar o sistema financeiro e reduzir o desemprego e a pobreza nos Estados Unidos entre os anos 1933 and 1938, durante a administração de Franklin D. Roosevelt.

suscetível de destruição, em uma só tarde, pela máquina de terraplenagem.

Lembrando que o livro de Tunnard foi traduzido e lançado no Brasil em 1971, essa observação é extremamente oportuna já que como afirmado por Gosling, a favela apontaria, no final dos anos 1960 e nos anos 1970, como a maior temática do Desenho Urbano no Brasil, como será visto no capítulo referente à inserção do discurso Townscape no Brasil.

1.3 Victor Gruen e a *anti-city*: pontos de contato e divergências.

No âmbito da transferência de ideias da Europa para os Estados Unidos, uma das personagens cuja trajetória pessoal e profissional considero também relevante, embora não associada diretamente a Townscape, foi Victor Gruen o qual também criticava, como veremos, as ideias anti-urbanas e a “anti-city”, e defendia a “cidade compacta”. A contribuição de Gruen interessa particularmente já que o *shopping center*, do qual ele é considerado o pai, consistiu em uma das mais importantes e espetaculares mudanças na paisagem urbana dos Estados Unidos do segundo pós-guerra assim que é útil investigar as origens e a visão desse arquiteto e urbanista austríaco radicado nos Estados Unidos.

Nascido Viktor David Grünbaum (1903-1980), o arquiteto e *designer* é geralmente considerado o pioneiro da arquitetura comercial e o arquiteto que influenciou a maneira com a qual comerciantes, arquitetos e urbanistas concebiam e realizavam os centros comerciais que iriam definir a paisagem americana dos anos após a segunda Guerra Mundial¹²⁶. Gruen nasceu em Viena e estudou arquitetura na capital austríaca a qual, desde o fim do século XVIII até a primeira Guerra Mundial, era considerada uma das mais vibrantes capitais culturais e intelectuais da Europa e um dos mais importantes centros mundiais de inovação no campo das artes e da ciência. Judeu, boêmio e socialista militante, Gruen conduzia em Viena uma vida social e política muito intensa

¹²⁶ De fato, a revista *Progressive Architecture* (julho 1959, p. 115) chama esse tipo de estabelecimento, os *shopping centers*, de “emerging urban pattern” (padrão urbano em emergência), na mesma edição dessa revista os editores apontam, como na *Review*, para a diluição da paisagem “nem campo, nem cidade”.

mas quando a Alemanha nazista anexou a Áustria em 1938, ele, como outros judeus e intelectuais vienenses, se viu obrigado a emigrar para os Estados Unidos.

Quando Gruen chegou a Nova Iorque, o evento mais visível era o da World's Fair, a feira mundial concebida pelo prefeito La Guardia para promover a cidade durante o período da Grande Depressão e onde os expositores pretendiam apresentar, através de projetos para parques, complexos viários e edifícios com garagens, uma visão idealizada e esperançosa do futuro da cidade americana. Gruen trabalhou na feira para companhias que tentavam projetar, através de novas tecnologias e materiais como luzes e plásticos fosforescentes, a imagem de um país moderno e otimista. A feira anunciava assim o mundo do futuro e proeminentes *designers* industriais desempenhavam um papel importante nessa concepção do futuro. Henry Dreyfuss projetou um modelo de uma “metrópole futurista perfeitamente integrada” chamada Democracy e a General Motors em especial criou para a ocasião Futurama, uma moderna cidade americana em miniatura. Futurama convidava os visitantes da feira para um passeio guiado ao longo do qual eles eram apresentados à cidade do passado e à cidade do futuro que, naturalmente, enfatizava a nova tecnologia automobilística.

Contudo, mais do que apenas promover o automóvel em si, Futurama vendia a ideia de um “interstate freeway system”, uma rede de autoestradas interestaduais que ainda não existia em 1939, para uma maioria de pessoas que ainda não possuía automóvel próprio e que não havia ainda considerado essa visão do futuro.

Imagem acima: Futurama, pavilhão da General Motors na Feira Mundial de Nova Iorque de 1939. Fonte: <http://kryz.tumblr.com/post/510794445/futurama-exhibit-by-norman-bel-geddes-new-york>

Assim tratava-se não apenas de conceitos abstratos: essa rede interestadual de autoestradas de fato, iniciou a ser concebida em dois relatórios para o congresso, em 1939 e 1944 respectivamente, os quais recomendavam a construção de um sistema de vias inter-regionais com as conexões necessárias através e em volta de cidades, projetadas para atender as demandas de segurança durante tempo de guerra e as necessidades de atender o crescimento do trânsito a longo prazo.

Em 1956, o Presidente Eisenhower assinou o Federal-Aid Highway Act de 1956, decreto que autorizava o financiamento federal dessa rede interestadual de autoestradas¹²⁷. Futurama não era portanto apenas uma ideia mas representava e defendia um modelo que já estava sendo adotado.

Gruen, conclui-se, havia chegado em Nova Iorque durante mudanças drásticas para a arquitetura e o planejamento americanos: a Viena que ele havia deixado era uma

¹²⁷ WEINGROOF, R. The Greatest Decade 1956-1966: Celebrating the 50th Anniversary of the Eisenhower Interstate System. Highway History [online]. US Department of Transportation. Federal Highway Administration. 22 set 2011. Disponível em: <<http://www.fhwa.dot.gov/infrastructure/50interstate.cfm>>. Acesso em 12 junho 2012.

cidade de poucos carros e nenhuma grande autoestrada e, para ele, a exposição Futurama bem como o modelo defendido durante esse evento, devia ter com certeza causado um grande impacto em sua carreira (HARDWICK, 2004, p.19).

Nos anos 1950, o número de proprietários de carros aumentou dramaticamente nos Estados Unidos também como resultado da prosperidade do pós-guerra e do apoio do governo federal americano ao programa da casa própria nos novos subúrbios. Os deslocamentos que resultavam entre os subúrbios e a cidade trouxeram um número de carros sem precedentes em centros urbanos que, no entanto não possuíam ruas ou os estacionamentos aptos para acomodá-los, fato que levou a congestionamentos, poluição, calçadas inadequadas para pedestres e centros urbanos ineficientes.

Após um período em Nova Iorque Gruen fundou a "Victor Gruen Associates" em Los Angeles, Califórnia. Em seus estudos, e através de seu escritório, ele sugeria planos urbanísticos que solucionavam, ou tentavam solucionar os problemas decorrentes da dificuldade de acomodar o trânsito de automóveis nos centros urbanos.

O *shopping mall*, cuja ideia derivava dos espaços enclausurados europeus do século XIX como as galerias italianas e francesas, portanto adquiriu, com o automóvel, uma identidade completamente diferente e, mesmo que suas origens fossem na verdade europeias, este tipo de empreendimento pode ser considerado uma invenção tipicamente americana, vinculada ao aumento do número de proprietários de automóveis do segundo pós-guerra.

Durante o século XIX a cidade de Detroit no estado do Michigan teve um rápido desenvolvimento graças à sua localização ao longo de uma importante rede fluvial que a tornou um importante porto e centro da indústria naval. O crescimento dessa indústria atraiu também os pioneiros do setor automobilístico e induziu um considerável crescimento populacional que continuou com a segunda Guerra Mundial, quando a cidade se tornou centro da indústria bélica. O rápido crescimento industrial atraiu um grande número de operários negros vindos do sul fato que agravou também as tensões raciais que culminaram nos protestos de 1943 e que levaram cada vez mais habitantes

brancos a se mudarem para os subúrbios da cidade, tornados acessíveis mediante os novos complexos viários.

Em 1954 Victor Gruen teve a ideia de construir uma série de *shopping centers* para os subúrbios da cidade de Detroit, cujo objetivo era capturar consumidores fora da cidade e ao mesmo tempo, impedir o crescimento descontrolado de lojas ao longo de autoestradas, os já mencionados *ribbon developments*. Já em 1948 Gruen afirmava:

Acreditamos que existe uma grande necessidade de centros comerciais – mercados que atuam também como centros para a comunidade e para atividades culturais. Estamos convencidos de que um centro comercial de verdade seria o tipo mais lucrativo de localização para lojas já desenvolvido pela simples razão que irá incluir características que irão induzir pessoas a dirigir distâncias consideráveis para aproveitar suas vantagens” (Tradução da autora).

Um dos *shopping centers* projetados por Gruen, o Northland Mall, consistia em um conjunto de edifícios com passarelas externas graciosamente decoradas com plantas, bancos e pérgulas pitorescas em escala humana. Estes empreendimentos, embora inspirados pelos centros tradicionais das cidades europeias e que entendiam providenciar uma tranquila alternativa para as caóticas ruas da cidade, na verdade incorporavam os que são percebidos geralmente como valores do estilo de vida suburbano: ordem, limpeza e segurança¹²⁸. Em relação a esse último aspecto, o clima de insegurança geral causado pela guerra fria e pelas tensões raciais foram particularmente intensos em Detroit e com certeza contribuíram à crescente descentralização e consequente aumento dos proprietários de automóveis¹²⁹.

O chamado *sprawl*, ou espraiamento e a segregação racial foram de fato muito marcantes nessa cidade. A população branca afluenta que antes morava no centro da cidade mudou-se para os “seguros” subúrbios e obstáculos eram colocados para

¹²⁸ BALDAUF, A. “Shopping town USA. Victor Gruen, the Cold W, and the shopping mall”. In **Eurozine** [online], fev. 2008. Disponível em:< http://www.eurozine.com/ticles/ticle_2008-02-13-baldauf-en.html>. Acesso em 12 maio 2012. Publicado originalmente em alemão em L'Homme vol. 17 no. 2/2006.

¹²⁹ Essas duas questões estavam conectadas tanto que, em 1953, o presidente Eisenhower nomeou Charles Erwin Wilson, então presidente da General Motors como seu Secretário de Defesa.

prevenir o acesso da população afrodescendente. Não surpreende, portanto que esses *shopping centers* suburbanos tentassem recriar um microcosmo que permitia à população de alta renda de se retirar completamente das ruas comerciais do centro da cidade¹³⁰.

Outra famosa criação de Gruen foi o *shopping center* Southdale¹³¹ o qual marcou a transição entre os *shopping centers* chamados pelos arquitetos de “extrovertidos”, ou seja, aqueles com vitrines e entradas que davam tanto para a área de estacionamento quanto para as passarelas no interior. Southdale era completamente “introvertido”, os muros externos eram planos e toda a atividade se concentrava no interior. *Shopping centers* suburbanos haviam sido até aquele momento abertos, com lojas conectadas através de passarelas e calçadas externas e deve-se a Gruen a ideia de fechá-los completamente equipando-os de condicionado no verão e aquecimento no inverno, algo inédito naqueles anos e, embora os custos acarretados pelo sistema de condicionado e aquecimento tivessem aumentado consideravelmente, a atração do público havia aumentado também fazendo com que os *shopping centers* construídos a partir daquele momento nos Estados Unidos passassem a seguir o modelo de Southdale e forçando os construídos anteriormente a uma modernização (GOSLING, MAITLAND, 1976, p.32-33). A implantação desta novidade “tornava possível também a elaboração de uma paisagem autônoma e uma atmosfera de sonhos que privilegiava o consumo”¹³².

Observo outro evento relevante que, entre outros, contribuiu para essa transição do *shopping center* aberto ao *shopping center* fechado: em 18 de dezembro de 1950, portanto em plena guerra fria, a revista *Life* publica um artigo com o título “How US Cities Can Prepare for Atomic War”¹³³. Nele as cidades americanas e especialmente seus centros congestionados, eram retratados como possíveis alvos de ataques nucleares provenientes do bloco soviético.

¹³⁰ Ibid.

¹³¹ Inaugurado em 1956 na comunidade suburbana de Edina, perto de Minneapolis, com 64 lojas e estacionamento para 5200 carros.

¹³² GARREFA, F. Dead-Malls: Notas sobre o fechamento de grandes shopping centers regionais norte-americanos. In: I Colóquio Internacional Sobre Comércio e Cidade: uma relação de origem, São Paulo, 2005. **Anais do Colóquio Internacional Sobre Comércio e Cidade: uma relação de origem**, São Paulo, 2005. São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de arquitetura e Urbanismo, 2005.

¹³³ "How U. S. Cities Can Prepare for Atomic War", in **Life Magazine**, 25 (1950), 77-82, p.85

A revista apresenta uma entrevista com o matemático Norbert Wiener o qual defendia a implementação de "life belts" (literalmente “cinturões de vida”) nas áreas à margem da cidade. Segundo Wiener, nestes cinturões seriam implantados hospitais, fábricas, estações ferroviárias, estocagem de petróleo e *shopping centers* que, em época de guerra, contribuiriam para a defesa da população. O *shopping center* torna-se assim um símbolo e um elemento importante do programa de defesa civil americano no período da guerra fria¹³⁴ (BALDAUF, 2008) e que providenciava aos americanos uma sensação de amparo e proteção e, ao mesmo tempo, consolidava a expansão suburbana e a descentralização.

Por coincidência, no artigo "The Architect and Civil Defense" publicado pela revista *Progressive Architecture* em setembro de 1951, Gruen ilustrava aos editores a visão por trás dos quatro *shoppings centers* de Detroit. Respondendo à pergunta “a segurança depende da dispersão?” ele explicava que os quatro enormes *shopping centers*, localizados longe de alvos industriais, satisfaziam necessidades gerais durante tempos de paz e, em época de guerra, poderiam, se necessário, ser usados para centros de defesa para reabilitação, abrigo e primeiros socorros.

Enquanto outros *shoppings centers* estavam localizados em um único andar acarretando longas caminhadas, Gruen decidiu dispor Southdale em dois andares, conectados por escadas rolantes (algo também inédito naqueles anos). No meio ele alocou uma praça que evocava uma praça de cidade pequena, um jardim com um laguinho, esculturas, uma gaiola enorme com pássaros, cafés e balcões com plantas e flores. O resultado, segundo Hardwick (2004), foi extraordinário, com jornalistas do país inteiro cobrindo o evento e anunciando que o novo “templo do prazer com estacionamento” já havia se tornado “parte integral do estilo de vida americano”.

Como o Northdale Mall, nos subúrbios de Detroit, o Southdale também não havia sido planejado apenas para o comércio varejista, mas como um empreendimento

¹³⁴ BALDAUF, A. “Shopping town USA. Victor Gruen, the Cold W, and the shopping mall”. *Eurozine* [online], fev. 2008. Disponível em:< http://www.eurozine.com/ticles/ticle_2008-02-13-baldauf-en.html>. Acesso em 12 maio 2012. Publicado originalmente em alemão em L'Homme vol. 17 no. 2/2006.

de uso misto que combinava todos os ingredientes de uma cidade modelo: varejo, residências, escritórios, consultórios médicos, recreação, escolas e outros. Embora um hospital, residências e recreação tenham sido implementados na área ao redor do *mall*, a visão original de Gruen nunca foi realizada de verdade. 'Todavia *shopping malls* com lojas âncoras situadas nas extremidades e que obrigavam o consumidor a passar por uma série de lojas menores e sistema de ar condicionado no modelo de Southdale proliferaram no país todo daí em diante.

Gruen, o qual se definia um “environmental architect”¹³⁵, um arquiteto de ambientes, defendia as qualidades sociais, culturais e espaciais da cidade e a forte relação entre a arquitetura comercial e a arquitetura pública (WALL, 2005, p.237). Convencido de que o *shopping center* poderia atuar como instrumento urbanístico, seus *malls* incluíam sempre atividades culturais e de lazer, enfim, representavam uma simulação de centro urbano, um espaço cívico provido de serviços como correios, lavanderia, cinemas, consultórios e enfermarias que se integravam na rotina diária da população.

Apesar disso, autores e estudiosos entre os quais J.B. Jackson questionavam a uniformidade de “gostos, salários e interesses” de seus frequentadores e como seus esforços de “contenção” resultavam em lugares exclusivos e monótonos que não poderiam substituir os centros cívicos tradicionais. J.B. Jackson afirmava, ao comentar sobre o sucesso dos projetos de Gruen, que sua ênfase em praticidade, limpeza e segurança e sua rejeição a qualquer coisa vulgar ou pobre era uma visão muito deturpada da cultura urbana. J.B. Jackson sugeria que mesmo as ruas mais decadentes poderiam revelar seu potencial, através de um tratamento criativo¹³⁶.

A Gruen Associates de Los Angeles também concebeu e realizou projetos de revitalização de centros urbanos entre os quais o plano para Fort Worth, no Texas (1955); o plano para o centro de Kalamazoo, no Michigan (1958), uma versão mais modesta do plano para Fort Worth, bem como o plano para o centro da cidade de Fresno, na Califórnia, o Fulton Mall (1965).

¹³⁵ **Matrix**, 1962, n.3, vol. 1.

¹³⁶ JACKSON, J.B. “The Stranger’s Path” in **Landscape: magazine of Human Geography**. Vol.

Imagem acima: *Fort Worth Star Telegram*, 11 março 1956. Edição do jornal da cidade de Fort Worth (Texas) anuncia o projeto de Victor Gruen com os títulos: “Plano para ‘Cidade do amanhã’ anunciado para líderes da comunidade” e “Visão da área central livre de carros”. O centro da cidade deveria ser delimitado por uma marginal, estacionamentos para 60.000 automóveis colocados nas proximidades dessa marginal e uma rede de passagens subterrâneas para caminhões e veículos de serviço.

Ele foi o arquiteto do primeiro *shopping center* aberto nos Estados Unidos na cidade de Kalamazoo, o Kalamazoo Mall, inaugurado em 1959. Gruen foi um prolífico escritor de livros e artigos nos quais oferecia sua opinião sobre uma grande variedade de temas, desde estratégias para aumentar lucros a projetos para a reconstrução de centros urbanos, mas, embora seus textos evocassem sonhos de espaços cívicos perfeitos, os danos que os *malls* suburbanos exerceram ao esvaziar os centros urbanos foram consideráveis e, embora o declínio da cidade de Detroit e de outras grandes cidades americanas não possa ser atribuído diretamente aos *shopping centers* de Gruen, pode se afirmar que essa decadência está vinculada ao êxodo do comércio varejista para os subúrbios (INGERSOLL, 2006, p.43).

Em seu livro “The Heart of Our Cities: the urban crisis: diagnose and cure” (1964) ele afirmava: “If we do not want the city to be destroyed, if we do not want Anti-City to bury us, we have to prepare for an all-out-counterattack”¹³⁷ (GRUEN, 1964).

Essa afirmação ecoa as advertências da *Review* de alguns anos antes, principalmente as contidas na edição especial “Counterattack against Subtopia” de 1956 embora os argumentos de Victor Gruen a favor da cidade compacta em relação ao espraiamento eram principalmente econômicos já que ele lidava principalmente com clientes e grandes empreendedores. Em outras palavras, ele tentava persuadir esses clientes e empreendedores de que centros comerciais compactos e limitados a pedestres iriam atrair consumidores e portanto aumentar as vendas. No mesmo livro, bem como em numerosas palestras proferidas ao longo de sua carreira, Gruen defendeu vigorosamente a separação de pedestres e automóveis, considerados por ele o inimigo, incentivando as autoridades a dar maior importância ao serviço de transporte público mesmo que, como mostra por exemplo o plano de Fort Worth o automóvel fosse apenas “escondido”, removido da paisagem e, não por exemplo, substituído por meios de transporte público.

Arquitetos como Gruen, ao trazer uma imagem da cidade ideal europeia para os Estados Unidos, acreditavam estar criando um ambiente urbano especial nos subúrbios, com praças bem projetadas e pátios iluminados no modelo europeu, mas ignoravam a visão comercial limitada que criava uma experiência alienante e controlada (BLOOM, 2004, p.114). Cada vez mais consumidores eram atraídos pelo ambiente controlado dos novos *shopping malls* suburbanos com o consequente esvaziamento dos centros comerciais urbanos e, enquanto esses últimos atraíam uma grande variedade de consumidores, os *malls* suburbanos tinham como alvo segmentos específicos da população excluindo segmentos da população considerados indesejáveis.¹³⁸

¹³⁷ Tradução da autora: “Se não quisermos que a cidade seja destruída, se não quisermos que a anti-cidade nos enterre, temos que nos preparar para um completo contra ataque”.

¹³⁸ Os tumultos de 1967, 1968 e 1969 alimentados principalmente por comunidades afrodescendentes marginalizadas, especialmente em Detroit, levou ao surgimento do movimento “advocacy planning” (GOSLING, 2003, p.71)

Por ocasião do 8º CIAM, cujo tema era “The Heart of the City”, o arquiteto Kenzo Tange (1913–2005) afirmava (apud GOSLING, MAITLAND, 1976, p.191):

Nas modernas sociedades capitalistas do ocidente, corações urbanos foram gradualmente se perdendo. Os chamados centros de negócios podem ser os novos corações das sociedades capitalistas, mas podem eles ser considerados os novos corações das vidas dos cidadãos? ...Centros de entretenimento ou shopping centers podem estar, de alguma forma, próximos àquilo que eu chamo de coração. No entanto, se eles devem ser considerados corações no sentido de serem lugares onde o corpo e a alma dos cidadãos são cultivados, esses derivados do Capitalismo são relacionados demais com o consumo e o prazer e, por serem empreendimentos comerciais, não podem ser considerados saudáveis e desejáveis. (Tradução da autora)

A produção arquitetônica e urbanística de Gruen ganhou, durante as décadas de 1950 e 1960, grande visibilidade e inevitavelmente foi exposta também ao escrutínio dos teóricos e dos defensores de Townscape, sempre muito interessados no processo de suburbanização nos Estados Unidos.

Já mencionei a resenha do livro de Ian Nairn “American Landscape: a Critical View” publicada no *New York Times* em março de 1965 a qual, embora extremamente positiva, levantava algumas objeções a comentários de Ian Nairn. Uma das mais interessantes é justamente aquela referente ao Kalamazoo Mall (Michigan) de Victor Gruen. O Kalamazoo Mall, inaugurado em 1959, foi um dos primeiros centros comerciais abertos para pedestres dentro da cidade e representava uma tentativa de revitalizar as cidades em defesa contra a crescente suburbanização. No entanto, Nairn lamentava que os projetistas desse tipo de centro, mesmo com as melhores intenções, tendiam a “jogar todos os elementos num mesmo espaço”. No artigo “Case of the perfect precinct”¹³⁹ Nairn dá continuidade a essa crítica, ao comentar a criação, em Copenhague, Dinamarca, de uma zona para pedestres genuinamente bem sucedida. “Todos estão obcecados com *precincts* para pedestres esses dias”, afirmava Nairn, “o urbanista médio dos anos 1960 acha que basta separar pessoas de carros para uma

¹³⁹ NAIRN, I. “Case of the perfect precinct” in **The Observer**. 10 de março 1968, p.33.

cidade se tornar gloriosa como Veneza”¹⁴⁰. E de fato, nos Estados Unidos, Gruen não era certamente o único a ver o poder de redenção desses estabelecimentos. Pietro Belluschi (1899 -1994), arquiteto ítalo-americano também envolvido com projetos de centros comerciais, também via no *shopping center* um paraíso protegido para pedestres ao qual os carros não podiam acessar.

Mas apesar das muitas incoerências e paradoxos na obra de Gruen, existe um vínculo claro entre as suas opiniões publicadas em periódicos norte-americanos e as divulgadas, alguns anos antes, pelos teóricos de Townscape na Grã-Bretanha como mostra esse trecho do artigo publicado no *The Appraisal Journal*¹⁴¹ em janeiro de 1956:

[Architecture] must concern itself with all man made elements, which form our environments; with roads and highways, with signs and posters, with outdoor space as created by structures, with cityscape and landscape¹⁴².

No mesmo artigo Gruen passa a categorizar, de maneira curiosamente semelhante a dos teóricos de Townscape durante os anos 1950, os vários tipos de paisagem urbana tais como: *technoscape* (paisagem que consiste em, por exemplo, oleodutos, linhas de alta voltagem, depósitos de sucata, refinarias, chaminés, gruas etc.); *transportationscape* (ferrovias, estradas, rodovias, estacionamentos, cruzamentos, etc.); *suburbscape* (subúrbios em todas as suas manifestações com sua “falsa respeitabilidade e genuíno tédio isolados por um mundo de congestionamento de trânsito” e finalmente a *sub-cityscape*, uma categoria que combinaria os piores elementos das categorias anteriores, elementos que se “agarrariam como sanguessugas” a todas as estradas acompanhando-as “até aquilo que uma vez podia ser chamado de campo”.

¹⁴⁰ Nesse artigo para o jornal inglês *The Observer*, Nairn convida urbanistas a ver como os dinamarqueses estavam lidando com Strøget.

¹⁴¹ Publicação do Appraisal Institute, a maior organização profissional de avaliadores imobiliários dos Estados Unidos.

¹⁴² Tradução da autora: “[Arquitetura] deve preocupar-se com todos os elementos que formam o ambiente construído, com estradas e rodovias, com sinais e cartazes, com espaços livres criados por estruturas, com a paisagem urbana e a paisagem natural.” **The Appraisal Journal**¹⁴², janeiro de 1956.

A paisagem denominada por Gruen de *sub-cityscape* chega a ser descrita de maneira muito semelhante àquela paisagem nem cidade, nem campo, denominada pela *Review* de subtopia:

Sub-cityscape - consisting of gas stations, shacks, shanties, car lots, posters, billboards, dump heaps, roadside stands, rubbish, dirt and trash. Sub-cityscape fills up the areas between cities and suburbs, between cities and towns, between cities and other cities¹⁴³.

Essa conexão é importante porque marca a inserção de pelo menos um aspecto do discurso Townscape, mesmo que não mencionado diretamente, também em periódicos voltados a alcançar profissionais do setor imobiliário e empresarial.

1.4 Uma nova paisagem: a revista *Life* e os New Topographics.

Embora os britânicos tivessem frequentemente demonstrado antagonismo em relação a tudo que vinha dos Estados Unidos, tendo saído vitoriosos da guerra junto à Grã-Bretanha, inevitavelmente os Estados Unidos se tornaram uma influência no período do segundo pós-guerra: ainda caros e difíceis de serem visitados pelos britânicos, esse país era instigante porque diferente.

Como Hugh Casson, leal defensor de Townscape e colaborador da *Review* afirmou em 1958: “The United States has become for architects the twentieth-century equivalent of the eighteenth-century Grand Tour”¹⁴⁴. Esse entusiasmo era demonstrado sobretudo pelos artistas, autores e arquitetos do Independent Group (IG) que queriam desafiar as abordagens modernistas prevalentes incorporando elementos da cultura popular em suas produções artísticas. O papel do arquiteto na comunicação de massa, de fato, era algo que não havia sido considerado pelo Modernismo do período antes da

¹⁴³ Tradução da autora: “Sub-cityscape - consiste em postos de gasolina, barracos, favelas, estacionamentos de carros, cartazes, outdoors, lixões, casebres de beira de estrada, lixo e sujeira. A sub-cityscape preenche as áreas entre cidades e subúrbios, entre cidades e outras cidades” in **The Appraisal Journal**¹⁴³, janeiro de 1956.

¹⁴⁴ Tradução da autora: “Os Estados Unidos tornaram-se, para os arquitetos do século XX, o equivalente ao Grand Tour do século XVIII”. CASSON, H. “Critique of our expanding Subtopia” in **AIA Journal**, fevereiro 1958.

guerra e essa nova iconografia representava uma nova modernidade (POWERS, 2007, p.118-119).

Nos Estados Unidos, a *Life*, uma das revistas mais populares durante as décadas de 1950 e 1960, havia sido lançada em 1936 como um complemento “pictórico” da *Time*, revista semanal lançada em 1923. Os objetivos da *Life* eram o de apresentar nacionalmente uma variedade abrangente de imagens e temas desde política, arte, esporte, religião, negócios até temas mais corriqueiros. Embora a credibilidade da revista tenha sido discutida ao longo dos anos e sua objetividade seja questionável, ela hoje oferece um registro visual da sociedade norte-americana importante para os fins dessa tese. De fato, sua cobertura da rápida expansão da sociedade de consumo do segundo pós-guerra nos Estados Unidos e seu dramático impacto sobre a paisagem urbana, rural e natural foi bastante extensa embora contraditória¹⁴⁵. Se por um lado a revista celebrava a cultura do automóvel, por outro lado condenava a deturpação da paisagem e do ambiente ignorando ou evitando reconhecer a conexão entre esses até essa conexão se tornar, com a intensa expansão do sistema de estradas interestaduais do fim dos anos 1950, difícil de ser ignorada. Em 1957 a revista anunciava a necessidade de melhorar a qualidade estética da paisagem ao longo das rodovias (ESPERDY, G. in MEDINA LASANSKY ed., 2014, p.186).

Dois anos depois essa posição foi reforçada por William H. Whyte, o já mencionado editor da revista *Fortune*. O artigo de Whyte para a *Life* introduziu aos leitores dessa popular publicação questões mais complexas como as implicações da sociedade de consumo e a especulação imobiliária explicando detalhadamente suas implicações para o contribuinte, questões que iam portanto além da óbvia proliferação de cartazes publicitários na paisagem.

¹⁴⁵ A respeito dessas contradições veremos também, no capítulo referente a obra do arquiteto e urbanista Victor Gruen como a *Life* desempenhou um papel importante em promover a descentralização e o espraiamento alegando, durante o período da Guerra Fria, questões de segurança nacional.

Imagem acima: páginas da revista *Life* documentando e denunciando a deterioração da paisagem e do ambiente. 24 Julho 1970.

Sempre no âmbito da iconografia, o movimento New Topographics que se desenvolveu no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 foi importante não apenas por expandir a definição de fotografia de paisagem mas também por sua crítica implícita à nova paisagem americana. Em 1975, os fotógrafos deste movimento, entre os quais Robert Adams, Lewis Baltz, Bernt e Hilla Becher, Frank Gholke, Nicholas Nixon e Stephen Shore, apresentavam, através da nota exposição "New Topographics: fotografias de uma paisagem alterada pelo homem", imagens de fábricas e usinas abandonadas, fiação elétrica, centros urbanos e ruas vazios, motéis de estrada, postos de gasolina, elementos industriais muitas vezes sinistros, anônimas paisagens suburbanas, estacionamentos e o domínio do automóvel. Embora a crítica na época tenha sido em geral negativa, a exposição sintetizou um momento chave na fotografia de paisagem americana e teve forte repercussão não só nos Estados Unidos, mas também na Europa, onde gerações de fotógrafos de paisagem reproduziam a estética da exposição. As imagens aparentemente banais refletiam o desconforto causado pela erosão das paisagens naturais, pelo desenvolvimento industrial e a solidão e o isolamento da

paisagem suburbana. O californiano Lewis Baltz (1945-2014) em especial explorou, a partir do fim dos anos 1960, a intrusão de elementos urbanos em paisagens suburbanas uma crítica também presente no ideário Townscape.

Assim a transformação do território urbano e suburbano acabou gerando novas práticas artísticas que colocavam ênfase no ambiente visual.

Os fotógrafos e artistas conceituais alemães Bernd e Hilla Becher realizaram em 1966 uma viagem de seis meses através da Grã-Bretanha durante a qual fotografaram as paisagens ao redor dos centros produtores de carvão e estruturas industriais de maneira semelhante ao já mencionado fotógrafo da *Review* Eric de Maré. Em 1974 eles também viajaram através dos Estados Unidos onde registraram uma série de estruturas industriais em seus contextos.

Imagem acima: Lime Kiln, Harlingen, Holanda.

Autores; Berndt e Hilla Becher. 1963.

Fonte: <http://www.e-flux.com/announcements/giorgio-morandi-bernd-hilla-becher-trisha-donnely/>

Em 1955, o americano Robert Frank, financiado pela Fundação Guggenheim, havia realizado uma série de viagens pelas rodovias norte-americanas. Este projeto tornou-se um clássico da fotografia americana e as imagens foram pela primeira vez publicadas na França em 1958, com o nome “Les Américains”. A edição americana, publicada no ano seguinte, era introduzida por um texto de seu amigo o autor Jack Kerouac o qual havia apenas publicado, no ano anterior, seu livro “On the Road”.

O tema das *road trips* tornou-se bastante popular naquele período: antes de Kerouac, Bobby Troup, ao dirigir em direção a Los Angeles para trabalhar em Hollywood, escreveu "Route 66", a primeira *road trip song* gravada posteriormente por Nat King Cole. Essa cultura das viagens ao longo das rodovias norte-americanas, à qual aderiram também os britânicos Ian Nairn e Reyner Banham, também influenciou um dos membros do movimento New Topographics, o nova-iorquino Stephen Shore, o qual, em 1972 iniciou sua primeira viagem fotográfica que resultou na série “American Surfaces”. Para Shore havia algo no ar naqueles anos, a urgência em entrar em um carro e dirigir: a guerra havia terminado, os soldados estavam voltando para casa e os Estados Unidos estavam saindo de quase vinte anos de depressão econômica: um novo período de prosperidade estava iniciando¹⁴⁶. A mobilidade havia se tornado assim sinônimo de liberdade e qualidade de vida.

¹⁴⁶ Shore, S. The Road Trip. <<http://stephenshore.net/writing/theroadtrip.pdf>>

Imagem acima: Pueblo Bonito, New Mexico. Em “American Surfaces”.
 Autor: Stephen Shore. 1972.

Imagem acima: U.S. 22, Union, New Jersey em “Uncommon Places”.
 Autor: Stephen Shore. 1974.

Imagem acima: Landscape, Los Angeles. Autor: Frank W. Gohlke. 1974
 Fonte: <<http://unframed.lacma.org/>>

Imagem acima: Mobile Homes, Jefferson County, Colorado.
 Autor: Robert Adams. 1973.
 Fonte: <<http://arttattler.com/archiveman-alteredlandscapes.html>>

Em outubro de 1965 o Presidente dos Estados Unidos Lyndon B. Johnson assinou o decreto “Highway Beautification”¹⁴⁷ o qual visava melhorar a qualidade visual ao longo das rodovias interestaduais através da remoção de cartazes publicitários e outras interferências na paisagem. Durante a cerimônia ele declarava que essa iniciativa visava enaltecer os espíritos e restaurar parte da “national greatness”, da grandeza nacional. A julgar pelo discurso da cerimônia, essa administração acreditava que a beleza possuía uma verdadeira utilidade social e que recreação, poluição, saúde mental e índice de criminalidade estavam conexas. Embora o impacto desse decreto tenha sido enfraquecido pela oposição por parte das corporações que se viam privadas do precioso espaço publicitário, o decreto foi importante por mostrar que mesmo as áreas verdes ao longo de rodovias eram importantes e dignas de serem preservadas.

Assim, podemos notar que a luta para a melhoria da qualidade visual das áreas urbanas e suburbanas e contra a imposição de elementos artificiais na paisagem não evoluiu necessariamente ao mesmo tempo nos dois países. No país de origem do Movimento Townscape, iniciativas para melhorar a qualidade visual da paisagem ao longo de estradas ou em áreas rurais vinham sendo adotadas desde o século XIX através de, por exemplo, associações como a SCAPA (Society for Checking the Abuses of Advertising) criada em 1894 e o National Trust criado no mesmo ano. A proliferação de associações e “pressure groups” cresceu nos anos entre as guerras com a intensificação da expansão suburbana dando origem, entre outras, à CPRE (Campaign for the Preservation of Rural England), criada em 1926, e levando à implementação de decretos como o “Restriction of Ribbon Development Act” de 1935. Em particular, a luta contra os assentamentos em faixa ao longo de rodovias foi um dos temas caros a Victor Gruen e que será abordado no capítulo dedicado a esse arquiteto e urbanista cuja obra teórica e prática exerceu forte influência durante as décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos.

¹⁴⁷ Seção 131 do “Title” 23 do United States Code (1965). Acesso:<
<http://www.law.cornell.edu/uscode/text/23/131>>. Acessado: 03.12.2014

Portanto o discurso sobre o ambiente visual que estava emergindo como consequência da sociedade do consumo teve forte repercussão na mídia popular, como foi o caso da *Life* e da *Fortune* embora com um maior ou menor grau de crítica.

1.5 David Crane e o “conter-attack bureau” norteamericano

O norte-americano David Crane pronunciou-se em várias ocasiões sobre as políticas editoriais da *Review*, deixando claro que a revista era uma de suas principais referências. Crane formou-se na Harvard School of Design em 1952, foi assistente de Kevin Lynch e trabalhou com ele na elaboração do livro “The Image of the City”. Ele era afiliado ao Departamento de Planejamento Urbano e Regional (City and Regional Planning) da Universidade da Pensilvânia e foi também Chefe de Planejamento da cidade de Boston). Na Universidade da Pensilvânia, Crane foi orientador do hoje renomado arquiteto e urbanista Alex Krieger e de Denise Scott-Brown¹⁴⁸ entre outros. Crane era influenciado por sociólogos como Herbert Gans e Paul Davidoff os quais defendiam uma abordagem mais permissiva em relação à dos modernistas.

Ele afirmava que ruas deveriam ter quatro funções: providenciar acesso, construir cidades, providenciar espaços para se viver (*living spaces*) e para divulgar mensagens. Essa última formulação acabou influenciando Robert Venturi e Alex Krieger os quais buscavam explorar o lugar da comunicação na arquitetura e no urbanismo (KRIEGER e SAUNDERS, p.71).

Sempre na Universidade da Pensilvânia, Crane iniciava os alunos à pesquisa de Kevin Lynch e buscava explorar maneiras de introduzir mudanças na cidade sem causar sofrimento ou privações.

Em 1957, Crane fundou o “Urban Design Studio”, sempre na mesma instituição, e chegou a propor um “Counter-Attack Bureau” americano, uma versão do “Counter-Attack Bureau” implantado pela *Review* após a publicação da edição especial, “Outrage”

¹⁴⁸ Autora, com o marido Robert Venturi e Steven Izenour, do livro “*Learning From Las Vegas: the Forgotten Symbolism of Architectural Form*” (1972) traduzido pela primeira vez no Brasil em 2003 (Cosac & Naify) com o título *Aprendendo Com Las Vegas*.

em 1955 (ORILLARD, 2009, p.297). Como visto na dissertação de mestrado, o “Counter-Attack Bureau” consistia em uma espécie de força-tarefa organizada pela *Review* ou, usando as palavras dos editores da revista londrina, um “serviço de vigilância e orientação do bom caráter visual da Inglaterra”, e lidava com as dúvidas de arquitetos, urbanistas e cidadãos comuns.

1.6 A revista *Landscape – Magazine of Human Geography* e J.B. Jackson.

A revista *Landscape – Magazine of Human Geography* fundada em 1951¹⁴⁹ na cidade de Santa Fé, Novo México, Estados Unidos foi inicialmente publicada e editada por uma única pessoa, o escritor John Brinckerhoff Jackson (1909- 1996) e não se tratava de um veículo para promover modelos ou soluções urbanísticas mas sim de uma plataforma para propostas de maneiras de entender e analisar a experiência e o significado do ambiente construído comum.

A partir do fim da década de 1950 autores, antropólogos, sociólogos e críticos iniciaram a explorar as relações sociais, culturais e de poder que podiam ser identificadas e reconhecidas no ambiente construído e a palavra “paisagem” começou a evocar além de cenários naturais também habitações, estradas, cidades, sinais luminosos e outros elementos criados pelo homem e que refletiam a cultura de um povo.

O termo e o conceito “geografia humana” apareciam raramente na imprensa antes de 1950 (WILSON, GROTH, 2003), no entanto em pouco tempo a revista conseguiu influenciar uma geração de arquitetos, geógrafos e pensadores e introduziu aos americanos novas maneira de perceber a paisagem. Quanto à tiragem, os assinantes não passavam de três mil e a revista era publicada apenas três vezes por ano, no entanto as habilidades promocionais e editoriais de Jackson desencadearam importantes discussões interdisciplinares sobre o ambiente construído norte americano. Durante a direção de J.B. Jackson (de 1951 a 1968), a *Landscape* tornou-se um importante fórum para ensaios no campo emergente da geografia cultural e durante as décadas de 1960 e

¹⁴⁹ Os volumes 1-2, n. 1 dessa revista foram publicados com o nome *Landscape: Human Geography of the Southwest*. A partir do volume 2, n.2 o título mudou para *Landscape: Magazine of Human Geography*.

1970 J.B. Jackson influenciou gerações de estudantes das universidades de Harvard e Berkeley tanto nos cursos de “Environmental Design” quanto nos de Geografia.

É relevante destacar, já que este era também o intento da *Review*, berço das teorias Townscape, que a revista *Landscape* era escrita para o leitor leigo, e evitava o uso de notas de rodapés ou outras características comuns em periódicos acadêmicos. Os temas da revista abrangiam desde ensaios sobre habitações, estacionamento ou rodovias até reflexões sobre ecologia, preservação de patrimônio, o impacto do automóvel, centros comerciais, casas móveis, ou mesmo artigos filosóficos sobre o significado do espaço humano os quais estimulavam animadas discussões entre os leitores.

Outra habilidade importante de Jackson consistiu em congregar uma rede de autores proeminentes e que incluíam o historiador Lewis Mumford, o historiador suíço Siegfried Gideon, o antropologista Edward T. Hall, o urbanista Kevin Lynch, o paisagista Garrett Eckbo, e mesmo o Presidente norteamericano Henry A. Wallace.

As primeiras duas coleções de ensaios de Jackson apareceram no início dos anos 1970: “Landscapes: Selected Writings of J. B. Jackson”, editado por Ervin H. Zube, (1970) e “American Space: The Centennial Years, 1865-1876” (1972)¹⁵⁰. Ele escreveu muitos artigos e ensaios sob vários pseudônimos e, importante para os fins dessa tese, a revista editada por ele publicava inúmeras traduções a partir de revistas e livros em francês, alemão, espanhol e italiano, as quais introduziam pontos de vista e tendências europeias para os leitores americanos.

Uma dessas contribuições é a sinopse do artigo “Surrealismo Urbano”¹⁵¹ apresentado por Ian Nairn na XI Trienal de Milão em 1957 e que, como veremos, promove algumas das teorias que Gordon Cullen e o comitê editorial da *Review* vinham desenvolvendo desde 1949.

¹⁵⁰ GROTH, P. "Jackson, John Brinckerhoff". American National Biography Online October 2007. Acesso: <http://www.anb.org/articles/14/14-01151.html>. Acessado: 10.08.2014.

¹⁵¹ Rostlund, E. “Synopsis: Urban Surrealism” in **Landscape – magazine of Human Geography**, vol. 8, n.3, 1959. Essa seleção do artigo é feita pelo antropólogo e professor de Geografia da Universidade da Califórnia, campus de Berkeley, Erhard Rostlund.

Foi escolhido discutir em detalhes o artigo original na parte dessa tese relativa à promoção dos princípios Townscape na Itália. Nele Nairn aborda o tratamento de monumentos e as “técnicas” para torná-los mais memoráveis através dos “choques perceptivos” já defendidos, como veremos, pelos teóricos de Townscape em outras ocasiões. Nairn refere-se a dois efeitos provocados por essas “técnicas”: o efeito da mudança de uso de um determinado monumento (esse aspecto segundo ele mais familiar aos italianos) e o “efeito surpresa” resultante da relação entre o monumento e seus entornos. Esse último aspecto é o que, em nossa opinião, pode ter atraído o interesse da revista *Landscape*. Ian Nairn reflete sobre as mudanças no ambiente ao redor de monumentos como, por exemplo, no caso de cidades que tornam-se metrópoles ou que se desenvolvem verticalmente ou uma comunidade rural que torna-se um centro industrial.

Via Itália, Nairn declarava assim aos leitores norte-americanos que não deveriam temer mudanças radicais, monumentos eram na verdade como animais, prosperariam se tratados com firmeza e empatia ao mesmo tempo mas poderiam ser destruídos com excessiva gentileza da mesma maneira que poderiam ser destruídos por brutalidade irracional. Considerando a rápida expansão e transformação das cidades americanas no segundo pós-guerra a questão sobre o tratamento dos monumentos e como integrá-los novamente na vida da comunidade era de grande relevância.

A respeito desse processo de difusão, é portanto interessante a afirmação de Healey (in HEALEY e UPTON, 2010, p.5-7), citada na introdução dessa tese, de que o processo de difusão é sempre seletivo e que ideias e experiências urbanísticas circulam em conjuntos ou agrupamentos. Esse exemplo da inserção do discurso Townscape na revista norte-americana *Landscape* parece ser representativo deste tipo de circulação: algumas das teorias Townscape selecionadas por Nairn nesse artigo, chegam aos Estados Unidos via Itália. Desta forma, embora pensadas para as necessidades específicas das cidades italianas naquele contexto histórico específico, a partir desse recorte das teorias Townscape apresentado por Ian Nairn para uma audiência italiana, é feita mais uma seleção, desta vez para os leitores norte-americanos da *Landscape*.

1.7 Peter Blake e “God’s own Junkyard” (1964).

O arquiteto alemão Peter Blake chegou aos Estados Unidos, via Grã-Bretanha, após a segunda Guerra Mundial. Blake trabalhou no comitê editorial da revista norte americana *Architectural Forum* de 1965 a 1972, na mesma época em que Jane Jacobs escrevia para esse periódico. E de fato, Blake menciona as iniciativas e ativismo de Jane Jacobs no livro considerado a seguir.

Em 1961 e 1963 Blake escreveu dois artigos¹⁵² editados posteriormente (em 1964) no livro “God’s Own Junkyard: the planned deterioration of America’s Landscape”¹⁵³. Parte dos textos contidos no livro “God’s Own Junkyard” foram publicados em diversos periódicos anteriormente à sua publicação em 1964. Eles aparecem pela primeira vez em maio de 1961 na revista *Horizon* em um artigo chamado “The Ugly America” (A feia America) e em 5 de outubro 1963 no *Saturday Evening Post* com o título: “The Suburbs are a mess” (Os subúrbios são uma confusão) e também na *Architectural Forum*, em janeiro de 1964. Portanto, as publicações de Blake são posteriores às primeiras edições especiais de Nairn e Cullen da *Review* (1955 e 1956).

Embora Blake fosse um modernista convicto, as obras de Nairn e de Blake apresentam vários pontos de contato como a denúncia contra a expansão suburbana, a degradação da paisagem urbana e rural e a diluição do caráter entre cidade e campo causada pelos assentamentos ao longo de estrada bem como aquilo que era percebido geralmente como poluição visual.

O autor anuncia na introdução que “God’s Own Junkyard” faz parte de um conjunto de livros publicados durante os anos 1960 e cujo objetivo era chamar a atenção a respeito de problemas ambientais e, segundo o autor, convencer o leitor a

¹⁵² BLAKE, P. “The ugly America” in **Horizon**, maio 1961 e BLAKE, P. “The suburbs are a mess” in **Saturday Evening Post**, 5 outubro 1963.

¹⁵³ BLAKE, P. **God’s Own Junkyard: The planned deterioration of America’s landscape**. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston. 1979. A frase “God’s Own Country” foi usada na segunda metade do século XIX para descrever algumas regiões norte-americanas como a Califórnia e o Tennessee e ainda é usada ocasionalmente para descrever os Estados Unidos como um todo.

God's Own Junkyard

The planned deterioration of America's landscape

PETER BLAKE

Embora Blake, em sua edição de 1979, reconheça a influência exercida por seu livro em 1964 e sua contribuição para o reconhecimento de certos valores ambientais, ele também aponta para as polêmicas geradas pelo livro. Entre elas o livro que ele considera uma resposta ao seu “God’s Own Junkyard”: “Complexity and Contradiction in Architecture” de Robert Venturi, publicado pela primeira vez em 1966 e, ironicamente, patrocinado pela mesma Fundação.

Imagens acima: páginas 120 e 121 de "God's Own Junkyard" (1964) e páginas de "Learning from Las Vegas" (1972).

Venturi indicava que certas manifestações populares, cartazes de neon, *outdoors* extravagantes e outros elementos denunciados por Blake em seu livro, deveriam ser reconhecidas pelos seus valores potencialmente estimulantes.

A famosa foto da construção transformada em escultura do "The Long Island Duckling" (o pato de Long Island) que tanto incomodava Blake em "God's Own Junkyard" encantava no entanto Venturi. Sua frase "The Parthenon is a duck" (o Parthenon é um pato) tornou-se, para grande decepção de Blake, o lema da nova vanguarda.

A controvérsia gerada pelo livro de Blake se manifesta através do aparecimento de publicações que em resposta ao percebido "esnobismo" de Blake, celebravam a "*junk architecture*" americana. Entre eles "Garbage Housing" (1975) do britânico Martin Pawley e "All their Own - People and the Places they build" (1977) de Jan Wampler, na época um jovem professor de arquitetura do MIT (BLAKE, 1979, p. 19).

Existem muitas semelhanças entre o livro de Blake e os ensaios publicados pela *Review* durante o segundo pós-guerra. Embora em "God's Own Junkyard" não exista nenhuma referência direta às teorias desenvolvidas pelo comitê editorial da revista, os vínculos são claros: algumas páginas de "God's Own Junkyard" são praticamente cópias de "Outrage" ou de "Counter-attack against subtopia", as fotos e ilustrações repetidas de mobiliário urbano e fiação elétrica, as monótonas paisagens suburbanas (e subtopianas) e a confusão visual em geral são quase idênticas.

Embora em “God’s Own Junkyard” não exista nenhuma referência direta às teorias desenvolvidas pelo comitê editorial da revista, os vínculos são claros: algumas páginas de “God’s Own Junkyard” (imagens acima) são praticamente cópias de “Outrage” ou de “Counter-attack against subtopia”, as fotos e ilustrações repetidas de mobiliário urbano e fiação elétrica, as monótonas paisagens suburbanas (e subtopianas) e a confusão visual em geral são quase idênticas. Além disso, os capítulos Townscape, Landscape, Roadscape, Carscape e Skyscape são, em nossa opinião, óbvias referências aos termos cunhados pela *Review* no início dos anos 1950 e que anteciparam a formulação dos princípios Townscape. Blake refere-se também, como Ian Nairn em “Outrage”, a uma predisposição para o “menor denominador comum” por parte dos arquitetos (BLAKE, p.20).

A *Review*, por sua vez, demonstrou interesse nessa publicação norte americana a ponto de publicar, em 1964 uma elogiosa resenha sobre o livro: “Counter-Junk”¹⁵⁴.

1.8 Robert Venturi e Denise Scott-Brown aprendem com Townscape.

Apesar das acusações de historicismo, para estudiosos desse movimento como Macarthur (2007, p. 202) dentro da *Review* existia efetivamente uma facção que representava essa tendência. Contudo é importante reconhecer que o arquiteto americano Robert Venturi havia publicado, em 1953, um estudo baseado nos princípios Townscape do Campidoglio romano na *Review*¹⁵⁵ e publicados na *Review* dentro do quadro da campanha Townscape. Nesse ensaio Venturi afirmava, claramente em sintonia com os princípios Townscape, que o arquiteto tinha uma responsabilidade perante a paisagem. Ele podia enaltece-la sutilmente ou prejudica-la já que o ser humano vê em “perceptive wholes” (todos perceptivos) e portanto a introdução de um novo edifício podia mudar o caráter de todos os outros elementos em uma cena.

Seus livros, tanto “Complexity and Contradiction in Architecture” (1966) quanto “Learning from Las Vegas” (1972), têm numerosos pontos de contato com Townscape. Venturi, por exemplo, também demonstrava interesse pelas teorias Gestalt nas quais Townscape também se apoiava. Da mesma maneira os teóricos de Townscape acreditavam na habilidade de apreender certos padrões através de “específicos exercícios do olhar”¹⁵⁶ ou agrupamento de formas e relacioná-los a certas emoções ou sensações. Eles demonstravam que certas composições ou justaposições no ambiente urbano induziam certas experiências a nível sensorial.

O envolvimento de Venturi com essa tema iniciou em 1950 com sua tese pela Universidade de Princeton, Estados Unidos, cujo tema principal era de que o contexto era importante para o significado e o efeito de um edifício e portanto deveria ser

¹⁵⁴ SANTIAGO, M. “Outrage: Counter-Junk” in **Architectural Review**, maio 1964 p. 135-134.

¹⁵⁵ VENTURI, R. “The Campidoglio: A Case Study” in **Architectural Review**, maio 1953, n. 677, pp. 333-334.

¹⁵⁶ “Townscape Casebook” in **Architectural Review**, Dezembro 1949, v. 106, p. 363.

considerado no processo do projeto. Além de mencionar suas viagens na Europa¹⁵⁷, na tese Venturi também cita a importância fundamental das leituras sobre Gestalt que haviam despertado sua sensibilidade para questões de “incorporação” de um edifício individual no tecido da cidade. Em “Complexity and Contradiction in Architecture” ele fazia usos de termos como “contexto” e “todo perceptivo” transportando-os para o discurso arquitetônico, o que segundo Stierli (p.119) era resultado dessas leituras. Também em “Learning from Las Vegas” estão presentes reflexões provenientes das teorias Gestalt mesmo reconhecendo que muitas vezes essas não fossem suficientes para entender a organização complexa das cidades americanas contemporâneas. A “*strip*”¹⁵⁸ de Las Vegas para ele eludia nosso conceito de forma e espaço urbano, antigo ou moderno, e o projeto de Las Vegas passou a representar a exigência de buscar novas abordagens para interpretar o espaço urbano e um novo conceito de imagem da cidade. Sua parceira e co-autora de “Learning from Las Vegas”, Denise Scott-Brown, também citava o ideário Townscape e reconhecia sua importância fundamental para sua própria concepção arquitetônica.

1.9 Kevin Lynch e a abordagem cognitivista.

Como visto na introdução desse capítulo, o primeiro programa de pesquisa financiado pela Fundação Rockefeller na segunda metade da década de 1950, teve lugar no Massachusetts Institute of Technology (MIT) e era chamado de “The perceptual form of the city”, a forma perceptiva da cidade. Coordenado por Kevin Lynch (1918-1984) e Gyorgy Kepes, esse programa na verdade nasceu do seminário “Experimental

¹⁵⁷ Em 1952 e posteriormente, em 1953, 1954, 1956 e 1957, tiveram lugar em Veneza, Itália, as “CIAM Summer Schools” cuja concepção resultava provavelmente da grande participação de urbanistas e arquitetos italianos no 7º CIAM de Bergamo em 1949.

O norte-americano Robert Venturi e Denise Scott-Brown participaram destas Summer School em 1956 financiados por uma bolsa da Academia Americana de Roma. Ver: SCIMEMI, M. “Venezia internazionale. La CIAM Summer School 1952–1957” in **Giornale IUAV** Acesso:<
<http://www.iuav.it/Ateneo1/chi-siamo/pubblicazi1/Catalogo-G/pdf-giorna/Giornale-Iuav-83.pdf>>. Acessado: 8.12.2014.

¹⁵⁸ A *Strip* de Las Vegas corresponde a uma secção de quase 7km da *Las Vegas Boulevard*, onde se localizam a maioria dos hotéis e casinos da cidade. A parte norte da *Strip* está localizada dentro dos limites da cidade de Las Vegas mas estende-se depois através da cidade satélite de Paradise.

Seminar in the Visual Form of the City” organizado em 1951 por esses dois pesquisadores e durante o qual eles tentavam reformular a questão da estética urbana¹⁵⁹.

No fim dos anos 1950 e durante os anos 1960 nos Estados Unidos, de fato, estava se desenvolvendo uma nova área de estudos chamada psicologia ambiental. Muitos fatores contribuíram para seu surgimento mas pode-se afirmar que a interface entre psicologia e ambiente construído surgiu como consequência de uma crescente frustração em relação a projetos voltados a satisfazer arquitetos que construía sem considerar as necessidades e as reações dos usuários.

Esses estudos se desenvolveram em diversos países mas iniciativas sistemáticas voltadas à expansão e ao estabelecimento dessa área, bem como o lançamento de periódicos especializados, tiveram lugar principalmente nos Estados Unidos. A Environmental Design Research Association (EDRA) foi estabelecida em 1968 e logo no ano seguinte foram organizadas as primeiras conferências. Sua equivalente europeia, a Association for the Study of People and their Physical surroundings (IAPS) foi estabelecida em 1981.

Muitas iniciativas voltadas a ampliar a colaboração entre psicologia e arquitetura foram organizadas em várias universidades durante esse período. No Massachusetts Institute of Technology (MIT) os estudos de Kevin Lynch e Gyorgy Kepes, que levaram à publicação do livro “The Image of the City” (1960), desempenharam um papel determinante no desenvolvimento desta colaboração. Kepes havia sido assistente de Laszlo Moholy-Nagy, um dos principais teóricos da Bauhaus, assim sua abordagem à questão estética era fortemente influenciada pelas teorias da Gestalt. Para Kepes o conhecimento científico havia desenvolvido consideravelmente as capacidades humanas mas a experiência estética permanecia presa a antigos esquemas e necessitava ser reformulada e era essa lacuna que o seminário visava preencher.

A bibliografia do seminário “Experimental Seminar in the Visual Form of the City” revela o tipo de material visual que os dois pesquisadores haviam selecionado para

¹⁵⁹ Orillard, C. “Urbanisme et cognition” in **Labyrinthe** [online], 20 | 2005 (1). Acesso:<<http://labyrinthe.revues.org/760>>. Acessado:<23.08.2013>.

abordar essa questão. Esse material estava relacionado com a tradição da "imagem de rua" (*street pictures*), termo popularizado por Raymond Unwin e que consistia em não apenas um gênero de representação em perspectiva mas também em uma teoria da composição urbanística. Boas formas urbanas produziriam assim boas "imagens de rua" que geravam para o espectador um conjunto estável de coordenadas espaciais e estabeleciam escalas e distâncias entre ele e o espaço urbano percebido. Dentro da tradição pitoresca a "imagem de rua" produzia contraste e variedade, permitindo ao olhar de descansar em objetos proeminentes e a mente de fazer associações entre elementos contrastantes. Ambas as funções envolvidas tornavam portanto a cidade legível, o primeiro em termos de distâncias espaciais e indicações e o segundo em termos de significados simbólicos. Além disso, as imagens de rua eram frequentemente associadas de maneira a formar uma sequência visual.

Para os fins dessa tese é importante notar que a bibliografia desse seminário era composta por uma grande quantidade de artigos publicados na coluna Townscape da *Review*¹⁶⁰. Orillard nota também que havia uma clara tentativa de transformar o discurso da *Review* em um discurso mais acadêmico, por exemplo, convertendo o termo "visão" em "percepção" ou usando instrumentos analíticos da psicologia ambiental e da antropologia. Como também nota Orillard, o MIT foi de fato a instituição onde a "cientificação" ou racionalização do discurso estético teve lugar.

Embora houvessem variadas referências a Townscape na bibliografia, essas desaparecem nas obras seguintes. No prefácio de "The Image of the City", onde ele destaca a maneira como percebemos a cidade e as suas partes constituintes, baseado em um extenso estudo em três cidades norte-americanas (Los Angeles, Boston e Jersey City), no qual pessoas eram questionadas sobre sua percepção da cidade, como estruturavam a imagem que tinham dela e como se localizavam, Lynch afirmava estar entrando em um território pouco explorado e que dar forma visual a uma cidade seria um tipo novo e especial de problema de *design* (LYNCH, 1960, p. V). Chama a atenção

¹⁶⁰ ORILLARD, C. "Tracing urban design's 'Townscape' origins: some relationships between a British editorial policy and an American academic field in the 1950s" in **Urban History**. Volume 36, edição especial 02, Agosto 2009, p. 284-302.

a implicação de que ele estaria partindo do zero e que urbanistas e arquitetos nunca tivessem enfrentado esse problema antes. Também surpreende a omissão, por parte de Lynch de qualquer referência aos textos que circulavam comumente nesse período especialmente em Cambridge, Massachusetts, onde Lynch interagiu com um variedade de arquitetos e urbanistas influentes. Na verdade, como afirma Raynsford¹⁶¹ a obra “The Image of the City” estava enraizada nas tradições estabelecidas da teoria estética urbana que com certeza Lynch conhecia bem. Essas tradições incluíam as teorias Townscape, os estudos de Tunnard na universidade de Yale e outras pesquisas e movimentos que estavam ocorrendo em instituições norte-americanas e europeias naquele período. Portanto é mais provável que Lynch tenha se confrontado com uma superabundância de material e que, por ser esse material muitas vezes contraditório, ele tenha conectado tradições estéticas tratadas até então como totalmente distintas ou até incompatíveis. Raynsford levanta a hipótese de que Lynch suprimisse suas fontes para não ser associado a nenhum movimento ou ideário especialmente durante um período de mudanças ideológicas em urbanismo e que acabariam por resultar na queda do Modernismo e de suas premissas intelectuais.

Para Lynch a questão da “orientação” possuía um significado que transcendia o deslocamento de um ponto para outro. Ele descrevia a orientação como uma qualidade fundamental da estética urbana e que implicava em uma sensação de segurança e de coerência emocional e intelectual e conectava o termo orientação com “calor” e “familiaridade” implicando uma relação de pertencimento e intimidade entre a cidade e seus habitantes. Quanto à noção de orientação, o material providenciado pela *Review* não satisfazia Lynch que se voltou para as grandes tradições de arte cívica com sua ênfase em grandes vistas e eixos monumentais no lugar de espaços fechados e contrastes pitorescos. Os seus famosos cinco elementos (caminhos, limites, bairros,

¹⁶¹ Raynsford, A. “Civic Art in an Age of Cultural Relativism: The Aesthetic Origins of Kevin Lynch's Image of the City” in **Journal of Urban Design**, 16:1, 2011 p.43-65.

pontos nodais e marcos) para a orientação portanto possuíam vínculos conceptuais com a arte cívica clássica¹⁶².

Em 1967, o arquiteto e antropólogo Amos Rapoport e o psicólogo Robert E. Kantor¹⁶³ também citavam os estudos de Gordon Cullen especialmente suas noções de combinação, uso múltiplo, “here and there”, projeção e recuo. Os autores defendiam a necessidade de complexidade e ambiguidade no ambiente visual reivindicando uma pluralidade de estímulos visuais e maior complexidade e variedade visual no ambiente construído.

Em 1971 o Departamento de Planejamento Urbano de Los Angeles publicou um relatório chamado “The Visual Environment of Los Angeles” (o ambiente visual de Los Angeles) o qual aprofundava a pesquisa de Lynch para a cidade de Los Angeles. Esse relatório identifica alguns dos problemas e qualidades na aparência desta cidade, descrevendo oportunidades para corrigir os primeiros e proteger as últimas através das ações de organizações cívicas, comerciantes e cidadãos individuais.

De acordo com a introdução desse relatório, o documento representava apenas um início em direção a melhoramentos abrangentes do ambiente. Juntamente às recomendações visuais o relatório afirma levar em consideração fatores físicos, econômicos e sociais para formar o plano diretor para futuros desenvolvimentos. O relatório adverte que as propostas nele delineadas no relatório exigem mudanças substanciais nas políticas públicas e governança bem como a persuasão dos poderosos interesses privados mas que essas medidas estavam sendo exigidas pela população de Los Angeles. A cidade, a qual consistia em um conjunto de comunidades ligadas através de linhas ferroviárias, havia se transformado rapidamente em uma “sprawling mass” (massa em expansão), apenas interrompida por raros parques, colinas e poços de petróleo.

¹⁶² RAYNSFORD, A. “Civic Art in an Age of Cultural Relativism: The Aesthetic Origins of Kevin Lynch's Image of the City” in **Journal of Urban Design**, 16:1, 2011 p.43-65.

¹⁶³ A. RAPOPORT; KANTOR, R. E. “Complexity and Ambiguity in Environmental Design” in **American Journal of the American Institute of Planners**, Volume 33, Issue 4, 1967, pp. 201-221

Página do relatório “The Visual Environment of Los Angeles” do Departamento de Planejamento Urbano de Los Angeles publicado em 1971.

O relatório demonstra como esta cidade californiana era fonte de aguerridas polêmicas como também será discutido no capítulo referente ao posicionamento de Reyner Banham em relação à forma de Los Angeles. A primeira parte descreve a estrutura física da cidade e sua imagem visual, a maneira como alguns de seus habitantes a percebem e o que eles acham de sua aparência. Além disso, essa primeira parte aborda os critérios básicos que o ambiente visual da cidade deveria satisfazer.

Podemos citar vários casos nos quais foi aplicada a pesquisa conduzida por Kevin Lynch no MIT, e, indiretamente, a pesquisa em percepção ambiental desenvolvida anteriormente na Grã-Bretanha pelos editores da *Review* e defensores das teorias Townscape.

Um desses casos é Woodbridge Village, uma grande unidade de vizinhança suburbana, iniciada em 1975 pela Irvine Company, na região central de Irvine, Califórnia a qual abrange cerca de seis quilômetros quadrados com dois grandes lagos artificiais em seu centro. A estratégia geral em Desenho Urbano adotada pela Irvine Company envolvia uma maior densidade do que a normalmente usada em projetos precedentes da companhia e maior uso misto sem no entanto voltar à forma urbana tradicional com um centro, mas considerando vários pontos de atração (muitos centros), algo que agradava a muitos dos residentes.

A ideia de parcelar o assentamento em unidades não era uma novidade e evocava o conceito de unidades de vizinhança desenvolvido inicialmente pelo urbanista e sociólogo norte americano Clarence A. Perry¹⁶⁴ durante os anos 1920, fato reconhecido pelos planejadores da Irvine Company. No entanto, nesse caso, foi a obra de Kevin Lynch a exercer maior influência como reconhecido claramente pelos planejadores de Woodridge. A Irvine Company de fato incorporou o uso de limites e pontos nodais¹⁶⁵ e até hoje alguns dos conceitos desenvolvidos por Lynch (limites distintos bem como identidade e caráter gerados por características topográficas) estão presentes no relatório “Community planning principles based on the development and implementation of more than a dozen villages during the past 40 years”¹⁶⁶. A terminologia usada nos documentos produzidos pela Irvine Company e mesmo as técnicas de entrevista usadas eram claramente baseadas na obra de Lynch. Esta obra era recente e já exercia certa influência no período durante o qual Woodbridge Village estava sendo desenvolvido. Ao longo dos anos 1970, os planejadores da Irvine Company também usaram pesquisa em percepção ambiental para criar suas diretrizes e regulamentos para sinais e letreiros, uma contribuição importante para lidar com os problemas estéticos e a “poluição visual” característicos do espraiamento e assim

¹⁶⁴ FORSYTH, A. **Reforming Suburbia: The Planned Communities of Irvine, Columbia, and the Woodlands**. University of California Press, 2005.

¹⁶⁵ Por exemplo, um acostamento coberto por pinheiros forma os limites enquanto as entradas são claramente marcadas providenciando portas de acesso para a comunidade.

¹⁶⁶ Esse relatório foi publicado em 2002 pela Irvine Company.

combater a formação de paisagens “subtopianas” como denominadas pelos teóricos de Townscape.

Uma das figuras centrais da Irvine Company foi Raymond L. Watson (1926 - 2012)¹⁶⁷ arquiteto e urbanista formado pela Universidade da Califórnia campus de Berkeley o qual serviu como chefe de planejamento durante os anos 60 e 70.

O pôster ao lado mostra o arquiteto e urbanista Raymond L. Watson e convida potenciais clientes para conhecer Irvine Ranch, uma “nova e mais significativa” (meaningful) maneira de viver. O pôster anuncia que na criação de Irvine Ranch foram consultados engenheiros, sociólogos, botânicos, geólogos, arquitetos e artistas.

Fonte: New & Noteworthy Collections

Highlights from UCI Libraries' Special Collections & Archives.

Sob sua orientação, a cidade de Irvine se tornou um modelo de comunidade planejada reconhecido nacionalmente. No outono de 1965, Watson e outros planejadores da Irvine Company, participaram de uma viagem organizada para visitar as comunidades planejadas em seis países europeus (Escócia, Inglaterra, Suécia, Finlândia, Dinamarca e Alemanha), uma viagem que iria contribuir para informar e moldar o planejamento e urbanização de mais de 93.000 hectares no estado da Califórnia. O “European Planned Community Tour” teve lugar de 21 setembro a 6 de outubro de

¹⁶⁷ Watson também trabalhou com outro personagem central na história do Condado de Orange, Walt Disney, o qual em meados dos anos 1960 chamou Watson para o seu escritório para ouvir suas opiniões sobre o projeto inicial de Epcot. Isso inaugurou uma longa associação de Watson com a empresa Disney, que incluiu uma sua breve presidência na década de 1980.

1965 e no grupo de participantes estavam *designers*, urbanistas, construtoras e incorporadoras e economistas de várias partes dos Estados Unidos mas principalmente do sul da Califórnia. Também faziam parte do grupo escritores e jornalistas entre os quais Gurney Breckenfeld, editor colaborador da revista *Time*, Ada Louise Huxtable, primeira crítica de arquitetura do *The New York Times* (em 1963) e Gordon Hyatt, escritor, produtor, cineasta e ativista do movimento de preservação que trabalhava na época para o canal de televisão CBS.

A viagem incluía visitas a New Towns Britânicas como Cumbernauld (Escócia), uma das primeiras novas cidades que surgiram a partir do modelo de Cidade Jardim de Ebenezer Howard; Welwyn Garden City (construída em 1920 e uma das primeiras novas cidades no Reino Unido); Stevenage (então considerada pela crítica como um dos melhores exemplos de Cidade Jardim); a estrutura brutalista Park Hill Flats em Sheffield; passeios em Vällingby, Farsta, Bredäng e Satra perto de Estocolmo, Suécia; e uma turnê da nova cidade Tapiola Garden City em Helsinque, Finlândia entre outros.

Imagem acima: itinerário do “European Planned Community” Tour de 1965. Fonte: New & Noteworthy Collections Highlights from UCI Libraries' Special Collections & Archives. Acesso: URL:<<http://sites.uci.edu/ucisca/2012/03/27/highlights-from-the-raymond-l-watson-papers-the-european-planned-community-tour-1965/>>. Acessado: fevereiro 2014.

1.10 Grady Clay: a “falácia da dedensificação Unilateral” e os “Novos Urbanistas”.

O jornalista norte-americano Grady Clay¹⁶⁸ (1916-2013) foi outro entusiasta declarado das teorias Townscape. Clay era especializado em paisagismo e planejamento urbano e foi membro honorário do American Institute of Architects (AIA) e do American Society of Landscape Architects (ASLA). Também foi editor da revista *Landscape Architecture Magazine* de 1960 a 1985 e foi, com ele mesmo escreve, influenciado por Kevin Lynch e por J. B. Jackson com o qual mantinha contato pessoal e compartilhava interesses editoriais (CLAY in WILSON; GROTH eds. p.119).

Em 1966 ele ajudou a implementar o Centro de Jornalismo Urbano na Medill School of Journalism da Universidade Northwestern, Estados Unidos, ocupou vários cargos acadêmicos na Universidade de Harvard e no MIT e lecionou extensivamente em universidades, tanto nos Estados Unidos como no exterior.

Um residente de longa data de Louisville, Kentucky, ele foi o editor de assuntos imobiliários e, posteriormente, o primeiro editor de assuntos urbanos para o *Louisville Courier-Journal*, cargo que ocupou até 1966. A coluna que era chamada Townscape foi uma das poucas colunas em jornais norte-americanos especializada em crítica urbanística (planning criticism) e essa coluna era chamada justamente “Townscape”¹⁶⁹.

A Grady Clay atribui-se o mérito de cunhar o termo “New Urbanism” já em 1959 e o jornalista foi premiado durante o Congresso para o Novo Urbanismo (Congress for New Urbanism) em Denver, em 2009. Durante essa premiação, ele criticou a visão da cidade contemporânea inspirada na já mencionada exposição Futurama, o conceito de cidade conectada por rodovias, mas elogiava a redescoberta, principalmente por parte de jornalistas e críticos, da visão tradicional da cidade afirmando:

¹⁶⁸ HEILENMAN, D. “Viewpoints: New urbanists honor visionary Grady Clay” in **Courier - Journal - Louisville**. 28 de junho 2009.

¹⁶⁹ ORILLARD, C. “Tracing urban design's ‘Townscape’ origins: some relationships between a British editorial policy and an American academic field in the 1950s” in **Urban History**. Volume 36, edição especial 02, Agosto 2009, p. 284-302.

We believe in the city, they would say, not in tearing it down. We like open space, but hold that too much of it is just as bad as too little. We want that multiplicity of choice that the city has always offered, but is now in danger of losing [...] I can only say that all great movements start in murmurs and that I can hear murmurs.¹⁷⁰

Clay produziu diversos textos, ensaios e até documentários para a televisão e rádio. Entre seus livros mais conhecidos está “Close-Up: How to read the American City” (1973). No livro, de maneira muito similar aos textos produzidos pelos editores da *Review* e defensores de Townscape, ele criticava a visão da cidade como um conjunto de edifícios isolados, criticando assim o conceito de espaço introduzido pelo Movimento Moderno. Clay defendia que lugares consistiriam em uma combinação de elementos, como na cidade tradicional e afirmava que “a verdadeira linguagem das cidades consiste em relações e não em edifícios isolados” (CLAY, 1973, p. 19)

Quanto à sua opinião a respeito da expansão suburbana, no entanto, podem-se notar algumas diferenças com o princípios Townscape. Embora ele sem dúvida fizesse parte da aliança contra a expansão suburbana, ele sugeria o abandono da noção comum na época de que a cidade seria uma entidade estável e que ela estaria sujeita às “forças maléficas” de descentralização e decadência. Ele na verdade afirmava que cidades eram por natureza fluidas tanto em forma como em função e encorajava a observação de padrões de atividade e assentamentos ao longo do tempo.

Neste livro, ele introduz alguns conceitos e termos novos, geralmente metáforas e jogos de palavras destinadas a capturar relações dinâmicas e não apenas a julgar o ambiente do ponto de vista de uma perspectiva tradicional. Essa habilidade em criar jogos de palavras e metáforas lembra muito o estilo adotado por Ian Nairn na Grã-Bretanha e parece provável que Clay tenha sido influenciado pelos textos de Nairn ou que tenha decidido adotar seu estilo deliberadamente por considerá-lo eficaz.

¹⁷⁰ Tradução da autora: “Nos acreditamos na cidade [...] não em destruí-la. Nos gostamos de espaços abertos mas manter muitos deles pode ser tão ruim quanto manter poucos. Nos queremos a diversidade de escolhas que a cidade sempre ofereceu mas que esta agora correndo o risco de perder [...]. Posso apenas dizer que muitos movimentos iniciam com murmúrios e que eu estou ouvindo murmúrios”.

A visibilidade, versatilidade e notoriedade de Clay em assuntos de Desenho Urbano e sua contribuição para a promoção dos princípios Townscape nos Estados Unidos, é relevante. Ele trabalhou com diversos urbanistas, incluindo Jane Jacobs e o trabalho de Clay é citado em seu "Morte e vida de grandes cidades americanas"¹⁷¹. Em seus textos Clay repetia aquilo que era um dos *leitmotifs* dos defensores de Townscape: ao buscar o melhor dos dois mundos, a cidade e a área rural, os pioneiros dos subúrbios estavam criando o pior dos dois.

Clay chama esse fenômeno de a “Falácia da Dedensificação Unilateral”¹⁷² :

We have been misled by the notion that the only thing to do with a city is to turn it into something that is not a city at all, but rather a sort of denatured substitute from which the vital and interesting features, bad and good alike, have been removed. The flight from the city, bot in fact and in fancy, dominates our thinking. The fact is that getting out, getting away, is one of the prime themes of the American experience¹⁷³.

Em um texto publicado na revista *Horizon: A Magazine of the Arts*¹⁷⁴ em julho de 1959, Clay lembra que o abandono da cidade era algo fortemente radicado na ideologia e legislação norte americana. Ele cita o exemplo do senador Homer Capehart o qual, ao comentar, em 1954, sobre uma lei que providenciaria habitação para as famílias removidas dos cortiços, defendia a transferência dessas famílias para unidades individuais na área rural onde “eles respirariam ar fresco”.

Clay lembra, nesse texto, a obra dos “mais eloquentes planejadores urbanos, sociólogos, críticos de arquitetura e jornalistas” o já citado livro “The Exploding

¹⁷¹ Ao prever o dano que a rodovia Interstate 65 faria para o distrito dos sapateiros que estava então em grande expansão).

¹⁷² “The fallacy of Unilateral Dedensification”.

¹⁷³ Tradução da autora: “Temos sido enganados pela noção de que a única coisa a fazer com uma cidade é transformá-la em algo que não é mais uma cidade, mas sim uma espécie de substituto desnaturado do qual os recursos vitais e interessantes, maus e bons, foram removidos. A fuga da cidade, de fato e em fantasia, domina o nosso pensamento. O fato é que sair, ir embora, é um dos temas principais da experiência americana”.

¹⁷⁴ Clay, G. “Metropolis Regained” in **Horizon: A Magazine of the Arts**. Setembro 1959. Vol. 2, n. 1. Acesso:<http://www.cnu.org/sites/www.cnu.org/files/GradyClay_Horizon.pdf>. Acessado: 04/05.2014. O *Horizon: A Magazine of the Arts* foi um periódico publicado nos Estados Unidos de 1958 a 1989 e originalmente associado à revista *American Heritage* dedicada à história Americana para uma vasta audiência.

Metropolis” (1958). Após mencionar a obra de Whyte e Jacobs ele passa a descrever o “ataque paralelo” que estava ocorrendo na Inglaterra: a campanha da *Review*, as edições especiais de Nairn e Cullen, “Outrage” e “Counterattack against Subtopia”, e a paisagem apelidada por Nairn e Cullen de Subtopia. O artigo, de fato, conclui com a citação de um trecho de “Outrage” identificando assim o forte elo entre urbanistas dos dois lados do Atlântico.

Logo em seguida Clay menciona a obra de David Crane na Universidade da Pensilvânia e sua “urgente denúncia” contra os “antissépticos, tediosos, insignificantes, pretenciosos e desumanos” assentamentos nos limites da cidade (em inglês *fringe developments*) que estavam sendo produzidos nos Estados Unidos.

Sempre neste artigo publicado na revista *Horizon*, Clay percorre a genealogia da expansão suburbana, da ideologia anti-cidade, da Cidade Jardim britânica e do conceito de cinturão verde e narra como o conceito de Cidade Jardim de Ebenezer Howard havia sido traduzido, nos Estados Unidos, em um “simplório” deslocamento de pessoas da cidade para o campo. As ideias de Howard, escreve Clay, “sofreram um mar de mudanças” quando foram importadas para os Estados Unidos. Para Clay, alguns detalhes do desenho urbano apareciam nas Greenbelt Towns do New Deal e em casos isolados e John Nolen, Clarence Stein e Henry Wright haviam encorajado essa direção contudo com resultados que teriam sido maneira irreconhecíveis para Howard.

No artigo também aparece uma interessante observação, sob forma de legenda que acompanha uma foto do *shopping center* de Southdale, Minneapolis (projetado por Victor Gruen em 1956, apenas três anos antes da publicação desse artigo de Clay): “Some of the elaborate new shopping centers offer a new response to the human need for centers of social intercourse”¹⁷⁵. Acompanhando outra foto do mesmo *shopping center*, Clay explica como, através de cores, luzes diversidade, bom humor e animação estavam se buscando as qualidades da cidade. Ele cita também a proposta, para ele destinada a preservar as qualidades da cidade tradicional e restabelecer a dimensão

¹⁷⁵ Tradução nossa: “alguns dos novos elaborados *shopping centers* oferecem uma resposta para a necessidade humana de interagir socialmente”.

humana, para a cidade de Fort Worth, Texas, também de Victor Gruen (projeto de 1956).

Assim, para Clay, esses promotores da volta à cidade que incluíam Jacobs, Whyte, Gruen e, claro, os membros do movimento Townscape na Grã-Bretanha, seriam os Novos Urbanistas¹⁷⁶ os quais reivindicavam, entre outras coisas, o aparecimento de um público mais crítico em relação a projetos urbanos, mais inclinado a aceitar a responsabilidade pela configuração da forma da cidade e com um olhar mais compassivo pelo potencial escondido. Dessas reivindicações dos “novos urbanistas” essa última, talvez pelo uso do termo compaixão e por instigar o olhar crítico e a participação do usuário nas decisões que afetam a forma da cidade, nos parece a mais parecida com as formuladas pelos defensores de Townscape.

Em seu livro “Real Places: an unconventional guide to America’s generic landscape” (1994), Clay reconhece os ensinamentos do biólogo escocês Patrick Geddes, J.K. Jackson, Kevin Lynch, Jane Jacobs e de Gordon Cullen. Clay introduz Cullen como o artista-arquiteto cuja mão firme e olhar penetrante produziram a série de artigos na *Review* mais tarde reunidos, como sabemos, no livro Townscape, em 1961. Clay explica que nesse detalhado “livro-guia”, Cullen analisava o conceito de “serial vision” como um “mecanismo organizador para exploração”. Parece simples, escreve Clay, mas sua execução requer tempo, paciência e técnica.

Além desse claro reconhecimento da influência do livro “Townscape” em sua carreira, Clay revela como ele havia planejado, mapeado e navegado essas visitas a várias cidades dos Estados Unidos, traçando uma linha de costa a costa, ou seja, o mesmo método adotado por Gordon Cullen e Ian Nairn e cujas observações resultaram na edição especial “Outrage” em 1955. Durante essas viagens Clay, como os defensores de Townscape, tentava se reconciliar com uma nova paisagem.

¹⁷⁶ Foi Grady Clay que cunhou o termo “New Urbanist” nesse artigo de 1959 e que foi posteriormente adotado pelo movimento New Urbanism representado hoje pela organização CNU, Congress for New Urbanism (<http://www.cnu.org/>), fundada em 1993.

1.11 “Reyner Banham ama Los Angeles”: The Architecture of Four Ecologies (1971)

Como mencionado no primeiro capítulo, teóricos do Townscape temiam que as cidades inglesas se transformassem em “mini Los Angeleses” e de fato, a cidade californiana, também era um constante alvo de críticas por parte da aliança anti-*sprawl*. E justamente uma imagem de Los Angeles abre a edição especial da *Review*, “Counter-Attack against Subtopia” (1957). A cidade californiana era considerada pelos editores o pior exemplo de espraiamento e o uso dessa imagem reflete o antiamericanismo presente não apenas na primeira New Left britânica, mas também nos círculos conservadores durante os anos 1950 (ERTEN, 2004, p.120).

A baixa densidade de Los Angeles acabou representando também a crise da cidade contemporânea, ironicamente, da mesma maneira que a alta-densidade do East End londrino para a geração anterior de reformistas (FREESTONE ed., 1995).

Imagem ao lado: fotos de Los Angeles em NAIRN, I. ed. “Counter-Attack against Subtopia”. Londres: Architectural Press. Dezembro 1956, p.354.

A respeito do discurso anti-Los Angeles, o britânico Reyner Banham representou uma exceção interessante. Banham foi um prolífico colaborador da *Review* (de 1952 a 1964) embora nunca tenha se comprometido com o movimento Townscape. Na verdade sua presença no comitê editorial da *Review* representou um desafio já que ele e outros arquitetos contemporâneos em geral contestavam as teorias neo-pitorescas defendidas pela revista. Para Banham, de fato, o Pitoresco representava “o mais vil dos costumes ingleses de compromisso e sentimentalismo”¹⁷⁷. A passagem da objetividade da Hunstanton School (1954) dos Smithsons para a inserção cenográfica do já mencionado edifício do jornal *Economist* de dez anos mais tarde e a aproximação dos Smithsons à posição da *Review*¹⁷⁸ representou para Banham a “vingança do Pitoresco”. Assim o Townscape era visto por um lado como uma teoria estética intrincada e sutil e por outro como fácil sentimentalismo e compromisso e estas duas posições tentavam conviver mesmo dentro da *Review*.

Em seu livro “Los Angeles: The Architecture of Four Ecologies” (1971)¹⁷⁹ Banham explora a cidade e “suas demonstrações de gosto popular, engenhosidade industrial e seus edifícios residenciais e comerciais”. Sua divisão em “quatro ecologias” (Surfurbia, Foothills, The Plains of Id, e Autopia) estuda as maneiras com as quais os habitantes de Los Angeles se relacionam com a praia, as vias expressas, os vales e as colinas identificando a cidade não como o “caos de baixa densidade” ou a “sprawling mess” (confusão espraiada) dos discursos de Townscape mas como um exemplo de um “futuro pós-urbano”. Banham estava baseado em Londres, porém morou principalmente nos Estados Unidos desde o fim dos anos 1960 até sua morte em 1988. Foi professor da University of London, da State University de New York e, durante os anos 1980, da University of California campus de Santa Cruz.

¹⁷⁷ Ver: Banham, R. “Revenge of the Picturesque: English Architectural Polemics, 1945-1965”, in Summerson, J. (ed.), **Concerning Architecture: Essays on Architectural Writers and Writing Presented to Nikolaus Pevsner**. Londres: Allen Lane. 1968, p. 265-273.

¹⁷⁸ Embora a plataforma dos Smithsons fosse a rival *Architectural Design*.

¹⁷⁹ Traduzido para o português em 2013 como : “Los Angeles: a arquitetura de quatro ecologias”. Editora Martin Fontes.

Em “Los Angeles: The Architecture of Four Ecologies” ele afirmava que o grande interesse dessa metrópole que havia se expandido, praticamente de maneira simultânea em todas as direções, consistia no fato de que todas as suas partes eram equivalentes e igualmente acessíveis sem a clássica “sístole e diástole” dentro e fora do centro.

Como mais um exemplo de um trabalho acadêmico traduzido para o grande público, em 1972 Reyner Banham produz um documentário para a BBC inglesa chamado “Banham loves Los Angeles”¹⁸⁰ onde declara “I love Los Angeles with a passion that goes beyond all sense or reason”, amo Los Angeles com uma paixão que vai além de qualquer sentido ou razão. Segundo Kenneth Frampton¹⁸¹, a participação de Banham no debate público era de fato mais populista do que acadêmica e seus artigos como por exemplo os publicados nos britânicos *New Statesman*¹⁸² e *New Society*¹⁸³, eram acessíveis e diretos.

Mas sua leitura da cultura americana não se limitou a Los Angeles. Como Ian Nairn, apenas alguns anos antes, Banham também havia aceito ler a paisagem americana através do carro o que ele fez em suas numerosas e diversas viagens nos Estados Unidos. Para escrever “The American Landscape” Nairn de fato havia convertido os

¹⁸⁰ Diretor: Julian Cooper; Produtor: Malcolm Brown “Reyner Banham Loves Los Angeles”. BBC. Episódio de 52 minutos parte da série da BBC “One pair of eyes” (1972).

¹⁸¹ Kenneth Frampton em entrevista a Luiz Florence. Ver: FLORENCE, L.R.A. Mecanismo e Paisagem: Reyner Banham e a América. Dissertação de Mestrado em Historia e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo. 2014.

¹⁸² Revista britânica de esquerda dedicada a temas políticos e culturais. Teve grande circulação durante a década de 1960.

¹⁸³ Revista semanal sobre sociedade e cultura e que publicava, até sua dissolução em 1988, temas relacionados à sociologia, antropologia, psicologia, geografia humana e história. Nota a contribuição de Banham, Peter Hall, Cedric Price e Paul Barker para a edição especial: “Non-Plan: an experiment in freedom,” (20 março 1969) no qual esses autores, e outros, exploram maneiras de envolver pessoas no projeto do ambiente onde elas vivem e trabalham. Ver: HUGHES, J.; SADLER, S. (eds) **Non-Plan: Essays on Freedom, Participation and Change in Modern Architecture and Urbanism**. Londres: Routledge. 2000

planos de fazer apenas algumas visitas a cidades enquanto nos Estados Unidos, e havia, no lugar, optado por uma longa viagem solitária de carro que durou meses.

Os dois autores haviam sem dúvida percebido que, para compreender o caráter do lugar, nos Estados Unidos era essencial considerar a mobilidade como uma espécie de “língua nativa” e que essas expressões de gosto e cultura popular como a *roadtown* afinal de contas tinham seu próprio valor.

A esse respeito é oportuno lembrar a afirmação de Nairn sobre a cultura suburbana:

This is not to say suburbia has no place in the scheme of things. [...] What is not to be borne is that that ethos should drift like a gaseous pink marshmallow over the whole social scene, over the mind of man, over the land surface, over the philosophy, ideals and objectives of the human race; for this is what it is doing. (NAIRN, 1955, p.366)¹⁸⁴.

Nesse documentário de aproximadamente uma hora de duração, a câmara acompanha Banham dirigindo ao longo das vias expressas da cidade explorando bairros e arquitetura e contradizendo o consenso da época de que não haveria história ou cultura em Los Angeles e nesse sentido antecipando o manifesto de Venturi e Scott-Brown “Learning from Las Vegas”(1972). As paisagens mostram grafismos originais, arquitetura vernacular e restaurantes com formatos extravagantes e algumas cenas dos tumultos dos anos 1960. O vídeo também compara Los Angeles com cidades tradicionais inglesas mostrando a configuração dos espaços públicos nos dois casos e enfatizando de maneira geral a diversidade cultural de Los Angeles tentando reverter assim o preconceito da época em relação a uma cidade que segundo ele quebrava todas as regras. Forma da cidade não importa, afirmava Banham, contanto que a cidade funcione e, para ele, Los Angeles não funcionava menos do que muitas cidades europeias.

¹⁸⁴ Tradução da autora: “[...] Isso não quer dizer que o subúrbio não tenha seu lugar no esquema das coisas. O que não deve ser tolerado é que este *ethos* se espalhe como um *marshmallow* cor-de-rosa gasoso sobre todo o ambiente social, sobre o espírito humano, sobre a superfície da terra, sobre a filosofia, os ideais e objetivos da raça humana; porque é isso que ele está fazendo”.

Capítulo 2: O discurso Townscape e a paisagem italiana: o circuito de conhecimento na Itália.

- 2.1 O debate sobre a reconstrução dos centros históricos e morfologia urbana na Itália.
- 2.2 Bruno Zevi e Subtopia: uma “palavra mágica”.
- 2.3 A *Roadtown*: Encontro italo-americano sobre planejamento urbano e regional (1955).
- 2.4 Ernesto Nathan Rogers e as “preesistenze ambientali”.
- 2.5 Surrealismo Urbano na XI Trienal de Milão (1957)
- 2.6 VI Congresso do INU-Istituto Nazionale di Urbanistica (1957)
- 2.7 VII Encontro INU -Istituto Nazionale di Urbanistica (1959)
- 2.8 Seminário do Istituto Lombardo per gli Studi Economici e Sociali (ILSES) de Stresa (1962): Giancarlo de Carlo e Ian Nairn.
- 2.9 Townscape e a paisagem industrial (1961-1962)
- 2.10 Hastings e “The Italian Townscape” (1963)

Capítulo 2: O discurso Townscape e a paisagem italiana: o circuito de conhecimento na Itália.

Como feito no capítulo referente à circulação das teorias Townscape nos Estados Unidos, este também apresenta um conjunto de obras e uma rede de pesquisadores e teóricos que em várias ocasiões e durante uma série de eventos principalmente acadêmicos estabeleceu uma interlocução com membros ou representantes do movimento Townscape ou possuía afinidades com as teorias Townscape. A esse conjunto de obras, autores e eventos chamamos, como já estabelecido anteriormente, de “circuito de conhecimento”. Não é o objetivo dessa tese providenciar um panorama exaustivo do período de reconstrução do segundo pós-guerra na Itália assim que inevitavelmente numerosos atores, obras e eventos foram omitidos. No entanto foi decidido introduzir o debate sobre a reconstrução dos centros históricos e do tecido urbano danificado durante as duas guerras visto que é nesse debate que os teóricos de Townscape ofereceram sua contribuição mais valiosa.

2.1 O debate sobre a reconstrução dos centros históricos e morfologia urbana na Itália.

Ao contrário da Inglaterra a qual não havia sofrido graves danos ao tecido urbano durante a primeira Guerra Mundial, na Itália ocorreram diversas mudanças que alteraram a estrutura da economia e a configuração urbana do país danificando o tecido urbano de centros históricos e industriais importantes e levando a um intenso debate sobre conservação e restauro.

Nesse âmbito se destaca a obra do italiano Gustavo Giovannoni (1873-1947) a qual contribuiu para, já nas primeiras décadas do século XX, estender o interesse dos debatedores, que antes era antes centrado no monumento, para o tecido urbano. Além de sua atuação como especialista em questões de restauro e sua participação na elaboração de inúmeras legislações italianas referentes ao restauro e conservação do patrimônio, deve-se a Giovannoni a elaboração de inúmeros conceitos importantes. A palavra “ambiente” e o entendimento de que o monumento histórico não poderia

designar um edifício isolado, separado das construções no qual ele se insere, é por exemplo central na obra de Giovannoni (CHOAY, 2001, P.200) e naturalmente relevante para essa tese. É também importante a estratégia de intervenção na cidade velha nomeada por Giovannoni de “diradamento edilizio” (desbastamento urbano), uma estratégia de reabilitação destinada a aportar melhoras na “cidade velha” e que respeitava a morfologia do tecido preexistente e a qual, como observado por Donatella Calabi¹⁸⁵, não era focada exclusivamente nos edifícios mais importantes.

Para Giovannoni o centro da “velha cidade” devia ser libertado de todos aqueles edifícios que não possuíam importância histórico-artística criando assim novos espaços que podiam ser dedicados a jardins e à circulação dos habitantes e que seriam assim conectadas as diversas partes da cidade de maneira funcional mas ao mesmo tempo mantendo suas próprias características físicas. Desta maneira a identidade da cidade histórica não seria alterada mas seria colocada em relação com as novas áreas promovendo uma integração entre o assentamento novo e o antigo. Assim Giovannoni desponta como parte de uma rede de ideias não homogênea mas ligada à leitura de Camilo Sitte e à valorização da “percepção” como método de leitura da cidade.¹⁸⁶

Não entra no escopo dessa tese uma análise aprofundada da noção de ambiente ou da estratégia de desbastamento na obra de Giovannoni já que isso significaria nos afastar demasiadamente do recorte temporal proposto. No entanto é importante evidenciar que sua visão e suas obras já circulavam no início do século XX. Assim, embora tenhamos mencionado anteriormente a importância da lei Malraux na França e de outras que surgiram durante os anos 1970 em outros países, os italianos já possuíam não apenas um conjunto de conceitos e definições mas também de legislações.

O debate sobre a reconstrução dos centros históricos volta com novo vigor após os danos causados pelos bombardeamentos da segunda Guerra Mundial provocando uma divisão entre arquitetos preocupados com a forma da nova cidade e urbanistas interessados em maneiras de preservar a cidade existente (PICCINATO in MONCLUS

¹⁸⁵ Apud CABRAL, R. “A noção de “Ambiente” em Gustavo Giovannoni e as leis de tutela do patrimônio cultural na Itália”. Tese defendida no Programa de Pós-graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2013.

¹⁸⁶ Ibid p. 35

e GUARDIA eds., 2006, p.114-115). Um dos estudiosos que absorveu os conceitos de arquitetura contextualizada de Giovannoni (entre outros) foi Saverio Muratori (1910-1973) considerado hoje um dos autores mais importantes no âmbito da morfologia urbana na Itália e que por sua vez exerceu forte influência em autores como Aldo Rossi (1931-1997) e Carlo Aymonino (1926-2010) os quais também direcionavam suas pesquisas para a cidade existente e para a continuidade histórica usando estudos tipológicos como ferramenta para analisar tecidos urbanos existentes. Os interesses de Muratori incluíam a composição das praças italianas e a ideia de projetar novos edifícios em continuidade com a cultura construtiva do lugar, interesses que o levaram ao desenvolvimento, nos anos 1960, de seu conceito de “*storia operante*” que representava, simplificando, uma abordagem de planejamento baseada no tecido urbano e nas suas características tipológicas, suas estratificações e seus elementos característicos e portanto não em termos de edifícios isolados. Desta maneira “*storia operante*” ou “*storia urbana operante*” implica que as características históricas e formativas do tecido urbano são retomadas e tornadas “operativas” no planejamento urbano contemporâneo. Os estudos de Muratori “*Studi per una operante storia urbana di Venezia*” (1960) e “*Studi per una operante storia urbana di Roma*” (1963) foram obras fundamentais para a nova disciplina de morfologia urbana definida como o estudo da forma física da cidade (padrões de rua, volume e forma dos edifícios, *arcquittettura*, densidade populacional e padrões de uso) ou o estudo do tecido urbano, como meio de discernir a estrutura subjacente do ambiente construído” (BOHL, LEJEUNE, 2009, p.166).

Até o fim dos anos 1950 o tema dos centros históricos já havia se tornado central em muitas publicações e popular nos conselhos de prefeituras municipais (PICCINATO in MONCLUS e GUARDIA eds., 2006, p.117) e, em setembro de 1960, ocorre, na cidade italiana de Gubbio, o encontro nacional “*Convegno Nazionale per la salvaguardia e il risanamento dei centri storico-artistici*” (encontro nacional para a salvaguarda e resaneamento dos centros histórico-artísticos), promovido por um grupo de arquitetos, urbanistas, advogados, estudiosos do restauro e representantes de vários

municípios¹⁸⁷. O resultado da conferência de Gubbio foi a formulação da “Carta di Gubbio”, uma declaração de princípios para a preservação e restauração de centros históricos, princípios esses que, o documento explica, seriam a premissa para o próprio desenvolvimento da cidade moderna e cuja inserção nos planos diretores deveria portanto ser a primeira fase na programação de sua atuação.

Assim, principalmente durante a segunda metade dos anos 1950, a metodologia Townscape, o debate da *Review* acerca dos resultados da reconstrução do pós-guerra e o planejamento visual, entendido como um planejamento voltado à satisfação de necessidades espirituais, as necessidades estéticas, desperta o interesse de arquitetos e urbanistas italianos e da imprensa especializada italiana.

Os conceitos de *genius loci* e caráter são importantes em questões de preservação visto que lidam com valores e atitudes em relação ao passado e, como já mencionado, esses conceitos foram particularmente importantes na administração do ambiente histórico a partir do momento que esse passou a compreender áreas, composições e conjuntos de edifícios além de objetos arquitetônicos isolados.

Para os italianos, Townscape oferecia muitas indicações e um amplo repertório de técnicas, para resolver problemas decorrentes do encontro do novo com o antigo. Testemunha também a intensidade desse debate na Itália a fundação de Italia Nostra, a associação nacional para a proteção do patrimônio histórico, artístico e natural italiano, em outubro de 1955 (anterior, portanto à fundação do Civic Trust inglês). Entre os fundadores da associação Italia Nostra estava o jornalista Antonio Cederna (1921-1996), o qual se dedicou com entusiasmo a campanhas para sensibilizar a opinião pública a respeito de problemas inerentes à proteção do território e do patrimônio natural e cultural italiano.

É possível acompanhar a evolução e a gradual emergência de diversas interpretações de Townscape no debate italiano sobre a reconstrução do pós-guerra através dos numerosos congressos e encontros ocorridos principalmente no âmbito do Istituto Nazionale di Urbanistica (INU) e do Istituto Case Popolari (ICP). O debate

¹⁸⁷ Entre os expositores estavam Giuseppe Samonà, Antonio Cederna, Mario Manieri-Elia e outros.

podia ser acompanhado através das revistas de Universidades ou instituições de ensino como *Architettura Cantiere* (uma publicação vinculada ao Politécnico de Milão) e outras como *Zodiac*, *Metron*, *Casabella*, *Edilizia Popolare* e *Urbanistica*. Esta última, sob a direção de Giovanni Astengo (a partir de 1953), publicava a maior parte dos balanços dos congressos citados. *Urbanistica* também dedicava especial atenção ao panorama internacional e acompanhava com muito interesse o desenvolvimento, por exemplo, das Novas Cidades britânicas.

2.2. Bruno Zevi e Subtopia: uma “palavra mágica”.

Como visto, o termo Subtopia, após a publicação de “Outrage” (1955) quando foi cunhado, ganhou grande popularidade na época, na Grã-Bretanha. Ele passa a ser incorporado no vocabulário de maneira muito espontânea, chegando até a ser pronunciado em um discurso do Duque de Edimburgo no Royal College of Art. O jornal *Birmingham Post* descreve a palavra como “repulsiva”, fato que, segundo a *Review*, ajuda ainda mais a ilustrar o fenômeno. Na Itália esse termo é introduzido pela primeira vez pelo historiador italiano Bruno Zevi o qual, ao se referir ao plano da cidade de Marl, dos holandeses Bakema, Tijen e van den Broek (1958-62) de “Subtopia Razionalistica” devido ao baixo aproveitamento de espaço e à maneira com a qual cada vizinhança tornava-se, no projeto, indistinguível uma da outra¹⁸⁸.

Bruno Zevi foi o fundador, em 1955, da revista de arquitetura *L'architettura. Cronache e storia* da qual ele permaneceu editor até 2000. A revista italiana tornou-se a plataforma para a disseminação dos pensamento e da militância política de Zevi o qual era, como Nairn e outros dentro do movimento Townscape, um hábil polemista. Ele era um crítico acirrado das tendências clássicas da arquitetura modernista associadas à arquitetura fascista e que ele via como a linguagem da truculência e perseguição. Como judeu, Bruno Zevi fugiu das perseguições do regime fascista em 1939, indo primeiro para a Inglaterra e depois para os Estados Unidos, onde estudou com Walter Gropius

¹⁸⁸ Zevi, B. “Una Parola Magica: Subtopia. Gli inglesi contro la degradazione urbana” in **Cronache di Architettura**. 73/190 Bari: Laterza.

na Escola de Pós-Graduação da Universidade de Harvard. Nos Estados Unidos ele foi inspirado pela arquitetura orgânica e anti formalista de Frank Lloyd Wright e em seu retorno à Itália ele publicou “Saper vedere l'architettura” (1948) e outros títulos além de uma intensa atividade didática nas universidades de Veneza e Roma. Em nossa opinião esse interesse pelas categorias interpretativas do Townscape chega a ultrapassar, durante certo período, o âmbito acadêmico e da imprensa especializada italiana e o trabalho de difusão de Bruno Zevi é relevante pela sua habilidade como polemista e por alcançar um público fora da profissão através das páginas da revista semanal italiana *L'Espresso*.

L'Espresso, na época de sua fundação, em 1955, circulava sob forma de um jornal dedicado a política, cultura e economia. Já nos primeiros anos o periódico torna-se conhecido por uma matéria especial sobre especulação edilícia em Roma à qual seguiram-se muitas outras matérias de denúncia. A partir dos anos 1960 a direção passa a Eugenio Scalfari, e o periódico com uma tiragem de 5 milhões de exemplares passa a ser distribuído a cores, mudando seu formato gráfico e incluindo um grande número de páginas ilustradas.

Paolo Portoghesi¹⁸⁹ observa que durante os anos 1950 na Itália o trabalho de Albini, B.B.P.R., de Scarpa, de Gardella e de Michelucci demonstrou não apenas a compatibilidade do restauro do novo e do antigo mas também a possibilidade de que, de um “accostamento” (aproximação) corajoso, desponte um valor adicional que depende da capacidade de diálogo da intervenção moderna. Para Portoghesi esse dialogo não era, no entanto, o único método apropriado: da fragmentação e do contraste, se nascidos de uma escolha cuidadosa, podem adquirir significado.

2.3 A Roadtown: Encontro ítalo-americano sobre planejamento urbano e regional (1955).

De 20 a 30 de junho 1955 teve lugar na cidade de Ischia, na Itália, o “Encontro ítalo-americano¹⁹⁰ sobre o planejamento urbano e regional” financiado pelo Istituto

¹⁸⁹ PORTOGHESI, P. “Editorial: Riuso dell'architettura” in **Materia**. 2006, 49, pp. 20-23.

¹⁹⁰ Seminário Italia-USA sulla pianificazione urbana e regionale. Ischia, giugno 1955 in **Urbanistica**. n.17, 1955.

Nazionale di Urbanistica (INU) e organizado pelo Comitato Nazionale della Produttività encarregado pelo Ministero Italiano dei Lavori Pubblici, o ministério das obras públicas italiano. A esse encontro participaram funcionários do governo, profissionais do Urbanismo, arquitetos e outros pesquisadores interessados ao planejamento, professores de Urbanismo de universidades italianas e norte-americanas bem como diretores de sete revistas de arquitetura e urbanística entre as quais a *Architectural Forum* onde trabalhava também, como vimos, Jane Jacobs e que mantinha um diálogo bastante intenso com a *Review*.

O encontro enfatizava que os processos de planejamento a nível nacional, regional e local, deviam estar inter-relacionados e que deveriam incluir programas de desenvolvimento econômico, de serviços sociais bem como intervenções para o planejamento de equipamentos e obras públicas.

Segundo o relatório do encontro, o processo de planejamento necessitava uma nova forma de organização que deveria estar em estreita relação com a administração pública e que seria responsável pela síntese das contribuições de cidadãos e funcionários públicos, bem como técnicos para a elaboração de planos e programas a longo prazo. Muitas comissões de planejamento de cidades norte-americanas eram vistas, pelos relatores, como exemplos de um tipo de instituição que podia ser adaptado a outros contextos e circunstâncias.

A partir dessas discussões surgiu a consciência de muitos problemas e oportunidades comuns para os urbanistas dos dois países e apesar da variedade de pontos de vista sobre as técnicas e meios de aplicação os participantes tentaram definir esses problemas e possibilidades ao invés de conceber fórmulas universalmente aplicáveis. Concluiu-se também que uma das questões centrais era traduzir as necessidades e aspirações humanas em um ambiente adequado para a vida moderna, e desenvolver técnicas e metodologias para tornar o planejamento uma ferramenta cada vez mais útil de escolha democrática e que demandava a participação ativa das pessoas diretamente afetadas.

A reorganização, a conservação e preservação dos centros das grandes cidades, eram também questões de grande importância visto que as autoridades públicas e as forças econômicas e produtivas estavam concentradas nesses centros. A reconstrução assim deveria ser baseada no respeito e sensibilidade em relação ao patrimônio cultural das gerações passadas, a fim de preservar o que podia ser preservado e adapta-lo para a nova realidade e para os novos usos da terra de tais comunidades.

As dimensões e o caráter da comunidade como um todo deviam também ser expressos em arquiteturas adequadas, a fim de criar uma expressão válida da qualidade e do caráter da população. As delegações dos dois países consideraram necessária essa caracterização tanto funcional como formal. Alguns relatores acreditavam que a necessidade de um ponto focal das unidades residenciais, em escala humana, era uma das grandes questões do tempo e pensavam que, nesta escala, a capacidade dos indivíduos de escolher o seu próprio modo de vida era um dos objetivos principais do planejamento.

No campo da habitação, foram identificadas algumas das principais questões relativas ao crédito e financiamento de construção de moradias de interesse social e foram lançadas as sementes para promover experiências de seguro hipotecário como a Federal Housing Administration e outros tipos de financiamento para resolver problemas específicos italianos.

No campo importante da educação e treinamento dos planejadores, em ambos os países haveria, segundo o relatório do encontro, uma escassez significativa de profissionais qualificados nos dois países. Na Itália estudantes de arquitetura recebiam treinamento em planejamento e muitas escolas de engenharia civil ofereciam cursos em planejamento o que resultou, segundo os relatores, em um alto nível na concepção de conjuntos habitacionais públicos, um nível geralmente não alcançado nos Estados Unidos, onde esse tipo de educação não existia em muitas das escolas de arquitetura. A partir deste ponto de vista, os Estados Unidos podem imitar Itália, afirmavam os relatores. Nos Estados Unidos, era explicado, a profissão de planejamento é reconhecida como uma profissão independente. Dentro da estrutura didática de vinte

universidades norteamericanas foram criados cursos especializados em urbanismo que terminavam com o título de Mestre em planejamento urbano. Nesses cursos convergiam as contribuições de muitas disciplinas, incluindo a arquitetura, a engenharia, a economia e a sociologia mas a educação em planejamento ainda era independente da dominação de qualquer uma destas especializações. O ensino visava formar profissionais aptos a exercer a profissão de planejador como uma atividade de coordenação mais ampla, na qual fluíam as profissões especializadas. Este conceito de educação de planejamento, segundo os relatores, podia ser uma sugestão útil para as universidades italianas.

Em ambos os países, concluía-se, o contato próximo entre os profissionais de planejamento e escolas de planejamento urbano devia ser incentivada e um programa de intercâmbio entre alunos devia ser reforçado assim colocou-se, durante esse encontro, as bases para uma futura “colaboração cultural”.

Durante esse seminário foi apresentado o artigo “Roadtown U.S.A” no qual o já mencionado editor da revista norteamericana *Architectural Forum*, Douglas Haskell, apresenta uma descrição da cidade-estrada, segundo ele o equivalente ao *ribbon development* ou urbanização em faixa, para Haskell um termo estático e limitado. *Roadtown*, declarava Haskell, estava na área rural mas não era parte da área rural e era uma criação daquele “homem industrioso” chamado “motorista”. Sua posição, diretamente inserida na natureza, era acidental e não orgânica já que esta não tinha nenhuma ligação com a indústria agrícola ou pecuária. Também entre o arquiteto e os que haviam criado a *roadtown* havia uma grande distância. Essa Cidade-Estrada para Haskell pulsava de uma própria vida, grosseira e assustadora, mas ainda assim não desagradável o suficiente para ser repudiada. A alienação que a Cidade-Estrada demonstrava perante a natureza e a arquitetura moderna, como hoje a conhecemos, continuava Haskell, sugere a ideia que uma estranha raça de seres humanos estivesse produzindo sua rede de escavações, estruturas, luzes com cores intensas que pareciam estar suspensas por força própria ao longo da sólida faixa de estrada. Haskell também cita a natureza destrutiva dessa Cidade-Estrada da mesma maneira com a qual Nairn

definia Subtopia uma força destruidora¹⁹¹ (NAIRN, 1955, p.365). Haskell reconhecia porém que esse fenômeno havia surgido de uma necessidade de sobrevivência, que o propósito do “motorista”, ao criá-la era o de adaptação. Haskell passa a descrever o gradual aparecimento da Cidade-Estrada na paisagem, primeiro alguns automóveis, uma invasão ainda não acompanhada por fiação elétrica a qual aparece logo após uma estrada de poeira, bonita e arborizada e que acaba desfocando em uma estrada mais importante com sua fiação elétrica, asfalto e cimento. Outro elemento aparece: o anúncio publicitário que do muro passa ao “mais digno” *outdoor*, com sua própria estrutura padronizada implantada na grama. Esse “embelezamento” dos anúncios publicitários é o mesmo que Cullen e Nairn haviam veementemente criticado em “Outrage” (1955) e que Haskell com certeza conhecia já que muitas dessas críticas haviam aparecido na *Review* mesmo antes da publicação de “Outrage” em 1955. Haskell continua com sua evocativa descrição dos diversos elementos que faziam parte dessa nova Cidade-Estrada e associando-os a elementos da cultura popular americana e aos novos produtos de consumo de massa.

Uma outra descrição muito interessante refere-se ao posto de gasolina e à sua posição estratégica ao longo dessa Cidade-Estrada. O desenvolvimento e as mudanças, tanto em termos de localização dentro da Cidade-Estrada como no âmbito da configuração física desses postos de gasolina, pareciam refletir os rituais desse novo ser humano, o “motorista”.

Essas observações lembram muito as de Ian Nairn quando ele declarava, das páginas da *Review*, que Subtopia representava mais do que uma realidade física mas “uma psicose em massa enraizada na fantástica aceitação da mediocridade”.

[...] buildings affect people, and Subtopia produces Subtopians - the REVIEW also believes that, unless we are shocked into awareness, the consequences of our visual laissez-faire may make us incapable of distinguishing good from bad, and we may be mutated into sub-humans

¹⁹¹ Nairn usa a palavra “*juggernaut*” que significa “força inexorável, campanha, movimento ou objeto que destrói tudo que se encontra em seu caminho”. Dicionário Merriam-Webster online. Acesso: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/juggernaut>. Acessado: 12 de janeiro 2011. Também segundo o Merriam-Webster, a palavra deriva do hindi *Jagannath* que significa Senhor do Mundo. O termo na Inglaterra é também usado para grandes e pesados caminhões.

without our ever knowing it has happened. It's not just aesthetics and art-work: our whole existence as individuals is at stake, just as much as it ever has been from political dictatorship, Left or Right; and in this case the attack is not clearly defined and coming from the other side of the globe, but a miasma rising from the heart of our collective self. (NAIRN, 1955, p.372)¹⁹².

Para Haskell, o posto de gasolina, com suas bandeiras coloridas, luzes fosforescentes e lojas de conveniência era a expressão mais vivaz do ritual desse novo ser humano. Em seguida ele passa a descrever outro elemento típico da Cidade-Estrada: o *diner*, restaurante onde o novo ser humano consumia suas refeições. Haskell descreve essa “instituição”, os novos produtos associados a esse lugar de consumo e sua evolução, de velhos vagões de trens adaptados a restaurante, a novos formatos destinados a chamar a atenção do motorista. Haskell descreve a decoração interna desses estabelecimentos e seus materiais e equipamentos elétricos. Mas não só, ele descreve a atmosfera, a música ativada através de moedinhas, a troca de frases entre os motoristas de caminhões e garçonetes. Haskell descreve as outras diversões ao longo da cidade estrada, os cinemas *drive-through*, as “estruturas cômicas” (para ele o equivalente do teatro de marionetes dos franceses), os clubes noturnos, a arquitetura “googie” e os motéis, esses últimos uma indústria importante, com seus estacionamentos para manter o automóvel próximo da porta do quarto e as casas móveis dos “ciganos de luxo”. Após fornecer uma descrição desses elementos da cultura popular que criaram a cidade-estrada, Haskell aborda outra questão que estava sendo discutida contemporaneamente nas páginas da *Review*: o “motorista”. O criador e habitante da cidade-estrada, estaria trazendo para a área rural a cidade mas sem se importar com a paisagem ou com a natureza ou com qualquer tipo de autoridade que

¹⁹² Tradução da autora: “[...] mas os edifícios afetam as pessoas, e Subtopia gera Subtopianos – a *Review* também acredita que, ao menos que nos forcemos a um choque perceptivo, esse nosso *laissez-faire* visual pode nos tornar incapazes de distinguir o bom do mau, levando-nos a uma condição de sub-humanos sem sequer nos darmos conta. Não se trata só de estética e de obras de arte: toda a nossa existência como indivíduos está em jogo, tanto quanto se ela estivesse sob uma ditadura política, de esquerda ou de direita; a diferença é que, nesse caso, o ataque não é claramente definido e não vem do outro lado do planeta, mas é um miasma que surge do coração do nosso ser coletivo”.

possa questionar seu gosto: seu gosto vale tanto quanto o de qualquer outra pessoa, ele é sociável, generoso, brincalhão e tem uma imaginação infantil e sempre em movimento.

No entanto, agora a Cidade-Estrada estaria se encaminhando em direção a maiores complicações criadas por pessoas mais sofisticadas que operam em uma escala maior e o “motorista” deixaria seu lugar de pioneiro para ver o crescimento de fábricas de automóveis ou enormes centros de escritórios que se mudaram para a Cidade-Estrada. Chega então o ataque dos engenheiros de transporte. Para lidar com a lentidão do trânsito local inicia-se uma catalogação das estradas dividindo-as em estradas de passagem e estradas de alta velocidade. Isso acabava, segundo Haskell, empurrando muitos dos estabelecimentos antes espalhados para locais onde estariam destinados a decair porque de difícil acesso ao olho do “motorista”. Desta maneira, segundo Haskell, essa engenharia de transporte tendia a sufocar essa urbanização em faixa e a restaurar o desenvolvimento nodular da nova cidade na maior intersecção. Restaurantes e outros estabelecimentos iniciam a ser reproduzidos em franquias dando novamente a oportunidade ao arquiteto de projetar um protótipo e de impor algum tipo de modelo mais sensível à paisagem, muitas vezes conseguindo se livrar daquelas percebidas como manifestações de mau gosto, entre as quais pequenas mercearias, através de uma grande “obra educativa” aprovada pelo bom e tolerante caráter do “motorista” não deixando mais nada além de artificialidade, monotonia e padronização. Toda forma de vida humana que poderia tornar a cidade em um livro desaparece dando lugar a um momento passageiro de alívio muito distante de uma solução definitiva.

Para Haskell, se o “motorista” ainda tinha uma enorme quantidade de coisas para aprender antes de descobrir verdades maiores do que as suas próprias, ele também às vezes tem algo a ensinar. Seu instinto para viver em uma era industrial era de alguma forma mais “natural” daquela de muitas pessoas cultas e sofisticadas por ser em geral “menos inibido por *tabus* irrelevantes”. Haskell conclui que esse homem tinha seus momentos de criatividade e que a arquitetura moderna devia ir em sua direção e ser menos exotérica, aristocrática e preciosa.

2.4 Ernesto Nathan Rogers e as Pre-esistenze Ambientali

O arquiteto Ernesto Nathan Rogers, diretor do periódico *Casabella- Continuità* de 1953 a 1964, publicou, durante os anos 1950, uma coleção de ensaios chamada “Esperienza dell’Architettura”. Esta coleção compreende um capítulo chamado “Tradizione e Architettura Moderna” no qual o arquiteto aborda os problemas da relação entre a arquitetura moderna e o contexto preexistente, que ele chamava de “preesistenze ambientali”. O método elaborado por ele e que data da metade dos anos 1950, se baseava em estabelecer estreitas relações formais entre nova arquitetura e seus entornos urbanos ou naturais diretos de maneira a alcançar um resultado “sintético” que respeitasse a memória do passado e que permitisse a renovação no ato do desenho arquitetônico em relação à paisagem urbana.

Ao lado: Torre Velasca, construída nos anos 1950, em Milão, Itália e projetada pelo estúdio de arquitetura BBPR. Fonte: <http://www.absolut-milan.com/torre-velasca/>

De acordo com Rogers, “considerar o ambiente significava considerar a história” o que o levou a enfatizar o conceito de continuidade. Sua Torre Velasca (1950-57), em Milão, Itália, pode ser considerada um exemplo perfeito do princípio das “preexistências ambientais” com seus ecos medievais, seu diálogo com o Duomo e o tecido urbano ao redor¹⁹³.

Para Rogers, esse princípio assume um caráter discriminante em relação a uma primeira fase da ortodoxia racionalista onde o isolamento dos fenômenos arquitetônicos almejava uma “objetividade da expressão que representasse cada produto artístico em si mesmo”, enquanto, para ele, a tarefa atual da arquitetura moderna deveria consistir em um maior aprofundamento da linguagem no sentido de ser mais compreensivo em relação a valores culturais nos quais as novas formas se inseriam historicamente. Nota-se que essa abordagem de Rogers é muito similar àquela defendida por Townscape no sentido de identificar as complexas relações entre cultura e morfologia urbana algo que não era considerado no planejamento modernista¹⁹⁴.

2.5 Surrealismo Urbano na XI Trienal de Milão (1957).

Um dos mais importantes congressos de especialistas da área de arquitetura e urbanismo, é sem dúvida o congresso internacional organizado durante a XI Trienal de Milão (28-29-30 Setembro 1957) com o tema “Urbanismo, arquitetura e atualidade do ambiente antigo”. O encontro, cujas contribuições foram publicadas na revista *Architettura Cantiere* em 1958, destinava-se à discussão sobre o destino que o mundo contemporâneo reservava às formas arquitetônicas do passado na configuração dos novos organismos urbanos. Entre as questões tratadas estavam a questão do encontro do antigo com o novo, os problemas urbanísticos decorrentes da relação entre os novos

¹⁹³ ROGERS, E. N. “Le preesistenze ambientali e i temi pratici contemporanei” in **Casabella-continuità**, Fevereiro-Março 1955, n.204, p.3-6.

¹⁹⁴ As teorias de Rogers são apresentadas no contexto das teorias Townscape no simpósio dedicado a esse ideário que teve lugar em Londres em 2011. Ver: MICHELI, S. “Ernesto N. Rogers and the principles of “preesistenze ambientali”: a methodological lesson on architecture and townscape”. Townscape. A retrospective Symposium on the Architectural Review’s Townscape Campaign. 22-23 julho 2011. Londres.

centros e os centros históricos, a falta de conciliação entre esses dois aspectos e os instrumentos legislativos relativos ao patrimônio dos monumentos e do ambiente.

Ian Nairn, ainda um jovem crítico recém contratado pela *Review*, participa do evento com o artigo “Urban Surrealism” (Surrealismo Urbano) e esta contribuição, pode ser portanto considerada um dos primeiros contatos dos italianos com os princípios Townscape. “Urban Surrealism” divulga de fato algumas das teorias que Gordon Cullen e o comitê editorial da *Review* vinham desenvolvendo nas páginas dessa revista desde 1949 e as quais, como visto, buscavam enfatizar a importância de se reconhecer individualidade na estética arquitetônica evitando a uniformidade e a falta de idiossincrasias.

Em Milão, Nairn apresenta alguns exemplos londrinos de justaposições acidentais do novo com o antigo, buscando estimular a reflexão sobre os efeitos causados por essas justaposições. Ele observa como o resultado muitas vezes surreal de algumas justaposições poderia ser, em alguns casos, preferível a uma abordagem preservacionista excessivamente “séria” e como relações surrealistas podiam sugerir “sátira política, melodrama, ironia histórica ou *pathos*”. Ele sem dúvida defendia a consideração e a integração cuidadosa do passado no tecido, mas também chamava a atenção para um amplo repertório de técnicas e possibilidades a serem aplicadas em circunstâncias especiais.

A propósito do uso do termo “surreal”, apontamos para uma passagem de “The First Half Century”¹⁹⁵ onde a *Review* propõe o uso de “táticas de choque” ou “choques perceptivos” para estimular uma tomada de consciência visual:

The reconquest of architectural vision entails the use of many of the same methods that are employed to cure amnesia. A shock will often do it [...]. Through such experiences, the eye as well as the mind can discover fresh meanings, and through it the creative ability. This is why cubism and surrealism were such important movements to architects¹⁹⁶.

¹⁹⁵ EDITORS, “The First Half Century” in **Architectural Review**, vol. 101, n.601, 1947.

¹⁹⁶ Tradução da autora: “A reconquista da visão arquitetônica acarreta o uso de muitos dos métodos usados para curar a amnésia. Um choque normalmente funciona [...]. Através dessas experiências, ambos o olho e a mente podem descobrir novos significados, e através disso, a habilidade criativa. É por isso que cubismo e surrealismo são movimentos tão importantes para arquitetos”.

Esse artigo não poderia deixar de interessar a revista norte-americana *Landscape: Magazine of Human Geography* que reproduz, na primavera de 1959 (vol. 8, n.3), sua sinopse, como já mencionado.

2.6 VI Congresso do INU com o tema “Difesa e valorizzazione del paesaggio urbano e rurale” (1957).

Em novembro do mesmo ano acontece, na cidade de Lucca, o VI Congresso do INU com o tema “Difesa e valorizzazione del paesaggio urbano e rurale” (defesa e valorização da paisagem urbana e rural). Inicialmente esse congresso buscava definir a essência do conceito de paisagem retratando sua origem etimológica e as alterações de seu significado ao longo do tempo, desde sua aceitação comum como um conjunto de elementos naturais e artificiais que contribuem para dar forma e caráter a uma porção de território, até sua apropriação no campo artístico para denotar a representação pictórica ou literária desse fenômeno natural.

Aprende-se durante esse congresso como a essência do termo “paisagem” havia sido modificada quando, por obra da moderna geografia, a paisagem passou a significar a rede de relações do homem com uma porção de território profundamente modificada por ele.

Entre as reflexões resultantes do encontro de Lucca, merece destaque aquela relativa ao uso dos termos “paisagem natural” em contraposição a “paisagem artificial”, distinção considerada equivocada por alguns que defendiam que algumas paisagens naturais eram criadas ou modeladas artificialmente.

Participantes observavam também que os urbanistas empregavam o termo paisagem para referir-se, geralmente, à paisagem rural, especialmente aquela desenvolvida com fins estéticos ou de recreação.

Esta tendência se expressa também no discurso do historiador americano Lewis Mumford que ao referir-se à valorização e à conservação da paisagem, parece limitar-se à paisagem rural ou natural e pode ter levado à gradual introdução do termo *townscape* em oposição a *landscape*.

Aos italianos deve-se reconhecer o mérito da inclusão no conceito de paisagem de todos os elementos naturais e artificiais que caracterizam um determinado ambiente¹⁹⁷ e que, portanto, entram no domínio do planejador.

Identificam-se, durante o Congresso de Lucca, aspectos da paisagem rural e urbana: no primeiro caso a “paisagem com conspícuo caráter de beleza natural e singularidade geológica” assume caráter de interesse público; no segundo conclui-se que a paisagem de valor artístico e arqueológico constitui um verdadeiro patrimônio cultural para a nação à qual pertence.

Nesse mesmo ano é publicado também na revista americana *Landscape: magazine of Human Geography*, como já visto, editada por J. B. Jackson de um resumo do artigo publicado na revista italiana *L'Architettura* (número 20) de Eduardo Vittoria onde o arquiteto e *designer* italiano reivindica uma nova definição para paisagem, uma definição que leve em consideração a localização de construções e a relação entre eles. Essa definição deveria incluir tanto as características naturais do ambiente quanto as criadas pelo homem. Atualmente, afirmava Vittoria, o conceito de ambiente é ainda “arqueológico” já que baseia em sua beleza histórica excluindo assim as realidades sociais ou econômicas do mundo moderno.

Vittoria propõe uma nova fórmula: a paisagem a ser criada devia incluir desde habitações, parques, escolas, até fábricas, parques de diversão e jardins. Isso resultaria não em uma abstração mas em uma espécie de “ambiente inventado” que seria composto pelo conjunto de diversas paisagens. Não defendemos um tipo específico de arquitetura ou urbanismo, afirmava Vittoria, mas arquitetos deveriam sentir o dever de auxiliar a transformação do ambiente em um novo tipo de cultura urbana.

2.7 VII Encontro INU- Istituto Nazionale di Urbanistica (1959).

Retornando brevemente ao Congresso de Milão de 1957, nessa ocasião opta-se por excluir a questão dos problemas relativos à conservação das belezas naturais e da paisagem por razões práticas, mas subentende-se que esses aspectos estão “unidos em

¹⁹⁷ VITTORIA, E. “Difesa del Paesaggio”. Relatório apresentado à Comissão de Estudos do INU em preparação ao VI Encontro Nacional de Urbanismo (Lucca - Itália, 9 de novembro de 1957).

uma inseparável exigência de nossas atividades espirituais”, e informa-se que esse tema seria tratado no VII Encontro do Istituto Nazionale di Urbanistica (INU) de 1959 na cidade de Lecce com o tema “Il volto della città” (o vulto da cidade)¹⁹⁸.

Durante esse encontro o arquiteto italiano Lionello de Luigi apresenta o ensaio “Townscape e a tradição pitoresca na cultura urbanística inglesa”, publicado pela revista *Urbanistica* em dezembro do ano seguinte. Na mesa redonda entre Giancarlo de Carlo, Piero Moroni e Eduardo Vittoria (sob a coordenação de Ludovico Quaroni) aprende-se que o termo equivalente, e talvez mais satisfatório, de “vulto da cidade”, seria justamente o inglês townscape.

Durante o encontro de Lecce foi decidido também que caberia ao INU a tarefa de estudar a fundo uma nova formulação da legislação urbanística, não sendo mais possível usar a de 1942, ainda em vigor, pois já não poderia regular juridicamente fenômenos urbanos cujas dimensões haviam mudado consideravelmente (SAMONÀ, 1990, p.228).

2.8 Seminário do Istituto Lombardo per gli Studi Economici e Sociali (ILSES) de Stresa (1962): Giancarlo de Carlo e Ian Nairn.

Um conceito que estava aflorando nos anos 1950 e 1960 era o de “progettazione integrale” (projeto integral), o qual, em sua formulação original, expressava a crença em uma continuidade entre planejamento socioeconômico, plano urbanístico e intervenção arquitetônica. Esse conceito refletia um novo modelo de desenvolvimento, o do planejamento regional, teorizado tanto por geógrafos quanto por urbanistas, e na imagem da “cidade-região”, definida pelos protagonistas do debate daqueles anos como uma “experiência ao mesmo tempo arquitetônica e urbanística, que supera as limitações implícitas nos conceitos de edifícios, bairros e cidade, para abranger o ambiente de vida do homem como um todo”.

Essa nova visão de “urbanismo contínuo e continuamente variado” formaliza-se, portanto no âmbito do VII Congresso INU de 1959 de Lecce, mas é retomada durante o Seminário do Istituto Lombardo per gli Studi Economici e Sociali (ILSES) da cidade

¹⁹⁸ Congresso Internazionale indetto dall’Undicesima Triennale di Milano in *Urbanistica*, n.23 p.111.

de Stresa em 1962 com o tema "La Nuova Dimensione della Città - la Città Regione" (a nova dimensão da cidade - a cidade-região). Durante esse seminário Ian Nairn é convidado a apresentar as teorias Townscape para um grupo de geógrafos, economistas, urbanistas e arquitetos europeus.

O seminário tinha como objetivo transpor a persistente incomunicabilidade entre a disciplina do urbanismo e as disciplinas sociológicas e econômicas. Essa incomunicabilidade teria sido criada, segundo o arquiteto italiano Giancarlo De Carlo encarregado de fazer uma síntese do seminário, pela “perniciosa propaganda do movimento moderno arquitetônico” segundo o qual todos os problemas sociais, econômicos, sociológicos, administrativos e culturais da sociedade seriam milagrosamente resolvidos a partir de um planejamento entendido como uma escolha autoritária que iria provocar o advento de uma “cidade bela”.

Antes de prosseguir com a participação de Giancarlo de Carlo (1919-2005) no seminário é importante elucidar alguns aspectos da trajetória profissional desse arquiteto e educador, um dos membros fundadores do Team 10, o grupo de arquitetos que desafiava as doutrinas modernistas estabelecidas pelos CIAM e uma personagem chave no discurso sobre participação na arquitetura. Seu texto “Architecture’s Public”, originado por uma palestra proferida na Bélgica em 1969, é considerado uma das principais referências sobre a inclusão do usuário no processo de *design* e sobre o papel inerentemente político do arquiteto. Para sair da estéril situação de isolamento na qual nos encontramos, afirmava De Carlo, é importante que as pessoas participem dos processos de transformação das cidades e dos territórios mas é também importante, continuava, que os arquitetos se questionem sobre como tornar a arquitetura intrinsecamente participável. Assim, segundo de Carlo, os conceitos, métodos e instrumentos da arquitetura deveriam se tornar claros, compreensíveis e assimiláveis e portanto flexíveis, adaptáveis e significantes em todas as suas facetas. Para de Carlo portanto uma teorização da participação não era necessária, o que ele buscava era a “energia criativa necessária para se confrontar com os reais interlocutores”, os que deveriam ser induzidos a participar (BUNCUGA, 2000).

Introduzido por Ernesto Rogers, Giancarlo De Carlo (1919-2005) uniu-se à equipe editorial de *Casabella Continuità* para a qual ele contribuiu até 1956. Em 1959, de Carlo apresentou durante a conferência do CIAM de Otterlo, seu projeto para Matera e agregou-se ao Team 10 com Alison e Peter Smithson, Aldo Van Eyck, Jacob Bakema e outros. A partir do encontro de Royaumont, na França, em 1962 sua contribuição ao discurso do Team 10 ganha gradualmente influência e posteriormente ele organizou dois encontros na Itália, em Urbino (1966) e em Spoleto (1976). Em 1968, quando ele estava envolvido na organização da 14ª edição da Triennale de Milão. Ele foi editor do periódico bilíngue *Spazio e Società* publicado entre 1978 e 2001 e que cobria arquitetura do mundo todo dando atenção tanto a edifícios prestigiosos quanto a formas de intervenção arquitetônica vernacular.

Durante o seminário de Stresa, a Ian Nairn coube a tarefa de introduzir o tema da transformação da cidade tradicional em cidade região o qual o faz tentando se aproximar à definição dos problemas passando diretamente à proposta de soluções. A cidade, segundo Nairn, era um conjunto orgânico extremamente complexo onde cada parte devia conservar sua identidade mais explícita. Nairn então passa a “adaptar” a teoria desenvolvida em “Outrage” e “Counter-Attack against Subtopia” segundo a qual a primeira tarefa seria a de individuar e classificar identidades para posteriormente poder “tonifica-las, recupera-las e dar a elas as energias necessárias para continuar a existir”, resistindo às modificações sofridas pelo organismo ao qual elas pertencem.

Segundo Nairn, uma vez restabelecido o equilíbrio entre o que já existe, seria necessário predispor uma trama coerente de desenvolvimento para as novas partes adicionadas ao organismo, com suas características especiais. Os princípios de método e os modelos formais que deverão governar as várias fases da operação obviamente iriam variar de acordo com as circunstâncias. Como alternativa ao zoneamento por funções Ian Nairn sugere portanto um “zoneamento por caráter”, um princípio de organização espacial que tenta romper com um tipo tradicional de estudo, classificação e solução de problemas urbanos o qual, por ser baseado em simplificações grosseiras, havia se demonstrado há muito tempo ineficaz.

Segundo De Carlo, a proposta de Nairn mostra uma clara tendência a reconduzir a ação urbanística a um julgamento subjetivo e, de certa maneira, a um “instinto individual”. Porém essa tendência era entendida como uma orientação metodológica que ainda possuía a possibilidade de objetivar-se através da organização ponderada das constantes e das variáveis que compõem os fenômenos urbanos e parece um instrumento mais flexível e mais preciso, rico de possibilidades operativas inéditas. O zoneamento por caráter, de fato, permitia fundar uma mini estrutura urbana diferenciada que possibilitava a agregação em formações cada vez mais amplas até formar as estruturas principais. Em cada estágio de agregação as unidades elementares conservariam sua fisionomia específica, mas ao mesmo tempo participariam de um caráter mais geral dado pela integração das identidades coexistentes. Segundo esse processo de crescimento orgânico as estruturas principais se agregariam, por sua vez, em configurações formais as quais permitiriam estabelecer uma relação equilibrada entre cidade e campo, entre ambiente construído e ambiente natural.

De Carlo relaciona essa configuração, que se insere no esquema da cidade radial, àquela que Hebebrand estabelece em seu plano de Hamburgo e no de Copenhague de 1948. Nos dois planos a cidade moderna cresceria a partir de seu núcleo existente segundo direções radiais de desenvolvimento que penetram profundamente no campo. O campo, observando a configuração pelo lado oposto, permanecerá não contaminado. Esse fato garantiria uma permanente reserva de verde público e agrícola.

De Carlo em sua relação de síntese, explicava que a novidade da teoria de Nairn estava, principalmente no tipo de tecido que adotava para o desenvolvimento radial, um tecido em “rosário” constituído por núcleos articulados ao longo das paradas dos meios de transporte público. O vínculo sobre a dimensão dos núcleos e a distância entre essas paradas, iriam garantir o controle espacial sobre o crescimento urbano e evitar assim o risco de difusões indiferenciadas de tipo suburbano que poderiam provocar “soldas” entre diferentes ramos e diferentes núcleos, ao longo de cada ramo.

De Carlo acena às referências culturais de Ian Nairn, notando como o princípio da dimensão controlada, da ideia de entregar à rede de transportes públicos (e em especial àquela mais rígida dos transportes em trilhos) a função de ossatura do terreno urbano, a busca por uma profunda compenetração entre ambiente construído e natureza, coincidem com a sólida tradição do urbanismo inglês, do movimento Garden Cities às New Towns. Contudo de Carlo também detecta a presença das mais recentes aquisições culturais amadurecidas na Inglaterra nos anos após a reconstrução e o Plano de Londres. Como exemplo ele menciona o abandono da negação da cidade e sua aceitação não apenas como instrumento de comunicação e progresso mas também como nova e estimulante configuração formal; uma nova interpretação do crescimento urbano baseada na visão correlata das tendências, solicitações, vínculos, causas, determinações: a busca de um novo tipo de relação entre cidade e campo proposto em uma dimensão mais ampla daquela tentada até então ou seja, fora das hipóteses tradicionais de antagonismo e simbiose.

Giuseppe Samonà (1990, p.213) nos sugere uma importante comparação entre as posições culturais e as iniciativas urbanísticas do pós-guerra na Itália, cujo quadro da situação urbanística era, segundo ele, “confuso, descontínuo e marcado por tons dramáticos de crise política e de inexperiência técnica” e aquelas na Grã-Bretanha onde houve uma prevalência tecnicista e uma transformação estrutural sem precedentes. O segredo do grande sucesso de iniciativas como o decreto das Novas Cidades dependeu, segundo Samonà (1990, p.87), do fato que elas tinham o objetivo bem definido de trazer um novo equilíbrio nos assentamentos territoriais e multiplicar as atividades econômicas distribuindo-as de maneira a favorecer as áreas mais pobres.

Esse objetivo encontrou uma resposta, sempre de acordo com Samonà, no espírito da população britânica, devido à retomada e à potencialização das já populares cidades jardins propostas novamente e marcadas por argumentações técnicas que satisfaziam a necessidade de abrir uma via fácil e concreta para a reconstrução.

Samonà observa que no clima de geral ceticismo em relação aos planos e ao planejamento que reinava na Itália do pós-guerra, uma das exceções era representada

pelo plano intermunicipal de Milão (cujo decreto foi promulgado em 1959), obra principalmente de Giancarlo De Carlo, que buscava dar uma orientação científica ao estudo metropolitano da cidade. De fato, observa Samonà, pela primeira vez a ideia de cidade região ou cidade território, que estava já há alguns anos despontando na cultura urbanística italiana, encontra uma clara abordagem científica fornecida pelo próprio De Carlo durante o seminário de Stresa e aplicada ao plano intermunicipal de Milão e definida como uma relação dinâmica que substitui a condição estática da cidade tradicional:

Na cidade região os problemas da forma identificam-se com os de estrutura que torna-se elástica para adaptar-se ao movimento das relações dinâmicas [...]. O complexo estrutura-forma evidencia-se com elementos que devem distinguir-se por caráter e não por função [...] (SAMONÀ, 1990, p. 216).

Essa parte da definição é especialmente relevante porque remete à proposta de Nairn apresentada durante o seminário de Stresa onde ele sugere um zoneamento por caráter e não por função.

Portanto Ian Nairn, novamente, desempenha um papel importante e representa um elo significativo no contexto italiano, divulgando o ideário Townscape, contribuindo para o desenvolvimento de questões relativas à valorização e à conservação da paisagem e trazendo da Grã-Bretanha uma das mais importantes temáticas da disciplina nos anos 1960: o conceito de caráter aplicado a espaços urbanos.

2.9 Townscape e a paisagem industrial (1961-1962)

Durante o ano acadêmico 1961-1962 o Centro de Estudos de Planejamento Urbano e Rural do Instituto de Arquitetura e Composição Arquitetônica da Universidade de Nápoles promove o encontro “Paesaggio Industriale e Costi di Urbanizzazione” (Paisagem Industrial e Custos de Urbanização).

Um dos três debatedores é Ian Nairn o qual contribui com o ensaio “Edilizia Industriale e Paesaggio”. Os outros debatedores são Renato Bonelli (1911-2011) da

Faculdade de Arquitetura de Roma e considerado um dos grandes teóricos do restauro bem como o arquiteto Giampiero Vigliano, da Universidade de Turim e Presidente da filial de Turim da organização Italia Nostra.

Lembrando sua contribuição no seminário de Stresa, Nairn sugere novamente o zoneamento por tipo de paisagem em vez do zoneamento por funções mas também contribui com propostas e sugestões acompanhadas por abundantes imagens que buscavam evocar uma “certa maneira de olhar a paisagem industrial” (NAIRN, BONELLI, VIGLIANO, 1962, p.11).

Nairn aponta para a diferença da realidade urbanística italiana e, ao mesmo tempo, reconhece que, para os italianos os quais buscavam, na véspera de uma profunda transformação de suas estruturas produtivas uma maneira de colocar ordem no desenvolvimento, sua abordagem poderia parecer anacrônica, um “epígono da cultura romântica” (NAIRN, BONELLI, VIGLIANO, 1962, p.11). Essa atitude defensiva demonstra como os defensores de Townscape já lidavam com as acusações de historicismo tentando demonstrar como a linguagem expressiva da paisagem industrial podia ser tão equilibrada e nobre quanto aquela, completamente diferente, de um conjunto de *villas* renascentistas italianas.

As apresentações dos debatedores foi seguida pelas intervenções do engenheiro e urbanista Corrado Beguinot (Universidade dos Estudos de Nápoles Federico II), do recém formado arquiteto Vieri Quilici que virá posteriormente a trabalhar como assistente de Ludovico Quaroni durante os anos 1960, um ainda muito jovem Manfredo Tafuri e Luigi Tocchetti, diretor da Faculdade de Engenharia de Nápoles.

2.10 Hastings e “The Italian Landscape” (1963).

É relevante também o vínculo com a Itália de Hugh de Cronin Hastings o qual, sob o pseudônimo de Ivor de Wolfe¹⁹⁹, escreve o ensaio “The Italian Townscape”.

¹⁹⁹ Ivy de Wolfe era parcialmente Hastings mas também a esposa Hazel. Hastings aparece em algumas fotos dessa publicação. GLANCEY, J. “Townscape and the AR: Humane Urbanism in the 20th Century” 7 Junho 2013 in **Architectural Review** [online]. Acesso: <http://www.architectural->

Publicado primeiramente em junho de 1962 e posteriormente como livro, “The Italian Townscape” é um documentário visual que apresenta dezenas de cidades italianas acompanhadas por estudos analíticos de Kenneth Browne. Nele Townscape é redefinida como “a arte de humanizar altas densidades depois que os engenheiros as tornaram higienicamente possíveis” (DE WOLFE, 1962, p.12).

No livro, Hastings responsabiliza a profissão de urbanista e o automóvel pelo abandono da cidade do século XX e condena a descentralização da primeira fase das novas cidades. Os exemplos “positivos” italianos contidos no livro tinham a função de contrastar o que ele percebia como uma desvalorização por parte da vanguarda de qualquer coisa relacionada ao passado, de apresentar Townscape como uma arte que podia ser praticada por qualquer pessoa sem treino ou especialização e de demonstrar a existência de uma “townscaping sensibility” que era praticada há mais de cinco mil anos (DE WOLFE, 1962, p.21-22).

O que mais chama a atenção nesse livro é também a menção explícita a Camillo Sitte, ausente em praticamente todos os outros textos sobre Townscape da *Review* a qual, consciente ou inconscientemente, ignorava qualquer influência vinda da Europa continental.

Hastings viajou pela Itália visitando aproximadamente 57 cidades e vilarejos com a intenção de demonstrar aos ingleses, um tipo de urbanização que poderia servir de inspiração e que podia ser alcançado em qualquer parte do mundo.

As fotos de roupas secando no varal mostravam claramente uma preocupação com todos os elementos da cena urbana (e não apenas sua arquitetura) que contribuíam para uma experiência sensorial ou “visceral” da paisagem urbana.

Acima: DE WOLFE, I. **The Italian Townscape** Londres: The Architectural Press. 1963. p. 25

Acima: DE WOLFE, I. **The Italian Townscape**. Londres: The Architectural Press. 1963. p. 35

O interesse e o diálogo com a Itália continua ao longo dos anos 1960 com vários artigos entre os quais um de Nairn no jornal inglês *Observer* em 1965 chamado “Side by side (lessons from Europe: Genoa)”²⁰⁰ no qual o autor elogia a cidade italiana de Genova onde, em sua opinião, cidade e vilarejo convivem harmonicamente lado a lado através da simultaneidade de usos e escalas.

Nairn admira o uso de técnicas de incorporação graduais no lugar de reformas abrangentes (*piecemeal development* vs. *comprehensive redevelopment*) e sugere o mesmo tratamento para a City of London. Ele também elogia o museu do tesouro da catedral de San Lorenzo, recriado em 1956 pelo arquiteto italiano Franco Albini, e esse fato nos parece importante já que o museu é geralmente considerado uma das obras mais significativas de inserção moderna em um edifício antigo.

²⁰⁰ NAIRN, I. Side by Side (lessons from Europe: Genoa). **The Observer**. 9 de maio 1965, p.33

Capítulo 3: A Experiência brasileira

3.1: Introdução: Desenho Urbano no Brasil.

3.2 Os SEDURs, Seminários sobre Desenho Urbano no Brasil.

3.3 A presença de David Gosling no Brasil

3.4 Christopher Alexander em São Carlos, SP.

3.1: Introdução: Desenho Urbano no Brasil.

Como visto nos capítulos precedentes, a comunicação visual desempenhou um papel importante na disseminação de modelos ou práticas urbanísticas e é inevitável abordar esse mesmo aspecto no caso brasileiro. Naturalmente, no fim dos anos 1950 e início dos anos 1960 a construção de Brasília foi o grande foco de interesse de periódicos especializados e dos meios de comunicação de massa brasileiros: a constituição da futura capital do Brasil era sem dúvida a grande protagonista.

Na década de 1950, no Brasil, a expansão da classe média e a progressiva urbanização da população brasileira levaram jornais e revistas a “modernizar” sua gráfica introduzindo, entre outras coisas, quadrinhos e fotonovelas em cores. Em 1952 foi fundada a revista *Manchete*, que rapidamente alcançou a mesma notoriedade e vendas da *O Cruzeiro*, já estabelecida desde 1928. A revista *Manchete* cujas vendas superavam consideravelmente as da *Cruzeiro*, desenvolvia uma propaganda favorável ao presidente Juscelino Kubitschek defendendo e promovendo desde o início a construção de Brasília. A *Cruzeiro* embora mantivesse uma posição mais crítica²⁰¹ também acreditava na construção de Brasília como símbolo de um futuro melhor (COSTA, DA SILVA, 2004). Em 1955 foi fundada também a *Módulo* a qual foi, durante os anos 1950 uma das mais importantes revistas de arquitetura no país, ao lado da *Acrópole* e da *Habitat*. Editada por Oscar Niemeyer ela era naturalmente uma fonte de disseminação de imagens e discursos apologéticos em relação à construção da capital.

Em janeiro de 1957, a Novacap, Companhia Urbanizadora da Nova Capital, publica o primeiro número da revista *Brasília* com a finalidade de divulgar mensalmente os atos administrativos e informações relativas ao empreendimento e manter o público atualizado sobre o desenvolvimento da capital, mostrando obras, planos urbanísticos e

²⁰¹ O empreendimento Brasília era avaliado mais criticamente do ponto de vista político, social e econômico. Os intelectuais que colaboravam com a revista publicaram suas reflexões discutindo sobre os tempos de realização e outras questões. Todavia, devido à linha fortemente nacionalista da publicação, Brasília foi frequentemente apresentada como algo positivo para o futuro da nação. VIDESOTTI, L. Narrativas da construção de Brasília: mídia, fotografias, projetos e história. Tese de doutoramento pela Escola de Engenharia de São Carlos EESC-USP, dezembro 2009.

arquitetônicos e outros aspectos da construção. A revista *Brasília* também havia sido criada para ajudar nas relações públicas com outros países que tinham claramente muita curiosidade. Embora *Brasília* não deva ser considerada uma revista popular pelos limites de sua tiragem e curta duração, é importante lembrar que ela frequentemente usava o mesmo tipo de fotografias da *Manchete* e da *Cruzeiro* usando as vezes os mesmos fotógrafos dessas revistas.

Nessa década as revistas ilustradas privilegiavam a linguagem visual e a fotografia tornou-se importante para a elaboração e a divulgação das notícias, não apenas em relação à nova capital. No Brasil, nos anos 1950 e 1960 ainda se usavam muito os cotidianos, revistas ilustradas e imprensa dita de massa para a divulgação dos mais variados conteúdos e muitos textos-chave do Movimento Moderno apareceram justamente nos cotidianos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Isso dependia, entre outros fatores, da amplitude do território nacional e das carências estruturais da época: tanto a indústria quanto a distribuição de livros eram insuficientes e a porcentagem da população brasileira com escolarização superior era limitada (DE MELO, 1975, p)

A ampla cobertura nacional da construção de Brasília em revistas populares foi portanto crucial para a formação de uma opinião coletiva e divulgar a imagem de uma cidade moderna e “berço da civilização”.

O aspecto propagandístico e a maciça campanha da imprensa que divulgava a realização da capital como uma grande epopeia nacional são hoje conhecidos. As imagens de canteiros ordenados e mecanizados (e que omitiam a realidade dos acidentes de trabalho, da exaustão e da precariedade dos trabalhadores) contribuíam para exaltar Brasília como um milagre enfatizando a rapidez e a unicidade do evento.

De acordo com Angel Rama²⁰² a cidade, antes de aparecer em sua forma física, existe em sua representação simbólica. As cidades da colonização emergem já completas, “por um parto da inteligência, nas formas que as teorizavam, nas atas fundadoras que as instituíam, nos planos que as desenhavam idealmente”, e eram

²⁰² RAMA, A. La Ciudad Letrada. In MORSE, R.; HARDOY, J.E. (eds). **Cultura urbana latino-americana**. Buenos Aires: Clacso. 1985.

condenadas a reproduzir valores culturais não adequados ou em oposição às condições locais.

A ideia de que a colonização atuava no “vazio” sem portanto reconhecer preexistências, foi uma condição ideológica e uma prática necessária para iniciar a colonização. Assim as cidades da colonização antes de aparecer em sua forma física apareciam em sua representação simbólica, emergiam já completas, condenadas a reproduzir valores não adequados ou em oposição as condições locais²⁰³. Nessas imagens e discursos, Brasília era representada como a cidade que surgiu no nada e do nada, gerada por um simples esboço.

A mesma abstração envolvia naturalmente as obras arquitetônicas: as composições fotográficas reduziam a “Brasília em construção” a um jogo composicional de linhas pretas em fundos brancos, exaltando as formas e as superfícies e ocultando as imperfeições e isso contribuía para seduzir o observador com sonhos de modernidade. Assim, a repercussão que a estratégia comunicativa dessas revistas bem como o repertório de valores que elas disseminavam e exerceram nos gostos e nos sonhos de consumo do público brasileiro, não deveria ser subestimada. A ubiquidade dessas imagens e dessas composições sem dúvida causaram alterações na maneira como as pessoas percebiam a paisagem urbana. De fato, Videsott²⁰⁴ aponta para a ausência de pessoas ou mesmo objetos do dia-a-dia nessas imagens destinadas a enfatizar meramente a pureza e a perfeição dos espaços e dos volumes arquitetônicos; a maneira com a qual as pessoas usavam esses espaços era geralmente desconsiderada²⁰⁵. Assim, segundo Videsott²⁰⁶, as revistas *Manchete*, *O Cruzeiro*, *Módulo* e *Brasília*, graças justamente à comunicação visual, promoveram um tipo de informação padronizada nas diferentes regiões do Brasil. A acessibilidade e a aparente simplicidade da narrativa visual, provavelmente determinante para a popularidade dessas revistas, sem dúvida contribuiu para uniformizar as aspirações da classe média e seus sonhos de um país industrializado

²⁰³ RAMA, A. La Ciudad Letrada. In MORSE, R.; HARDOY, J.E. (eds). **Cultura urbana latino-americana**. Buenos Aires: Clacso. 1985.

²⁰⁴ Op. cit.

²⁰⁵ Op. cit.

²⁰⁶ Op. cit.

que valorizava a eficiência técnica e uma industrialização que se concretizou a partir de uma política estatal que teve, principalmente a partir do Governo de Juscelino Kubitschek, seu carro chefe na produção automotiva. O Estado brasileiro de fato tratava a indústria automobilística como uma questão estratégica para o desenvolvimento da nação e essa política de incentivo à produção e ao consumo de automóveis refletiram diretamente na estrutura de uma mobilidade cada vez mais orientada ao uso do transporte individual motorizado.

Não apenas em Brasília: a partir dos anos 1950 foi de fato claramente dada a prioridade ao transporte rodoviário em detrimento dos demais meios de transporte, uma das causas principais do espraiamento urbano²⁰⁷. Com a implantação na década de 1970 de conexões rodoviárias que visavam aproximar as regiões menos desenvolvidas do restante do país, aparecem novas aglomerações urbanas ao longo dos eixos rodoviários e no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 era evidente a alteração da paisagem urbana e os efeitos da ocupação de várzeas e chácaras agravada pela carência de transporte público e pela dispersão desses assentamentos e consequente incompatibilidade de recursos.

Assim os modelos de paisagem eram associados a um modelo de qualidade de vida em sintonia com os centros de poder. Para a população as estruturas exógenas à paisagem local, como edifícios de apartamentos ou o *shopping center*, eram justamente aqueles elementos que conferiam uma imagem de modernidade à cidade.

A disponibilidade tecnológica, que permitia reproduzir estruturas formas exógenas facilmente e rapidamente provocava mudanças na paisagem que não mais

²⁰⁷ Outro evento importante foi a contratação, em 1950, por parte do então prefeito de São Paulo Lineu Prestes de um relatório minucioso a respeito das obras públicas para o município de São Paulo e cujo diretor nomeado para esse “Programa de Melhoramentos Públicos” havia sido o já mencionado urbanista Robert Moses. Moses sugere para São Paulo intervenções baseadas nas de Nova Iorque que nos anos 1960 viriam a ser, como visto, alvo de protestos debates que contribuiriam para o surgimento de pesquisas no âmbito da nova disciplina de Desenho Urbano. As sugestões de Moses no entanto, refletiam a política de incentivo à produção e ao consumo de automóveis. Ver: MOSES, R. Programa de Melhoramentos Públicos para a cidade de São Paulo. São Paulo: IBEC Technical Services Co./PMSP, 1950.

refletia materiais, características e recursos locais. As cidades do interior do Estado de São Paulo são muito representativas dessa tendência a uma homogeneização resultante da aplicação de códigos de obras e outros muito semelhantes. Esses códigos que determinaram tipologias arquitetônicas, a largura das vias e calçadas, a altura das edificações, tamanho dos lotes, localização de praças, campi universitários, terminais de carga, rodoviárias, distritos industriais e aeroportos entre outros geravam assim paisagens monótonas que desprezavam o caráter local.

Cresciam assim também no Brasil, as mesmas urbanizações ao longo de estradas e rodovias tão criticadas nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha especialmente a partir do segundo pós-guerra. Mas quais foram as medidas adotadas para controlar esse tipo de urbanização no Brasil? E existiu uma crítica a essa nova paisagem como houve na Inglaterra e nos Estados Unidos? E quando se iniciou a crítica ao espraiamento e às baixas densidades no Brasil?

O livro de Jane Jacobs representou também um manifesto anti-automóveis e a favor de formas alternativas de mobilidade urbana. A autora de fato, em seu livro, aborda a construção da nova capital brasileira declarando que Brasília havia abolido a rua como espaço de sociabilidade e interação social. Ela também afirmava que os automóveis teriam isolado os pedestres em áreas residenciais ou comerciais e que teriam sido colocados em último plano já que, no Plano Piloto, os caminhos destinados a eles não possuíam continuidade ou eram interrompidos por vias locais, viadutos ou pelo eixo rodoviário (JACOBS, 2003).

As renovações urbanas com remoções de cortiços, alargamento de ruas e incentivo à iniciativa privada foi um tipo de intervenção urbana que teve muita repercussão no Brasil durante os anos 1960. A maior temática do Desenho Urbano no Brasil, a favela, ou nas palavras de Gosling “a outra face de Brasília”, apontaria apenas no final dos anos 1960 e nos anos 1970. Assim, como afirma David Gosling em sua apresentação ao livro de Vicente del Rio “Introdução ao Desenho Urbano” (1990)²⁰⁸ a construção de Brasília se deu, ironicamente, em um momento em que o Desenho

²⁰⁸ DEL RIO, V.E. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

Urbano como profissão ainda não era reconhecido em nenhum país e infelizmente as pesquisas nesse campo ainda não podiam influenciar na construção da capital.

Como explica Staël de Alvarenga Pereira Costa²⁰⁹, durante os anos 1980 diversos pesquisadores, cujas atividades acadêmicas haviam sido limitadas ou mesmo suspensas durante a ditadura militar, voltam às escolas brasileiras de arquitetura iniciando uma nova fase e inaugurando, em algumas escolas, cursos de pós-graduação com ênfase na evolução da forma urbana. Esses cursos reiniciam sob a influência de novos cursos de pós-graduação na Europa, na Ásia e nos Estados Unidos. Entre os mais importantes estava o curso de Desenho Urbano da Universidade Oxford Brookes (na época Oxford Polytechnic) na Inglaterra o qual trouxe numerosas contribuições para o tema. Pereira Costa enfatiza a influência neste contexto do professor Ivor Samuels, responsável pela formação de uma nova geração de morfologistas urbanos brasileiros como Humberto Yamaki, Rômulo Krafta, Staël Pereira Costa e Vicente Del Rio.

Na dissertação de mestrado de Vicente del Rio, no Joint Centre for Urban Design da Oxford Polytechnic em 1981, a proposta para a Favela da Maré no Rio de Janeiro refletia suas preocupações com habitação para populações de baixa renda e buscava um processo que permitiria maior participação e respeito para a comunidade existente e seu patrimônio sociocultural. As principais diretrizes adotadas na proposta final para o alcance de “uma boa forma urbana”, ou seja, a melhor resposta possível às necessidades de seus usuários eram aquelas indicadas por Lynch em “A Theory of Good City Form” (del Rio, 1990, p.123). Após completar seu mestrado em Oxford, del Rio apresentou sua tese de doutoramento na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) sobre a revitalização da área portuária do Rio de Janeiro. Ele também apresentou uma contribuição para o estudo da percepção ambiental bem como uma aplicação das teorias Townscape em uma proposta para a revitalização do distrito histórico de Fells Point, Baltimore, na costa leste dos Estados

²⁰⁹ PEREIRA COSTA, S. de A. “O estudo da forma urbana no Brasil” in **Portal Vitruvius** [online] agosto 2007. Acesso:<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/quixextos/08.087/220>>. Acessado: 28.08.2010

Unidos e que foi apresentada no II SEDUR²¹⁰ em 1986, um dos primeiros de uma série de seminários sobre Desenho Urbano no Brasil ocorridos na Universidade de Brasília (UnB). Vicente del Rio, de fato, descreve nessa proposta a importância, para o sucesso do projeto, da aplicação de estudos morfológicos e análise visual baseado nas teorias Townscape como características locais, caminhos visuais, corredores para pedestres para simulação de projetos possíveis na área (tipologia, usos, a composição volumétrica, estudos para *floor plans*, etc.). A morfologia gerada então definiria os espaços livres previstos, em sua fluidez, ou seja, sua continuidade no ambiente construído e não como entidades independentes. Os novos edifícios e “*infills*” (literalmente, preenchimentos) deveriam também seguir o conceito de tecido urbano e ao mesmo tempo respeitar a escala, o caráter e as tipologias da vizinhança sem recriar uma “arquitetura vernacular” mas buscando a melhor integração possível entre o novo e o existente. (DEL RIO, 1990, p.151).

Outro vínculo refere-se ao arquiteto e urbanista carioca Harry James Cole ao longo dos anos 1960, 1970 e 1980. O arquiteto, segundo Lucchese²¹¹, pode ser considerado responsável pela formulação de uma série de documentos técnicos que balizaram as políticas urbanas do governo brasileiro durante o período da ditadura militar. Trabalhando à frente do escritório H.J.Cole e Associados ele desenvolveu uma série de trabalhos urbanísticos pra governos municipais, estaduais e para a iniciativa privada, parte dos quais foram efetivamente aplicados. Cole foi Superintendente do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), Conselheiro do BNH, membro de associações profissionais internacionais de urbanistas, atuou junto a universidades e participou de uma série de seminários e conferências técnicas nas décadas de 1960 e 1970 portanto com uma atuação profissional intensa e diversificada.

²¹⁰ DEL RIO, V. “Desenho urbano para o bairro de Fells Point, Baltimore, Estados Unidos” in: Benamy Turkienicz, Maurício Malta. (Org.). **Desenho Urbano**. 1 ed. São Paulo: PINI/CNPQ/FINEP, 1986, v. 1, p. 375-383.

²¹¹ LUCHESE, M.C. **Em defesa do planejamento urbano: ressonâncias britânicas e a trajetória de Harry James Cole**, 2009. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo)- Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

Imagem acima: projeto para a área central em Blumenau. H. J. Cole e Associados e escritório Saturnino de Brito, 1974. Fonte: LUCCHESE, M.C. **Em defesa do planejamento urbano:** ressonâncias britânicas e a trajetória de Harry James Cole, 2009. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo)- Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009. p.363.

Harry Cole viajou para a Inglaterra em meados de 1950 e trabalhou no London County Council (LCC) sob a supervisão do noto urbanista Percy Johnson-Marshall e frequentando ao mesmo tempo um curso no Departamento de Planejamento Urbano da University London College sob a direção de William Holford.

Apesar da influência desses notos modernistas em sua formação profissional, ao comentar sobre as diretrizes para a implantação dos edifícios do centro cívico de Poços de Caldas²¹² no início dos anos 1970 Cole declara:

A concepção deste Centro Cívico foge aos modelos contemporâneos brasileiros e volta, de uma certa maneira, à nossa tradição histórica. Em vez de edificações monumentais soltas no meio de grandes espaços vazios, enfatizando cada edifício isoladamente, procuramos introduzir o conceito de um Centro Cívico claramente com características urbanas, isto é, em que as edificações formam um conjunto entrelaçado procurando-se a unidade da “paisagem urbana”, em contraposição à dominação de uma edificação sobre uma paisagem vazia. A formação de várias pequenas praças circundadas por prédios de arquitetura diversificada, de um sem

²¹² Projeto do escritório H.J.Cole e Associados.

número de vielas para pedestres e caminhos tortuosos e imprevistos entre essas edificações, provocará no usuário do centro surpresas agradáveis e um aconchego humano e visual que nos parece básico para conjuntos dessa natureza²¹³.

Nesse texto é muito evidente, em nossa opinião, a alusão à concepção de espaço da cidade tradicional e uma preocupação com o traçado urbano, defendida também por Townscape, e que, na opinião do arquiteto carioca, seria historicamente mais adequada para o Brasil. Assim as preocupações do escritório de Harry Cole se aproximavam as da disciplina do Desenho Urbano que estava se desenvolvendo naqueles anos na Europa e nos Estados Unidos, mas que ainda não eram comuns no Brasil.

3.2. Os SEDURs, Seminários sobre Desenho Urbano no Brasil.

O ano de 1984 testemunhou o primeiro de uma série de seminários sobre Desenho Urbano no Brasil, os SEDURs que tiveram lugar na Universidade de Brasília (UnB). O primeiro SEDUR, realizado em setembro de 1984, foi de fato o primeiro seminário cujo objetivo explícito foi o de “reestabelecer no país a discussão sobre o desenho das cidades” nas palavras do coordenador do evento o professor Benamy Turkienicz²¹⁴.

De acordo com de Holanda et al²¹⁵, tomando esse seminário como ponto de partida para o debate sobre a forma urbana, é possível contar aproximadamente vinte eventos (conferências, workshops e seminários) no Brasil, que tiveram o espaço urbano como objeto. Este balanço positivo, continua de Holanda, cresce se observarmos que, no Brasil, as discussões sobre a cidade até o fim dos anos 1970 se concentravam predominantemente em aspectos que não diziam a respeito da sua forma e que a

²¹³ Ibid, p.355.

²¹⁴ TURKIENICZ, B. (org.). Desenho Urbano – Anais do I SEDUR. São Paulo, Projeto. 1985. Observação: Turkienicz também completou seu mestrado em Desenho Urbano no Oxford Polytechnic em 1979.

²¹⁵ DE HOLANDA, F., KOHLSDORF, M.E., FRET, R.L., CORDEIRO, S.H.C. Forma Urbana: que Maneiras de Compreensão e Representação? In **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n.3, 2000.

associação da palavra “configuração” a fenômenos urbanos gerava instantaneamente o entendimento de que apenas seus aspectos principais estavam sendo tratados e que suas profundas estruturas estavam sendo ignoradas. O primeiro SEDUR, concluído de Holanda, indicaria uma mudança de postura e a adoção de uma abordagem científica em relação à forma da cidade.

Durante os três dias do II SEDUR (de 11 a 13 de setembro de 1986) reuniram-se 1500 arquitetos, urbanistas e historiadores brasileiros e estrangeiros e, de acordo com depoimentos de participantes coletados pela revista *Arquitetura e Urbanismo*, a abrangência das exposições e a multidisciplinaridade com a qual os temas foram tratados demonstrava uma tendência não apenas em pensar a cidade em termos morfológicos ou em seu sentido utilitário e funcional, mas de pensar em problemas políticos, legais, problemas de concepção da totalidade do terreno.

Segundo Benamy Turkienicz, outra contribuição do seminário era a de gerar uma tomada de consciência por parte de não-arquitetos de que espaços projetados têm uma nítida repercussão social e econômica que precisa ser apreendida por todos e que o conhecimento sobre a arquitetura e o urbanismo deveriam ser portanto de domínio público.

Silvia Ficher afirmava que havia também uma consciência maior, crescente, no sentido de recuperar conhecimento brasileiro e a esse respeito ela cita a valiosa contribuição de Carlos Nelson Ferreira dos Santos a qual, segundo a autora, repensava a cidade brasileira e não os modelos europeus de cidade herdados do Movimento Moderno.

O artigo “A Percepção Ambiental no Desenho Urbano”²¹⁶, por exemplo, relata a aplicação de duas técnicas de percepção ambiental: mapas cognitivos e questionários para uma proposta de desenho urbano de reintegrar o Rio Guaíba na paisagem, na estrutura e nas atividades do centro de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O trabalho utiliza as teorias de Donald Appleyard e Kevin Lynch e as autoras definem o uso complementar destas técnicas como um instrumento auxiliar para intervenções urbanas

²¹⁶ BERED DE CURTIS, A.R.; FERRUGEM VELASQUES, I.L. “A Percepção Ambiental no Desenho Urbano”. Anais do II SEDUR - Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil. p.121-130.

“mais objetivas e sensíveis às opiniões dos usuários” e que elas descrevem como um “enfoque de democratização das intervenções urbanas”.

O III SEDUR – Seminário sobre Desenho Urbano foi promovido pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo e Decanato de Extensão da Universidade de Brasília UnB e teve como tema central: “A Forma da Cidade: uma questão de Desenho?” e os subtemas: a cidade dos arquitetos; a gênese das morfologias urbanas; as formas e os “ismos”; Desenho Urbano numa sociedade democrática, tecnologia, forma e desenho. Em torno desses subtemas tiveram lugar cursos, conferências e foram organizados grupos de trabalho.

A revista *Arquitetura e Urbanismo*²¹⁷ destacava o ecletismo como marca registrada do III SEDUR, uma diversidade que se caracterizou, segundo os editores da revista, tanto pelos temas apresentados por pesquisadores brasileiros, quanto pela origem e formação dos convidados estrangeiros, alguns relativamente desconhecidos no Brasil. Entre os destaques estavam o professor da Escola de Arquitetura do Porto e ex-secretário de Habitação, Nuno Portas e o premiado arquiteto Oriol Bohigas.

3.4 A presença de David Gosling no Brasil.

Neste subcapítulo será explorada a trajetória profissional do arquiteto e urbanista inglês David Gosling (1934-2002) e seu vínculo com o movimento Townscape. Também será verificado como sua presença no Brasil contribuiu, em um período em que este movimento estava ocupando um espaço considerável no debate sobre a reconstrução do pós-guerra na Inglaterra, não apenas à introdução dos princípios Townscape no país, mas também ao debate sobre a forma urbana em geral.

Gosling formou-se em arquitetura pela Universidade de Manchester, na Inglaterra e realizou seus estudos de pós-graduação em Planejamento Urbano no Massachusetts Institute of Technology (MIT) e na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, nos anos 1950. A dissertação de mestrado de Gosling “The Boylston Street Redevelopment Project”, completada em 1958 sob a orientação de Kevin Lynch,

²¹⁷ *Arquitetura e Urbanismo*, ano 5, n.21, dezembro 88/ janeiro 89, p.31.

consistia em uma adaptação dos princípios Townscape para o centro de Boston, Estados Unidos. Como nota Erdem Erten²¹⁸, a predominância dos estudos de Gordon Cullen na tese de Gosling prova também o interesse de Kevin Lynch pelos princípios Townscape, embora, como mencionado, em “A Imagem da Cidade” (1960), Lynch não os reconheça diretamente.

Em 1961 Gosling obteve uma bolsa Fullbright para uma visita de estudos ao Brasil e foi quando ele iniciou seu “caso de amor” com o Brasil e sua arquitetura e urbanismo que ele sempre prezou e quando conheceu sua esposa Miriam (DEL RIO, 2002).

Ao retornar para a Inglaterra ele entrou a fazer parte do Manchester City Architects Department e, em 1962, assumiu a tarefa de preparar o plano para parte do centro da cidade, o chamado *Processional Way* e foi nesta ocasião que os contatos de Gosling com o comitê editorial da *Review* se intensificaram. O projeto de Gosling, de fato, foi enviado para Kenneth Browne, o arquiteto que havia substituído Gordon Cullen como editor da coluna Townscape na *Review* e este o publicou na revista em agosto de 1962 levando ao encontro de David Gosling com o crítico da revista Ian Nairn.

Entre outros projetos, Gosling trabalhou com Gordon Cullen em 1973 no projeto de Maryculter, uma cidade nova na Escócia, aliás, foi a convite do próprio Gosling que Cullen juntou-se à equipe de Christian Salvesen, a firma que financiava o estudo. Segundo Gosling (1996) a não realização, devido às fortes pressões políticas, da cidade de Maryculter, foi uma verdadeira tragédia já que esta deveria se tornar um exemplo vivo das teorias de Cullen colocadas em prática, teorias estas desenvolvidas posteriormente à sua saída do comitê editorial da *Review* e, portanto não exploradas nos livros mais conhecidos de Cullen, “Townscape” (1961) ou tampouco em sua reedição “The Concise Townscape” (1971).

Uma dessas teorias de Cullen, a dos “sinais mudos” (*mute signals*), a qual tinha

²¹⁸ ERTEN, E. “Shaping ‘The Second Half Century’: the Architectural Review, 1947-1971”. Cambridge, 2004. Doutorado em História e Teoria da Arquitetura no Departamento de Arquitetura do Massachusetts Institute of Technology (MIT) p.102

origem em seus estudos da série Alcan²¹⁹ levou ao desenvolvimento das teorias de Cullen sobre navegação urbana que eram vinculadas às teorias emergentes da semiótica em arquitetura, a qual emergia por sua vez da linguística contemporânea (GOSLING, 1996).

Gosling passou o ano de 1976 como professor visitante na Universidade de Brasília onde lançou os fundamentos do ensino de Desenho Urbano e do Townscape, em tempos de rígidas posturas tecnocráticas no planejamento urbano. A crise da segunda parte dos anos 1960 no Brasil causou um declínio na pesquisa científica e a instalação da ditadura militar levou a uma descontinuidade na pesquisa acadêmica do país.

Os anos 1960 e 1970 no Brasil foram marcados pela ascensão do planejamento tecnocrático, um modo de planejamento apoiado predominantemente no conhecimento científico: a seleção dos objetos de intervenção, a definição de objetivos, diretrizes e programas, os instrumentos de implantação eram feitos e elaborados por técnicos e conhecimento especializado e tecnologia eram muito valorizados.

Na experiência brasileira, o planejamento governamental sempre destacou o papel das equipes técnicas, um modo de planejamento que permitia ao regime autoritário encontrar, convenientemente, a cortina de fumaça para o exercício do arbítrio e mesmo com a “abertura” e a “redemocratização” e as discussões sobre a especulação imobiliária, sobre as formas de apropriação do urbano tanto pelo capital como pelas populações faveladas e outras discussões que marcam a primeira metade dos anos 1980, as decisões estratégicas permaneceram prerrogativas do poder e o processo de planejamento continuava a evitar colocando em discussão os valores dominantes²²⁰

As aulas proferidas por Gosling no Brasil estão reunidas em uma apostila²²¹ produzida por ele para o programa de mestrado em Planejamento Urbano do

²¹⁹ Outra questão importante levantada nestes estudos é a relativa à densidade. O livro “A Town called Alcan” (1964), de fato sugeria densidades de 90 a 125 construções por hectare, mostrando que não apenas o governo criticava as baixas densidades típicas dos subúrbios mas a indústria também (JENCKS; DEMPSEY, 2012, p. 294)

²²⁰ MOREIRA, A.C.M.L., DE AMBROSIS, C.A., DE AZEVEDO NETTO, D.T. A espera de uma reforma participativa (20 anos de planejamento local) in: *Arquitetura e Urbanismo*, ano 2, n.7, agosto 1986.

²²¹ Uma cópia incompleta dessa apostila nos foi gentilmente emprestada pelo Professor Vicente del Rio. A apostila não contém nenhuma imagem mas elas são descritas na apostila.

departamento de arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB) em 1976. As aulas abordam questões importantes do Desenho Urbano, especialmente as relacionadas à análise visual do espaço urbano (DEL RIO, 2002).

O curso proferido por Gosling em Brasília inicia com uma introdução à psicologia da percepção. Nesta introdução, onde ele introduz os ensinamentos de Kevin Lynch e Gordon Cullen, ele explica como a comunicação entre as pessoas e a cidade se efetua primeiramente pela sinalização e por uma “linguagem de gestos”.

Ao abordar o tema da identidade de um lugar ou de uma cidade ele ensina como esta seja composta de três subdivisões: contato, ou seja o uso da estrutura, por indivíduos ou grupos, tais como comícios, carnaval, mercados ou feiras etc.. A segunda subdivisão seria memorabilidade, ou seja, as impressões que permanecem na mente do usuário dessa estrutura. A terceira subdivisão, talvez a mais clara referência a Townscape, seria a das relações: o aparecimento de situações memoráveis através da justaposição de “membros separados da casta ambiental”²²², ou seja, dos elementos que compõem a cena urbana.

A parte as muitas referências a Lynch e Cullen, essa apostila nos interessa porque Gosling tenta claramente traduzir essas teorias para o contexto brasileiro considerando, muito oportunamente, uma audiência composta de arquitetos e urbanistas brasileiros. As imagens mostradas durante o curso são, em grande parte, de cidades brasileiras.

Nesse sentido ele busca mostrar que, embora originadas na Europa, para cidades com prioridades aparentemente diferente das cidades brasileiras, esses princípios poderiam ser importantes também no Brasil.

Ele aponta, por exemplo, para os problemas e a “falta de humanidade” dos conjuntos do BNH, acusando arquitetos e urbanistas de não compreender as necessidades dos usuários e seus aspectos sociais e econômicos.

Ao usar exemplos brasileiros como o da favela, do conjunto habitacional do BNH ou mesmo dos subúrbios de classe alta de São Paulo, Gosling esclarecia como o Desenho Urbano não consistia necessariamente em um instrumento válido apenas para

²²² Não sabemos o quão fluente era o português de Gosling ou se o texto foi traduzido do inglês por terceiros mas observamos muitos termos inusitados e erros gramaticais na apostila.

países onde, a diferença do Brasil, os problemas sociais e econômicos das grandes metrópoles não eram prioridade. O Desenho Urbano, segundo Gosling e como já indicado no capítulo 1 dessa tese, interessava a todos os grupos porque, para produzir um ambiente satisfatório, era importante conhecer tanto os aspectos sociais e econômicos quanto os aspectos visuais e psicológicos e de estrutura urbana.

As observações de Gosling contidas nessa apostila de 1976 a respeito da coerência física, visual e social das estruturas da favela tradicional são, em alguns momentos, bastante similares às de Carlos Nelson Ferreira dos Santos. Gosling afirmava que o favelado conhecia suas necessidade essências e que elas não eram satisfeitas pelos conjuntos habitacionais do BNH ou das cidade satélites. Estes estavam situados longe do trabalho, eram caros e careciam de humanidade, eram tediosos. Para Carlos Nelson Ferreira dos Santos a favela era um lugar digno, o povo havia conseguido produzir, sem recursos, “espaços urbanos dramáticos, comoventes”²²³.

Compreender todos esses aspectos, anuncia Gosling nessa introdução, seria portanto o objetivo do curso.

Voltando à psicologia da percepção, Gosling ensina como essa deveria ser dividida em dois temas principais de investigação: a percepção do movimento, ou seja, a percepção da posição e da orientação dos objetos e a relação entre eles. Gosling lembra que essa percepção não é apenas visual mas se dá também através de sensações. Em segundo lugar a percepção do espaço e a importância do planejamento urbano ser concebido como “projeto dinâmico”. O exemplo usado por Gosling nesse caso é Brasília (plano piloto). Uma cidade pensada para veículos²²⁴, afirma Gosling, e portanto percebida por seus usuários quando em movimento, deve ser projetada de acordo com essa condição e aqui ele cita o trabalho de Donald Appleyard e os estudos realizados na Universidade da Califórnia, Berkeley (apostila, p.11).

²²³ FERREIRA DOS SANTOS, C. N. “Questionar mas (com)paixão” in **Arquitetura e Urbanismo**, ano x, n.x, dezembro/janeiro 1986-87, pp. 61-63.

²²⁴ Ao mencionar cidades projetadas principalmente para o automóvel Gosling cita geralmente Brasília e Los Angeles, Califórnia. Segundo o próprio Gosling o uso de exemplos californianos (embora muitos sejam positivos como os de San Francisco) serviriam para alertar contra a perda das tradições mediterrâneas e latinas (e seus valores humanos tradicionais) de uso misto nas áreas metropolitanas brasileiras. O uso misto era para Gosling de “suprema importância”.

Em seu curso Gosling alerta, permanecendo fiel a dois dos importantes temas de Townscape (cidade compacta e diversidade), para a perda da “intensidade de uso do solo” e “diversidade” das cidades brasileiras. Ele lembra que, apesar das críticas dirigidas, por exemplo, à decadência de Copacabana, costumeiras naquele período, o bairro carioca possuía uma estimulante combinação de “utilidade, conveniência e intercâmbio social” ausente em novos bairros paulistanos e cariocas. Gosling convida seus alunos a refletir, de maneira muito semelhante à usada por Nairn e Cullen na *Review*, sobre a razão pela qual ambientes urbanos haviam se tornado meras aglomerações, sem sentido, de construções, máquinas, ruas, rodovias, *outdoors* e postes elétricos. Ele aponta para a necessidade de investigar as maneiras com as quais pode se definir o significado e o uso de várias formas e assim melhorar a qualidade da experiência urbana ou ambiental.

A aula seguinte desse curso aborda conceitos de espaços públicos e privados introduzindo diversos pesquisadores. Um deles, e o qual contribuiu aos estudos sobre territorialidade humana na cidade, é o antropólogo norte-americano E.T. Hall²²⁵ conhecido por cunhar o termo “proxemics”. Hall acreditava que estudar o que ele chamava de “Proxemic Behavior” e seu impacto em comunicações interpessoais era importante por contribuir na avaliação da maneira com a qual as pessoas interagem uma com as outras no dia a dia bem como na organização do espaço em suas casas, edifícios e no traçado de suas cidades. Outro sócio-psicólogo norte-americano mencionado por Gosling é Robert Summer e seu conceito de “espaço pessoal” descrito em seu livro “Personal Space: The Behavioral Basis of Design”²²⁶ (1969).

A terceira aula do curso é inteiramente dedicada às teorias de Kevin Lynch e principalmente à pesquisa desenvolvida por Lynch nos anos anteriores à publicação de “A Imagem da Cidade” (1960). Gosling cita o Rockefeller Research Project, provavelmente se referindo ao trabalho desenvolvido por Lynch e Kepes com financiamento da Fundação Rockefeller citado anteriormente.

²²⁵ Hall, Edward T. “A System for the Notation of Proxemic Behavior” in **American Anthropologist** 65, 1963, pp. 1003-1026.

²²⁶ Summer, R. **Personal Space: The Behavioral Basis of Design**. Prentice-Hall, 1969

A quarta aula do curso é dedicada à filosofia Townscape e ao trabalho do “muitas vezes mal compreendido” Gordon Cullen. Gosling introduz os conceitos de “visão serial” elaborados por Cullen e menciona as conquistas britânicas em termos de preservação de parques nacionais, cinturões verdes e patrimônio histórico afirmando que continuidade é uma característica desejável nas cidades.

A rapidez nas mudanças, segundo Gosling, impediriam os “organizadores do meio ambiente” de aprender gradualmente a “humanizar o material cru lançado a eles” e assim “digeri-lo”. São Paulo, afirma Gosling, estaria sofrendo de indigestão.

Nesta aula Gosling aborda apenas o trabalho do “visionário” Cullen. Ele o faz de maneira sistemática, listando e explicando o conteúdo do livro “Townscape” (1961) e “The Concise Townscape” (1971). Nenhuma menção é feita aos estudos e pesquisas realizados inicialmente por Hastings e Pevsner na *Review* (a *Review* é sequer mencionada) ou de outros colaboradores da *Review* e defensores de Townscape.

Assim conclui-se que a visão dos princípios Townscape assimilada durante o curso pelos estudantes de pós-graduação da UnB era limitado e omitia o importante contexto histórico (reconstrução do segundo pós-guerra e suas implicações) e a relação de Townscape com o ideal estético do Pitoresco. A aula de Gosling limita-se portanto à interpretação de Gordon Cullen dessa rica pesquisa histórica destinada a fornecer instrumentos para melhorar a cena e a experiência urbana.

Ele continua a exploração das aplicações dos princípios Townscape na 5ª aula do curso, sugerindo tratamentos para pisos, cores, materiais, texturas, paisagem aquática e mobiliário urbano. Para além do conteúdo do curso, o que mais nos interessa nessa aula são os comentários de Gosling a respeito do alcance das teorias Townscape. Ele de fato observa que, apesar do pessimismo que permeia a edição de 1971 do livro “Townscape”, a metodologia havia causado certo impacto no Desenho Urbano europeu. Segundo Gosling a influência dos métodos Townscape em países como a Alemanha, a Dinamarca e a Suécia era clara e muitas vezes reconhecida. No entanto Gosling reconhece que a influência direta, em termos de forma construída, teria sido mais em relação à paisagística urbana do que no desenho de grandes edifícios. Apesar

disso, continua, os centros para pedestres inspirados pela metodologia ou alguns dos elementos presentes nesses centros, haviam feito muito para melhorar o ambiente urbano nesses países. Na apostila existem muitas indicações de exemplos de princípios Townscape aplicados em cidades europeias.

Na sexta aula Gosling aborda a forma urbana e seu crescimento e estrutura. Nessa aula é dada ênfase a questões de escala, mobilidade e conectividade. Os exemplos citados nessa aula são em grande parte de estruturas urbanas construídas por pescadores e camponeses em várias partes do Mediterrâneo. Trata-se geralmente de estruturas urbanas com unidades familiares conectadas por estreitos corredores e que apresentam complexas relações entre espaços públicos e privados. A forma dessas estruturas urbanas, embora às vezes grandes e complexas, é, segundo Gosling compreendida com um único “golpe de vista”.

Em 1984, David Gosling publicou, com Barry Maitland, o livro “Urban Design Concepts” e, em 1996, “Gordon Cullen: Visions of Urban Design”, a única biografia autorizada de Gordon Cullen. Este livro o qual contem mais de 400 ilustrações, veio a preencher uma importante lacuna a respeito da obra de Cullen já que tanto “Townscape” (1961) quanto “The Concise Townscape” (1971) omitem grande parte dos trabalhos de Cullen. Gosling portanto não só havia trabalhado pessoalmente com um dos grandes teóricos de Townscape mas era um profundo conhecedor de sua obra, um conhecimento que não se limitava ao livro “Townscape” de Cullen mas também à sua principal atividade que era a de consultor.

Gosling ainda viria ao Brasil em diversas outras oportunidades para lecionar, participar de conferências e congressos (DEL RIO, 2002). O arquiteto britânico participou do Seminário Centro XXI (1995) apresentando na mesma sessão na qual Bernard Huet também proferiu uma palestra. David Gosling demonstrava como uma economia globalizada estaria contribuindo para subtrair o caráter público dos espaços públicos da cidade de São Paulo e, neste sentido, “golpeando o coração da democracia” (GOSLING, 2001).

3.5 Christopher Alexander em São Carlos, SP.

Outro respeitado pesquisador da área de Desenho Urbano cuja crítica ao Modernismo havia sido particularmente incisiva e que deixou sua marca no Brasil durante os anos 1980 foi Christopher Alexander. Alexander cresceu na Inglaterra onde obteve seu diploma de graduação em arquitetura e de mestrado em Matemática. Em 1958 ele mudou para os Estados Unidos onde realizou seu doutorado, aliás, o primeiro doutorado em arquitetura atribuído pela Universidade de Harvard. Durante o mesmo período ele trabalhou no Massachusetts Institute of Technology (MIT) em teoria do transporte e ciências da computação e, na Universidade de Harvard em estudos cognitivos. Alexander e seus colegas desenvolveram uma teoria que visava a criação de uma forma construída, arquitetura ou uma cidade, através de “uma maneira atemporal de construir”, ou seja, reproduzir qualidades reconhecidas na arquitetura vernacular e assentamentos tradicionais, o *genius loci* encontrado em ambientes excepcionais e reconhecidos mundialmente. Para alcançar isso a equipe de Alexander desenvolveu uma “linguagem de padrões” que consistia em 253 padrões, tipologias ou critérios filosóficos interconectados e que permitiam combinações múltiplas. Esses padrões cobriam desde planejamento regional a detalhes de ornamentação e iluminação de edifícios. Além das publicações desta obra em espanhol (1980), alemão (1982) e japonês (1984), salienta-se que este foi o primeiro livro do arquiteto traduzido para o português, no ano de 2013²²⁷.

Em 1965 Alexander publicou o ensaio “The City is not a Tree” onde criticava algumas concepções modernas de cidades tais como a cidade de Chandigarh (1951) de Le Corbusier, Brasília de Lucio Costa e outras. No texto o autor explica porque estas concepções podiam ser consideradas essencialmente “estruturas em árvores”, ou seja, estruturas que permitiam apenas associações simples, enquanto estruturas que ele denominava de “semi-lattice” representariam mais adequadamente as associações

²²⁷ BATTAUS, D.M.A Processos Participativos na Arquitetura e Urbanismo de Christopher Alexander. In: PEIXOTO, E. R. Et al (Orgs.) *Tempos e escalas da cidade e do urbanismo: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Brasília, DF: Universidade Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <<http://www.shcu2014.com.br/content/processos-participativos-na-arquitetura-e-urbanismo-christopher-alexander>> .

múltiplas encontradas em uma cidade. Na visão de Alexander, cidades que haviam crescido naturalmente demonstravam uma estrutura mais complexa e planejadores deveriam, em sua opinião, tentar refletir essa variedade e essa liberdade de escolha.

Durante o I SEDUR realizado na Universidade de Brasília de 3 a 5 de setembro 1984 o GAL (Grupo Alexander)²²⁸, grupo formado na Escola de Engenharia (EESC-USP) apresentou uma panorâmica das mais recentes obras de Christopher Alexander seguido por um relatório sintético de algumas aplicações no campus da USP de São Carlos, estado de São Paulo, bem como na cidade, de conceitos desenvolvidos por Alexander. Estas aplicações eram baseadas em experiências realizadas em outros países pelo CES (Center for Environmental Structures em Berkeley, Califórnia), uma organização composta por planejadores, arquitetos, engenheiros e construtores, estabelecida em 1967 com o objetivo de implementar projetos liderados por Alexander e envolvendo profissionais e estudantes que trabalhavam com os princípios descritos em “The Nature of Order”, a obra de quatro volumes de Alexander. Essas aplicações haviam sido todas guiadas pelos seis princípios aplicados por Alexander durante sua intervenção na Universidade de Oregon, na cidade de Eugene, Oregon: o princípio da ordem orgânica, da participação, do crescimento em pequenas doses, da linguagem de padrões, da diagnose e da coordenação. De fato, no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, a comunidade do campus exigiu mais controle sobre suas vidas e seu ambiente e, como resultado, a administração da universidade tomou a medida conciliatória de contratar o já premiado e radical professor da Universidade de da Califórnia de Berkeley. A Alexander cabia conceber um processo pelo qual a comunidade da universidade poderia criar seu próprio espaço. Esse processo foi a primeira experiência de Alexander em projeto e construção de comunidades. O livro que nasceu dessa experiência, “The Oregon Experiment” (1975)²²⁹, prescrevia que “sentimento” (*feeling*)

²²⁸ O grupo consistia principalmente dos seguintes membros: Prof. Dante Angelo Osvaldo Martinelli (Departamento de Engenharia de Estruturas da EESC-USP e fundador, em 1958, do Laboratório de Estruturas, também na EESC-USP), Profa. Julieta P. Martinelli, arquiteta Sônia Costardi (Departamento de arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, atualmente arquiteta da Coordenadoria do Campus em São Carlos).

²²⁹ ALEXANDER, C. ET AL. **The Oregon Experiment**. Oxford: Oxford University Press, 1975.

devia ser o critério primário usado para implantar mudanças em qualquer lugar, que melhoras no campus deveriam ser feitas primeiramente naqueles lugares que mais necessitavam e que padrões, ou boas soluções para problemas genéricos, deveriam estar disponíveis em uma “enciclopédia comunitária” e que deveria se ter o cuidado de diminuir o poder econômico e político de grandes projetos monolíticos. Lugares, de acordo com Alexander, deveriam ser moldados para pessoas, para torná-las mais plenas e para isso elas deveriam estar envolvidas na construção de suas comunidades.

Observo que o planejamento de unidades de vizinhança envolvendo diretamente a comunidade local pode ser rastreado, nos Estados Unidos, desde a legislação conhecida como chamada “Guerra à Pobreza” introduzida pelo então presidente Lyndon B. Johnson’s que, entre outras coisas, levou à invenção das “community development corporations” e outras organizações fundadas em trabalho comunitário, fato que mudou a prática de planejamento americano consideravelmente introduzindo o conceito de “advocacy planning” ou planejamento advocatício.

Os turbulentos anos 1960 também introduziram a ideia de democratizar o sistema de planejamento através da participação direta das pessoas afetadas pelas intervenções propostas. Reforçada pela introdução das políticas neoliberais dos anos 1970, quando o governo federal devolveu responsabilidade pelo bem estar social e desenvolvimento para a população de baixa renda às áreas locais. Essas mudanças incentivaram a participação ativa daquilo ao qual nos referimos como sociedade civil, ou seja, a auto-organização de grupos sociais para causas públicas (FRIEDMAN in HEALEY e UPTON, p.319).

Visando ao melhoramento de áreas públicas ou semi-públicas, na época da apresentação do trabalho no I SEDUR²³⁰ já haviam sido feitas cinco aplicações no âmbito do chamado Projeto Pomar, o qual consistia da humanização dessas áreas através do emprego de árvores frutíferas.

²³⁰ MARTINELLI, A.O.D.; MARTINELLI, P.J. Experimento Habitacional em São Carlos baseado em Christopher Alexander. **Anais do I SEDUR - Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil.**

...nos, funcionários e professores) e outras iniciativas...

O Projeto Pomar despertou a atenção do Prefeito de S. Carlos, Eng.º Dagnone de Mello, que solicitou a colaboração do Grupo para estender o projeto à cidade, e desde então representantes da Prefeitura incorporam-se ao grupo de pesquisadores da EESC e continuam com sucesso o trabalho.

O Projeto Pomar foi mais longe em sua repercussão: o Projeto de Lei PRO-FRUTI, aprovado em Brasília com o n.º 2246/83 divulga a experiência realizada em S. Carlos e incentiva sua implantação em todo o País.

O DIÁRIO - FONE 71-5219

processo de planejamento participativo desenvolvido por Alexander e já aplicado em vários países.

O arquiteto brasileiro Flávio Ferreira, que reside e exerce suas atividades profissionais no Rio de Janeiro, teve a oportunidade de trabalhar com Alexander num projeto de casas populares para mineiros na Venezuela, durante o ano de 1982, e estará em S. Carlos na próxima 5.ª feira, dia 19.01.84 para relatar sua experiência nesse projeto; essa palestra será realizada no Departamento de Arquitetura e Planejamento, Campus da USP, à Av. Carlos Botelho 1465, às 15 horas. Estão convidados, todos os interessados.

QUEM É C. ALEXANDER:
Christopher Alexander é um brilhante matemático e

A primeira dessas aplicações foi no próprio campus da USP São Carlos, com intensa participação, em todas as fases, de funcionários, estudantes e docentes. Tomando conhecimento dessa primeira aplicação, a Prefeitura de São Carlos demonstrou certo interesse em estender a experiência a outras áreas na cidade. Duas avenidas e duas praças foram então objeto de trabalho análogo, participando delas, além do contingente inicial da Escola, a população local, técnicos da Prefeitura e outros interessados. Ao mesmo tempo em que no Campus da USP São Carlos se fazia a primeira aplicação no âmbito do Projeto Pomar, iniciam-se as intervenções em edifícios da Escola de Engenharia. A primeira delas foi a recuperação de um ambiente abandonado a fim de transformá-lo no local de trabalho do Grupo Alexander, a “sala GAL”. Em seguida passou-se ao Projeto Pinicão, visando à recuperação de uma área em torno de uma instalação sanitária desativada. Ampliando a participação a um número ainda maior de funcionários, estudantes e docentes, passou-se em seguida à transformação de uma sala que havia servido durante anos como precário laboratório de Pavimentação “corbusiano” construído em 1957, seguindo projeto do arquiteto Helio de Queiroz Duarte e do engenheiro E.R. Carvalho Mange em um centro de convivência. Todas essas aplicações se embasam nos seis princípios já citados.

A colaboração entre o grupo Alexander (GAL) e a prefeitura de São Carlos culminaria no planejamento de um conjunto de habitações que, de acordo com o então prefeito, por seu caráter inovador, deveria servir de modelo para todo o Estado de São Paulo. Os trabalhos tiveram início em novembro de 1984 e envolveram, além do próprio arquiteto Christopher Alexander que veio a São Carlos e permaneceu por dez dias, o GAL, representantes da Companhia de Habitação (COHAB) de Bauru, pequenos empreiteiros e, naturalmente, as famílias interessadas em morar nessa unidade de vizinhança. Conforme o relatório da EESC-USP, a finalidade básica do programa era a construção de 150 casas para famílias de baixa renda, mediante um processo que permitisse a individualização de cada moradia e, ao mesmo tempo, a constituição de uma comunidade agregada em torno de áreas comuns.

Para além desses objetivos básicos, o programa visava criar um procedimento-modelo que poderia se reproduzido pelas COHAB em outras cidades do Brasil. Para isto, decidiu-se que seria necessária a sistematização de um conjunto completo de regras e o treinamento de equipes de profissionais capazes de conduzir o mesmo processo em sempre novos contextos. Assim, a construção do bairro deu-se no âmbito de um projeto de pesquisa que teve como objetivo principal gerar um protótipo, mediante o monitoramento dos processos de construção e de participação das famílias, para o ajuste contínuo daquelas que eram chamadas “regras de projeto”²³¹.

Todo o processo de implantação do bairro baseava-se em experiências anteriores realizadas pelo Center for Environmental Structures (CES) em outros países como México, Japão, Honduras e Venezuela, cuja metodologia seria adaptada à situação brasileira. Por isto, parte do trabalho de pesquisa foi desenvolvida em Berkeley, sede do CES²³², onde a equipe, constituída por Christopher Alexander, sua assistente Artemis Anninou, Julieta Martinelli e Sonia Costardi, poderia ter acesso imediato à documentação relativa às experiências anteriores. Esta etapa da pesquisa demandou três meses e o relatório produzido descreve em detalhes os principais resultados: o objetivo central do programa, o cronograma de sua realização, a estrutura financeira, edifícios e recursos comunitários, a distribuição global dos recursos, análises estatísticas, custo da terra e infraestrutura necessária, tipologias construtivas e composição do seu custo, plano de arborização, muros, portões etc., contribuição das famílias de acordo com sua experiência em construção, inserção de pequenos empreiteiros, forma de contrato com o Banco Nacional da Habitação (BNH), indicações para a supervisão geral pelo CES, custo de administração, contrato de pesquisa e previsões de futuras unidades de vizinhança. O *Semanário da Escola de Engenharia*²³³ registra a estadia de

²³¹ Centro de Tecnologia Educacional para Engenharia CETEPE – EESC-USP.

Processo de planejamento participativo segundo a obra de Christopher Alexander. [DVD] Texto e roteiro: Francisco Arthur Silva Vecchia, Produção e Direção: Renato Motta Filho, São Carlos, s.n., 1985.

²³² O CES não faz parte da Universidade da Califórnia, Berkeley.

²³³ SEM AUTOR. O trabalho de Christopher Alexander em São Carlos. **Semanário EESC-USP**, 3 a 9 de dezembro, vol.1, n. 38, 1984.

Alexander em São Carlos, de 14 a 23 de novembro de 1984, descrevendo-o como um verdadeiro “furacão” e informa em detalhes as atividades de Alexander durante sua estadia, suas investigações a respeito de materiais de construção e relativos custos (cabe aqui ressaltar a decisão de não experimentar novos materiais de construção, mas de construir habitações e obras públicas de acordo com os padrões locais), custos de mão de obra e produção de orçamentos. Alexander buscou também inteirar-se da complicada situação econômica que caracterizava o país naqueles anos, sobretudo do problema da inflação e das conseqüentes medidas corretivas criadas pelo BNH.

Percorreu toda a cidade e, naturalmente, visitou o sítio do Experimento. Este consistia de três alqueires ao noroeste de São Carlos, doados pela Prefeitura. Nessas visitas, fez observações, capturou fotografias para registrar a morfologia urbana, e conversou longamente com as famílias e os empreiteiros, com os quais a equipe de São Carlos já vinha mantendo reuniões nos meses precedentes à vinda do arquiteto. Ele passou também alguns dias em São Paulo, na gerência regional de São Paulo, com a participação de representantes da Presidência da COHAB Bauru com o objetivo de familiarizar-se com as funções dos Agentes Financeiro e Promotor, que seriam desempenhadas pela COHAB Bauru.

Alexander participou de reuniões com a Assessoria da Presidência do BNH no Rio de Janeiro e com os chefes da carteira de pesquisa, para discutir os aspectos pelos quais o projeto não se enquadrava nos requisitos burocráticos do Banco e ainda proferiu uma palestra para técnicos de todas as áreas do BNH e de outros órgãos federais, onde ele foi, segundo o relato no *Semanário*, “bombardeado” com todos os tipos de perguntas referentes desde à sua posição filosófica, até o seu dia-a-dia nas obras. O comentador conclui: “[Alexander] saiu-se brilhantemente [...] e deixou claramente um belo saldo positivo mesmo entre os céticos em relação ao projeto” (*Semanário*, dezembro 1984).

No entanto, parece que a mudança de paradigma proposta por Alexander teria provocado certa preocupação no ambiente político brasileiro, a ponto que um assessor da presidência do BNH teria comunicado à Embaixada Americana que o projeto não

era visto com bons olhos no Banco. Isto teria feito com que a USAID, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, recusasse o pedido de auxílio solicitado para custear os honorários da equipe de Alexander. Mas até mesmo este obstáculo, segundo o comentador, foi superado por meio dos esclarecimentos prestados pelo arquiteto à Embaixada. Esse auxílio permitiria a Alexander e à sua família morar em São Carlos por pelo menos nove meses consecutivos, para acompanhar a construção do conjunto habitacional. Segundo o Semanário, Alexander julgava excelentes as condições para o desenvolvimento do projeto em São Carlos, dispondo-se a presenciar todo o processo da construção das habitações. Poderia ainda aproveitar a temporada no Brasil para terminar sua obra “The Nature of Order”, um resumo da qual teria sido fornecido à equipe da EESC, além de autorizada a sua tradução para o português.

O documentário, que conta com depoimentos de funcionários, alunos e professores da EESC, do então prefeito e outros funcionários da Prefeitura Municipal de São Carlos, que apoiaram as intervenções urbanas propostas pelo GAL, representa uma das principais fontes de informações sobre esta experiência. Essa filmagem inclui ainda o depoimento do arquiteto carioca Flavio Ferreira, que chegou a participar da pesquisa sobre a construção do conjunto habitacional “Participação” como foi chamado inicialmente. Para entender a razão e a importância da inserção deste arquiteto no projeto conduzido por Alexander em São Carlos, cabe lembrar que desde a sua formação na pós-graduação na Universidade de Harvard, entre os anos de 1979 e 1983, Ferreira vinha pesquisando sobre a participação dos usuários nas decisões de desenho e, em 1982 trabalhou com Kevin Lynch no projeto de uma cidade nova (Ciudad Guasare²³⁴) na Venezuela.

Em sua apresentação da edição brasileira de “A Imagem da Cidade”, Ferreira afirma:

Lynch decifra a cidade não apenas através de seus olhos de especialista, mas também através da visão de seus habitantes, para quem a cidade é feita afinal. Assim fazendo, Kevin Lynch se torna pioneiro no

²³⁴ O projeto de Ciudad Guasare não foi executado.

envolvimento participativo dos cidadãos nas questões urbanas (FERREIRA in LYNCH, 2011, p.VIII).

Nessa mesma apresentação, Ferreira lamenta que, apesar dos métodos de Lynch terem sido aplicados, desde a publicação de “The Image of the City” em 1960, a centenas de cidades, sua repercussão no Brasil tardou e seus métodos tiveram poucas aplicações fora da academia.

Em seu depoimento para o documentário²³⁵, além de apoiar a iniciativa da construção de uma unidade de vizinhança baseada nas ideias de Alexander em São Carlos, Ferreira traz à tona aspectos que valorizariam o empreendimento, tais como a necessidade de criar um lugar de vida que oferecesse também a possibilidade de produzir algum rendimento – e não apenas um objeto caríssimo que se tornaria uma carga durante todo o período de financiamento. Para isto, segundo o arquiteto, as construções e seus terrenos não deveriam ser entendidos em um “sentido mínimo”, mas dimensionados para propiciar o bem-estar das pessoas. Como resultado de sua intervenção no projeto do conjunto habitacional “Participação”, tanto as superfícies dos terrenos como aquelas destinadas aos serviços superam, em extensão, aquelas normalmente recomendadas pelo BNH e COHAB, apresentando diferentes formas e uma frente mais ampla. Também o comprimento das ruas era levemente maior que a média, mas seu custo seria compensado por viações em largura e por um novo tipo de pavimentação.

O conjunto das habitações deveria estruturar-se como vizinhança, ao redor de um grande espaço de congregação. Deste espaço central, se irradiariam ruas das quais cada seção se constituiria em “centro”; a rua deveria, de fato, ser vista não como uma linha, mas como uma série de espaços com identidade própria. Ferreira ainda ressalta que o experimento tinha o seu “core” centrado na área das ciências humanas, por envolver

²³⁵ Centro de Tecnologia Educacional para Engenharia CETEPE – EESC-USP. Processo de planejamento participativo segundo a obra de Christopher Alexander. [DVD] Texto e roteiro: Francisco Arthur Silva Vecchia, Produção e Direção: Renato Motta Filho, São Carlos, s.n., 1985.

[...] pessoas reais, pessoas que têm sua vida e que têm seu futuro, um tipo de projeto experimental com uma responsabilidade maior ou pelo menos diferente do que o comum dos projetos experimentais, e considerando que é um projeto da área de ciências humanas, abrangendo pessoas. Ele tem que ser abordado com enorme delicadeza e com enorme cuidado porque o que não vai acontecer é que essas famílias vão servir de cobaia.

Um questionamento interessante no documentário mencionado é aquele levantado por um funcionário, o qual afirma que todos os espaços sobre os quais se decidiu intervir eram salas e áreas abandonadas para as quais não existiam outros projetos, deixando entender que a instituição não tinha nada a perder e que este fator teria sido crucial para o sucesso da atuação do GAL. Da mesma forma, podemos supor que o plantio de árvores frutíferas no campus e na cidade, se é que podemos pensá-lo como uma experiência de planejamento, realizou-se somente porque não estava contra os interesses da administração, o que não detrai dessas intervenções o mérito do ponto de vista da educação cívica dos participantes.

Do ponto de vista da eficácia operacional, existem inúmeros argumentos favoráveis ao planejamento participativo tais como o fato desta resultar em uma imagem popular favorável que corresponde às necessidades sentidas da população bem como o estímulo à comunidade para que essa tome consciência de seus problemas reais e desenvolva sua criatividade na busca de soluções. Sem essa participação mesmo os planos tecnicamente mais elaborados, correriam o risco de atender apenas exigências de governos fortemente centralizados e inspirados nos mitos da racionalidade. Mas também existem os argumentos de razão ética: muitos pensadores, entre os quais Marcuse, Paulo Freire e C. Wright Mills atribuem valores éticos à participação da população no planejamento de seu destino e chegam a considerar imoral o processo de planejamento que, sob o pretexto da neutralidade, poupa os cidadãos das decisões, relegando-as aos técnicos²³⁶. No entanto é evidente que o discurso da participação estava tomando várias formas, incluindo a da utilização de mão-de-obra comunitária

²³⁶ CORNELLY, S.A. “Subsídios para o planejamento participativo” in **Revista Brasileira de Planejamento** n.7, Porto Alegre. Acesso:<
<http://www.pucgoias.edu.br/ucg/unati/ArquivosUpload/1/file/Subs%C3%ADdios%20ao%20planejamento%20participativo.pdf>>. Acessado: 15.02.2013.

barata para as obras, não representando assim garantia de influência nos processos de tomada de decisões e o caso dessa experiência nos parece bastante representativo.

Assim, o atual padrão de produção do espaço urbano (inclusive dos territórios universitários) parece indicar que, longe de constituir-se em modelo “atemporal” para construir, a experiência conduzida pelo GAL permanece inscrita em um momento particular da história do país, no qual a sociedade civil movia os primeiros passos em direção da afirmação de seus direitos e saberes. Pouco restou, de fato, das realizações práticas desse grupo que pretendia mudar o paradigma de planejamento e projeto. Contudo acreditamos que seus princípios e diretrizes metodológicas readquiram atualidade frente às evidências das limitações e, sobretudo, dos problemas socioambientais causados pelo atual modelo de desenvolvimento urbano.

Seria interessante a esse ponto analisar possíveis interlocuções entre Alexander e membros do movimento Townscape. De fato, no artigo “Outrage 20 years after”, Nairn discute o processo de conscientização sobre o ambiente construído ocorrido nos anos após a publicação de “Outrage” e para o qual ele supõe “Outrage” contribuiu em parte, concluindo que apesar de certo progresso essa conscientização ainda não é algo instintivo para arquitetos e urbanistas que ainda estão presos à sua educação da mesma maneira que políticos estão presos a seus sistemas partidários. Nairn continua pessimista apesar de admitir que na época da publicação de “Outrage” ele esperava que algo impossível fosse acontecer. Ele culpa o apego das pessoas a seus bangalôs, a incapacidade de renunciar a meios de locomoção rápidos e a falta de uma verdadeira “conversão espiritual”, um dos possíveis meios para uma ecologia do ambiente construído, como o era Townscape antes de sua versão deformada tornar-se uma moda. Curiosamente Nairn lembra Jane Jacobs e Gordon Cullen alegando que ambos estavam errados em presumir que, para a primeira, Townscape fosse “fiddling with visual frills”, brincar com frivolidades visuais e que, para o segundo, a abordagem *grass roots*²³⁷ urbana fosse um impedimento para o “grande *design* poético”.

²³⁷ Um movimento *grassroot* (literalmente raízes de grama) funciona normalmente a nível local e implica em uma espontaneidade na maneira com o qual é criado e apoiado pela população, ao contrário de um movimento articulado pelas estruturas de poder tradicionais.

Nairn agradece ainda Christopher Alexander por entender que: “the proper study of mankind is man”, o estudo apropriado da humanidade é o homem”. Nairn apela para uma mudança de leis e atitudes antes que as ruas da cidade, o oceano e o parque nacional - uma coisa só - decidam se vingar. Mas essa última (e bastante hermética) reflexão de Ian Nairn, personagem chave no desenvolvimento das teorias Townscape não revela muito sobre as aproximações entre a obra de Alexander e Townscape.

Foi visto como membros do Townscape criticavam a segregação de pessoas e automóveis afirmando que isso não bastava para tornar uma “cidade gloriosa como Veneza”²³⁸. Nesta questão a visão de Nairn e outros membros de Townscape se aproxima com a de Christopher Alexander o qual discutia como pedestres e automóveis podiam conviver e que simplesmente separa-los não representava uma solução universal que tornaria as cidades vivíveis. Alexander desenvolveu um padrão onde descreve como a convivência entre pessoas e automóveis poderia ocorrer embora posteriormente Alexander tenha defendido a absoluta prioridade do pedestre.

Christopher Alexander, em sua linguagem de padrões desenvolvida durante a década de 1970, lida com a dimensão emocional do projeto de ambientes internos, habitações, unidades de vizinhança e até cidades. Os padrões de Christopher Alexander são fundamentalmente baseados em emoções, mesmo aqueles determinados por uma função foram escolhidos, após muitas experimentações, em base à habilidade de proporcionar conforto e bem-estar. No entanto, para ele, esses padrões, ou diagramas não eram simples ilustrações que acompanhavam os textos mas eram enunciados esquemáticos conseguidos após um minucioso trabalho que “resumiam visualmente as implicações físicas das diversas componentes de problemas específicos”. (ALEXANDER; CHERMAYEFF, 1963, p. 169).

Para Alexander a qualidade dos edifícios públicos dependia da maneira com a qual eles se harmonizavam com seu entorno assim um bom edifício público, segundo ele, teria a capacidade de enfatizar o ambiente no qual ele estava inserido e ao mesmo

²³⁸ Nesse artigo para o jornal inglês *The Observer*, Nairn convida urbanistas a ver como os dinamarqueses estavam lidando com Strøget.

tempo sua construção deveria se basear nos padrões, volumes e espaços já existentes no local.

Alexander, como Lynch desenvolvia uma abordagem cognitivista do urbanismo e na Universidade de Harvard ele havia se unido a Serge Chermayeff o qual, como Kepes, fazia parte do grupo de arquitetos que buscavam uma racionalização da estética. Também como Kepes, Chermayeff vinha da Bauhaus e, antes de passar para o MIT em 1952, havia substituído Laszlo Moholy-Nagy na New Bauhaus de Chicago. Assim para ambos a representação ou imagem mental desempenhava uma grande importância e essa era, na obra de ambos os pesquisadores considerada como um enunciado que podia ser decomposto em vários elementos, para Lynch nos cinco elementos que correspondiam à imagem da cidade (vias, limites, bairros, pontos nodais, marcos) e para Alexander nos diagramas ou padrões. Para Orillard o legado desses dois pesquisadores foi geralmente bastante frágil e uma das principais razões citada consistia no fato de que a ruptura das práticas desses autores com a arquitetura vigente havia sido demasiadamente abrupta e que indiretamente colocavam em discussão a própria profissão de arquiteto. Orillard, cita a “posição antiprofissional” adotada por Alexander em Berkeley e relatos contemporâneos sobre sua atuação no Brasil confirmam esse comentário de Orillard. Outra razão era inerente aos próprios limites da abordagem cognitivista a qual implicava que a imagem mental seria algo diretamente associada à estrutura do cérebro humano (e imutável no tempo) e portanto não uma construção histórica.

Considerações finais.

Ao discutir minha proposta de pesquisa com colegas, inclusive de outros países, frequentemente entendiam que eu estava buscando exemplos de cidades construídas segundo os princípios Townscape nos Estados Unidos, Itália e Brasil. Contudo, desde o início sabia que, mais que com modelos urbanísticos, eu lidaria com um conjunto de valores. Assim a intenção nesta tese foi explorar relações entre esses países no que se refere ao ideário Townscape, relações essas que, no entanto, se demonstraram muitas vezes elusivas como por exemplo no caso de muitos textos de Victor Gruen.

Ao consultar a literatura contemporânea a respeito do fluxo transnacional de experiências e práticas urbanísticas, concluímos que apesar desta abordagem apresentar a desvantagem de expandir muito o foco da pesquisa, esse seria a melhor maneira de proceder assim foi decidido considerar um repertório que compreendesse, além de exemplos de vínculos mais ou menos tangíveis, pontos de contato e afinidades ideológicas.

Em um primeiro momento, foram identificados três temas principais de Townscape, o contexto cultural no qual foram desenvolvidas as teorias e as principais campanhas realizadas para sua divulgação em seu país de origem. Longe de querer reduzir o ideário Townscape a apenas três questionamentos, com essa classificação quis se evidenciar algumas das questões do período que contribuíram para configurar e consolidar a disciplina do Desenho Urbano, a qual, de fato, recebeu aportes significativos do Townscape.

Por outro lado, essas três questões principais – a busca pelo *genius loci* e a ênfase nos valores locais, a relação entre a cidade e o carro e a preservação do patrimônio histórico – são apenas fios de uma trama de questionamentos que surgiram durante o segundo pós-guerra como uma reação à perda de qualidade do ambiente construído que começava a ser percebida naquela época.

Os ensinamentos de Townscape apresentavam também muitos pontos de contato com questões associadas à emergência do “pós-modernismo”. Entre essas, o interesse pela especificidade e contexto; a crítica aos projetos e obras em grande escala;

a busca por continuidade em arquitetura e urbanismo; a “humanização” da arquitetura e do urbanismo moderno; o interesse em métodos construtivos vernaculares e tradicionais e a reemergência de uma abordagem estética ou visual²³⁹. Essas questões foram abordadas nos diversos capítulos com o propósito de evidenciar aspectos específicos do ideário Townscape que estavam sendo assimilados.

As tentativas de se impor um ordenamento da cidade mediante a remoção de cortiços e a realização de grandes projetos modernistas geraram, nos anos 1960, repercussões nos dois lados do Atlântico. Enquanto Townscape reivindicava o respeito pelas idiossincrasias e acidentes fortuitos que caracterizam a paisagem urbana, Venturi celebrava a complexidade e a contradição inerentes à arquitetura, e Jane Jacobs pedia aos urbanistas que respeitassem as “faixas de caos” (strips of chaos) as quais, segundo a autora, possuíam uma própria “bizarra sabedoria” que contrastava com nosso conceito de ordem urbana²⁴⁰.

O próprio surgimento do Desenho Urbano como campo acadêmico pode ser visto como uma reação à qualidade do ambiente urbano que vinha sendo produzido, e ao mesmo tempo como uma resposta à necessidade de se desenvolver novas categorias de análise e novos instrumentos para o controle do crescimento urbano (del Rio, 1990). De fato, o desmantelamento de comunidades tradicionais e os projetos de renovação urbana que as substituíam, bem como as políticas de descentralização, desencadearam protestos e polêmicas não só por parte dos usuários afetados por essas intervenções, mas também no âmbito acadêmico.

Essa reação levou a uma compreensão mais ampla dos conceitos de patrimônio histórico, produção vernacular e paisagem urbana. Nesse processo o ideário Townscape, articulado por uma rede de defensores que abrangia não apenas arquitetos, urbanistas e acadêmicos, mas também jornalistas, fotógrafos e ilustradores,

²³⁹ AITCHISON, M. “Townscape: scope, scale and extent” in **The Journal of Architecture**. 17.5.2012, pp. 621 - 642.

²⁴⁰ Esse comentário foi pronunciado durante uma palestra na Universidade de Harvard em 1956 e que tinha como tópico o desenvolvimento da parte leste do bairro nova-iorquino de Harlem. Ver: Zipp, S. **Manhattan Projects: The Rise and Fall of Urban Renewal in Cold War New York**. Oxford University Press. 2010, pp.311.

desempenhou um papel determinante, pelo menos em seu país de origem. Foi abordado também o envolvimento dos defensores de Townscape e como este, mediante uma intensa organização de campanhas, alianças e uma rede de publicações e periódicos, influenciou políticas públicas.

Nesta pesquisa, quis se demonstrar também a variedade de instrumentos e métodos pelos quais Townscape foi promovido, recebido e assimilado nas teorias e práticas urbanísticas de outros países e com quais resultados. Em relação aos instrumentos, deve-se lembrar que uma das mais importantes características da *Review* era a forma excêntrica e irreverente com a qual as suas campanhas foram desenvolvidas e que sem dúvida atraía a atenção e tornava a leitura prazerosa. Esse tipo de estratégia comunicativa adotada pela *Review* não deve ser subestimada, já que, no caso de Townscape, contribuiu para sua popularidade e facilitou a tradução de um discurso muitas vezes complexo e sutil em outro mais compreensível e acima de tudo acessível ao leigo. Como também Aitchison²⁴¹ notou, embora essa característica tenha sido muitas vezes confundida com amadorismo, ela permitiu aos seus defensores enfrentar as grandes questões da época de maneira mais franca e inteligível, e expressar os princípios Townscape de maneira criativa e nos mais diversos formatos, desde reportagens e artigos críticos até ativismo e consultoria. Graças a essas iniciativas, o movimento Townscape expandiu-se abrangendo profissionais de várias disciplinas.

Para del Rio (1990), a instituição da prática de participação popular e dos usuários na gestão das cidades e na produção de habitações, nos anos 1970, foi um evento importante para a consolidação do Desenho Urbano como modalidade de atuação profissional para o arquiteto e urbanista. Embora não tenhamos destacado a participação como tema principal de Townscape, ao longo da tese foram relatados alguns episódios que descrevam como, para os teóricos de Townscape, o envolvimento do usuário nas decisões sobre a forma urbana fosse desejável. Um exemplo é a implantação do “Counter-Attack Bureau” anteriormente.

²⁴¹ AITCHISON, M. “Townscape: Scope, Scale And Extent” in **Journal of Architecture**, 17:5, 2012, p. 621-642.

Conclui-se também que a reação negativa à expansão suburbana não foi um discurso tipicamente britânico, embora na Grã-Bretanha esse discurso já fosse bastante intenso no período entre as guerras e tenha sido marcado também por questões de classe, como visto no primeiro capítulo. Na verdade, nessa mesma época, tal discurso estava presente tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos. Mas o que mais interessa para os fins dessa tese é que esse discurso acabou gerando uma aliança particularmente intensa entre o comitê editorial da *Review* e vários autores norte-americanos entre os quais a influente Jane Jacobs e William H. Whyte.

Partimos do pressuposto de que a inserção das teorias Townscape no Brasil não seria facilmente identificável (e por isto mesmo foi decidido direcionar a pesquisa para este objeto). A discussão sobre a forma urbana tardou a se consolidar em um país onde a imagem da cidade moderna replicada nos meios de comunicação de massa e no ambiente acadêmico nos anos 1960-70 e o modelo da Cidade Jardim²⁴² se constituíam na alternativa dominante.

Foi encontrada muita dificuldade ao tentar recuperar os registros remanescentes da experiência de Alexander no Brasil e igualmente foi difícil levantar testemunhos ou comentários sobre sua passagem. Embora os conceitos desenvolvidos por Alexander tenham suscitado grande interesse, no fim da década de 1970, especialmente no âmbito da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP), hoje essa experiência é praticamente desconhecida e seus efeitos nunca foram avaliados.

Ao relatá-la, foi seguida a sugestão de Healey de que a tarefa de acadêmicos e historiadores consiste em construir narrativas acerca de experiências de circulação de determinadas práticas, visando o aprendizado crítico em lugares onde essas práticas

²⁴² No Brasil, os exemplos mais conhecidos de Cidade Jardim foram importados da Inglaterra e encontram-se na cidade de São Paulo. Estes foram projetados por Barry Parker, que, junto a Raymond Unwin, havia projetado a primeira Cidade Jardim britânica, Letchworth. Barry Parker trabalhou em São Paulo de 1917 a 1919 e projetou vários bairros paulistanos. Urbanistas brasileiros treinados por Parker projetaram várias cidades do norte do Paraná, dentre estas, Maringá. No entanto, a proliferação deste modelo, embora conhecido, ficou limitado ao núcleo urbano das cidades do norte do Paraná e a vários bairros em cidades de outros estados até recentemente, quando passou a ser utilizado em condomínios fechados e empreendimentos de companhias como a AlphaVille Urbanismo.

foram inseridas. A dificuldade de acesso à documentação e a maneira como essa documentação foi tratada pode ser considerada como parte dessa narrativa.

Assim, a experiência coordenada por Alexander se insere na história do Desenho Urbano no Brasil e, portanto, mereceria tornar-se objeto de maior interesse na pesquisa e na literatura.

Em todos os contextos geográficos estudados observa-se que a difusão de Townscape foi limitada, embora os os vínculos entre as propostas e práticas desenvolvidas no país de origem do Townscape, a Inglaterra, e aquelas amadurecidas nos Estados Unidos a partir da assimilação ou do diálogo com esse mesmo ideário tenham sido mais intensos.

Isso poderia ser explicado, pelo menos em parte, por certa alienação de um contexto conceitual mais amplo. De fato, a circulação do ideário Townscape deveu-se principalmente (quando não exclusivamente) à publicação de Cullen intitulada “Townscape”, na qual se encontra desconectado da filosofia dentro da qual havia sido concebido. Esta circunstância pode ter limitado o seu impacto. A falta de uma compreensão sistêmica pode ter confundido aqueles leitores que ignoravam serem os princípios Townscape parte de uma tentativa consciente de imitar o sistema legal inglês pautado na resolução de casos particulares e não em um código. E mesmo que os leitores estivessem a par deste contexto em certo sentido filosófico, provavelmente teriam dificuldade para aceitar um sistema baseado em precedentes e não em princípios mais bem definidos a priori.

O artigo de 1949 é, sem dúvida, a declaração mais representativa desse contexto conceitual e dos objetivos de Townscape e não nos surpreende que a *Review* tenha tentado “corrigir” o discurso erudito de Hastings e escolhido publicar, pouco antes do lançamento do livro “Townscape” de Cullen, a versão mais acessível escrita por Ian Nairn, um dos mais hábeis comunicadores dentro do movimento Townscape.

Czarniawska e Joerges (1996, 34) definiram a circulação de ideias como “correntes de traduções” ou sequências nas quais o deslocamento de uma ideia desde um momento e lugar específico é acompanhado por uma tradução e sua inserção em outro momento e

lugar, implicando que ideias e práticas que viajam entram em fluxo, sendo nele interpretadas, adaptadas e modificadas, e nele revelando a própria identidade local. A filosofia Townscape viajou, mesmo em seu país de origem, sob diversas formas: como narrativa associada ao Pitoresco e portanto a valores tipicamente ingleses e como metodologia de Desenho Urbano composta por princípios facilmente identificáveis e teoricamente transferíveis. É difícil concluir exatamente qual das duas versões “chegou mais longe” ou foi mais facilmente transferida, mas em nossa opinião a segunda versão, depurada do contexto conceitual resultante da pesquisa histórica de Hastings e Pevsner sobre o Pitoresco, sem dúvida circulou mais efetivamente. Prova disto é o fato de que Townscape tende até hoje a ser associado ao livro de Gordon Cullen, “Townscape”.

Por outro lado, ao viajar nessa versão mais facilmente compreensível, seu impacto pode ter sido consideravelmente atenuado. Outro fato que nos leva a concluir que a própria *Review* estava se deparando com dificuldades em “entregar” uma mensagem desvincilhada do contexto filosófico associado a uma ideia de Englishness e que a revista decidiu reiterar esse contexto lançando uma versão do artigo introdutório de 1949 mais palatável, escrita por Ian Nairn: “Be Thyself”. Outra evidência é a introdução à segunda edição de “Townscape” de Gordon Cullen (“The Concise Townscape” de 1971), na qual ele lamenta que a mensagem de Townscape não havia sido entregue de maneira eficiente:

[...] in my view, the original message of Townscape has not been delivered effectively. We have witnesses a superficial civic style of decorating using bollards and cobbles, we have seen traffic-free pedestrian precincts and we have noted the rise of conservation. But none of this is germane to Townscape. The sadness of the situation is that the superficials have become the currency but the spirit, the Environment Game itself, is still locked away in its little red and gilt box²⁴³. (CULLEN, 1971, p.13).

²⁴³ Tradução da autora: [...] em minha opinião, a mensagem original de Townscape não foi entregue efetivamente. Testemunhamos o surgimento de um estilo cívico de decoração que usa cabeços de amarração e calçamentos de paralelepípedos, vimos os centros para pedestres sem trânsito de automóveis e o surgimento do movimento conservacionista. Mas nada disso é relevante para Townscape. O triste da situação é que os elementos superficiais tornaram-se moeda corrente mas o espírito, o “Environment Game”, ainda continuava trancado em sua pequena caixa vermelha e dourada.

Cullen, na opinião da autora, refere-se claramente a uma falha não no ideário em si mas na maneira com a qual este, a “mensagem” havia sido transportada, ou seja, a omissão do contexto “original”. E nisso ele parece quase admitir sua responsabilidade. Mas outra frase nos chama a atenção, Cullen afirma que a essência de Townscape havia permanecido trancada em uma “pequena caixa vermelha e dourada” implicando que algo havia acontecido que havia tornado essa mensagem pouco acessível, algo precioso e talvez um pouco críptico, carregado de certo mistério, um segredo talvez destinado a permanecer impenetrável.

Cullen também acusa uma mais recente deterioração deste fenômeno e que consistia, segundo ele, na rapidez com a qual as mudanças no ambiente urbano ocorriam e que rompia a comunicação entre o usuário e o planejador. Este último já não conseguia humanizar o material bruto que lhe estava sendo lançado e nem podia demorar-se e aprender com a experiência. Consequentemente, escrevia Cullen, o ambiente era mal digerido: Londres estava sofrendo de indigestão. Os sucos gástricos (representados pelo planejador) não conseguiam transformar a comida ingerida às pressas em alimento emocional. Interessante notar que esta mesma fala é reproduzida de maneira idêntica por David Gosling na quarta aula de seu curso proferido na Universidade de Brasília em 1976 ao referir-se à cidade de São Paulo.

Esses fluxos levantam questões sobre as razões pelas quais certos princípios e práticas desenvolvem poder hegemônicos, sendo considerados idealmente desejáveis e adequados em países distantes, sob vários aspectos, do lugar onde a ideia ou prática se originou. A divulgação de ideário Townscape, o qual representava uma crítica tanto ao urbanismo modernista quanto ao modelo da Cidade-Jardim foi necessariamente muito limitada no Brasil.

Até hoje a introdução do Desenho Urbano no Brasil é objeto de poucas pesquisas e a menção às teorias Townscape ou mesmo a Kevin Lynch limitada a livros conhecidos mas muitas vezes estudados de maneira insuficiente, que removem essas teorias de seu contexto.

Referências bibliográficas:

ABRAHÃO, S.L. **Espaço público: do urbano ao político**. Annablume Editora. 2008

ALEXANDER, C. **The Timeless Way of Building**. Oxford: Oxford University Press, 1979.

ALEXANDER, C. et al. **Pattern Language. Towns, Buildings, Construction**. Oxford: Oxford University Press. 1977.

ALEXANDER, C. E CHERMAYEFF, S. **Community and Privacy**. Doubleday, 1965.

APPLETON, J. **The Experience of Landscape**. Wiley. 1975.

AUGSBURGER, M. **An Economy of Abundant Beauty: Fortune Magazine and Depression America**. Cornell University Press, 2004.

BALLANTYNE, A. ed. **Architectures, Modernism and After**. Wiley-Blackwell, 2004.

BEAVEN, B. **Leisure, Citizenship and working-class men in Britain 1850-1945**. Manchester: Manchester University Press. 2005.

BLAKE, P. **God's Own Junkyard: The planned deterioration of America's landscape**. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston. 1979.

BLOOM, N.D. **Merchant of Illusion: James Rouse, America's Salesman of the Businessman's Utopia**. Ohio State University Press. 2004.

BOAL, F. W.; LIVINGSTONE, D.N.; KIRK. W. eds. **The Behavioural Environment: Essays in Reflection, application and re-evaluation**. Routledge, 1989.

BULLOCK, N. **Building the Post-War World: Modern Architecture and Reconstruction in Britain**. Londres: Routledge, 2002.

BUNCUGA, F. **Conversazioni con Gian Carlo De Carlo**, Milano, Eleuthera. 2000.

BOHL, C.; LEJEUNE, J.F. **Sitte, Hegemann and the Metropolis: Modern Civic Art and International Exchanges**. London: Routledge. 2009.

CARMONA, M. **Public Places – Urban Spaces**. Londres: Routledge. 2010.

CLAY, G. **Close-Up: How to read the American City**. Nova Iorque-Washington: Praeger Publishers. 1973.

CHERMAYEFF, S.; ALEXANDER, C. **Community and privacy: toward a new architecture of humanism**. Doubleday. 1963.

- CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp. 2001.
- CHOAY, F. **As Questões do Patrimônio: Antologia para um debate**. São Paulo: Edições 70. 2011.
- COLLYMORE, P., ERSKINE, R. **The Architecture of Ralph Erskine**. Academy Editions, 1994.
- COSTA, H. e DA SILVA, R.R. **A Fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: CosacNaify, 2004.
- CROSBY, T. **Architecture: City Sense**. Studio Vista. 1965.
- CULLEN, G. **The Scanner**. Londres: Alcan Industries Ltd. 1966.
- CULLEN, G. **Notation: the observant layman's guide to his environment**. Londres: Alcan Industries Ltd. 1968.
- CULLINGWORTH, J.B. ed. **British Planning: 50 Years of Urban and Regional Policy**. Londres: Continuum International Publishing Group, 1999.
- DAVIDOFF, P. Advocacy and pluralism in planning in STEIN, J. **Classic readings in urban planning**. Chicago: Planners Press, 2004. p. 41-52. (artigo publicado originalmente em 1965).
- DE MELO, J.M **Comunicação, opinião, desenvolvimento**. São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília: Editora Vozes. 1975.
- DEPARTMENT OF CITY PLANING LOS ANGELES, **The Visual Environment of Los Angeles**. 1971.
- DEL RIO, V.E. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini. 1990.
- DEL RIO, V. E. **Desenho urbano e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro: a contribuição do estudo da percepção ambiental**. São Paulo: tese de doutoramento, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAU-USP, 1991.
- DEPARTMENT OF THE ENVIRONMENT (1987) **Historic Buildings and Conservation Areas-Policy and Procedures**, Circular 8/87 (London, HMSO).
- DE WOLFE, I. **The Italian Townscape**. Londres: The Architectural Press. 1962.
- DURBIANO, G.; ROBIGLIO, M. **Paesaggio e Architettura nell'Italia Contemporanea**. Donzelli editore, 2003.
- ELLIN, N. **Postmodern Urbanism**. Princeton Architectural Press. 1999.

ESPERDY, G. in MEDINA LASANSKY ed., **Archi.Pop: Mediating Architecture in Popular Culture**. 2014.

FREESTONE, R. ed. **Urban Planning in a Changing World: The Twentieth Century Experience**. Londres: E&FN Spon. 2000.

GILLHAM, O. **The Limitless City: a primer on the urban sprawl debate**. Island Press, 2002.

GOSLING, D.; MAITLAND, B. **Design and Planning of Retail Systems**. Londres: Architectural Press. 1976.

GOSLING, D. **Gordon Cullen: Visions of Urban Design**. Londres: Academy Editions. 1996.

GOSLING, D.; MAITLAND, B. **Concepts of Urban Design**. Londres: Academy Eds. New York: St. Martin's Press. 1984.

GOSLING, D.; CULLEN, D.; BROWNE, K. **Maryculter: Final Report. Kinkardine C.C.**, 1974.

GRUEN, V. **The Heart of our Cities: the Urban Crisis: Diagnosis and Cure**. Simon and Schuster, 1964.

GRUEN, V. SMITH, L. **Shopping Towns USA. The Planning of Shopping Centers**. New York: Van Nostrand Reinhold. 1960.

GRUEN, V. **Centers of the Urban Environment. Survival of the Cities**. New York: Van Nostrand Reinhold. 1973.

HARDWICK, M. J. **Mall Maker: Victor Gruen, Architect of an American Dream**. Philadelphia: University of Philadelphia Press. 2004.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Edições Loyola. 2000.

HARWOOD, E., POWERS, A. eds **The Heroic period of Conservation**. Londres: Twentieth Century Society. 2004.

HEALEY, P.; UPTON, R. eds. **Crossing Borders: International exchange and planning practices**. Londres: Routledge. 2010.

HOWARD, E. **Garden cities of To-morrow**. MIT Press. 1965.

HURST, C. **The View from King Street: An Essay in Autobiography**. C. Hurst & Co. Publishers. 1997.

INGERSOLL, R. **Sprawltown: Looking for the City on its Edges**. Princeton Architectural Press. 2006.

JACOBS, J. **Morte e Vida das Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

JENCKS, M.; DEMPSEY, N. **Future Forms and Design for Sustainable Cities**. Routledge. 2012.

KLEMEK, C. **The Transatlantic Collapse of Urban Renewal: Postwar Urbanism from New York to Berlin**. University of Chicago Press. 2011.

KING, A.D. **The Bungalow: the production of a global culture**. London: Routledge. 1995.

LANG, J. **Urban Design: The American Experience**. John Wiley & Sons. 1994.

LARKHAM, J.P.; ERTEN, E. **Alternative Visions of Post-War Reconstruction: Creating the Modern Townscape**. Routledge. 2014.

LONGSTRETH, R. **City Center to Regional Mall. Architecture, the Automobile, and Retailing in Los Angeles, 1920-1950**. Cambridge. 1997.

LYNCH, K. **La Buena Forma de la Ciudad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. 1985.

LYNCH, K. (1960) **The Image of the City**. Cambridge, MA: MIT Press, edição 11. 1973.

MACARTHUR, J. **The Picturesque: Architecture, Disgust and other irregularities**. Londres e Nova Iorque: Routledge. 2007.

MADANIPOUR, A. **Public and Private Spaces of the City**. Londres: Routledge. 2003.

MINISTRY OF TRANSPORT-UK (1963) **Traffic in Towns**: a study of the long term problems of traffic in urban areas (Buchanan Report), reports of the Steering Group and Working Group appointed by the Minister of Transport, HMSO, London.

MONCLUS, F.J. e GUARDIA, M. eds. **Culture, urbanism and planning**. Ashgate Publishing Ltd., 2006.

MUMFORD, L. **The City in History**. New York: Penguin Books. 1961.

MUMFORD, L. **The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960**. MIT Press. 2002.

NAIRN, I. **Outrage**. Londres: Architectural Press, 1955.

NAIRN, I. **Counter Attack Against Subtopia**. Londres: Architectural Press, 1957, p.

NAIRN, I, BONELLI, R., VIGLIANO, G. **Paesaggio Industriale e Costi di Urbanizzazione**. Università di Napoli – Facoltà di Ingegneria. Istituto di architettura e

- composizione architettonica, Centro studi di pianificazione urbana e rurale, 1962.
- NAIRN, I. **Your England Revisited**. Londres: Hutchinson & Co., 1964.
- NAIRN, I. **Modern Buildings in London**. Londres: London Transport. 1964.
- NAIRN, I. **The American Landscape: a Critical View**. Londres: Random House. 1965.
- NAIRN, I. **Britain Changing Towns**. British Broadcasting Corporation, 1967.
- NEWMAN, O. **Creating Defensible Space**. Diane Publishing, 1966.
- PARRY, G.; MOYSER, M.; DAY, N. **Political Participation and Democracy in Britain**. Cambridge University Press, 1992.
- PENDLEBURY, J. **Conservation and the Age of Consensus**. Routledge, 2008.
- PENDLEBURY, TOWNSHEND, GILROY, 2005
- POWERS, A. **Britain, Modern architectures in history**. Londres: Reaktion Books, 2007.
- RUSHKOFF, D. **Coercion: Why We Listen to What “They” Say**. New York: Riverhead Books. 1999.
- SAMONÀ, G. **L’Urbanistica e l’avvenire della città**. Bari: Biblioteca Universale Laterza, 1990.
- SEPE, M. **Planning and place in the city: mapping place identity**. Routledge, 2013.
- SHARP, T. **Town Planning** Harmondsworth: Pelican Books. 1940.
- SITTE, C. **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos**. São Paulo: Editora Ática. 1990.
- SHANKEN, A. M. 194X: **Architecture, Planning, and Consumer Culture on the American Home Front**. University of Minnesota Press, 2009.
- STIERLI, M. **Las Vegas in the rearview mirror: the city in Theory, Photography and Film**. Los Angeles: Getty Publications. 2010.
- TEAFORD, J.C. **The Metropolitan Revolution: The Rise of Post-Urban America**. Columbia University Press, 2006.
- TEWDER-JONES et al eds. **The Planning Imagination: Peter Hall and the Study of Urban and Regional Planning**. Routledge. 2014.
- TURKIENICZ, B. (org.). **Desenho Urbano – Anais do I SEDUR**. São Paulo, Projeto. 1985.

TURKIENICZ, B.; MALTA, M. Desenho Urbano – Anais do II SEDUR -Seminário sobre desenho urbano no Brasil.

UNWIN, R. **Town Planning in practice**. Princeton Architectural Press, 1994. 416pp.

WALL, A. **Victor Gruen. From Urban Shop to New City**. Barcelona: Act. 2005.

WHITEHAND, J. W. R.; CARR, C. M. H. **20Th-Century Suburbs: A Morphological Approach**. Londres: Routledge, 2001. 214 pp.

WHYTE, W.H. **The Exploding Metropolis**. Berkeley e Los Angeles: California University Press, 1993.

WILSON, C.; GROTH, E. **Everyday America: Cultural Landscape Studies After J. B. Jackson**. University of California Press, 2003.

WORSKETT, R. **The Character of Towns**. Londres: Architectural Press, 1969.